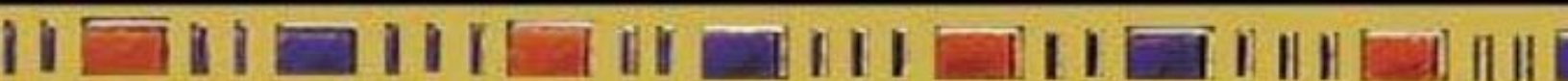


WILBUR SMITH



JUSTIÇA SELVAGEM



WILBUR SMITH

(1933)

Justiça Selvagem

Título original inglês

WILD JUSTICE

1979

Tradução

CARLOS UMBERTO POZZOBON

Best Seller, 1988

JUSTIÇA SELVAGEM

Wilbur Smith

EDITORA Best Seller

Título original: Wild Justice

Copyright (c) Wilbur Smith, 1979

Publicado sob licença de William Hememann Ltd.

Todos os direitos reservados

Direitos exclusivos da edição em língua portuguesa no Brasil adquiridos por

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA que se reserva a propriedade desta
tradução

EDITORA BEST SELLER

uma divisão da Editora Nova Cultural Ltda

Av Brg Fana Lima, 2000 — CEP 01452 — Caixa Postal 9442

São Paulo, SP

ISBN 85-85091-89-4

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional (Câmara Brasileira
do Livro, SP, Brasil)

Smnh, Wilbur, 1933-

S649) Justiça selvagem

Wilbur Smith

tradução de Carlos Umberto Pozzobon

São Paulo Best Seller, 1988

Sinopse

O ousado sequestro do Jumbo que transportava a nata da medicina mundial é o início de uma completa reviravolta na carreira e na vida sentimental do general inglês Peter Stride — chefe da unidade antiterrorista de elite, o Comando Thor. Dilacerado entre suas convicções íntimas e as brutais regras do jogo em que se vê envolvido, Peter Stride enfrenta a misteriosa e formidável personagem, ou organização, identificada apenas pelo codinome Califa, que se considerava acima do bem e do mal. Ao ser atraído, de modo inexorável, para o centro de uma labiríntica rede mundial de terror, o general Stride conta com a fortuna e o amor de uma bela condessa, cujo marido havia sido morto, após bárbara tortura, por agentes de Califa.

Em *Justiça Selvagem*, Wilbur Smith cria magistral trama sobre um dos maiores problemas que afligem a sociedade contemporânea: o terrorismo.

HAVIA APENAS quinze passageiros para embarque no voo da British Airways no aeroporto de Victoria, ilha de Mahé, na República de Seychelles, Oceania.

Dois casais formavam um grupo coeso enquanto esperavam sua vez para as formalidades de embarque. Eram jovens, bastante bronzeados e ainda exibiam o ar despreocupado de quem se divertira a valer no feriado naquela ilha paradisíaca. Entretanto, uma pessoa fazia as outras três parecerem insignificantes pelo esplendor de seu físico.

Era uma garota alta, bem-feita de corpo, bastante bonita. Seus cabelos loiros, queimados pelo sol, estavam penteados num coque trançado atrás da nuca, e o sol dava-lhe um toque dourado e ressaltava a beleza saudável de sua pele.

Enquanto se movia com a graça ondulante de um felino, com os pés expostos pelas sandálias abertas, seus seios balançavam suavemente sob a delicada camiseta de algodão, e as nádegas arredondadas comprimiam-se nas calças curtas, desbotadas, cortadas de modo irregular. Na sua camiseta estava impressa a expressão LOUCA DE AMOR acima da figura de uma palmeira carregada de cocos.

A moça sorriu radiante para o funcionário de pele escura do setor de imigração, ao mesmo tempo que mostrava o passaporte verde dos Estados Unidos, com a águia dourada na capa. Porém, ao se dirigir ao seu companheiro, falou em alemão. Recebendo o passaporte de volta, ela deu lugar para os outros na área de segurança.

Novamente sorriu para os dois policiais responsáveis pela busca de armas, e em seguida balançou a sacola de rede que tinha sobre o ombro.

— Querem checar isto também?

Todos riram diante de sua pergunta. A sacola continha dois enormes cocos, cujo tamanho dava o dobro de uma cabeça. Aquelas frutas grotescas eram o souvenir mais popular das ilhas. Cada um dos seus três companheiros carregava lembranças similares em sacolas idênticas. O policial ignorou esses objetos familiares, movendo o detector de metal sobre as outras valises que completavam suas bagagens de mão. O detector zumbiu intensamente em cima de uma sacola. Então, o rapaz que a carregava puxou para fora, envergonhado, uma pequena máquina fotográfica Nikkormat. Seguiram-se mais risos, antes que o funcionário indicasse para o grupo a sala de embarque final.

O local já estava repleto de passageiros em trânsito que haviam embarcado em Maurício. Através dos vidros da sala, via-se um imenso Boeing 747 Jumbo iluminado por um conjunto de holofotes enquanto era reabastecido.

Como não sobravam bancos desocupados na sala, o grupo dos quatro ficou de pé embaixo de um ventilador de teto. A noite estava úmida, e a massa de gente naquele ambiente fechado enchia o ar com a fumaça de cigarros e o cheiro de corpos quentes e suados.

A garota loira dominava a conversa e, de repente, explodiu numa gargalhada. Estava bem próxima dos dois rapazes e um pouco mais afastada da outra garota. Mesmo assim eles eram o foco de atenção para centenas de passageiros. Suas maneiras haviam mudado tão logo entraram na sala: aparentavam uma sensação de alívio, como se um sério obstáculo tivesse sido transposto, e uma excitação febril permeava seus risos. Nunca ficavam parados, apoiando-se ora num pé, ora noutro, enquanto remexiam com as mãos ou os cabelos, ou as roupas.

Embora se tratasse claramente de um grupo coeso, ligado por um ar quase conspiratório de camaradagem, um dos passageiros em trânsito deixou a esposa sentada, levantou-se do seu banco e perguntou enquanto se aproximava:

— Vocês falam inglês?

O homem, de cinquenta e poucos anos, tinha uma mecha de cabelos grisalhos, usava óculos de armadura escura, tipo tartaruga, e possuía o ar confiante de alguém rico e bem-sucedido.

Relutante, o grupo abriu o círculo para ele, mas foi a garota alta e loira quem respondeu.

— Claro, eu também sou americana.

— É mesmo? — E ele riu.

— Bem, o que lhe parece?

O homem contemplava-a com franca admiração.

— Estava querendo saber o que são essas coisas — disse ele, apontando para a sacola que estava apoiada nos pés da moça.

— São cocos — informou a loira.

— Ah, sei... Ouvi falar deles.

— Também são conhecidos por "cocos do amor" — continuou a garota, abaixando-se para pegar a sacola. — É fácil entender por quê. — Ela mostrou-lhe uma das frutas, cujos globos duplos eram unidos, formando uma réplica perfeita de um par de nádegas humanas. — Parte posterior — disse ela, com um sorriso, exibindo os dentes alvos, translúcidos como a porcelana chinesa. — Parte anterior. — E girou a fruta, oferecendo à visão do desconhecido o monte de Vénus completo, com o talho feminino e um tufo de cabelos encaracolados.

Naquele instante ficou claro que ela estava se divertindo, tanto que alterou a postura, empurrando os quadris para a frente, de modo a tornar mais insinuante seu próprio monte de Vénus que se salientava sob o tecido do short.

O homem ruborizou-se, e seus lábios se abriram involuntariamente, num gesto

de espanto.

— A árvore macho tem um estame tão grosso e comprido como um braço — prosseguiu a loira, fitando-o com os olhos da cor do amor-perfeito.

Foi então que a esposa do homem levantou-se, seguindo em direção a eles, advertida por algum instinto feminino. Era muito mais jovem que o marido e impaciente com crianças.

— Os nativos de Seychelles vão lhe dizer que na lua cheia o macho recolhe suas raízes e caminha ao encontro de suas fêmeas.

— Tão comprido e grosso como um braço — repetiu, sorridente, a bonita garota de cabelos negros ao lado da loira. — Cruzes!

Dispostas a encabulá-lo, ambas encararam o homem, que não sabia onde colocar as mãos. Os dois jovens que estavam ao lado riram do seu desconforto.

A esposa dele alcançou-o naquele momento, percebendo toda a situação. Vermelho de raiva, ele tinha pequenas gotas de transpiração sobre o lábio superior.

— Harry, não estou me sentindo bem — disse a mulher num tom queixoso.

— Com licença — murmurou ele, com alívio. E, visivelmente constrangido, tomou a esposa pelo braço, afastando-se.

— Você o reconheceu? — perguntou em voz baixa a moça de cabelos negros, em alemão, ainda sorrindo.

— Harold McKevitt — sussurrou a loira lentamente. — Neurocirurgião de Fort Worth. — Ele leu o relatório do final da convenção no sábado pela manhã. — Depois, passando a língua nos lábios, como um gato, concluiu: — Peixe graúdo, peixe muito graúdo.

Dos quatrocentos e um passageiros que se encontravam ali, naquela segunda-feira à noite, trezentos e sessenta eram cirurgiões, ou suas esposas. Entre eles, alguns dos mais eminentes no mundo da medicina, vindos da Europa, Estados Unidos, Japão, América do Sul e Ásia, para a convenção que se encerrara vinte e quatro horas antes, na ilha Maurício, oitocentos quilômetros ao sul da ilha Mahé. Aquele voo tinha sido totalmente reservado desde que a convenção fora convocada.

"British Airways anuncia a partida do voo BA 070 para Nairóbi e Londres; passageiros em trânsito, por favor embarquem pelo portão principal."

O anúncio, feito em voz cantarolada e com sotaque nativo, provocou o imediato movimento da multidão para a porta de saída.

"AO CONTROLE DE VICTORIA: Pássaro Veloz Zero Sete Zero solicitando reboque e início de rolamento."

"Zero Sete Zero, você está livre para rolar e taxiar ao ponto de espera na pista Zero Um."

"Por favor, anote uma alteração do nosso voo para Nairóbi. Número de passageiros a bordo é 401. Estamos de casa cheia."

2

O GIGANTESCO AVIÃO ainda estava com o nariz apontado na configuração de subida e as luzes dos cintos de segurança e de não fumar piscavam ao longo da cabine de primeira classe. A loira e seu companheiro sentavam-se lado a lado nos bancos imediatamente atrás do anteparo que separava a área de comando e a ala de passageiros. Suas poltronas tinham sido reservadas com meses de antecedência.

A um sinal da loira, seu companheiro inclinou-se para a frente, impedindo a visão dos passageiros do outro lado do corredor, enquanto ela pegava um dos cocos da sacola e o colocava no colo.

Aproveitando sua divisão natural, o coco fora serrado em duas metades, para permitir a remoção do leite e da polpa branca, e depois as duas partes tinham sido coladas com tanto capricho que só eram visíveis com um exame muito detalhado.

A garota inseriu um pequeno estilete na junta e torceu-o firmemente, fazendo com que a fruta se abrisse ao meio, como um ovo de Páscoa.

Nos ninhos formados pelas duas cascas, enrolados com fitas plásticas, havia dois objetos lisos, cinzentos e ovalados, cada um do tamanho de uma bola de beisebol.

Eram granadas fabricadas na Alemanha Oriental, com a identificação do comando do Pacto de Varsóvia, MK IV(C). Possuíam revestimento de plástico do tipo usado em minas, o que evitava sua descoberta por detectores de metais. A listra amarela ao redor delas indicava que não eram de fragmentação, mas que tinham sido projetadas para produzir concussão devido ao alto impacto.

Segurando uma granada na mão esquerda, a loira abriu o cinto de segurança e saiu silenciosamente de sua poltrona. Os passageiros ao redor mal perceberam sua presença enquanto ela cruzava as cortinas da área de circulação. Entretanto, o comissário de bordo e as duas aeromoças, ainda presos em seus bancos, lançaram-lhe olhares de censura ao vê-la na área de serviço.

— Desculpe, senhorita, devo lhe pedir para retornar ao seu assento até que o comandante desligue as luzes do cinto de segurança.

A loira ergueu a mão esquerda, deixando à mostra o brilhante ovo acinzentado.

— Isto é uma granada especial, própria para matar os ocupantes de um tanque de guerra — disse ela calmamente. — Pode arrebentar a fuselagem desta aeronave como se fosse um saco de papel, ou matar por concussão qualquer pessoa num raio

de cinquenta metros. Notando que o medo tomava conta dos três, continuou: — Explode três segundos depois que eu tirar o estopim. — Seus olhos brilhavam de excitação, e ela respirava rápida e profundamente. — Você aí — disse, apontando para o comissário de bordo -, leve-me à cabine de comando. Os outros ficam onde estão. Não façam nada, não digam nada.

Os membros da tripulação de voo, que estavam diante dos painéis de instrumentos, na pequena cabine — três homens — voltaram-se surpresos quando ela entrou, mostrando o que tinha na mão. Eles entenderam de imediato.

— Estou tomando o controle da aeronave — disse a moça, dirigindo-se ao engenheiro de voo. — Desligue todos os equipamentos de comunicação.

O homem deu uma olhada rápida para o comandante e, quando este balançou a cabeça afirmativamente, começou a desligar os rádios, o equipamento de frequência muito alta, alta e ultra-alta.

— O de transmissão por satélite também — ordenou a moça. O engenheiro olhou-a, perplexo pelo seu conhecimento.

— E não toque o interceptador!

Ele sobressaltou-se, pois ninguém, absolutamente ninguém fora da companhia conhecia aquela chave especial que, quando ativada pelo botão ao lado do seu joelho direito, instantaneamente alertava o centro de controle no aeroporto de Heathrow, em Londres, para uma emergência, permitindo-lhes monitorar qualquer conversa na cabine de comando.

— Tire o fusível do circuito de interceptação — continuou a loira indicando corretamente a caixa onde se localizava a peça. O engenheiro outra vez consultou o piloto com o olhar, mas a voz firme da moça obrigou-o a agir: — Faça o que lhe digo!

Com cuidado, ele removeu o fusível, sem nada dizer.

— Leia o plano de voo — instruiu ela.

— Estamos na rota para Nairóbi, seguindo a desobstrução fornecida pelo radar e subindo para a altitude cruzeiro de onze mil e setecentos metros.

— Quando é sua próxima obrigação de informe de "operação normal"?

"Operação normal" era a informação de rotina para o Controle de Nairóbi, assegurando-lhe que o voo procedia como planejado.

— Em onze minutos e trinta e cinco segundos — disse o engenheiro, um jovem de cabelos negros, elegante, testa alta, pele pálida e maneiras rápidas e eficientes.

A loira voltou-se para o comandante do Boeing, e seus olhares se encontraram como se cada um medisse o outro. O homem possuía cabelos acinzentados, cortados à escovinha, e tinha o pescoço forte, a corpulência de um policial, as faces coradas de um fazendeiro e os olhos tranquilos, combinando com

as maneiras calmas e não afetadas.

Era um homem que valia a pena observar, admitiu a moça imediatamente.

— Quero que vocês saibam que estou totalmente comprometida com esta operação — disse ela -, e que de bom grado sacrificarei a vida por minha causa.

Seus olhos azuis-escuros não vacilaram e leram nos olhos do comandante os primeiros sinais de respeito por suas palavras. Era melhor que fosse assim; isso fazia parte de seus cálculos preliminares.

— Acredito piamente — disse o piloto, balançando a cabeça.

— Seu compromisso é com os quatrocentos e dezessete passageiros e tripulantes a bordo deste avião.

Eles estarão seguros na medida em que você seguir rigidamente minhas ordens. Isso eu lhe prometo.

— Muito bem.

— Aqui está nosso novo destino — continuou a loira, passando-lhe um pequeno cartão branco batido a máquina. — Quero essa rota com previsão de ventos e horário de chegada. Dirija-se para ela imediatamente após comunicar sua próxima "operação normal". Quanto tempo falta para isso? — perguntou ao engenheiro de voo.

— Nove minutos e cinquenta e oito segundos — informou o rapaz prontamente.

— Manobrem para a nova direção lentamente, de forma que nenhum passageiro derrube seu drinque.

Naqueles poucos minutos em que esteve na cabine de comando, a loira rapidamente estabeleceu um relacionamento estranho com o comandante — uma mistura de respeito relutante com hostilidade aberta e atração sexual. Se ela já se vestira de modo a revelar o corpo, a excitação contribuía para que os bicos dos seios ficassem intumescidos, destacando-se através do fino tecido da camiseta, e o cheiro almiscarado do corpo feminino se intensificasse, preenchendo todo o pequeno espaço da cabine.

Depois de algum tempo de completo silêncio, o engenheiro de voo informou:

— Faltam trinta segundos para a "operação normal".

— Ótimo. Ligue o alta frequência e faça o comunicado.

— Nairóbi, aproximação. Este é o Pássaro Veloz Zero Sete Zero.

— Em frente, Pássaro Veloz Zero Sete Zero.

— Operações normais — disse o engenheiro pelo microfone.

— Roger, Zero Sete Zero. Comunique-se novamente em quarenta minutos.

— Zero Sete Zero.

Então a loira suspirou de alívio.

— Bem, desligue o aparelho — ordenou, virando-se em seguida para o

comandante. — Desligue o piloto automático e gire para a nova direção manualmente. Vamos ver se você é habilidoso.

do edifício, batendo a marca da equipe número 2 de Colin Noble por dez segundos.

Eufórico, Peter dispensou o transporte militar, preferindo correr os oito quilômetros até a pista, com seus homens carregando às costas o equipamento de combate e o enorme fardo dos paraquedas de seda.

O Hércules levou-os de volta à base, onde aterrissaram depois do anoitecer, no complexo de segurança do Comando Thor, no final da pista principal.

Peter ficou seriamente tentado a deixar para outra hora seu informe a Colin Noble. Precisava ganhar tempo, pois seu motorista fora buscar Melissa-Jane na estação de East Croydon, e ela deveria estar esperando sozinha no chalé novo, a apenas oitocentos metros dos portões da base.

Ele não a vira nas últimas seis semanas, desde que assumira o comando do Thor, já que não tirara um único dia de folga. Agora, sentia uma pontada de culpa. Por isso não demorou mais do que alguns minutos com o informe, e logo transferiu o comando a Colin Noble.

— O que vocês vão fazer nos próximos dias? — perguntou Colin.

— Melissa-Jane vai me levar a um show de música pop amanhã à noite. Pra ver "Os Mortos-Vivos", no mínimo. — Peter riu. — Só me lembro que estou vivo quando ouço a morte!

— Dê um beijo nela por mim — disse Colin, despedindo-se.

A privacidade recentemente adquirida era para Peter um verdadeiro presente dos céus, uma vez que ele passara quase toda a sua vida adulta em alojamentos, num clima de quartel, coisa que não acontecia no Comando Thor.

Seu chalé distava apenas quatro minutos e meio de automóvel do complexo, mas ainda assim era bastante tranquilo. Apesar de mobiliado, o aluguel era módico e ficava atrás de um belo roseiral, em uma rua calma, possuindo na frente um extenso gramado. Tornara-se um lar em poucas semanas. A ponto de Peter ter sido capaz de desempacotar os livros que acumulara nos últimos vinte anos, esperando justamente uma oportunidade como aquela. Era muito agradável tê-los empilhados sobre a escrivaninha, no pequeno quarto da frente, ou amontoados nos criados-mudos ao lado da cama, mesmo que, com o trabalho duro, não lhe sobrasse muito tempo para ler.

Ao ouvir o ruído dos pneus no caminho de cascalho do jardim, Melissa-Jane apareceu correndo pela porta da frente, em direção à luz dos faróis do veículo. Seu gesto espontâneo fez Peter sentir um aperto no coração.

Mal ele saiu do carro, a garota jogou-se em seus braços, pendurando-se em seu pescoço. Por um longo tempo, nenhum dos dois foi capaz de falar. O corpo

esguio e cálido da jovem exalava alegria e vitalidade.

Emocionado, Peter contemplou suas faces, os olhos grandes que marejavam lágrimas de felicidade.

Há anos Melissa-Jane possuía aquela beleza, a pele lisa como porcelana, sem o menor traço de acne.

Beijando-a solenemente na testa, ele brincou, afetuoso:

— Você vai enganar sua própria morte.

— Ah, papai, não seja chato. — E, sorrindo por entre as lágrimas, beijou-o na boca.

Mais tarde, enquanto jantavam num restaurante italiano em Croydon, Melissa-Jane não parava de falar. Peter limitava-se a observá-la, encantado com a sua juventude e frescor. Ninguém acreditaria que aquela jovem ainda não completara catorze anos, a julgar pelo físico desenvolvido, pelos seios que se insinuavam sob o suéter branco, pela conduta típica de uma mulher no mínimo dez anos mais velha. Exceto pela ocasional risadinha nervosa ou quando usava a gíria característica de sua geração, jamais seria confundida com uma adolescente.

Quando voltaram ao chalé, Melissa-Jane preparou chá, que os dois tomaram apesar do calor.

Planejaram minuciosamente cada minuto da semana que teriam pela frente, evitando com cuidado qualquer menção à figura da mãe da garota.

Um pouco antes da hora de dormir, ela sentou-se no colo de Peter e, traçando com o dedo as linhas de seu rosto, perguntou:

— Sabe quem você me lembra?

— Não faço a menor ideia.

— Gary Cooper, só que muito mais moço!

— Essa é boa. — Ele riu. — Aliás, de onde você conhece Gary Cooper?

— Assisti Matar ou Morrer pela televisão, no domingo passado. Ela beijou-o de novo, com os lábios ainda úmidos do chá. Em seguida prosseguiu:

— Que idade você tem mesmo, papai?

— Trinta e nove.

— Hum, não é tão velho assim.

— Às vezes me sinto tão velho quanto um dinossauro... Naquele exato momento, o som irritante do alarme eletrônico que estava sobre a mesa interrompeu-o. Peter sentiu um frio no estômago.

"Logo agora", disse a si mesmo, irritado. Justamente quando estava com a filha, depois de tanto tempo sem vê-la...

O pequeno rádio transmissor-receptor, do tamanho de um maço de cigarros, piscava sua luzinha vermelha, de maneira tão insistente quanto o sinal de áudio. Relutante, Peter pegou-o, apertando o botão de transmissão.

— Thor Um — disse ele.

A réplica soou metálica e distorcida:

— General Stride, Atlas ordenou condição Alfa.

Outro alarme falso, pensou Peter, zangado. No mês anterior, tinha havido uma dúzia de Alfas, ou seja, o primeiro estágio de aleita, com o grupo embarcado e pronto para a condição Bravo, isto é, pronto para entrar em ação.

— Atlas informa que estamos a sete minutos de Bravo. Como seriam necessários quatro minutos e meio para alcançar o complexo, de repente a decisão de alugar o chalé pareceu a Peter uma perigosa autoconcessão.

Naquele curto espaço de tempo uma vida poderia se perder... Abraçando a filha, ele disse:

— Querida, me desculpe.

— Tudo bem — respondeu ela, tensa e ressentida.

— Logo, logo teremos outra oportunidade. Eu prometo!

— Você sempre promete...

Àquela altura Peter já não a escutava. Depois de afastá-la do colo, ele se levantou, com o cenho franzido, as espessas sobrancelhas castanhas quase juntas.

— Feche a porta quando eu sair, querida. Se for realmente uma emergência, mandarei o motorista para você. Ele a levará de volta a Cambridge e avisarei sua mãe para esperá-la.

Segundos depois, Peter já estava fora da casa. Melissa-Jane ouviu o barulho da ignição do carro, o cantar dos pneus sobre o cascalho e o ruído do motor cada vez mais distante.

O controlador da torre de Nairóbi permitiu que o voo da British Airways, procedente de Seychelles, passasse quinze segundos do seu tempo de comunicação. Então chamou uma, duas, três vezes antes de sintonizar as frequências reservadas à informação, aproximação, torre e finalmente emergência, que, no mínimo, o 070 deveria manter em escuta de alerta. Mesmo assim não houve resposta.

Passava quarenta e cinco segundos do prazo para que o Pássaro Veloz 070 comunicasse "operação normal", quando o controlador removeu a tampa amarela do equipamento de aproximação e pôs no painel de emergência o aviso de "contato perdido", colocando em ação os procedimentos de busca e salvamento.

Dois minutos e treze segundos após o fim do prazo de "operação normal", um telex chegou ao escritório da British Airways, no aeroporto de Heathrow; dezesseis segundos mais tarde, o Comando Thor estava informado e entrava na condição Alfa.

FALTANDO APENAS três dias para ficar cheia, a lua tinha sua parte superior levemente encoberta por sombras. Mas, vista do alto, parecia tão grande quanto o sol, e com certeza muito mais bonita.

Sob o verão tropical, nuvens gigantescas movimentavam-se lentamente no céu, formando cogumelos, cúmulos majestosos banhados pelo esplendor do luar.

A aeronave sobrevoava os picos das nuvens, como um imenso morcego negro seguindo sempre em direção a oeste. De repente, um abismo escuro abriu-se nas nuvens sob a asa do lado da porta, como a boca do inferno; no fundo de sua goela surgiu uma luz distante, intermitente como uma estrela cadente.

— Ali deve ser Madagáscar — a voz do piloto quebrou o silêncio que reinava na cabine. — Estamos no rumo certo.

Postada atrás da poltrona dele, a loira trocou a granada de mão antes de falar pela primeira vez em meia hora.

— Talvez alguns passageiros ainda estejam acordados e notem isso. Portanto, está na hora de despertar os outros para comunicarlhes as boas notícias. Por favor, acenda todas as luzes da cabine e as dos cintos de segurança e me passe o microfone — pediu ao engenheiro de voo.

Mais uma vez Cyril Watkins, o comandante, convenceu-se de que aquela operação fora cuidadosamente planejada. O anúncio do sequestro seria feito no momento em que a resistência dos passageiros estivesse no seu nível mais baixo. Às duas da madrugada, arrancados do sono perturbante do voo intercontinental, provavelmente reagiriam apenas com resignação mal-humorada.

— Luzes da cabine e cintos de segurança ligados — informou o engenheiro, passando o microfone para a moça.

— Bom dia, damas e cavalheiros — começou ela, com voz cálida, clara e vívida. — Lamento acordá-los em hora tão inconveniente. Entretanto, tenho um anúncio importante a fazer e quero que todos prestem atenção.

Um princípio de agitação tomou conta das cabines lotadas: pessoas erguiam as cabeças por sobre os assentos da frente; cabelos eram arrumados e olhos sonolentos piscavam sem parar tentando afastar o sono.

— Vocês notaram que as luzes dos cintos de segurança estão acesas.

Cada um deve checar se o passageiro ao seu lado está acordado e com o cinto de segurança fechado... Comissários de bordo, por favor ajudem a ver isso.

Aquela providência era fundamental: os cintos inibiriam qualquer movimento súbito, qualquer ação espontânea ao primeiro choque. Ingrid fez uma pausa de sessenta segundos, marcados no cronômetro de seu relógio de pulso, antes de continuar:

— Primeiro, permitam que me apresente. Meu nome é Ingrid. Sou líder do Comando de Ação pelos Direitos Humanos...

Watkins torceu os lábios cinicamente ao ouvir aquele título pomposo, porém permaneceu calado, os olhos fixos no céu estrelado.

— e esta aeronave está sob meu comando. Em hipótese alguma qualquer um dos senhores poderá deixar seu assento sem a permissão expressa de um dos meus companheiros.

A desobediência a essa ordem provocará a destruição da aeronave, com todas as pessoas que estão a bordo, por explosivo de alta potência.

Ingrid repetiu a mensagem em alemão fluente, depois em francês não tão fluente mas inteligível, antes de retornar ao inglês.

— Os membros do Comando de Ação vestem camisas vermelhas para identificação imediata e estão armados.

Enquanto ela falava, seus três companheiros da cabine de primeira classe abriam o fundo falso de suas sacolas. Com apenas quatro centímetros de largura por trinta de comprimento, os fundos eram suficientes para abrigar uma pistola calibre 12 desmontada e dez cartuchos de balas. Os canos das armas tinham trinta centímetros de comprimento e as culatras eram lisas, de plástico blindado — material que não suportaria a passagem de uma bala convencional pelas estrias, nem de qualquer dos novos explosivos propelentes, mas que fora projetado para uso a baixa velocidade e pressão de múltiplos disparos e pólvora à base de nitrocelulose. As únicas partes de metal das pistolas eram o estojo de aço do pino de disparo e a mola, não maiores que um dos cravos da sacola de voo, de modo que não haviam ativado o detector de metal no aeroporto de Mahé. Da mesma forma, os cartuchos também possuíam revestimento plástico e apenas suas cápsulas de percussão continham alumínio, que não agiria sobre um campo elétrico.

Aquelas armas negras e feias exigiam recarga como uma pistola convencional, não possuíam dispositivo de auto-ejeção para as balas usadas e o coice era tão forte que quebraria o pulso do portador que não estivesse segurando firmemente na empunhadura.

Entretanto, para pequenas distâncias, tinham um poder destrutivo aterrador: a quatro metros destripariam um homem; a dois metros seriam capazes de arrancar a cabeça rente ao pescoço. Só que não perfurariam o envoltório pressurizado de uma aeronave de grande porte.

Em poucos segundos, com as pistolas montadas e carregadas, os dois homens que haviam vestido as brilhantes camisetas escarlates que os identificariam moveram-se para suas posições, um nos fundos da cabine de primeira classe e o outro nos fundos da cabine de classe turística, onde se postaram com suas armas ostensivamente à vista.

A esguia e linda garota alemã de cabelos negros permaneceu em seu assento, trabalhando rápida e cuidadosamente na abertura de outros cocos cujo conteúdo

transferiu para duas sacolas de rede. Eram granadas diferentes daquela carregada por Ingrid — tinham uma dupla linha vermelha pintada na metade, indicando serem de desintegração eletrônica.

Outra vez a voz clara de Ingrid invadiu o sistema de comunicações da cabine. Ao longo das filas de assentos, os passageiros estavam empertigados, mostrando nas faces uma expressão idêntica de choque e terror.

— Um membro do Comando de Ação está colocando granadas na cabine...

Tratava-se da garota morena, que percorria o corredor, abrindo as gavetas superiores para guardar as bagagens de mão e colocando ali uma granada a cada intervalo de quinze filas. Os passageiros giravam as cabeças sincronizadamente, acompanhando-a com uma fascinação mórbida.

— Cada uma dessas granadas tem poder suficiente para destruir esta aeronave. Elas foram projetadas para explodir um tanque de guerra protegido por uma blindagem de quinze centímetros. Nossa militante colocou catorze granadas por toda a extensão do avião.

Podem ser detonadas simultaneamente por um transmissor eletrônico sob meu controle... — Um riso permeou a voz de Ingrid. — Se isto ocorrer, a explosão será ouvida até no Pólo Norte!

Os passageiros mexeram-se como folhas de uma árvore sob uma brisa suave. Ouviu-se então um choro de mulher, um som sufocado, que ninguém arriscou-se a olhar de onde vinha.

— Mas não se preocupem. Isso não vai acontecer. Porque vocês seguirão exatamente nossas instruções e, quando tudo estiver acabado, ficarão orgulhosos de terem feito a parte que lhes cabia nesta operação. Somos todos companheiros numa missão nobre e gloriosa, lutadores pela liberdade e pela dignidade do homem. Hoje demos um passo importante na direção de um mundo novo, livre das injustiças e da tirania e dedicado ao bem-estar de todos os cidadãos.

A mulher continuava a chorar, seguida agora por uma criança que soluçava mais alto e estridente.

A garota de cabelos negros retornou ao seu assento, pegou a câmara que tinha ativado o detector de metal no aeroporto de Mahé, pendurou-a no pescoço e agachou-se novamente para montar duas outras pistolas. Carregou-as com os cintos de cartuchos e então dirigiu-se à cabine de comando, onde a loira beijou-a delicadamente nos lábios.

— Karen, lieblich, você é maravilhosa — disse Ingrid, pegando a câmara e colocando-a no próprio pescoço. — Isto não é o que aparenta ser — informou ela ao comandante.

— É o detonador por controle remoto para as granadas colocadas na fuselagem.

Cyril fez que sim com um gesto de cabeça. Aliviada, Ingrid desarmou a granada que carregava há tanto tempo, recolocou seu pino de segurança, e passou-a para Karen.

— A quanto tempo estamos da costa? — perguntou enquanto abotoava o cinto com os cartuchos na cintura.

— Trinta e dois minutos — disse o engenheiro de voo. Ingrid abriu a culatra da pistola, checkou a carga e fechou-a novamente.

— Você e Henri podem se sentar agora — disse a Karen. — Tentem dormir.

A operação talvez durasse muitos dias, e a exaustão seria o mais perigoso inimigo que teriam de enfrentar. Era unicamente por isso que estavam empregando uma força tão grande. Daquele momento para a frente, salvo em alguma emergência, dois deles ficariam em ação enquanto os outros dois estariam em repouso.

— Você fez um trabalho bem profissional — elogiou Cyril Watkins. — Até agora.

— Obrigada. — Rindo, Ingrid pôs a mão amistosamente em seu ombro. — Nós trabalhamos com afinho.

Peter Stride piscou três vezes as luzes do veículo enquanto se aproximava pela estreita estrada que conduzia à base militar. A sentinela mal teve tempo de abrir o portão para que ele entrasse em alta velocidade.

Aparentemente as coisas estavam tranquilas ao redor das duas aeronaves paradas no hangar. O Hércules Lockheed tomava a maior parte do edifício, que fora construído para acomodar os pequenos bombardeiros da Segunda Guerra Mundial. O estabilizador vertical de sua cauda ficava a poucos metros das vigas do teto.

Ao lado dele, o jato executivo Hawker Siddeley HS 125 parecia uma máquina refinada. As diferentes origens dos dois aparelhos indicavam que aquela unidade era uma associação que envolvia duas nações.

Colin Noble apressou-se a encontrar Peter, que desligava o motor do jipe.

— Temos uma grande noite pela frente, Peter — disse, com um sotaque típico do meio-oeste americano.

Na verdade Colin tinha a aparência de um bem-sucedido vendedor de carros, não de um coronel dos Fuzileiros Navais. No começo Peter achara que aquela divisão rigorosa de material e homens em partes iguais por nações diferentes poderia comprometer a eficácia do Atlas. Agora já não tinha mais dúvidas a respeito.

Colin usava um indefinido macacão azul e um boné, ambos bordados com a marca Comunicações Thor, de propósito, para ser confundido com um técnico qualquer. Ele era o imediato de Peter no Thor. Ambos se conheciam há apenas seis semanas, desde que Peter assumira o comando, mas depois de um curto período de precaução de parte a parte, haviam desenvolvido um forte laço de camaradagem e respeito mútuo.

Apesar de não ser alto, Colin tinha um porte robusto, um corpo atlético, e era todo músculos e ossos. Havia lutado boxe na categoria peso-pesado em Princeton e também nos Fuzileiros Navais. Por isso possuía o nariz retorcido e achatado — quebrara-o justamente abaixo do septo.

Colin cultivava as maneiras impetuosas de um atleta profissional, embora seus olhos cor de café queimado sempre mostrassem o brilho da inteligência. Mas era forte e astuto como um velho gato de rua. Bastava dizer que ganhara o respeito de Peter Stride em menos de seis semanas!

Agora Colin estava de pé entre as duas aeronaves, enquanto seus homens prosseguiram na preparação da operação Alfa com rapidez e eficiência.

Ambos os aparelhos eram pintados como os aviões de linhas aéreas comerciais, em azul, branco e dourado, e tinham um desenho estilizado do deus Trovão no estabilizador da cauda e o nome COMUNICAÇÕES THOR descendo pela fuselagem. Poderiam aterrissar em qualquer aeroporto do mundo sem levantar suspeitas.

— Qual é o problema de hoje, Colin? — perguntou Peter ao descer do jipe e caminhar ao encontro dele.

Para Peter, custara tempo e esforço adaptar sua linguagem e modos de forma a relacionar-se bem com seu subordinado. Entre outras coisas porque, sendo o mais jovem general-de-divisão do Exército britânico, sabia que o coronel Colin Noble sempre iria tratá-lo de "sir".

— Aeronave desaparecida. — Poderia ser um trem, o ataque a uma embaixada ou mesmo o rapto de um transatlântico. — Da British Airways. Mas, pelo amor de Deus, vamos sair desse gelo — concluiu, com o vento fustigando as pernas do seu macacão.

— Onde foi?

— No Oceano Índico.

— Estamos prontos para o Bravo? — perguntou Peter, subindo ao seu avião de comando.

— Sim, tudo pronto.

O interior do Hawker, reformado para funcionar como escritório e centro de comunicações, tinha acomodações confortáveis para quatro pessoas imediatamente atrás da cabine do piloto. Além disso, dois especialistas em eletrônica ocupavam um compartimento separado próximo à cauda do aparelho, depois do qual havia um pequeno toalete.

Um dos técnicos pôs a cabeça na porta quando Peter entrou no aparelho e disse:

— Boa noite, general Stride. Estamos em contato com o Atlas.

— Coloque a imagem na tela — ordenou Peter enquanto se acomodava no

sofá de couro diante da pequena mesa de trabalho.

No painel à sua frente, o vídeo maior, que ficava embaixo de outras quatro telas usadas para conferências, entrou no ar, mostrando a cabeça de um homem, com um sorriso carismático e simpático.

— Boa tarde, Peter.

— Boa noite, sir.

Na tela, o Dr. Kingston Parker fez um gesto indicando que se esquecera da diferença de horário entre Washington e a Inglaterra. Depois falou:

— Bem, até o momento estamos completamente desorientados. Só sabemos que o BA 070, com quatrocentos e um passageiros e dezesseis tripulantes, voando de Mahé para Nairóbi, não se comunicou nos últimos trinta e dois minutos.

Parker presidia o Conselho de Supervisão dos Serviços Secretos e, entre outras coisas, funcionava como interlocutor do presidente dos Estados Unidos para todos os assuntos dessa área. Era amigo pessoal do presidente desde os tempos de faculdade, em Annapolis, onde tinham se graduado entre os vinte primeiros, indo em seguida trabalhar diretamente para o governo.

Na vida particular, Parker era um artista, um músico talentoso, escrevera quatro trabalhos acadêmicos sobre filosofia e política, e obtivera o título de grande mestre em xadrez. Mesmo sendo uma pessoa de presença marcante, um humanista de rara inteligência, ainda assim caracterizava-se pela discrição, evitando a badalação da imprensa, não mostrando qualquer ambição — embora nem a própria presidência dos Estados Unidos fosse um sonho impossível para um homem como ele — saindo-se muito bem em qualquer cargo que lhe fosse confiado.

Peter Stride encontrara-o meia dúzia de vezes desde que o substituíra no Thor. Chegara a passar um fim de semana na casa dele, em Nova York, quando então seu respeito por ele aumentara ainda mais. Parker reunia as qualidades para ser o dirigente perfeito de uma organização complexa como o Atlas, que necessitava da moderação do filósofo para o trato com os soldados; do tato e do carisma do diplomata para lidar diretamente com os chefes de governo, e sobretudo de alguém capaz de tomar, com rapidez e segurança, uma decisão que envolvesse centenas de vidas inocentes e implicasse consequências políticas imprevisíveis.

De maneira rápida e incisiva, Parker relatou no vídeo tudo o que sabia sobre o voo 070, a rotina de busca e salvamento que fora posta em ação, e logo acrescentou:

— Não quero ser alarmista, mas esse voo é um alvo perfeito. O avião transporta a nata da medicina em nível mundial, e a convenção era de conhecimento público há mais de um ano. Os médicos têm uma boa imagem, que toca fundo o sentimento público. Há americanos, ingleses, franceses, escandinavos, alemães e italianos. E em pelo menos três desses países existe atividade militante. O avião é

britânico e poderia ser desviado para algum lugar onde fosse mais difícil qualquer medida de contra-informação.

— Parker fez uma pausa. Uma pequena ruga de preocupação marcava-lhe a testa larga. — Mercúrio também está na posição Alfa. Se estivermos certos, possivelmente o destino final será a leste da última posição comunicada pela aeronave.

O braço ofensivo do Atlas compreendia três unidades idênticas — o Thor, cobrindo a Europa e a África; Mercúrio, sediada na base aérea e naval norte-americana da Indonésia, com raio de ação na Ásia e Austrália; e Diana, funcionando em Washington e pronta para agir em qualquer parte do continente americano.

— Estou com Tanner da Mercúrio no outro canal, Peter. Falo de novo com você daqui a pouco.

— Combinado, sir.

Assim que a imagem sumiu da tela de Peter, Colin Noble acendeu um de seus caros charutos holandeses e cruzou os tornozelos sobre a mesa à sua frente.

— Pelo jeito, o grande deus Thor desceu à terra para um pequeno bacanal. Depois de contentar uma das virgens vestais, ele lhe disse: "Eu sou Thor". "Eu também", ela replicou, "mas foi muito divertido."

Peter balançou a cabeça, aflito.

— Você acha isso engraçado?

— Ajuda a passar o tempo... Se for outro alarme falso, estaremos completando o décimo terceiro.

Colin bocejou, aborrecido. Não havia nada a fazer. Como já ocorrera antes, todas as providências necessárias à operação tinham sido tomadas. No Hércules ao lado, cada item de um arsenal de equipamentos estava pronto para uso imediato. Trinta e oito soldados muito bem treinados haviam embarcado, o mesmo ocorrendo com as tripulações de ambos os aviões. Os engenheiros de comunicações, por sua vez, contatavam os respectivos satélites e os computadores dos serviços de informação em Washington e Londres. Portanto, restava apenas esperar. Não era assim que a maior parte da vida de um soldado era gasta? Peter jamais fora indiferente a essa situação angustiante.

Sua sorte era estar agora acompanhado por Colin Noble.

Para muita gente era difícil estabelecer uma relação de amizade mesmo estando cercada de colegas.

Isso também acontecia no Thor, onde poucos chegavam a tornarem-se íntimos, embora o empenho nas tarefas fosse total. Peter e Colin, porém, eram amigos, e conversavam com descontração, passando casualmente de um assunto a outro, mas sem descuidar do estado de alerta que os mantinha firmemente unidos.

Depois de algum tempo, Kingston Parker voltou à tela para informar que a

operação de busca não encontrara indícios da aeronave na última posição comunicada por ela, e que fora feita a varredura fotográfica da área através do satélite de reconhecimento Big Bird, mas o filme não estaria pronto para avaliação em menos de catorze horas. O Pássaro Veloz 070 estava atrasado uma hora e seis minutos em seu comunicado de "operação normal".

Subitamente, lembrando-se de Melissa-Jane, Peter pediu ao setor de comunicações uma linha telefônica. Ao discar para o chalé e não obter resposta, concluiu que o motorista já a tinha levado. Então ligou para Cynthia, em Cambridge.

— Isso não se faz, Peter. É uma desconsideração da sua parte — reagiu ela, recém-acordada, com uma voz petulante e antipática. — Melissa esperou tanto por esse encontro...

— Sim, eu sei, eu também esperei...

— E George e eu arrumamos tudo!

George, seu novo marido, era um pesquisador de história política; apesar de tudo Peter não o odiava. Ele era muito bom para Melissa-Jane.

— Ossos do ofício — explicou Peter com um toque de amargura na voz.

— Você não sabe quantas vezes eu tive de ouvir isso! E esperava nunca mais ouvir.

— Escute, Cynthia. Melissa está a caminho...

Naquele momento, o vídeo da televisão acendeu-se, trazendo outra vez a imagem de Kingston Parker, cujos olhos demonstravam intensa preocupação.

— Preciso desligar — disse Peter à mulher que certa vez amara, colocando o fone no gancho. Então voltou-se para a tela.

— Os radares de defesa da África do Sul captaram um alvo nãoidentificado aproximando-se do seu espaço aéreo — informou Kingston Parker. — Sua velocidade e posição correspondem às do 070.

Mandaram um Mirage-para interceptação. Mesmo assim estou achando que é um ataque de militantes, por isso passamos imediatamente para a condição Bravo, Peter.

— Já estamos de saída, sir.

Ainda com o charuto preso entre os dentes, Colin Noble tirou os pés da mesa e deixou-os cair juntos no assoalho.

4

EM POSIÇÃO DE ATAQUE e com todos os seus mísseis e canhões preparados, o computador de bordo do Mirage F-1 líder mostrava um tempo de interceptação de trinta e três segundos, para um objetivo que estava a 210 graus

magnéticos e à velocidade de quase 900 quilômetros por hora.

A aurora surgia como um extraordinário espetáculo de cores. Nuvens prateadas e rosa enchiam o céu; e o sol, ainda abaixo da linha do horizonte, tingia-as com raios dourados, levemente escarlates. O piloto inclinou-se para a frente, forçando a alça do ombro, e ergueu o visor do capacete com a mão enluvada, aguçando a vista para a primeira espiada ao alvo.

Seu olho treinado de atirador captou imediatamente o pontinho escuro contra o dissimulado fundo de nuvens e luz solar. Com um movimento quase imperceptível nos controles, ele procurou evitar a aproximação direta ao objetivo.

O ponto negro cresceu de tamanho com impressionante rapidez à medida que os dois aviões convergiam — suas velocidades combinadas aproximavam-se de dois mil e quinhentos quilômetros por hora. Assim que teve certeza da identificação do outro, o piloto do Mirage deu um mergulho vertical — acompanhado pelos quatro outros aparelhos que o seguiam — descendo em formação "cinco dedos" até aproximadamente mil e quinhentos metros sobre o alvo. De imediato, reduziu a velocidade para acompanhar a aeronave que tinha abaixo da sua.

— Cheetah, aqui é o líder Diamante; o alvo é um Boeing 747 da British Airways.

— Líder Diamante, aqui é Cheetah. Mantenha-se sobre o objetivo, a mil e quinhentos metros de altura, e evite qualquer atitude ameaçadora. Comunique-se novamente em sessenta segundos.

O jato executivo do general-de-divisão Peter Stride dirigia-se para o Sul, deixando para trás um ronco ensurdecedor. A cada minuto aumentava a distância da outra aeronave, de modo que quando alcançassem o destino final, fosse este qual fosse, haveria mil e quinhentos quilômetros ou mais separando-os.

Entretanto, a baixa velocidade do Hércules transformava-se em virtude quando a necessidade impunha a presença de homens e equipamentos em pequenas pistas não pavimentadas nos mais tumultuados recantos da Terra, às vezes nas condições "alta e quente" que os pilotos mais temiam.

A função do Hawker era colocar Peter Stride no cenário da atividade terrorista o mais rápido possível. E a atividade do general, uma vez em ação, consistia em ser evasivo, adiar e ganhar tempo barganhando até que a equipe de assalto de Colin Noble se juntasse a ele.

Os dois homens ainda continuavam em contato. O vídeo de televisão do Hawker focalizava permanentemente o interior do Hércules. Assim, Peter pôde ver sua tropa, todos vestindo os macacões normais Thor, despreocupados e em atitudes relaxadas ao longo do corredor central do aparelho. No final do avião, Colin Noble estava sentado à mesa de trabalho, consultando a volumosa lista para a "condição

Charlie", que seria o próximo estado de alerta se a ação terrorista fosse confirmada.

Ao avistar o amigo trabalhando, Peter Stride mais uma vez refletiu sobre os custos enormes de manutenção do Atlas, a maior parte financiada pelos Estados Unidos, através de verbas do serviço secreto, e os obstáculos e resistências que tiveram de ser superados para viabilizar o projeto. Somente o sucesso dos israelenses em Entebbe e dos alemães em Mogadíscio tornaram-no possível, embora ainda existisse violenta oposição nos dois países que se associaram para manter a unidade antiterrorista.

Com o clique preliminar e o zumbido característico, a tela central acendeu-se e a voz de Parker se fez ouvir, antes mesmo que sua imagem fosse estabilizada.

— Temo que seja a condição Charlie, Peter...

Peter sentiu o sangue correr mais rápido em suas veias. Era natural que um soldado, cuja vida inteira fora gasta em treinamento para um momento especial, desse as boas-vindas à chegada do momento esperado. Entretanto, não fazia sentido experimentar aquela emoção; nenhum homem normal deveria alegrar-se com a perspectiva de violência e morte e todo o sofrimento que lhes seguiria.

— A África do Sul interceptou e identificou o 070. Entrou no espaço aéreo do país há quarenta e cinco segundos.

— Houve contato por rádio? — perguntou Peter.

— Não. Tudo indica que a aeronave está sob o controle de militantes; por isso ficarei de plantão até que tudo esteja resolvido.

Kingston Parker jamais usava a palavra "terrorista", que considerava emotiva, e tampouco gostava de ouvi-la de seus subordinados. "Nunca odeie cegamente seus adversários", dissera certa vez. "Entenda seus motivos, reconheça e respeite suas forças, e você estará melhor preparado para vencê-los."

— Que cooperação poderemos esperar? — Peter quis saber.

— Todos os estados africanos com os quais entramos em contato prometeram apoio total ao Thor, incluindo uso do espaço aéreo sobre seus territórios, aterrissagem e facilidades de reabastecimento. Até os sul-africanos têm sido prestativos. O ministro da Defesa ofereceu-me a mais completa cooperação. Vai negar autorização para a aterrissagem do 070, se bem que na minha opinião os militantes pretendam ir até um dos estados negros ao norte. Você sabe o que eu penso sobre a África do Sul, Peter, mas no momento devo dizer que estão sendo muito corretos.

Parker pegou um cachimbo e começou a enchê-lo com tabaco. Suas mãos grandes mostravam dedos longos e ágeis como os de pianista, o que certamente ele era. E Peter lembrou-se do perfume do tabaco que ele usava. Mesmo sendo um não-fumante, Peter achara o odor agradável.

Depois de um momento de silêncio, ambos imersos em pensamentos, Parker

franziu o cenho e dando uma tragada no cachimbo, disse:

— E então, Peter, o que me diz?

— Bem, imaginei quatro cenários possíveis e nossas respostas a cada um deles, sir. Em primeiro lugar precisamos saber se esse ataque é à lallemande ou à litalienne.

Parker assentiu com um gesto de cabeça. Ainda que os dois fossem bastante experientes em termos de especulações e métodos, precisavam discutir o assunto nos mínimos detalhes. Um ataque à italiana seria mais fácil de resolver, pois se tratava de um pedido direto de dinheiro. O método alemão envolvia a libertação de prisioneiros, exigências sociais e políticas que ultrapassavam as fronteiras nacionais. Após mais de uma hora de discussão, Parker declarou, alarmado:

— Conversaremos daqui a pouco, Peter. Temos novidades por aqui.

Somente quando o 070 penetrou no espaço aéreo reservado, reduzindo a velocidade apesar de não ter obtido a permissão do controle de tráfego, foi que o comando da Força Aérea da África do Sul deu-se conta do que estava para acontecer.

De imediato todas as frequências de aviação passaram a bombardear a aeronave com ordens urgentes de deixar o espaço aéreo nacional. Sem dar qualquer tipo de resposta, o Boeing descia lentamente rumo ao aeroporto internacional de Jan Smuts.

— British Airways 070, aqui é o controle de Jan Smuts. Você está expressamente proibido de entrar no tráfego. Você me ouve, 070?

— Britsh Airways 070, aqui é o comando da Força Aérea. Você está violando o espaço aéreo nacional. Suba imediatamente para dez mil metros e tome a direção de Nairóbi.

O Boeing, a menos de duzentos quilômetros do aeroporto, baixava para cinco mil metros de altitude.

— Líder Diamante, aqui é Cheetah. Obrigue o alvo a seguir sua viagem.

O Mirage, com sua camuflagem luzidia em verde e marrom, vistoriou por cima o gigantesco Jumbo de múltiplas turbinas, depois mergulhou por trás de sua cauda, para então aparecer na frente de seu nariz pintado de vermelho, branco e azul.

Com técnica e habilidade, o piloto alinhou o Mirage ao lado do Boeing, distante apenas trinta metros dele, e sinalizou com as asas a ordem "siga-me".

O 070 continuou seu curso serenamente, como se nada estivesse acontecendo. No instante seguinte, o Mirage aproximou-se ainda mais, reduzindo a distância entre as duas aeronaves para quinze metros. Outra vez mandou sinal com as asas e logo fez um giro na direção Norte, como fora ordenado por Cheetah.

O Boeing não mudou de rumo, continuando em sua aproximação a

Joanesburgo. Foi então que o Mirage líder voltou a carga, ficando ligeiramente acima do jato de escapamento dos motores à esquerda do avião, até nivelar-se com a cabine de comando, de modo a poder observar o seu interior.

— Cheetah, aqui é Diamante Um. Tive uma boa visão da cabine. Tem uma pessoa estranha lá. É uma mulher. Parece que está com uma metralhadora.

Os tripulantes do 070 estavam brancos como ossos quando se voltaram para observar o interceptador. A loira inclinou-se para a frente e ergueu sua arma preta numa irônica saudação. O piloto do Mirage estava tão próximo que percebeu seu sorriso.

— É uma mulher jovem, cabelos loiros, mooi, baie mooi — comunicou o piloto. — Linda, muito bonita.

— Diamante Um, aqui é Cheetah. Posição para ataque frontal.

O Mirage avançou ruidosamente para a frente e subiu rápido para entrar em formação com as quatro aeronaves idênticas. Alinhadas na posição "cinco dedos" passaram diante do Boeing.

— Cheetah, estamos em posição de ataque frontal.

— Voo Diamante. Simule ataque em intervalos de cinco segundos. Separação mínima. Mas não abra fogo. Deve ser um ataque simulado. Repito, é um ataque simulado.

— Entendido, Cheetah.

Bastante avançados em relação ao Jumbo, os Mirages deram a volta, apontando em sua direção. O F-1 líder acelerou, logo ultrapassando a barreira do som.

Cyril Watkins viu-o aproximar-se e gritou, assustado:

— Meu Deus! Isto é pra valer! — E tentou retomar o controle manual do Boeing, retirando a aproximação eletrônica que o piloto automático realizava.

— Mantenha-o estacionário — ordenou Ingrid, falando alto pela primeira vez. Apontando o cano duplo da pistola para o engenheiro de voo, acrescentou: — Agora não precisamos mais de um navegador.

Com um estrondo, o primeiro Mirage surgiu de repente diante deles, crescendo rapidamente até ocupar toda a visão do vidro da cabine. No último instante foi que desviou o nariz levemente, passando a poucos metros do aparelho. Entretanto, a turbulência gerada pela velocidade supersônica balançou o Jumbo gigantesco como se fosse um galho de árvore.

— Lá vem outro — gritou Cyril Watkins.

— Deixe que venha — disse Ingrid, pressionando a arma tão fortemente nas costas do engenheiro de voo, que ele bateu a testa na beirada do console do computador.

Um filete de sangue escorreu em sua pele pálida.

À medida que as turbulências dos jatos atingiam o Boeing, uma após outra, Ingrid procurava agarrar-se ao encosto de um dos bancos, sem deixar de apertar a pistola contra a cabeça do engenheiro.

— Façam como mandei — gritava. — Se não, eu mato este. Os gritos aflitos dos passageiros chegavam através da porta fechada da cabine de comando.

Quando o último Mirage desapareceu de cena, o comandante recuperou a calma e rapidamente realinhou a aeronave na direção dos sinais de rádio da torre do aeroporto de Jan Smuts.

— Não vão nos ameaçar novamente — disse Ingrid, recuando um passo para permitir que o engenheiro erguesse a cabeça e limpasse o sangue na manga da camisa. — Eles não vão retornar. Estamos no espaço aéreo controlado.

Embora já tivessem alcançado a altura de dois mil metros, o horizonte estava obscurecido pela névoa de fumaça e calor do verão. À direita erguia-se a usina elétrica de Kempton Park com suas altas torres de refrigeração; perto dela, os venenosos montes com terra amarelada retirada das minas na planície africana. Mais adiante, as vidraças de milhares de habitações transformavam o sol da manhã em faróis intensamente luminosos.

Bem à frente surgia a reta azulada da pista principal do aeroporto.

— Vamos para a pista vinte e um — ordenou Ingrid.

— Não podemos.

— Faça o que lhe digo! O controle de tráfego já deve ter limpado a área. Não vão poder nos deter.

— Por que não? — retrucou Cyril. — Dê uma olhada na plataforma da pista.

Próximos como estavam do solo, podiam contar cinco caminhões de combustível e divisar a insígnia da Shell nos tanques.

— Vão bloquear a pista — acrescentou o piloto.

Além dos caminhões, cinco outros veículos do serviço de bombeiros e duas ambulâncias avançavam em fila indiana e, um após o outro, estacionavam a intervalos de poucas dezenas de metros na linha branca do centro da pista.

— Não podemos aterrissar — informou o comandante.

— Desligue o automático e assumo o controle. — A voz de Ingrid tinha um acento diferente, duro e cruel.

O Boeing baixava para os trezentos metros, rumo à pista 21, tendo à sua frente as luzes giratórias no topo dos veículos, que pareciam lampejar em desafio.

— Não posso ir por cima deles — declarou Cyril Watkins, num tom de voz decidido. — Vou acelerar e dar o fora daqui.

— Pouse na grama — ordenou a garota firmemente. — O lado esquerdo da pista é bastante plano.

Vamos para lá.

Como se nada tivesse escutado, Cyril Watkins manejou os aceleradores fazendo as turbinas darem um estrondo e o avião mover o nariz para o alto.

O jovem engenheiro de voo movimentou-se na cadeira giratória e olhou para fora através do vidro.

Numa postura rígida, tinha a expressão preocupada e o sangue na sua testa contrastava com a palidez da pele.

Quando ele estendeu a mão direita sobre a mesa, as juntas dos dedos estavam brancas e polidas como cascas de ovo.

Aparentemente sem movimentar-se, Ingrid pressionou o cano da pistola sobre o punho dele e apertou o gatilho.

O estampido foi tão violento que deu a impressão de ter arreventado os tímpanos de todos no interior da cabine. Logo o ar encheu-se com o cheiro acre da cordite queimada. Na superfície da mesa, havia um buraco no metal do tamanho de uma xícara de chá.

O tiro amputara a mão do engenheiro, que caiu no espaço entre os assentos dos pilotos, com o osso do punho aparecendo em meio à carne lacerada. O rapaz crispava-se de dor como um inseto mutilado.

— Aterrisse — ordenou Ingrid. — Do contrário, o próximo tiro será na cabeça dele.

— Você é um monstro sanguinário! — gritou Cyril, vendo a mão amputada.

— Aterrisse ou você será responsável pela vida de seu colega. O engenheiro apertou o braço contra a barriga, em silêncio porém retorcendo-se de dor.

O piloto voltou a olhar para o amplo gramado aberto, entre os marcadores da pista de pouso e a estreita pista de rolagem. A grama baixa mostrava que o terreno era suficientemente plano para descender sem problemas.

Cyril desacelerou o aparelho lentamente, quase como um autômato, e o trovejar das turbinas desapareceu, ao mesmo tempo que o nariz voltava-se novamente para baixo.

Ele manteve sua aproximação alinhada com a pista principal até alcançar as luzes da cabeceira da pista — não queria alertar os motoristas dos veículos de bloqueio de sua intenção enquanto ainda lhes sobrasse tempo de manobra.

— Sua puta assassina! — balbuciou Cyril. — Sua vagabunda assassina!

Assim que o Boeing tomou o rumo da longa faixa de grama, ele desligou os motores, mantendo o aparelho com o nariz para cima, de modo que apenas a traseira tocasse o solo.

A imensa máquina aterrisou na pista irregular, dando solavancos e cambaleios intensos enquanto Cyril manejava os lemes de direção para mantê-la alinhada, sustentando o nariz para o alto com o controle do leme. Nesse intervalo, o copiloto revertia os imensos motores e acionava firmemente os freios principais de

aterrissagem.

Os caminhões dos bombeiros e os de abastecimento passavam como raio sob a ponta da asa de estibordo. Os rostos de seus ocupantes, pálidos e aterrorizados, podiam ser vistos à medida que o 070 ia reduzindo sua velocidade, de tal forma que o nariz abaixou bem antes da parada final, justamente ao lado do edifício de onde se controlava a principal estação de radar.

Eram 7:25 da manhã e o Pássaro Veloz estava em terra firme.

— BEM, CONSEGUIRAM ATERRISSAR — informou Kingston Parker. — Você não imagina o que foi feito para evitar isso, Peter. A escolha do destino final confirma uma das suas suspeitas.

— A lallemand — disse Peter, balançando a cabeça. — Deve ser política mesmo, sir.

— Então estamos diante da dura realidade que discutimos apenas em teoria. — Parker deu duas baforadas no cachimbo antes de acrescentar: — Militância moralmente justificável.

— Nesse ponto eu discordo. Isso não existe.

— Como que não? O que me diz dos oficiais alemães mortos nas ruas de Paris pela Resistência?

— Mas aquilo era guerra!

— Talvez o grupo que sequestrou o 070 acredite que esteja em guerra.

— Com vítimas inocentes?

— O Haganah fez vítimas inocentes, e mesmo assim estava lutando por algo certo e justo.

— Sou inglês, doutor Parker, portanto não espere que eu perdoe o assassinato de mulheres e crianças britânicas.

— Claro, claro. Mas não vamos falar dos Mau-Mau no Quênia, nem dos dias atuais da Irlanda. Quero colocar o exemplo da Revolução Francesa ou do começo do cristianismo, que cresceu sob a mais terrível perseguição já vista pelo homem. Por acaso isso não era militância moralmente justificável?

— Prefiro chamar de terrorismo compreensível mas reprovável; nunca de algo moralmente justificável.

Quando provocado, Peter costumava usar a palavra proibida, que invariavelmente fazia Parker crisar as espessas sobrancelhas.

— Há o terrorismo de cima e o de baixo — argumentou Parker, usando a palavra de que não gostava. -Se por um lado existe a coerção física e psicológica extrema, no sentido de induzir os outros ou de submetê-los, também existe a ameaça legal, o terror do fogo do inferno, o terror paternal com a promessa de castigo, assim como há exigências moralmente justificáveis, pois têm a ver com as aspirações dos fracos, dos pobres, dos oprimidos politicamente, vítimas inocentes de uma sociedade injusta. E seus gritos de protesto são estrangulados...

— Protesto fora da lei — replicou Peter, pouco à vontade.

— As leis são feitas por homens, quase sempre pelos ricos e poderosos; e são mudadas por homens, em geral depois de alguma ação militante. O movimento

das mulheres pelo direito de voto, a campanha dos direitos civis nos Estados Unidos... — Parker riu. — Desculpe, Peter. Às vezes me confundo. É mais difícil ser um liberal do que um tirano. O tirano pelo menos nunca tem dúvidas. Proponho uma pausa de uma hora ou duas.

Você certamente vai planejar as ações à luz dos novos fatos. Da minha parte, tenho certeza de que estamos lidando com militantes politicamente motivados, e não apenas com uma quadrilha de sequestradores que faz uma rápida investida contra o adversário. De qualquer modo, uma coisa é certa: antes de agir teremos de fazer um exame de consciência minucioso.

6

— PEGUE A SEGUNDA À DIREITA — disse Ingrid ao comandante. O Boeing passou da grama para a pista de rolamento sem problemas, pois não sofrera danos nos trens de aterrissagem.

Entretanto, agora que deixara o ar, seu ambiente natural, perdera a graça e a beleza, tornando-se uma máquina pesada e desajeitada.

Ingrid, que nunca estivera antes na cabine de um Jumbo no solo, estava impressionada com a altura, que lhe dava a sensação de afastamento e de invulnerabilidade.

— À esquerda novamente — instruiu ela, guiando a aeronave para longe do edifício principal, em direção à extremidade sul da pista.

O terraço de observação do aeroporto estava apinhado de curiosos, mas toda a atividade no pátio de manobras fora suspensa. Ambulâncias, tratores e caminhões de abastecimento estavam vazios e não se via uma só pessoa nas plataformas.

— Pare na interseção.

Com a expressão carrancuda, Cyril Watkins fez o que lhe foi ordenado, depois girou no assento e disse:

— Preciso chamar uma ambulância para levar meu colega. O copiloto e as aeromoças tinham estendido o engenheiro no piso do corredor, próximo à porta da cabine de comando. Usando guardanapos, amarraram-lhe o braço, na tentativa de estancar o sangramento. O cheiro da cordite misturava-se com o de sangue fresco.

— Ninguém sairá da aeronave — declarou Ingrid com firmeza.

— Esse rapaz sabe muito sobre nós e tem de ficar aqui.

— Pelo amor de Deus, moça! Ele precisa de assistência médica.

— Há trezentos médicos a bordo — disse ela, indiferente. — Os melhores do mundo. Dois deles podem vir atendê-lo.

Postando-se ao lado da mesa manchada de sangue, ela acionou o sistema de

som interno. Cyril Watkins percebeu que, com uma simples olhada em seu funcionamento, ela já era capaz de operar os complicados aparelhos de comunicação. Sem dúvida alguma tratava-se de uma pessoa inteligente e bem preparada.

— Senhoras e senhores, acabamos de aterrissar no aeroporto de Joanesburgo. Ficaremos por aqui durante um longo tempo, talvez dias ou mesmo semanas. Nossa paciência tem limites, razão pela qual devo adverti-los de que qualquer desobediência será severamente punida. Houve uma tentativa de resistência e, como consequência, um membro da tripulação está gravemente ferido. Pode até morrer por causa do ferimento. Não queremos que esse incidente se repita. Entretanto, fiquem certos de que não hesitaremos em atirar novamente, ou em detonar os explosivos dos armários se isso se fizer necessário.

Naquele momento, os dois médicos escolhidos ajoelhavam-se ao lado do engenheiro, que tremia como uma vítima de febre em estado de choque, tendo a camisa branca coberta de sangue. Sem demonstrar remorso, nem preocupação, Ingrid continuou:

— Dois companheiros passarão agora pelos corredores e coletarão seus passaportes. Por favor, tenham à mão seus documentos.

Do lado de fora da aeronave, um agrupamento de quatro carros blindados surgiu de trás dos hangares de serviço. Eram a versão local dos Panhard franceses — pneus altos e pesados, uma torre central e canhões longos apontados para a frente. Circulando com cautela, os veículos estacionaram a trezentos metros do Jumbo, em quatro pontos: extremidades das asas, cauda e nariz, prontos para um ataque.

Ingrid observava-o desdenhosamente até que um dos médicos apareceu em sua frente. Era um tipo baixo e roliço, calvo e de aspecto enérgico.

— O rapaz deve ser levado imediatamente a um hospital.

— Isso está fora de cogitação.

— A vida dele está em perigo!

— A vida de todos nós está em perigo, doutor. Faça uma lista do que precisa. Tentarei conseguir o material necessário.

7

— ESTÃO PARADOS há dezesseis horas e o único contato foi para solicitar material médico e uma ligação de energia elétrica — disse Kingston Parker. A ausência do paletó e o nó de gravata frouxo eram os únicos sinais de que estava exausto pela vigília.

— Que tipo de material? — perguntou Peter, os olhos fixos na imagem da

tela.

— Parece que houve um disparo casual. Pediram sangue AB positivo, o que é raro, mas consta na ficha de serviço que um dos tripulantes tem esse tipo de sangue. Dez litros de Plasmalyte B, um conjunto para transfusão de sangue, seringas, morfina e penicilina intravenosa, vacina antitetânica e vários equipamentos para tratamento de traumas físicos.

— E eles estão com ligação externa de energia?

— Claro, quatrocentas pessoas ficariam sufocadas sem o ar condicionado. A direção do aeroporto forneceu um cabo, que está ligado a um soquete externo. Todos os aparelhos elétricos da aeronave estão funcionando normalmente.

— Quer dizer então que poderemos desligar a chave a qualquer instante — comentou Peter, escrevendo num bloco de anotações.

— Ainda não fizeram nenhuma exigência? Nenhum negociador foi chamado?

— Por enquanto, nada. Eles parecem conhecer muito bem as técnicas de barganhar nesse tipo de situação, ao contrário dos nossos amigos, o país anfitrião. Talvez a gente tenha problemas com a mentalidade Wyatt Earp... Bem, Wyatt Earp era um xerife do Oeste lendário...

— Vi o filme e li o livro — respondeu Peter mordazmente.

— Pois bem, os sul-africanos estão loucos para entrar na aeronave. Tanto o nosso embaixador como o de vocês estão com dificuldades para segurá-los. Eles querem dar um pontapé na porta do saloon e entrar atirando. Acho que eles também viram o filme.

— Seria um desastre total! Esse pessoal ainda não percebeu que se trata de uma operação extremamente arriscada?

— Eu também acho. Você não precisa me convencer. Qual é seu tempo de voo até Jan Smuts?

— Acabamos de cruzar o rio Zambesi. — Peter olhou pela janela em forma de bolha, embora a visibilidade estivesse prejudicada pela névoa seca e por nuvens. — Ainda temos duas horas e dez minutos de voo, mas a equipe de apoio está três horas e quarenta atrás de mim.

— Tudo bem. O governo sul-africano convocou uma reunião ministerial, e nossos dois embaixadores estão lá como observadores. Serei obrigado a falar com os sul-africanos sobre a existência do Atlas... Ainda bem que neste caso o Comando está justificado. É uma unidade simples, acima de qualquer interesse nacional, e capaz de agir com rapidez e independência. Por falar nisso, já conseguimos a aprovação do presidente e do primeiro-ministro inglês para a condição Delta. — A condição Delta era a decisão de matar. — De qualquer modo, só colocarei Delta em ação como último recurso. Primeiro quero ouvir e considerar as exigências. Nesse aspecto estamos totalmente abertos à negociação.

Peter Stride coçou o queixo, na tentativa de disfarçar a irritação. Haviam chegado a um ponto polêmico, a respeito do qual ele discordava por completo.

— Sempre que se deixa um militante escapar, imediatamente se criam as condições para ataques posteriores.

— Tenho autorização para a condição Delta — repetiu Parker num tom de voz ácido -, mas quero deixar claro que só será usada em último caso. Não somos uma unidade de extermínio, general Stride. Vou me comunicar agora com os sul-africanos para explicar a operação Atlas.

Assim que a imagem de Parker desapareceu do vídeo, Peter levantou-se abruptamente, querendo passar para o outro lado do corredor, mas acabou batendo a cabeça no console e caindo sentado outra vez no banco.

8

QUANDO KINGSTON PARKER deixou a mesa de vídeo do escritório externo da suíte que ocupava na ala oeste do Pentágono, os dois técnicos de comunicações saíram do seu caminho e a secretária particular abriu-lhe a porta do escritório interno.

Apesar de muito alto e forte, Parker tinha um andar gracioso, vestia roupas de fina qualidade, bem talhadas, o melhor que a Quinta Avenida podia oferecer; se bem que as usasse até se puírem, pois dava pouca importância a esse tipo de detalhe. De qualquer forma, aparentava ser dez anos mais moço que seus cinquenta e três anos.

Os poucos fios prateados na vasta cabeleira confirmavam isso.

O escritório interno possuía uma decoração discreta, típica das repartições públicas americanas:

prática e impessoal, exceto pelos livros que ocupavam as prateleiras e pelo piano de cauda Bechstein, por sinal grande demais para a peça. Parker deslizou a mão sobre o teclado do instrumento enquanto seguia rumo à escrivaninha.

Deixando-se cair na cadeira giratória, concentrou-se nos informes de inteligência que requisitara:

dados pessoais, avaliações e estudos sobre as personalidades que de uma maneira ou de outra estavam envolvidas com o sequestro do Pássaro Veloz 070.

As duas pastas cor-de-rosa — cor que indicava segurança máxima — pertenciam aos embaixadores inglês e norte-americano e estavam assinaladas com a inscrição: "Somente para nível ministerial". As verdes continham relatórios sobre os membros do governo sul-africano com capacidade de tomar decisão em caso de emergência. A pasta mais grossa, referente ao primeiro-ministro, indicava que ele fora prisioneiro do governo pró-britânico do general Jan Smuts, durante a Segunda

Guerra Mundial, por discordar do envolvimento do seu país na guerra. Qual seria o grau de simpatia que esse homem teria agora em relação a outros militantes?

Havia dossiês dos ministros sul-africanos de Defesa e Justiça, do encarregado de polícia e do comissário assistente, que recebera a responsabilidade de comandar a emergência. De todos eles, o primeiro-ministro era o único que aparentava uma personalidade forte, pouco influenciável e com capacidade de convencer. Provavelmente seria o homem de maior autoridade entre todos os que se encontravam no cenário da operação.

A última pasta, também cor-de-rosa, tinha o papelão da capa desbotado, de tão manuseada.

Começada há cerca de dois anos, possuía anotações quadrimestrais desde então.

Abaixo do título (Stride, Peter Charles), estava a recomendação: "Somente para o dirigente do Atlas".

Kingston Parker com certeza seria capaz de recitar seu conteúdo de cor; mesmo assim, preferiu desatar os laços, abri-la e folhear vagarosamente suas páginas soltas, enquanto dava baforadas no cachimbo.

Ali estava a radiografia completa da vida do seu subordinado. Nascido em 1939, em plena guerra, era filho de um militar que morrera em ação três anos mais tarde, quando a brigada blindada que comandava fora destruída por uma das devastadoras missões de Erwin Rommel nos desertos do Norte da África. Enquanto seu irmão gêmeo herdara o título de baronete, Peter seguira a tradição da família, frequentando o colégio de Harrow e Sandhurst, onde deve ter desconcertado seus professores com seu brilho acadêmico e sua relutância em participar dos times de esporte — preferia atividades mais solitárias como golfe, ténis e corridas de longa distância.

Kingston Parker ponderou sobre isso durante alguns minutos. Aqueles traços apontavam para o caráter do homem que chegara também a desconcertá-lo. Parker cultivava o generalizado desprezo intelectual pelos militares, e teria preferido um homem condizente com a imagem que fazia do soldado burro.

Quando o jovem Stride entrara no Exército, parecia que sua excepcional inteligência fora encaminhada para os canais convencionais, e a propensão para opiniões e ações independentes, colocadas em xeque, senão postas totalmente de lado... Até que seu regimento foi enviado a Chipre, em plena agitação naquele país. Uma semana após sua chegada lá, Stride estava sendo indicado, com a entusiástica aprovação do comandante da tropa, para o serviço secreto do Exército. Com certeza seu superior se dera conta das incríveis potencialidades daquele rapaz.

Bem, pelo menos uma vez, os militares tinham feito uma boa escolha, talvez até brilhante. Porque, a partir de então, Stride simplesmente não cometera erros,

exceto o do casamento, que terminara em divórcio em dois anos. Se tivesse permanecido na tropa, isso teria afetado sua carreira; mas desde Chipre a trajetória de Stride fora tão anticonvencional e meteórica quanto seu cérebro.

Passando pelas mais diferentes e difíceis missões, ele aperfeiçoara seu talento e demonstrara tantas habilidades que, contrariando a tradição inglesa, atingira a hierarquia de comando antes dos trinta anos de idade.

No quartel-general da OTAN fizera amigos e admiradores de ambos os lados do Atlântico. E, ao final dos três anos de serviço em Bruxelas, fora promovido a general-de-brigada e transferido para a direção do Serviço Secreto Britânico na Irlanda, onde mais uma vez desempenhara a tarefa com dedicação e perspicácia.

Boa parte do crédito pela liquidação do terrorismo irlandês na Inglaterra pertencia a ele; e seu estudo aprofundado sobre a guerrilha urbana e a mente do militante, embora apenas de uso interno, era provavelmente o trabalho definitivo sobre o assunto.

O conceito Atlas aparecera pela primeira vez naquele estudo, razão pela qual Stride fora incluído na lista dos prováveis diretores do projeto. Sua escolha parecia certa — afinal de contas, os americanos ficaram impressionados com o estudo e seus amigos da OTAN não o haviam esquecido. Porém, apesar de aprovada em princípio, sua indicação sofrera forte oposição, sob o argumento de que um soldado profissional não era a pessoa ideal para dirigir um organismo tão delicado. Esse veto, vindo tanto de Washington quanto de Whitehall, acabara prevalecendo.

Kingston Parker esvaziou o cachimbo e, pegando a pasta que estava lendo, atravessou a sala até alcançar o piano. Colocou a pasta aberta sobre o porta-pauta, sentou-se no banquinho e começou a tocar.

A música, uma adorável melodia de Liszt, não interrompeu suas divagações, ainda que enchesse a sala com acordes suaves.

Parker opusera-se à indicação de Stride, a quem desde o começo considerara um tipo perigoso, cheio de ambições e projetos difíceis de controlar. Preferia outros nomes — Tanner, que agora comandava o braço Mercúrio de Atlas; ou Colin Noble. Assim, torcera para que Stride declinasse o comando do Thor, situado bem abaixo de sua capacidade.

Entretanto, Stride aceitara essa indicação inferior! Suspeitando que havia motivações secretas para isso, Parker fizera o possível para conhecer direitinho aquele homem. Em cinco diferentes ocasiões chamara-o a Washington, bombardeando-o então com todo o seu carisma e personalidade. Chegara até a convidá-lo para passar alguns dias em sua casa de Nova York. Ali, após horas e horas de discussões sobre os mais variados assuntos, aprendera a respeitá-lo intelectualmente, mas não fora capaz de tirar conclusões definitivas sobre seu futuro no Atlas.

Com um gesto lento, Parker virou a página da avaliação do caráter. Há muito tempo ele descobrira que, para encontrar a fraqueza de um adversário, devia começar pelas arestas. Mas não havia evidências de inclinação sexual antinatural em Stride. Ele não era homossexual — muito pelo contrário! Tivera no mínimo uma dezena de casos desde que se divorciara, todos eles discretos e com pessoas interessantes. Embora três das mulheres fossem casadas, nenhuma era esposa de seus subordinados, nem de oficiais da mesma patente ou mesmo de homens que pudessem de alguma forma prejudicar sua carreira.

E todas elas possuíam certos traços em comum: além de mais altas que a média das mulheres, eram inteligentes e bem-sucedidas: uma jornalista que tinha sua própria coluna no jornal; uma ex modelo de modas que criara uma griffe e agora comerciava suas roupas nas mais famosas lojas de Londres e do continente europeu; uma atriz de destaque da Royal Shakespeare Company, e assim por diante.

Parker percorria a lista com impaciência, pois não admitia que um homem sucumbisse tão facilmente aos ditames dos sentidos.

Celibatário convicto, ele canalizara todas as suas energias sexuais para a atividade intelectual, ao contrário de Stride, que era capaz de manter até três casos ao mesmo tempo.

Em outra área delicada, a das finanças, Stride também se saía ileso. Embora os pesados impostos britânicos tivessem corroído boa parte de sua herança, o que sobrara rendia-lhe mais de vinte mil libras esterlinas anuais. Juntando-se a isso seu salário e os privilégios que tinha como general, podia viver em alto estilo e dedicar-se à extravagância de colecionar livros raros; e também damas raras, observou Parker com azedume.

Entretanto, não havia um indício sequer de qualquer operação ilícita; nem conta na Suíça, nem depósito em barras de ouro, nenhuma propriedade no exterior, nenhuma ação de companhias petrolíferas dirigidas por pessoas de sua relação. E Parker pesquisara o assunto diligentemente, pois isso indicaria receitas extras, talvez até de governos estrangeiros. Alguém na posição de Stride possuía segredos que poderia vender ao preço que ele mesmo estabelecesse.

Lembrando-se de que Stride não fumava, Parker tirou o velho cachimbo da boca e olhou-o afetivamente. Era seu único vício, que considerava inofensivo a despeito do que diziam os médicos.

Stride bebia com moderação e era considerado entendido em vinhos. Fazia cooper ocasionalmente, mais por exibição do que como um esporte. Parecia não praticar nenhum outro tipo de jogo. Nem mesmo a caça ou as competições de tiro, ocupações tradicionais de um nobre inglês. Talvez ele tivesse objeções morais a esportes sangrentos...

embora parecesse improvável, pois era insuperável em tiro ao alvo com rifle

e pistola. Tanto que representara a Inglaterra nas Olimpíadas de Munique, ganhando uma medalha de ouro na classe dos cinquenta metros, e treinava pelo menos uma hora por dia.

Parker virou a página para ver a história médica de Stride. Pelo jeito ele estava em ótima forma — aos trinta e nove anos, pesava apenas meio quilo a menos que aos vinte e um, e ainda treinava como um soldado recém-ingressado na tropa. No mês anterior, por exemplo, realizara dezesseis saltos de pára-quedas.

Parker fechou a pasta e continuou tocando piano. Mas nem a sensação agradável das teclas de jade nos dedos, nem a adorável cadência da música eram capazes de afastar a inquietude que o tomava. Aquele relatório, apesar de exaustivo, deixava de responder a pelo menos uma pergunta: por que Stride aceitara um posto menor como o comando do Thor, se não era do tipo que agia por impulso? E, mais preocupante do que isso, até onde poderia levar seu pensamento independente? Que tipo de ameaça a ambição forte, aliada a um intelecto privilegiado, representaria para a evolução do Atlas?

— Doutor Parker — chamou seu assistente, aparecendo à porta. — Temos novidades.

— Já estou indo. — Parker encerrou um acorde, com notas belas e tristes, antes de se levantar.

9

O HAWKER CORTAVA o céu quase em silêncio, com os motores desligados, a mil e quinhentos metros de altitude, enquanto se preparava para aterrissar. A menos de um quilômetro das luzes de aproximação, passou sobre a cerca de limite e tocou as marcas da divisa sete metros depois do início da pista, aplicando instantaneamente o freio máximo de segurança. O pouso foi tão curto e perfeito que pôde ser acompanhado do terminal do aeroporto, onde o Pássaro Veloz 070 estava parado na interseção sul da pista de rolagem principal.

O piloto girou o Hawker 360 graus e pegou a pista 15, usando apenas a potência necessária para manter o avião rolando.

— Perfeito — disse Peter Stride, atrás da cadeira do piloto, certo de que ninguém do 070 percebera sua chegada. — Prepararam um ponto para nós ao norte, com uma tomada elétrica para as baterias — acrescentou, ao ver o encarregado do pátio de manobra sinalizando com os anteparos. Perto do funcionário, havia um grupo de quatro homens esperando. Três deles usavam uniformes camuflados e o outro o uniforme azul, com chapéu e distintivo dourado da polícia da África do Sul.

Este oficial foi o primeiro a cumprimentar Peter assim que ele desceu da

escada retrátil do Hawker.

— Prinsloo — apresentou-se, estendendo a mão. — Tenente general.

Ele se colocou em posição de sentido, embora fosse apenas um policial. Era um homem forte, com óculos de armação prateada, um pouco obeso e cerca de cinquenta e cinco anos de idade. Tinha os movimentos pesados, a barbela e os lábios carnudos que Peter notara nos camponeses belgas e holandeses durante sua estada nos Países Baixos, a serviço da OTAN. Um homem da terra, duro e conservador.

— Permita que lhe apresente o comandante Boonzaier... Tratava-se de um militar graduado, um coronel, também jovem e com o mesmo acento para falar que seu compatriota. Bastante alto, apenas dois ou três centímetros mais baixo que Peter, demonstrava ressentimento em relação ao policial.

— Fui instruído para receber ordens do senhor, general — declarou o coronel, enquanto os outros dois oficiais colocavam-se ao lado de Peter, um em frente ao outro.

Isto lhe permitiu perceber que a hostilidade não era dirigida a ele. Havia atritos entre a polícia e os militares, o que ressaltava mais uma vez os valores básicos do Atlas.

Era absolutamente imprescindível que existisse um centro de comando cuja autoridade fosse inquestionável. Um exemplo do passado recente ilustrava muito bem essa necessidade: o aeroporto de Larnaca, do qual os sequestradores de um jato saíram incólumes, transformara-se em escombros sob os bombardeios de aeronaves egípcias, com dezenas de cipriotas e egípcios mortos, porque os comandos egípcios e os guardas nacionais de Chipre não haviam chegado a um acordo em relação a quem dirigia a operação. Um dos princípios da estratégia terrorista consistia em atacar num ponto onde as responsabilidades nacionais ficassem ofuscadas. E o Atlas eliminava isso por completo.

— Obrigado — disse Peter ao coronel. — Minha equipe de apoio chegará em três horas. Nós só recorreremos à força em último caso; e se isto acontecer, usaremos exclusivamente o pessoal do Atlas. Gostaria que isso ficasse claro desde agora.

Os militares sul-africanos deram mostras de desapontamento. Um deles tentou contra-argumentar.

— Meus homens são a elite... Peter, porém, interrompeu-o:

— Trata-se de uma aeronave britânica, a maior parte dos sequestrados ou é inglesa ou de nacionalidade americana, e esta decisão é política. De qualquer modo precisarei da ajuda de vocês em outros aspectos. Em primeiro lugar quero saber onde posso instalar meu equipamento de vigilância.

Não houve dificuldades para escolher um posto de observação no aeroporto

— a sala da gerência, um escritório parcamente mobiliado, no terceiro andar do edifício central, dando vista para a área de serviço e para o lado sul da pista de rolamento onde o Jumbo estava estacionado.

As janelas tinham ficado abertas quando da evacuação dos escritórios, por isso não havia necessidade de mudar a aparência externa do local. Ali, a sacada comprida do andar superior fazia sombra na sala, de tal forma que um observador externo, sob o clarão da luz solar, não seria capaz de ver o interior da peça, mesmo com lentes poderosas. Com certeza os sequestradores esperariam vigilância da torre de vidro que ficava mais acima... e qualquer decepção que tivessem, mesmo trivial, era significativa.

O equipamento de vigilância, leve e compacto, consistia de câmaras de televisão do tamanho de uma filmadora doméstica de 8 mm, com tripés de alumínio que qualquer pessoa poderia carregar usando apenas uma das mãos.

Porém, apesar de compactas, tinham lentes zoom de 800 mm de comprimento focal, e produziam imagens que eram repetidas nas telas do console da cabine do Hawker e gravadas simultaneamente em videoteipe.

O intensificador de áudio, ainda que mais volumoso, não pesava muito. Tinha uma antena parabólica de um metro e vinte, equipada com um coletor de som no centro.

Seu visor telescópico poderia ser direcionado para uma fonte sonora com a mesma precisão de um rifle telescópico: focalizando os lábios de alguém a oitocentos metros de distância, seria capaz de captar sua conversa, levando o som diretamente ao console de comando enquanto gravava-o em grandes bobinas magnéticas.

Dois técnicos em comunicações ficaram em vigília com o aparelho, supridos com garrafas de café e sanduíches, enquanto Peter, acompanhado pelo coronel sul-africano e seus auxiliares, dirigia-se ao elevador para subir até a sala de vidro da torre de comando.

DA TORRE DE CONTROLE do tráfego aéreo tinha-se uma vista completa do campo de pouso e das plataformas e áreas de serviço do terminal. O terraço de observação abaixo da torre estava livre de curiosos; tinha apenas alguns militares circulando.

— Bloqueamos todos os acessos ao aeroporto. Somente os passageiros com reserva confirmada poderão entrar. Além disso, apenas a seção norte do terminal está sendo usada para o tráfego — informou o coronel Boonzaier.

Peter assentiu com um movimento de cabeça e então perguntou:

— Qual é a situação do tráfego?

— Estamos negando autorização para qualquer voo particular, saindo ou entrando. Os vôos domésticos foram deslocados para os aeroportos de Lanseria e Germiston. Portanto só estamos operando os voos internacionais, com uma média de três horas de atraso nas partidas.

— A que distância do 070 estão operando? — Peter quis saber.

— Por sorte a ala internacional está bastante longe da aeronave, e bloqueamos as pistas de rolamento e as plataformas da seção sul. Ou seja, limpamos toda a área, exceto os hangares das linhas aéreas nacionais que têm aviões em vistoria e manutenção. Fora isso, não há nenhuma outra aeronave num raio de mil metros do Jumbo.

— Talvez seja necessário suspender todo o tráfego se... se tivermos uma invasão.

— De acordo, sir — Mas por enquanto fica tudo como está.

Dito isso, Peter ergueu o binóculo e direcionou-o para o Boeing 070, que estava em total isolamento, silencioso e aparentemente abandonado. A pintura brilhante e quase espalhafatosa dava-lhe um ar carnavalesco. As lanternas vermelhas, azuis e brancas da cauda refletiam os raios solares. Como se encontrava estacionado lateralmente em relação à torre, via-se que as portas estavam fechadas e trancadas.

Peter percorreu vagorosamente a linha das janelas ao longo da fuselagem, notando que os anteparos para o sol estavam fechados, de modo que o avião lembrava um inseto cego, de múltiplos olhos.

Os vidros da lateral da cabine de comando também tinham sido tapados com almofadas, suspensas do teto, impossibilitando a visão dos tripulantes e de seus captores; além de prevenir tiros vindos de fora. Se bem que, da esquina mais próxima do terminal, menos de quatrocentos metros, os atiradores treinados do Thor, munidos com as novas lentes telescópicas a laser, poderiam até escolher o olho em

que meteriam a bala.

Serpenteando pelo amplo pavimento da pista de rolamento, via-se o cabo elétrico que fornecia energia à aeronave — um comprido e vulnerável cordão umbilical. Peter observou-o por alguns instantes antes de voltar a atenção para os quatro carros blindados Panhard.

Uma ruga de irritação apareceu em sua testa.

— Coronel, por favor, chame de volta aqueles veículos — disse por fim, tentando manter a voz calma.

— Com as torres trancadas, os ocupantes vão assar como um peru de Natal.

— Perfeitamente, general. Julguei que fosse minha obrigação deixá-los lá. — Boonzaier dirigiu-lhe um sorriso amigável, embora seus olhos tivessem um brilho duro.

— Acho melhor descarregar a atmosfera o máximo possível.

A necessidade de dar explicações aborrecia Peter, que mesmo assim mantinha o sorriso. — Estando sob a mira de canhões é mais fácil que alguém se precipite e puxe o gatilho. Deixe os carros pela redondeza, mas fora do campo de visão dos sequestradores. E mande os homens descansarem.

Contrafeito, o coronel passou a ordem por um walkie-talkie que levava na cintura. Assim que os veículos se afastaram para trás da linha dos hangares, Peter continuou:

— Quantos homens você distribuiu por aqui? — E apontou para os soldados que estavam no terraço de observação, depois para as cabeças visíveis como pontinhos entre o céu azul e a silhueta dos hangares de serviço.

— Duzentos e trinta.

— Mande-os embora. E de forma tal que os ocupantes da aeronave os vejam.

— Todos eles? — indagou Boonzaier, incrédulo.

— Todos eles. E rápido, por favor, coronel.

Outra vez o homem levou o walkie-talkie até a boca para transmitir a ordem. Houve um princípio de atropelo entre as tropas do terraço de observação, antes que os soldados entrassem em formação e marchassem em fila. Seus capacetes de aço, como uma linha de cogumelos em botão, assim como os canos dos fuzis ao ombro, eram perfeitamente visíveis para um observador no Boeing.

— Se a gente tratar esses animais com moleza... — resmungou o coronel, bufando de raiva, mas foi interrompido por Peter, que já esperava aquela reação:

— Acontece que se você mantiver os fuzis apontados para eles, fará com que fiquem alertas e excitados. Deixe-os sentarem-se um pouco e relaxarem, deixe-os ficar bem confiantes.

Novamente Peter vasculhou a área com o binóculo, tentando encontrar um bom lugar para seus quatro atiradores. Era pouco provável que pudesse usá-los

(teriam de atingir todos os sequestradores no mesmo instante), mas, prevendo uma chance remota, decidiu colocar um no teto do hangar de serviço, na abertura de um grande ventilador, de onde se avistava a porta lateral da aeronave; dois outros atiradores cobririam a cabine de comando por ambos os lados; o último usaria a canalização de drenagem que abrigava o radar de aproximação e as luzes de balizas. O local estava nas costas do inimigo, que jamais esperaria fogo daquele quadrante.

Ponto por ponto, Peter planejou suas ações, rabiscando o que decidia em uma pequena caderneta com capa de couro. Estudou minuciosamente o mapa do aeroporto, convertendo ângulos e gradientes em campos de fogo, mediu a "cobertura de terra" e "tempo de atingir o alvo" para todos os problemas possíveis, esforçando-se para obter novas soluções para cada um deles — precisava pensar à frente do inimigo, que ainda não tinha face e era infinitamente ameaçador.

Depois de uma hora de trabalho duro, sentiu-se satisfeito. Poderia agora passar as coordenadas para Colin Noble, a bordo do Hércules que se aproximava, e quatro minutos após o pouso da aeronave, sua equipe altamente treinada estaria em posição de ataque.

Peter ergueu a vista do mapa enquanto colocava o bloco de anotações no bolso da camisa.

Perscrutou mais uma vez cada centímetro do silencioso Jumbo de escotilhas fechadas, agora deixando-se levar pela emoção. A raiva e o ódio subiam-lhe do mais recôndito de sua alma e fluíam pelo sangue, fazendo-o contrair os músculos.

Sentia-se desafiado pelo monstro de múltiplas cabeças. A fera escondia-se lá fora, numa cilada, esperando por ele como das vezes anteriores. Uma série de imagens tomava-lhe a mente: os cacos de vidros arrebatados que cobriam os paralelepípedos de uma rua de Belfast, reluzindo como diamantes, acompanhados do cheiro de explosivos e de sangue; uma moça caída na sarjeta, em frente a um restaurante londrino da moda, com o corpo mutilado pela explosão, que a deixara apenas de calcinha cor de pérola; uma família inteira, pai, mãe e três crianças pequenas, ardendo no interior de um automóvel, os corpos contorcendo-se num balê macabro enquanto as chamas consumiam o veículo; por fim, os olhos atemorizados de uma criança, toda ensanguentada, com um braço desmembrado caído ao seu lado, os dedos pálidos ainda apertando uma boneca de pano.

Essas imagens desfilavam em sequências desconexas pela memória de Peter, provocando-lhe um ódio tão intenso que o obrigava a morder o lábio e cerrar os punhos, na tentativa de controlar-se.

Tratava-se do mesmo inimigo que ele já caçara antes, porém o instinto o advertia que o monstro crescera, tornara-se mais forte e mais desumano desde que o encontrara pela última vez.

Peter lutou para afastar essas ideias da cabeça, que poderiam enfraquecê-lo e

minar sua resistência durante as horas difíceis, ou dias, que teria pela frente. Mas aquele sentimento poderoso, nutrido por muito tempo, insistia em atormentá-lo. Mesmo reconhecendo que a raiva era o vício do inimigo, que dela elaborava suas filosofias distorcidas e suas ações monstruosas, e que descer ao ódio era descer ao nível subumano, ainda assim a raiva persistia. Contudo, Peter entendia que a origem desse sentimento não estava no horror às mortes e mutilações que presenciara com tanta frequência, mas sim na compreensão de que uma grande ameaça pairava sobre a civilização.

Se o mal triunfasse, então as leis passariam a ser feitas pelo selvagem olho revolucionário, com uma arma na mão — o mundo seria dirigido por destruidores em vez de construtores. Peter Stride sentia calafrios diante dessa possibilidade, ainda mais que diante da violência e do sangue. E isso ele odiava como um soldado, que melhor do que ninguém conhecia o verdadeiro horror da guerra.

Agora, o instinto de soldado aconselhava-o a atrair o inimigo para destruí-lo; porém, o filósofo que havia nele advertia-o de que ainda não chegara o momento...

Foi necessária muita força de vontade para dar ouvidos à razão. De qualquer modo, ele estava consciente de que era por aquele momento, por aquela confrontação com as forças do mal que colocara em risco sua própria carreira.

Ao ser afastado da direção do Atlas, substituído por uma nomeação política, Peter deveria ter recusado a oferta de uma posição inferior no comando. Em vez disso, porém, escolhera permanecer no programa, esperando que ninguém desconfiasse de que estava ressentido. Desde então, Kingston Parker não tinha nenhuma queixa a fazer dele. E sua lealdade fora testada mais de uma vez.

Finalmente, chegara o momento para o qual tanto havia trabalhado. O inimigo esperava-o lá fora, na pista castigada pelo sol africano, não numa ilha agradável, nem na imunda rua de uma cidade apinhada. Ainda assim era o velho inimigo. E estava na hora de enfrentá-lo.

11

A IMAGEM DE COLIN NOBLE ocupava a tela principal do console, quando Peter entrou na cabine do Hawker, agora transformado em seu posto de comando. A tela à direita mostrava uma vista panorâmica da ala sul do aeroporto, com o Boeing parado como um filhote de águia no centro da cena. No vídeo seguinte, via-se uma ampliação do zoom de 800 mm, mostrando a cabine de comando do Jumbo. O detalhe era tão claro que se podia ler o nome do fabricante na almofada que tapava o vidro da janela. A quarta tela exibia o interior da torre de controle de tráfego. Em primeiro plano, os controladores em mangas de camisa, sentados frente às telas do

radar; ao fundo, numa tomada de cena através das janelas de iluminação, outra vez o Boeing. Todas essas filmagens estavam sendo feitas por câmaras instaladas uma hora antes no edifício do terminal. A última tela pequena estava sem imagem. E o rosto bem humorado de Colin Noble continuava no vídeo principal.

— Droga, vocês estão vindo a cavalo? — brincou Peter. — Estou cansado de esperá-los...

— Por que tanta pressa, companheiro? Parece que a festa nem começou... — Colin sorriu, metendo seu boné de beisebol na cabeça.

— Tem toda razão. E o pior é que nem ao menos sabemos quem vai dar a festa. Qual é sua previsão de chegada?

— Daqui a uma hora e vinte e dois minutos.

— Ótimo. Então vamos trabalhar.

No instante seguinte, Peter começou seu relato, usando as anotações que fizera. Quando queria enfatizar algum ponto, pedia uma mudança de enquadramento ao câmara, que focalizava a objetiva de acordo com a instrução do chefe, ora tomando cenas da cabana do radar, ora da abertura do ventilador no hangar de serviço, onde se postariam os atiradores. A imagem aparecia não apenas no console de comando, mas também no interior do Hércules, de forma que os homens que seriam designados para ocupar aquelas posições pudessem estudá-las e prepararem-se convenientemente. As mesmas imagens eram enviadas para um satélite, e dali remetidas para a sede do Comando Atlas na ala oeste do Pentágono.

Sentado como um velho leão em sua cadeira de braços, Kingston Parker seguia cada palavra do relatório. Porém, quando um longo telex lhe foi passado por seu assistente, ele acionou um botão para que sua própria imagem aparecesse no console do Hawker.

— Desculpe interrompê-lo, Peter, mas conseguimos alguns dados bastante úteis. Considerando que o grupo militante abordou o 070 em Mahé, pedimos à polícia de Seychelles uma lista de todos os passageiros embarcados. Havia quinze, dez dos quais residentes em Seychelles: um comerciante local e sua esposa, e oito crianças desacompanhadas, entre nove e catorze anos de idade. São filhos de funcionários civis expatriados, empregados sob contrato pelo governo da ilha, retornando à Inglaterra para o novo semestre escolar.

O peso do medo abateu-se sobre Peter como um fardo físico. Crianças, vidas jovens, expostas a sanha assassina de um bando de irresponsáveis...

Parker tinha a folha do relatório na mão esquerda, com a direita coçava a nuca, usando a ponta do cachimbo. Ele prosseguiu:

— Existe um negociante britânico, da Shell Oil Company, bastante conhecido na ilha, e também quatro turistas, um americano, um francês e dois alemães. Pelo jeito estão viajando em grupo; o pessoal da imigração e os funcionários de segurança

lembram-se bem deles. São duas mulheres e dois homens, todos jovens. Nomes: Sally-Anne Taylor, vinte e cinco anos, americana; Heidi Hotttschauser, vinte e quatro; Gunther Retz, vinte e cinco, esses dois alemães; e Henri Larousse, vinte e seis, francês.

A polícia investigou os antecedentes dos quatro. Eles passaram duas semanas no Reef Hotel, nas cercanias de Victoria, as mulheres em um quarto duplo e os homens Noutro. Ficaram a maior parte do tempo nadando e tomando sol, até cinco dias atrás, quando um pequeno iate aportou em Victoria. Trinta e cinco pés de comprimento, de dirigibilidade autónoma por todo o mundo, capitaneado por outro americano. Os quatro permaneceram a bordo enquanto o iate esteve ancorado, isto é, até vinte e quatro horas antes da partida do 070.

— Se o barco forneceu as armas e munições, então a operação foi planejada há um longo tempo — ponderou Peter. — E muito bem planejada. — O sangue fervia-lhe nas veias à medida que o inimigo tomava forma, que o perfil da besta tornava-se claro, cada vez mais feio e mais ameaçador.

— Você obteve os nomes através do computador? — perguntou Peter.

— Não. Não há ficha arquivada deles, ou os nomes e passaportes são falsos...

Naquele exato momento, houve uma súbita atividade na tela que monitorava a torre de controle do tráfego aéreo — uma voz gritava pelo alto-falante secundário. Como o volume estava ajustado muito alto, o técnico de bordo baixou-o rapidamente. Era uma voz feminina, suave e com sotaque da costa oeste dos Estados Unidos:

— Torre de Jan Smuts, aqui é a líder do Comando de Ação Pelos Direitos Humanos, que tem o controle do Pássaro Veloz 070. Prepare-se para copiar uma mensagem.

— Contato — gritou Peter. — Enfim contato!

Na pequena tela, Colin Noble sorriu e rolou com habilidade seu charuto de um lado para o outro da boca.

— A festa começou — disse ele num tom cortante, apesar de se esforçar para ser jocoso.

12

OS TRÊS TRIPULANTES do Jumbo estavam prisioneiros nos assentos da primeira classe que haviam sido ocupados pelo grupo de sequestradores. Ingrid fizera da cabine de comando seu quartel-general, onde trabalhava com a pilha de passaportes, relacionando o nome e a nacionalidade de todos os passageiros.

A porta que dava para os corredores estava aberta; mesmo assim, só se ouvia o ruído do ar condicionado, pois as conversas estavam proibidas, e os militantes patrulhavam as cabines para garantir o cumprimento da ordem.

Eles também disciplinaram o uso dos toaletes — só depois que o passageiro retornasse ao seu assento era que o outro poderia levantar-se. Além disso, as portas do banheiro ficavam abertas durante o uso, para que os comandos pudessem checar com uma simples olhadela.

A despeito do silêncio, a tensão enchia o ar ao longo da fuselagem do 070. Alguns passageiros, a maior parte crianças, estavam dormindo; os outros sentavam-se eretos, os rostos demonstrando pânico, enquanto observavam seus captores com uma mistura de aversão e medo.

Henri, o francês, apareceu na cabine de comando e informou:

— Estão retirando os carros blindados.

Era um rapaz magro, bastante jovem, com olhos de poeta sonhador. O bigode loiro caído contrastava com essa imagem. Ingrid olhou-o surpresa.

— Você parece nervoso, chéri. Tudo vai sair bem.

— Não estou nervoso — respondeu ele, tenso. Ela riu, aproximando-se dele.

— Não quis te insultar — sussurrou, beijando-o na boca. — Você já provou sua coragem muitas vezes.

Deixando a pistola sobre a mesa, Henri apertou-a de encontro ao peito. Com a respiração apressada, insinuou a mão por dentro da camisa de algodão vermelha que ela usava. Tocou-lhe os seios e massageou-os até que os mamilos se enrijecessem. Quando, porém, ele tentou abrir o zíper do short de Ingrid, ela empurrou-o bruscamente.

— Mais tarde — disse com aspereza. — Quando este assunto estiver acabado. Agora volte para o seu posto.

Ingrid inclinou-se para a frente, afastando um canto da almofada que tapava a janela da cabine. Sob o sol brilhante, avistou a fila de capacetes sobre o parapeito do terraço de observação. Puxa, estavam retirando as tropas também. Aproximava-se a hora de começar a falar; mas seria interessante cozinhá-los em banho-maria por mais algum tempo.

Após abotoar a camisa e recolocar a câmara ao redor do pescoço, ela parou por alguns instantes na cozinha para arrumar os cabelos. Então avançou lentamente ao longo do corredor central, detendo-se apenas para ajeitar a almofada de uma criança dormindo e ouvir as reclamações de uma mulher grávida, esposa de um neurocirurgião texano.

— Você e as crianças serão os primeiros a saírem do avião. Eu prometo.

Quando alcançou o corpo estendido do engenheiro de voo, ajoelhou-se ao seu lado, perguntando ao médico que o atendia como estava o rapaz.

— Está dormindo. Apliquei-lhe uma injeção de morfina. — Ao responder sem encará-la, o médico escondeu a expressão de ódio que marcava seu rosto.

O engenheiro estava com o braço ferido suspenso e envolto em bandagens. Manchas horríveis de sangue ainda lhe empapavam a camisa.

— Você fez um bom trabalho — disse Ingrid. — Obrigado. O homem olhou-a espantado. E ela dirigiu— lhe um sorriso adorável, capaz de cativar qualquer um.

— Aquela senhora é sua esposa? — perguntou Ingrid em voz baixa, apontando para uma judia rechonchuda, de pequena estatura, sentada mais adiante. Quando o médico fez que sim, a loira sussurrou: — Colocarei ela entre os primeiros a saírem.. — E indiferente ao ar de gratidão que via no rosto dele, levantou-se e dirigiu-se para o fundo do avião.

O jovem alemão que fazia guarda em frente à cabine turística, ao lado da entrada cortinada da segunda cozinha, tinha os traços de um fanático religioso: olhos escuros e profundos, cabelos negros quase chegando aos ombros, uma cicatriz branca repuxando o canto do lábio superior.

— Tudo bem, Kurt? — perguntou ela em alemão.

— O pessoal está reclamando de fome.

— Vamos alimentá-los daqui a duas horas; mas não tanto como eles esperam. Ah, esses imundos porcos gordos da burguesia!

Mal acabou de falar, Ingrid deslizou para a cozinha, fazendo uma pose insinuante. O rapaz seguiu-a de imediato e fechou as cortinas atrás de si.

— Onde está Karen? — perguntou Ingrid, enquanto desafivelava o cinto. Seu olhar, sua pele, seu corpo inteiro demonstravam excitação.

— Ela está descansando no fim do corredor.

Ingrid abriu o botão da frente do short, depois o zíper.

— Venha, Kurt — sussurrou com voz rouca. — Agorinha mesmo...

13

INGRID ESTAVA SENTADA na poltrona do engenheiro de voo, tendo a seu lado, de pé, a garota dos cabelos negros, que usava o cinto de munições cruzado sobre o peito, como um bandoleiro, e carregava a pistola na cintura.

Ingrid pegou o microfone e, penteando os cabelos com os dedos da outra mão, leu o resumo da lista de passageiros:

— Cento e noventa e oito ingleses; cento e quarenta e seis de nacionalidade americana. Há cento e vinte e duas mulheres a bordo e vinte e seis crianças com menos de dezesseis anos. — Depois de transmitir sua mensagem, ela mudou de posição no assento e sorriu para Karen. A garota retribuiu o sorriso e estendeu a

mão para acariciar-lhe os cabelos dourados. Em seguida sentou-se ao lado dela.

— Copiamos sua última transmissão — disse uma voz masculina através do receptor.

— Pode me chamar de Ingrid — respondeu a loira ao microfone, com um sorriso diabólico. Houve um instante de silêncio enquanto o controlador na torre recuperava-se da surpresa.

— Aqui é Roger. Você tem alguma outra mensagem para nós?

— Afirmativo, torre. Esta aeronave britânica tem trezentos e quarenta e quatro passageiros que são ou ingleses, ou americanos. Quero um representante das embaixadas dos dois países. Ele deve estar aqui em duas horas para ouvir os termos de liberação dos passageiros.

— Aguarde, Ingrid. Estaremos de volta assim que entrarmos em contato com os embaixadores.

— Não se faça de bobo, torre. Sei muito bem que eles estão respirando atrás do seu pescoço. Diga— lhes que quero um homem aqui em duas horas, do contrário serei forçada a liquidar com o primeiro refém.

14

USANDO APENAS calção de banho e ténis, ainda assim Peter Stride sentia-se satisfeito com a perspectiva do encontro iminente com Ingrid.

— Daremos cobertura a você em cada centímetro do percurso de ida e volta até lá — disse Colin Noble, fustigando-o como um treinador sobre o boxeur antes de soar o gongo. — Vou dirigir pessoalmente os atiradores.

A equipe de atiradores estava a postos com Magnuns especiais 222 fabricadas a mão, carregadas com um tipo de bala leve mas de incrível velocidade e força de impacto, igual às que se usavam em competições. Projéteis perfeitamente redondos, polidos e muito bem acabados. Os telescópios infravermelhos eram facilmente intercambiáveis com os a laser, possibilitando excelente visão do alvo tanto de dia como de noite. Com alcance de até setecentos metros, as balas eram específicas para operações como sequestro, pois reduziam o perigo de se atingir reféns ou curiosos. Poderiam decapitar um homem com uma força selvagem; ao mesmo tempo, elas se fracionariam em seu corpo, em vez de atravessá-lo e ferir quem estivesse atrás dele.

— Você vai perder tempo, Colin — resmungou Peter. — Eles vão querer falar, não atirar; pelo menos por enquanto.

— Precaução nunca é demais...

— No momento, mais importante que as armas são as câmaras e o

equipamento de som.

— Estou com a maior vontade de entrar lá e chutar a bunda deles. Você vai conseguir fotos que lhe darão um Oscar, confie em mim. — Colin consultou seu relógio de pulso. — Está na hora. Não deixe a madame esperando. E mantenha a corda frouxa – concluiu, enquanto Peter seguia para o pátio ensolarado, erguendo as mãos à altura da cabeça, com as palmas abertas.

O silêncio era tão opressivo quanto o calor seco, mas isso fora premeditado. Peter mandara suspender todo o tráfego aéreo e desligar todas as máquinas na área do terminal, a fim de que não houvesse interferência no equipamento de som.

Ouvindo apenas o som dos próprios passos, ele avançava no que parecia ser a maior caminhada de sua vida. Era importante que estivesse vestido daquela forma, não apenas para mostrar que não levava armas, mas sobretudo para colocar-se numa situação de desvantagem. Tratava-se de um velho truque, muito usado na Segunda Guerra, quando a Gestapo sempre desnudava a vítima para deixá-la vulnerável diante do interrogador. De qualquer forma, Peter caminhava com uma postura altiva, satisfeito porque tinha o corpo enxuto e musculoso como o de um atleta. Seria desastroso exhibir uma enorme barriga ao longo daqueles quatrocentos metros.

Quando ele estava a meio caminho da aeronave, a porta dianteira desta abriu-se, dando passagem a um grupo de três pessoas com uniformes da British Airways, os dois pilotos e a pequena e esguia figura de uma aeromoça. Eles pararam no acesso à escada, ombro a ombro, permitindo a visão de uma cabeça loira, de alguém que se encontrava por trás.

O piloto mais velho estava à direita, cabelos grisalhos curtos e encaracolados, face redonda corada; deveria ser Watkins, o comandante. Era um bom sujeito, pelo que Peter lera em sua ficha de serviço.

Peter ignorou o copiloto e a aeromoça, curioso para dar uma espiada na quarta figura do grupo.

Entretanto, somente quando ele parou imediatamente abaixo da porta aberta foi que ela apareceu por inteiro.

Peter surpreendeu-se com a beleza daquele rosto, com a maciez de sua pele queimada pelo sol, com a impressionante inocência dos olhos azuis, a ponto de, por um momento, não acreditar que aquela jovem pertencesse ao grupo terrorista.

— Sou Ingrid — apresentou-se a loira.

Entre as mais adoráveis flores, algumas eram venenosas, pensou ele.

— Sou o negociador credenciado pelos governos britânico e americano. — E ele dirigiu o olhar para o rosto vermelho de Watkins.

— Quantos tripulantes estão a bordo?

— Nada de perguntas! — interrompeu Ingrid asperamente, enquanto Cyril Watkins estendia quatro dedos da mão direita, sem mudar de expressão.

Era uma confirmação vital daquilo que Peter já suspeitava. Ainda bem que o piloto pudera ajudar.

— Antes de discutirmos suas condições, senhorita, e por razões humanitárias, gostaria de tomar as providências para o bem-estar e o conforto dos seus reféns.

— Eles estão bem cuidados.

— Vocês necessitam de alimentos ou de água potável? Ingrid riu ironicamente.

— Comida com laxante para que a gente fique com merda até os joelhos?

Peter não insistiu no assunto. Na verdade, as bandejas "especiais" já tinham sido preparadas pelo médico da equipe.

— Vocês têm uma baixa a bordo?

— Não há feridos no avião — assegurou a loira, embora Watkins fizesse um sinal afirmativo do polegar e do dedo indicador, contradizendo-a, e houvesse marcas de sangue ressequido nas mangas de sua camisa branca. — Chega de enrolação — advertiu Ingrid.

— Mais uma pergunta e cortaremos o diálogo.

— Tudo bem — Peter concordou imediatamente.

— O objetivo do nosso comando é a derrubada do regime fascista, desumano e neo-imperialista que mantém este país na mais abjeta miséria, negando à maioria dos trabalhadores e do proletariado seus direitos básicos como seres humanos.

E aquela situação, pensou Peter amargamente, apesar do deturpado jargão da esquerda lunática, era um bocado pior do que se imaginava. Por todo o mundo, milhões de pessoas teriam simpatia por uma causa tão justa, o que dificultava ainda mais sua tarefa. Os sequestradores haviam agarrado um alvo fácil.

Ingrid continuava seu discurso com um fervor quase religioso. Sem dúvida alguma tratava-se de uma fanática, situada no ténue limite que dividia a sanidade da loucura.

Com a voz aguda como um uivo despejava seu ódio e, a cada palavra, mostrava que era capaz de tudo; de qualquer crueldade, de qualquer baixeza. Uma mulher que não hesitaria sequer diante do suicídio, no ato final de destruir o Boeing, seus passageiros e a si mesma.

Para Peter, ela talvez até desse as boas-vindas àquela oportunidade de martírio!

Quando ela acabou de falar, os dois se encararam por um longo momento. Peter controlava-se para não abrir uma discussão, que seria absolutamente inútil. Afinal, Ingrid continuou:

— Nossa primeira exigência é que a declaração que acabei de fazer seja lida em cada rede de televisão da Inglaterra, dos Estados Unidos e da África do Sul.

O ódio que Peter sentia contra a TV subiu à superfície de suas emoções.

Aquele pequeno aparelho era um cérebro submisso, um substituto eletrônico do pensamento, um dispositivo mortal para congelar, empacotar e distribuir opinião. Ele abominava a televisão tanto quanto abominava a violência.

— Deve ser lida no noticiário das sete da noite, pelo horário local, em Los Angeles, Nova York, Londres e Joanesburgo.

Horário nobre, claro! E a mídia teria de engolir, teria de aceitar que sua programação fosse tumultuada pelos apóstolos da violência.

Da porta da aeronave, a loira balançou um grosso envelope, enquanto dizia:

— Aqui tem uma cópia da declaração e uma lista de nomes. Cento e vinte e nove pessoas, todas prisioneiras ou banidas por esse monstruoso regime policial. Nessa lista estão os verdadeiros líderes da África do Sul. — E atirou o envelope, que caiu aos pés de Peter. — Nossa segunda exigência é que cada pessoa da lista seja colocada a bordo de um avião fretado pelo governo da África do Sul, juntamente com um milhão de moedas de ouro. A aeronave voará para um país escolhido pelos prisioneiros libertados. O ouro será usado por eles para estabelecer um governo provisório no exílio, até o momento em que retornem a este país como os verdadeiros líderes de seu povo.

Enquanto apanhava o envelope, Peter fazia rápidos cálculos mentais. Um único rand de ouro estava valendo 170 dólares, no mínimo. O resgate pedido era então de cento e setenta milhões de dólares. E ainda havia outro cálculo...

— Um milhão de rands pesarão bem mais que quarenta toneladas — disse ele. — Como vai caber tudo isso num avião?

Ingrid vacilou. Era reconfortante para Peter ter consciência de que o grupo não planejava tudo com precisão. Se haviam cometido um pequeno equívoco, era possível que cometessem outros.

— O governo providenciará transporte suficiente para o ouro e para os prisioneiros — retrucou a garota asperamente. A hesitação fora apenas momentânea.

— Isso é tudo? — perguntou Peter. O sol castigava seus ombros desnudos e o suor escorria-lhe pelas costas.

— O avião deverá partir antes do meio-dia de amanhã, ou começaremos a execução dos reféns.

Peter sentiu um calafrio pelo corpo. Execução... Sem dúvida alguma aquela jovem seria capaz de levar adiante a ameaça.

— Quando o avião chegar ao destino escolhido pelos ocupantes, um código previamente combinado será enviado a nós, e todas as crianças e mulheres a bordo desta aeronave serão imediatamente liberadas.

— E os homens?

— Na segunda-feira, daqui a três dias, será apresentada uma resolução à Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York, pedindo sanções económicas

imediatas contra a África do Sul, incluindo a retirada do capital estrangeiro, embargo total de petróleo e comércio, interrupção de todos os transportes e comunicações, bloqueio dos portos e fronteiras aéreas pelas forças de paz das Nações Unidas, até a realização de eleições livres supervisionadas pela ONU.

Peter tomara conhecimento daquela moção apresentada à ONU pelo Sri Lanka e a Tanzânia. Com certeza seria vetada pelo Conselho de Segurança. Entretanto, a inclusão desse item entre as exigências dos sequestradores implicava fazer novas considerações sobre o assunto. Seguramente não seria mera coincidência que a resolução estivesse sendo discutida no momento do sequestro; de onde se deduzia existir conivência, talvez até envolvimento direto, de líderes mundiais e governos na estratégia do terror...

Ingrid logo voltou à carga:

— Se algum membro do Conselho de Segurança da ONU usar o veto para bloquear a resolução, esta aeronave, juntamente com seus ocupantes, será destruída por explosivos de alta capacidade.

Peter perdeu a fala por alguns instantes, perplexo pela demanda daquela adorável criança loira – na verdade parecia uma criança, bonita e irradiante. Porém, quando recuperou a voz, resolveu provocá-la:

— Não acredito que você tenha conseguido introduzir explosivos de alta potência nessa aeronave.

A loira disse algo para alguém que estava fora de vista, e momentos depois arremessou um objeto escuro e esférico para Peter.

— Segure! — gritou, enquanto ele se surpreendia com o peso que recebia nas mãos. Levou apenas um segundo para reconhecer a granada. — Com disparo eletrônico – acrescentou a loira. — E temos tantas que posso até lhe dar uma de amostra.

Enquanto isso, Cyril Watkins tentava comunicar alguma coisa, tocando de leve em seu próprio ombro. Peter estava distraído, examinando o explosivo, mas logo em seguida percebeu o gesto aflito do piloto. Então dirigiu o olhar para o pescoço da loira, percebendo ali a alça de uma pequena máquina fotográfica. Seria alguma coisa que conectasse a câmara com as granadas? Era isso que Cyril tentava dizer-lhe?

— Leve essa lembrancinha para seus patrões — continuou a loira. — A ira das massas está sobre eles. A revolução está aqui e agora — concluiu, fechando a porta do avião.

Ao ouvir o barulho da fechadura, Peter girou sobre os calcanhares e começou a longa caminhada de volta, carregando um envelope na mão direita, uma granada na esquerda, e um ódio intenso no peito.

COLIN NOBLE estava na entrada do Hawker, com uma expressão bastante séria, sem nenhum traço de riso na boca normalmente risonha.

— O doutor Parker está na tela — informou a Peter, que ainda abotoava o macacão que acabara de vestir. — Copiamos tudo o que foi dito e arquivamos no sistema.

— A coisa está brava, não?

— Essa era a boa notícia. Quando você terminar de falar com Parker, eu lhe darei as más notícias.

— Obrigado, companheiro. — Peter deu-lhe um tapinha no ombro e seguiu em direção à cabine de comando.

No vídeo, Kingston Parker estava inclinado sobre a mesa, estudando a folha de telex com a transcrição da conversa entre Ingrid e Peter. Tinha o cachimbo vazio preso entre os dentes, e franzia o cenho à medida que lia as exigências do comando terrorista. De repente, alertado pelo diretor de comunicações, ele voltou-se para a câmara.

— Olá, Peter. No momento estamos sozinhos, eu e você. Vamos nos restringir a uma simples gravação do teipe. Quero sua impressão preliminar antes de entrarmos em contato com sir William e Constable...

Sir Willian Cavies era o embaixador britânico, e Kelly Constable o embaixador dos Estados Unidos em Pretória.

— Estamos numa séria encrenca. — E Peter balançou a cabeça.

— Qual é o poder de fogo dos militantes?

— A equipe de explosivos está analisando a granada, mas não tenho dúvida de que eles têm capacidade para destruir o 070. Creio que possuem um arsenal dez vezes superior ao necessário.

— E o ponto de vista psicológico?

— Na minha opinião, ela é uma mistura de Bakunin com JeanPaul Sartre. Parece levar a sério a concepção anarquista de que a destruição é o único ato criativo, que a violência é o homem recriando a si próprio. Lembra que Sartre disse que, quando um revolucionário mata, um tirano morre e um homem livre emerge?

— Você acha que ela vai até o fim?

— Com certeza! Se for pressionada, irá até o fim. Acompanhe o raciocínio: se a destruição é bela, então a autodestruição é a imortalidade. Para mim, ela não vai fraquejar.

Parker suspirou, batendo a piteira do cachimbo contra a mesa.

— É, isso combina com os dados que conseguimos dela.

— Do que se trata? — perguntou Peter avidamente.

— Fizemos uma boa gravação da voz, e o computador comparou sua estrutura facial com a de fotos existentes no arquivo.

— Quem é ela? — Peter estava impaciente; não precisava que lhe dissessem que o intensificador de som e as câmaras de televisão haviam alimentado os computadores de inteligência com sua voz e imagem no momento em que ela fazia suas exigências.

— Chama-se Hilda Becker. É da terceira geração de americanos de descendência alemã. Filha de um dentista bem-sucedido, que ficou viúvo em 1959. Tem trinta e um anos...

Peter surpreendeu-se. A pele macia da jovem o enganara.

Esteve na Universidade de Colúmbia entre 1965 e 68 com mestrado em História Política Moderna.

Era membro do Estudantes para uma Sociedade Democrática. Sei, o ESD...

— Foi ativista nos protestos contra a guerra do Vietnã. Militava entre os trânsfugas do recrutamento que fugiam ilegalmente ao Canadá. Teve uma prisão por porte de maconha em 1967, sem condenação. Envolveu-se com o Weathermen e era uma das líderes dos motins nos campus universitários na primavera de 1968. Presa por bombardear a Universidade Butler e depois solta. Deixou os Estados Unidos em 1970 para estudar em Dusseldorf. Doutou-se em Política Económica em 1972. É amiga de Gudrun Ensslin e de Horst Mahler, do grupo Baader-Meinhof. Passou para a ilegalidade em 1976, suspeita de ter participado no sequestro e morte de Heinrich Kohler, o industrial da Alemanha Ocidental...

Sua história pessoal era um painel clássico dos revolucionários modernos, refletiu Peter. Uma fotografia perfeita da besta.

— Acredita-se que recebeu treinamento da Frente Popular de Libertação da Palestina, na Síria, entre 1976 e 77. Não há dados novos arquivados a partir daí. É uma usuária habitual de drogas, e considerada de comportamento sexual voraz com pessoas de ambos os sexos. É tudo o que sabemos — concluiu Parker.

— É o que eu lhe disse. Ela vai até o fim — garantiu Peter.

— O que mais você acha?

— Que é uma operação organizada em alto nível, possivelmente com a participação de governos. A sincronização com as propostas da ONU patrocinadas pelo grupo das nações não-alinhadas aponta nessa direção.

— Concordo. Continue.

— Eles pegaram um alvo fácil, um país proscrito da civilização ocidental. A resolução da ONU será aprovada por cem a zero. E milhões de americanos e ingleses vão perguntar a si mesmos se vale a pena sacrificar a vida de quatrocentos de seus mais proeminentes cidadãos para apoiar um governo cuja política racial

todos repudiam.

— Você acha que eles farão um acordo?

— Os militantes? Claro! Mas você sabe o que eu penso, sir. Sou absolutamente contrário a negociar com essa gente.

— Mesmo nas circunstâncias atuais? — perguntou Parker.

— Sobretudo agora. Minhas opiniões sobre a política deste país estão de acordo com as suas. Isso é ponto pacífico. No entanto, mesmo compreendendo que as exigências são justas, ainda assim devemos nos opor até a morte à maneira como eles as apresentam. Se esse pessoal alcançar seus objetivos, será a vitória das armas, e com isso colocaremos toda a humanidade em risco.

— Qual é nossa chance de um contragolpe bem-sucedido? Mesmo sabendo que aquela pergunta viria mais cedo ou mais tarde, Peter hesitou por um longo momento.

— Meia hora atrás eu apostaria dez por um em nosso favor e levaria a cabo a condição Delta somente com baixa entre os militantes.

— E agora?

— Bem, sei que não são um bando de fanáticos de cabeça oca. Devem estar tão bem treinados e equipados como nós. E tiveram anos para planejar a operação.

— E então? — insistiu Parker.

— É quatro a um a nosso favor como poderemos liquidá-los com um golpe da Delta, talvez com menos de dez baixas.

— Qual é a outra possibilidade?

— Eu diria que não há meio-termo. Se falharmos, teremos cem por cento de baixas; perderemos a aeronave com todos a bordo, incluindo o pessoal do Thor envolvido.

— Está bem, Peter. — Parker recostou-se na cadeira e fez um gesto de despedida. — Conversarei com o presidente e com o primeiroministro. Depois vou instruir os embaixadores.

Falarei com você dentro de uma hora.

Olhando para o vídeo vazio, Peter deu-se conta de que todo o seu ódio desaparecera. Sentia-se frio e funcional como o bisturi de um cirurgião. Pronto para fazer o serviço para o qual treinara tão assiduamente, e ainda capaz de avaliar a força do inimigo e as probabilidades de fracassar em sua missão.

Pressionou o botão de chamada. Colin, que estava esperando atrás da porta à prova de som, entrou imediatamente.

— A granada já foi analisada. É de primeira linha. O explosivo é uma nova composição soviética denominada CJ, com detonador de fabricação industrial. Material profissional, que seguramente funciona. Aliás, funciona pra valer!

Peter não necessitava dessa confirmação. Colin sentou-se na frente dele e

continuou:

— Colocamos a lista de nomes e o texto da declaração dos militantes na teleimpressora e mandamos para Washington. Instruí o operador para passar a fita gravada, primeiro sem som. São essas as más notícias que prometi — completou com ar sombrio.

Instantes depois, o videoteipe começou a passar na tela central. Tinha sido filmado do posto de observação no escritório que dava vista para a área de serviço. Era uma tomada de cena do Boeing, com o fundo deformado pelo aumento das lentes. A aeronave vibrava por causa da refração de calor do asfalto quente da pista principal.

No primeiro plano aparecia Peter de costas, caminhando em direção ao avião. As lentes novamente distorciam a ação, de forma que ele parecia não sair do lugar.

Quando a porta do Boeing deslizou para o lado, o câmara de imediato colocou o zoom em enquadramento de dose. Focalizou os dois pilotos e a aeromoça no hall de entrada, depois aproximou a cena ainda mais. A abertura das lentes foi ajustada rapidamente, para compensar a obscuridade do interior. Nesse instante surgiu a cabeça da loira, que se virou devagarinho e disse algo (aparentemente três palavras) antes de ficar totalmente de frente para a câmara.

— Corta! — ordenou Colin ao técnico que manejava o vídeo. — Passe de novo com balanço neutro de som.

A cena inteira foi repetida: a porta abrindo-se, os três reféns, a cabeça dourada girando, e então as palavras "Let's slide" (*) pronunciadas por Ingrid, embora existisse ruído de fundo e confusão.

(*): *Deslizar ou carregar; desinteressar-se, deixar passar. (N. do T.)*

— Let's slide? — Peter estranhou.

— Vamos reprisar a cena com o filtro de-densidade baixo no som — disse Colin.

De novo, as mesmas imagens na tela, a cabeça da loira girando e as palavras "Let's slide".

— Ótimo! — Colin dirigia-se ao técnico, através do intercomunicador. — Agora com filtragem total e modulação de ressonância.

Pela quarta vez assistiram à cena. Ingrid virava-se e falava com alguém que estava dentro da aeronave. Com uma nitidez impressionante, ouviram ela dizer: "It's Stride".

Peter arregalou os olhos, como se tivesse levado um soco.

— Você foi reconhecido — afirmou Colin. — É inacreditável, porém ela estava te esperando!

Um mau presságio tomou conta da mente de Peter. O Atlas estava garantido

por uma das mais altas classificações de sigilo. Apenas vinte homens fora dos seus círculos internos conheciam os segredos do programa. Um deles era o presidente dos Estados Unidos, outro o primeiro-ministro da Grã-Bretanha.

Com certeza, apenas quatro ou cinco homens sabiam quem comandava o braço Thor do Atlas; apesar disso, não havia equívoco nas palavras que a loira pronunciara.

— Passe o filme de novo — ordenou Peter bruscamente.

E os dois homens esperaram tensos por aquelas duas palavras... Até que, afinal, a voz clara e melodiosa da moça foi ouvida com absoluta clareza: "It's Stride". A seguir, a imagem desapareceu da tela.

Peter massageou as têmporas com o polegar e o indicador. Dava-se conta, surpreso, de que não dormira um só minuto nas últimas quarenta e oito horas. Mas não era o cansaço que o assaltava agora, e sim a esmagadora consciência da traição sofrida.

— Alguém abriu o bico — murmurou Colin. — A partir de agora, vão estar nos esperando em cada curva da estrada.

— Preciso falar com Kingston Parker novamente...

Quinze segundos depois, a imagem de Parker reaparecia na tela. Ele aparentava estar bastante zangado.

— Peter, você interrompeu o presidente!

— Doutor Parker, as circunstâncias se alteraram dramaticamente. Na minha opinião, as possibilidades de um ataque bem-sucedido da Delta diminuíram. Não temos mais que uma chance insignificante.

— Entendo... Isso é importante. Informarei o presidente.

16

OS LAVATÓRIOS estavam quase todos transbordando, o mesmo acontecendo com os esgotos e reservatórios, de modo que o mau cheiro invadia a aeronave, apesar do ar-condicionado.

Sob racionamento de alimentos e água, a maior parte dos passageiros sofria da letargia da fome, e as crianças tornavam-se petulantes e choramingas. A terrível pressão começava a mostrar seus efeitos até nos sequestradores. Eles tinham uma rotina pesada, combinando quatro horas de descanso descontínuo, com quatro de atividade e vigília incessante. Suas camisetas vermelhas, bastante amarrotadas, exibiam um círculo de suor nas axilas, o suor da tensão física e nervosa; seus olhos estavam avermelhados, e os temperamentos absolutamente instáveis.

Antes do anoitecer, a garota de cabelos negros perdeu a paciência com um

velho que demorou em atender à sua ordem de retornar ao assento após usar o toalete. Vítima de um ataque histérico, ela golpeou o rosto do velho com o cano da pistola, até expor o osso do seu queixo. Ingrid interveio logo depois. Levou-a para a cozinha da classe turística onde, de cortinas fechadas, conseguiu acalmá-la, tomando-a entre seus braços.

— Tudo vai dar certo, liebchen. Espere um pouco mais agora. Você precisa ser forte. Daqui a algumas horas, tomaremos as pílulas. Não vai demorar.

Em poucos minutos Karen foi capaz de controlar o tremor das mãos e, embora estivesse nervosa, reassumiu sua posição nos fundos da cabine turística.

Por outro lado, a firmeza de Ingrid parecia sem limites. Durante a noite passeou vagarosamente pelos corredores, parando para falar com um passageiro insone, confortando-o com a promessa de soltura iminente.

— Amanhã pela manhã teremos uma resposta a nossas exigências, e as mulheres e crianças serão libertadas. Tudo vai dar certo, espere e verá.

Pouco depois da meia-noite, o médico rechonchudo procurou-a na cabine de comando.

— O engenheiro está muito mal. A menos que seja levado para um hospital imediatamente, ele vai morrer.

Ingrid foi até o fundo da aeronave e ajoelhou-se ao lado do rapaz. Com a pele ressequida e ardendo de febre, ele tinha a respiração ofegante e entrecortada.

— É uma crise renal — explicou o médico. — Colapso dos rins como consequência do choque. Não podemos tratá-lo aqui. Ele precisa ser levado para um hospital.

Ingrid pegou a mão sã do engenheiro, que estava semiconsciente.

— Desculpe, mas isso é impossível. Sinto pena dele, como de toda a humanidade. Mas ele é apenas uma pessoa. Lá fora existem milhões.

17

O ENORME EDIFÍCIO com helicóptero no terraço estava iluminado por holofotes. Naquele feriado, o mais belo cabo do mundo mostrava sua beleza para as dezenas de milhares de turistas e transeuntes.

Na cobertura do alto edifício, batizado com o nome de um político medíocre como muitos dos edifícios e repartições públicas da África do Sul, o gabinete ministerial e seus conselheiros especiais estavam em sessão desde o começo da noite.

Na cabeceira da mesa aparecia a robusta figura do primeiroministro, cara de buldogue, poderoso e imóvel como uma colina de granito das planícies africanas.

Era a figura dominante da enorme sala acortinada, embora pouco interviesse, exceto para encorajar os outros com um gesto de cabeça e alguns monossílabos.

No outro extremo da mesa sentavam-se os dois embaixadores, ombro a ombro, numa demonstração clara de mútua solidariedade. De quando em quando, os telefones que tinham à frente tocavam, trazendo-lhes as últimas informações de suas embaixadas ou instruções dos dirigentes de seus governos.

No lado direito do primeiro-ministro sentava-se o ministro das Relações Exteriores, um homem que cultivava um bonito bigode, tinha carisma e fama de moderação e bom senso, ainda que agora estivesse abatido e com o rosto sombrio.

— Os governos dos senhores foram os pioneiros da política de não-negociação, de total resistência às chantagens dos terroristas; por que agora insistem em que devemos agir moderadamente?

— Não insistimos, ministro, apenas apontamos a enorme comoção que o caso está gerando tanto no Reino Unido como em meu país — disse Kelly Constable, um homem bem apessoado, magro, inteligente e persuasivo; uma nomeação democrática da nova administração norte-americana. — É do interesse de seu governo, até mais do que do nosso, fazer com que se chegue a uma solução satisfatória. Simplesmente sugerimos que se tenha uma certa flexibilidade em relação às exigências apresentadas.

— O comandante do Atlas calcula que as chances de uma ação bem-sucedida não passam de cinquenta por cento. Meu governo considera esse risco inaceitável.

— Sir Willian Davies era um diplomata de carreira aproximando-se do tempo de aposentadoria. Um homem grisalho, apático, com óculos de armação dourada e uma voz aguda e lamuriante.

— Meus homens acham que podem fazer melhor que os seus — retrucou o ministro da Defesa, que também usava óculos, falando com o sotaque carregado do africâner.

— O Atlas é talvez o grupo antiterrorista mais bem equipado e melhor treinado do mundo — declarou Kelly Constable.

Então o primeiro-ministro interrompeu asperamente:

— Cavalheiros, vamos nos limitar a buscar uma solução pacífica.

— Estou de pleno acordo. — E sir Willian balançou a cabeça enfaticamente. Kelly Constable, por sua vez, continuou com firmeza:

— Devo salientar que boa parte das exigências feitas pelos terroristas encontra eco nas posições do governo dos Estados Unidos...

— Por acaso o senhor está expressando simpatia por essas exigências? — indagou o primeiro-ministro, mal escondendo a raiva.

— Estou apenas salientando que elas serão vistas com simpatia em meu país. Para o meu governo, seria mais fácil exercer seu poder de veto na moção extrema da

Assembleia Geral da ONU, se algumas concessões fossem feitas noutras direções.

— Isso é uma ameaça, sir? — perguntou o primeiro-ministro, com um sorriso sem humor que não disfarçava seu mal-estar.

— Em absoluto! Trata-se de bom senso. Se a moção da ONU for aprovada e implementada, significará a ruína económica deste país. Ele seria arrastado para a anarquia e o caos político, uma fruta madura para a intromissão soviética. Meu governo não deseja isso, mas também não deseja colocar em perigo as vidas de quatrocentos cidadãos.

— Kelly Constable sorriu. — Precisamos encontrar uma saída para essa situação embaraçosa.

— Meu ministro de Defesa sugeriu uma saída.

— Primeiro-ministro, se o seu Exército atacar a aeronave sem a concordância dos dirigentes americanos e ingleses do Atlas, então será retirado o veto do Conselho de Segurança e lamentavelmente vamos permitir que a proposta majoritária prevaleça.

— Mesmo que o ataque seja bem-sucedido?

— Mesmo que o ataque seja bem-sucedido. Insistimos que as decisões sejam tomadas exclusivamente pelo Atlas. — Em seguida, Constable assumiu um tom de voz mais delicado:

— Vamos examinar as mínimas concessões que o seu governo poderia fazer. Quanto mais tempo mantivermos a linha de comunicação com os terroristas, maiores serão nossas chances de uma solução pacífica. Seria possível atender a algum pequeno item na lista das exigências?

18

INGRID SUPERVISIONOU pessoalmente o serviço do café da manhã. Cada passageiro recebeu uma fatia de pão, um biscoito e uma taça de café. A fome diminuía a resistência geral, e todos se mostravam apáticos e indiferentes após a parca refeição.

Ingrid percorreu os corredores oferecendo cigarros de distribuição gratuita. Falava gentilmente com as crianças, parava para conversar com as mães, sempre sorridente e calma, a ponto de ser chamada de "a boa" pelos passageiros.

Quando ela chegou à cozinha da primeira classe, chamou seus companheiros um a um para que se servissem de um café completo, com ovos, torradas e salmão. Era necessário que estivessem fortes e alertas dentro das limitações que aquela operação impunha. Não poderiam ingerir os comprimidos antes do meio-dia. O efeito da droga só poderia ser mantido por setenta e duas horas seguidas, após o que

traria sérias complicações para todos. A votação das sanções pelo Conselho de Segurança da ONU ocorreria ao meio-dia em Nova York, na segunda-feira seguinte, o que corresponderia a sete da noite no horário local.

Portanto, seus companheiros precisariam manter-se ativos até lá; tomar os estimulantes muito cedo significava expor-se à desintegração física antes da hora decisiva, embora a falta de descanso e a tensão estivessem ameaçando cada um deles. Ingrid mesma estava saltitante, nervosa, e quando se examinou no espelho do toalete da primeira classe, percebeu que tinha os olhos escuros e avermelhados. Pela primeira vez notou pequenas rugas nos cantos da boca e nos olhos. Foi o suficiente para deixá-la histérica. Ela odiava a ideia de envelhecer!

Kurt, o alemão, estava estirado no banco do piloto, com a pistola no colo, roncando levemente. A camisa vermelha desabotoada até a cintura mostrava o peito musculoso e peludo subindo e descendo com a respiração. Estava sem barbear-se, e os cabelos negros, grudados à cabeça, caíam-lhe sobre os olhos. De repente, sentindo o cheiro do seu suor, Ingrid ficou excitada. Observou-lhe o rosto cruel e brutal — era no machismo dos revolucionários, que sempre a atraía, que se localizava a origem de suas inclinações radicais. Louca de desejo, pousou a mão sobre a braguilha de sua calça de linho.

Porém, quando o rapaz acordou, com os olhos turvos, remelados, e o hálito fétido, Ingrid levantou-se, furiosa, e, como se quisesse esquecer a frustração, pegou o microfone e ligou os alto-falantes das cabines dos passageiros.

Estava consciente de que agia irracionalmente, mas, mesmo assim, seguiu em frente.

— Prestem atenção, todos. Tenho algo muito importante para informar.

De um momento para o outro, estava indignada com eles, a quem identificava como legítimos representantes de uma sociedade injusta e enferma, contra a qual declarara guerra. Malditos burgueses gordos e asquerosos! Eram como seu pai, e ela os odiava como odiava o pai. Ao começar a falar, deu-se conta de que eles sequer entenderiam sua linguagem — a linguagem de uma nova ordem política e social. Isso aumentou ainda mais sua raiva contra eles... Ingrid não sabia que estava delirando, até que de repente percebeu a estridência de sua própria voz, como o hálito da morte de um animal ferido, e parou.

Atordoada, confusa, precisou encostar-se na mesa para não cair. Seu coração batia acelerado, e ela arfava como se tivesse corrido vários quilômetros. Demorou alguns minutos para voltar ao normal.

Retomou o microfone, ainda enraivecida e sem fôlego.

— São nove horas da manhã. Se não tivermos respostas do tirano dentro de três horas, serei forçada a começar a execução dos reféns. Três horas — repetiu num tom sinistro. — Apenas três horas.

Passou a rondar nervosa pela aeronave, como um grande felino em sua jaula, quando se aproxima a hora da comida.

— Duas horas! — E os passageiros se encolhiam a cada vez que ela passava por perto.

— Uma hora! — Um acento de sadismo marcava sua voz. — Vamos escolher o primeiro refém.

— Mas você prometeu... — suplicou o médico gordo quando Ingrid puxou sua esposa para fora do assento e o francês empurrou-a em direção à cabine de comando.

Dando de ombros, Ingrid dirigiu-se a Karen:

— Arranje duas crianças, um menino e uma menina. E traga aquela mulher grávida também. Vamos mostrar sua barriga grande e ver se eles serão capazes de resistir.

Karen conduziu os reféns para a cozinha da frente e forçou-os a sentar-se nos assentos destinados a tripulação. Com a porta da cabine de comando aberta, a voz de Ingrid chegava nítida ali. Ela conversava com o francês, Henri:

— É de fundamental importância não deixar um prazo passar sem uma forte retaliação. Se isso acontecer uma única vez, nossa credibilidade cairá por terra. Eles precisam aprender que nossos prazos são irrevogáveis, inegociáveis!

Uma das reféns, a garota, começou a chorar. Tinha treze anos de idade e percebia o perigo. A mulher do médico gorducho colocou o braço ao redor de seu pescoço e apertou-a levemente.

— Pássaro Veloz 070 — chamou o rádio de repente -, temos uma mensagem para Ingrid.

— Prossiga, torre, aqui é Ingrid. — Ela pegou o microfone, enquanto fechava a porta da cabine de comando.

— O representante dos governos britânico e americano tem algumas propostas para sua apreciação.

Está pronta para copiar?

— Negativo — cortou Ingrid, categórica. — Diga ao negociador que só falarei frente a frente. E avise a ele que estamos a quarenta minutos do prazo do meio-dia. Ou ele vem rapidamente para cá, ou nada feito. — Pôs o microfone no gancho e virou-se para Henri. Podemos tomar os comprimidos agora. Finalmente a coisa vai começar.

19

ERA UM DIA CLARO, sem nuvens, e sol brilhante banhava de dourado as

partes nuas do metal da aeronave. O calor intenso parecia subir pelas solas dos sapatos e chegar até a cabeça de Peter.

Quando ele alcançou a metade do caminho da pista de rolamento, a porta do Jumbo abriu-se, como da vez anterior.

Desta vez não havia reféns à vista. Contendo o impulso de apressar-se, Peter manteve o mesmo passo firme, os ombros eretos, a cabeça levemente erguida.

Estava a cinquenta metros do Boeing quando a loira apareceu na plataforma da porta. Ela irradiava uma graça indolente — apoiava o peso do corpo numa perna e tinha a outra reclinada, mostrando-as nuas e bronzeadas. Portava a pistola nos quadris, e o cinto de balas realçava sua cintura fina.

Ingrid exibia um meio-sorriso nos lábios, mas de repente um feixe de luz, do tamanho de uma moeda, apareceu em seu peito; um pontinho igual a um inseto brilhante.

Ela o olhou com um gesto de desprezo.

— Isso é uma provocação! — resmungou, sabendo que aquilo era uma luz de laser que um dos atiradores apontara de algum lugar do aeroporto. Mais um pouco de pressão no gatilho, e uma bala 222 entraria precisamente naquela marca, arrebatando-lhe o coração.

Peter ficou furioso com o homem que ativara o laser sem receber ordem, mas logo a raiva foi substituída pela admiração com a coragem da loira, que não se alterara diante da ameaça de morte.

A um sinal que ele fez com a mão direita, o ponto brilhante desapareceu de imediato: o atirador desligara a mira de laser.

— Assim está melhor. — Ingrid sorriu, enquanto passeava o olhar pelo corpo de Peter. — Puxa, você está em boa forma, baby.

Ele nada disse, porém sentiu-se pouco à vontade sob aquele olhar avaliador.

— Bela barriga, pernas firmes... Você não conseguiu esses músculos sentado num escritório fazendo rascunhos. E se imagina que eu penso que é um tira ou um soldado, acertou. Você é um porco maldito. — Sua voz tinha um acento de aspereza, sua pele parecia mais seca, repuxada e envelhecida do que antes.

Próximo o suficiente para ver o brilho diamantino peculiar dos olhos dela, Peter também percebeu tensão em seu corpo — os gestos abruptos de quem não repousou. Ela estava sob o efeito de estimulantes. Com toda a certeza. Se já era politicamente uma fanática, com uma longa história de violência e morte, os resquícios de humanidade seriam agora inteiramente suprimidos pela excitação das drogas. Portanto, era tão perigosa quanto um animal ferido, um leopardo encurralado, um tubarão excitado pelo gosto de sangue.

Peter permaneceu em silêncio, sem a menor vontade de responder à provocação. Ingrid, por sua vez, não conseguia ficar quieta, possivelmente por causa

da droga. E, apesar de estar com a pistola na mão, tocou a câmara que trazia pendurada no pescoço. Engraçado...

Cyril Watkins tentara dizer alguma coisa sobre aquela câmara...

Seria por acaso o detonador das granadas? Era bem possível. Não havia outro motivo para que estivesse sempre com ela.

A loira percebeu a direção do olhar dele, e abaixou a mão, num gesto rápido que confirmava sua suspeita.

— Os prisioneiros estão prontos para partir? O ouro foi preparado? A declaração está pronta para ser transmitida?

— O governo da África do Sul aquiesceu com a exposição dos fatos feita pelos governos da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos.

— Ótimo — disse Ingrid, balançando a cabeça.

— Como um ato humanitário, os sul-africanos concordaram em soltar todas as pessoas da lista de detidos... Serão mandados a qualquer país que escolham.

— E o ouro?

— Bem, o governo se recusa a financiar ou armar uma oposição inconstitucional com sede no exterior. E não aceita fornecer fundos para as pessoas libertadas nesse acordo.

— E quanto à transmissão na televisão?

— O governo sul-africano considera a declaração falsa em substância e em fatos, e extremamente prejudicial à manutenção da lei e da ordem. Recusa-se a permitir sua transmissão pela tevê.

— Então só aceitaram uma das nossas exigências! — A voz da loira estava mais estridente, e seus ombros tremeram num espasmo incontrollado.

— A libertação dos prisioneiros políticos e das pessoas banidas está sujeita a uma condição...

— Ah, é? Qual?

— Eles exigem em troca a libertação de todos os reféns, não apenas as mulheres e crianças. Feito isso, você e seus companheiros terão livre trânsito para deixarem o país.

Ingrid jogou a cabeça para trás, numa gargalhada sonora que, estranhamente, não parecia natural.

Um som agudo, estridente, de certo modo aterrorizante. E ela parou de repente, assumindo então uma expressão dura, cheia de ódio.

— Quer dizer que eles pensam que podem fazer exigências! Imaginam que vão se livrar da proposta da ONU, não é mesmo? Porque, sem reféns para levar em consideração, os governos fascistas da Inglaterra e dos Estados Unidos poderão lançar seu veto com impunidade, não é? — Como Peter não replicasse, ela gritou: — Me responda! Eles não acreditam que somos sérios, não é verdade?

— Sou apenas um mensageiro...

— De jeito nenhum. Você é um assassino profissional. Um porco! Ingrid levantou a pistola e apontou-a para o rosto de Peter.

— Que resposta devo levar? — Ele fez de conta que não via a arma.

— Uma resposta... — balbuciou a loira, que parecia estar voltando a si após o súbito acesso de cólera.

Ela abaixou a pistola e consultou seu relógio de aço inoxidável japonês. — Passam três minutos do meio-dia; três minutos depois do prazo, e eles devem estar na expectativa de uma resposta. — A expressão de seu rosto era cada vez mais desnorteante.

Aquilo na cena era efeito da droga, pensou Peter. Ou ela tomara uma overdose, ou quem prescrevera os comprimidos não levava em consideração as quarenta e oito horas sem dormir e de violenta tensão que iriam preceder seu uso.

— A resposta — murmurou ele, para não provocá-la novamente.

— Espere um pouco. — E ela deu meia-volta, desaparecendo no interior da aeronave.

KAREN, QUE VIGIAVA os quatro reféns nos assentos reclinados, atendeu ao sinal de Ingrid e dirigiu-se à mulher que estava entre os prisioneiros escolhidos.

— Venha — disse, com amabilidade. — Vamos deixar você sair agora.

Ingrid seguiu rapidamente para a cabine de trás e, com um simples gesto, orientou Kurt, que guardou a pistola na cintura e retirou duas granadas do compartimento de bagagem. Com um movimento preciso, ele abriu o detonador nos dentes e enfiou as argolas nos dedos. Então abriu os braços em cruz e caminhou lentamente pelo corredor.

— Estas granadas estão engatilhadas. Ninguém deve mexer-se, nem sair de seus assentos, não importa o que aconteça. Fiquem onde estão.

O quarto sequestrador, ao perceber o que se passava, também armou-se de granadas, segurando-as com ambas as mãos à altura da cabeça.

— Ninguém se mova. Nem converse. Fiquem parados. Todo mundo parado. — O rapaz repetiu o alerta em alemão. Seus olhos tinham o brilho duro de quem estava drogado.

Ingrid retornou para junto dos quatro prisioneiros.

— Venha, minha querida — disse, colocando o braço no pescoço da garota e conduzindo-a para a porta aberta.

— Não me toque — pediu a menina, tremendo de medo.

O menino, porém, mais novo, mais confiante, pegou a mão de Ingrid imediatamente. Tinha cabelos espessos, encaracolados, e olhos amendoados, da cor do mel.

— Papai está aqui? — perguntou o guri.

— Sim, querido. — Ingrid apertou sua mão. — Você é um bom garoto, e logo vai ver seu papai. — Levou — o até a porta aberta e disse: — Fiquem aqui.

Peter Stride não sabia ao certo o que esperar quando viu o garoto aparecer à porta do avião.

Em seguida surgiu uma mulher gorducha, de meia-idade, num vestido caro porém amarrotado, possivelmente da etiqueta Nina Ricci. Seu penteado estava desfeito ao redor do rosto. Num gesto protetor, ela colocou o braço no ombro do menino.

Logo depois chegou à porta do Jumbo uma mulher alta, pele pálida, narinas e olhos avermelhados de choro ou de alguma alergia, e com marcas no pescoço e nos antebraços.

O vestido não disfarçava a barriga de grávida; as pernas brancas tremiam a olhos vistos. E ela pestanejava sem cessar, desacostumada com o sol brilhante, em

contraste com a penumbra do interior da aeronave.

O quarto e último passageiro, uma garota, deixou Peter sem fôlego, tal a sua semelhança com Melissa-Jane. Demorou alguns segundos até convencer-se de que não era ela, embora a menina tivesse a mesma beleza vitoriana, a pele com a maciez de uma pétala de rosa, o corpo delicado, seios em botão e pernas longas, combinando com os quadris estreitos.

Revelando terror em seus olhos grandes, ainda assim a menina compreendeu que Peter era sua esperança de salvação. Suplicante, dirigiu-se a ele:

— Por favor, não deixe eles nos fazerem mal. Por favor, sir. Ajude-nos.

Ingrid apareceu ao lado dela naquele instante, também dirigindo-se a Peter.

— Você devia ter acreditado no que prometemos. Você e seus malditos patrões capitalistas. Não vamos deixar passar um único prazo sem execuções. Vamos provar que a revolução não pode ter piedade. Você vai entender que nossas exigências têm de ser atendidas, que são inegociáveis. — Ela fez uma pausa antes de continuar: — O próximo prazo é à meia-noite. Se nossas exigências não forem totalmente atendidas, você vai saber o preço que nós cobraremos. Aqui vai uma amostra! — E deu um passo atrás, saindo da vista.

Suando frio, Peter Stride esperou pelo pior.

— Pule! — gritou Peter, levantando as mãos para a garota. — Pule rápido, que eu te pego!

A menina estava a cerca de dez metros do chão, e hesitou, insegura. Atrás dela, tanto Karen como Ingrid ergueram suas pistolas, posicionando-se num ângulo e distância que permitisse que as pesadas esferas de chumbo de suas cápsulas se espalhassem o suficiente para atingir os quatro reféns ao mesmo tempo.

Pulem! — gritou Peter outra vez.

No instante seguinte, as duas mulheres dispararam suas armas. Os dois tiros foram como uma explosão de uma bomba, um rugido ensurdecidor. Uma fumaça azulada escapou dos músculos atingidos, pedaços de trapos voaram para o alto, e o impacto do chumbo nos corpos das vítimas soou como se uma melancia fosse atirada contra um muro.

Ingrid disparou pela segunda vez um segundo antes de Karen, de tal forma que houve duas explosões distintas. No silêncio pesado que se seguiu, destacou-se o choro dos dois homens na cabine de passageiros.

— Ninguém se mexa! Todo mundo parado!

aparecendo em seu cérebro como uma imagem parada de um filme interrompido. Eram cenas tão fortes, tão contundentes, que para o resto da vida ele haveria de recordar-se de cada uma delas, experimentando sempre a mesma sensação de náusea daquele momento.

Recebendo em cheio um dos primeiros disparos, a mulher grávida pareceu abrir-se como uma fruta madura — o corpo mudou de forma à passagem do tiro, da espinha ao umbigo, e ela foi jogada para a frente, estatelando-se no pavimento da pista.

A mulher gorducha, agarrada ao menino, pendeu para a frente envolvida pela fumaça azul-clara da pólvora. Dezenas de pequenos buracos surgiram em seu vestido de seda bege. Idênticos pontinhos cobriram a camisa branca do garoto — pequenas florações escarlates que nasciam rapidamente ao redor de cada ferimento, espalhando-se até colorir totalmente sua roupa. Nenhum dos dois emitiu qualquer som; e, com expressões patéticas, caíram porta afora, esparramando-se sobre o corpo da mulher grávida.

Peter ainda conseguiu aparar a menina que caía, cujo peso quase o derruba no pavimento.

Desesperado, carregou-a nos braços, correndo em direção ao edifício mais próximo do terminal.

— Não morra! — murmurava ao longo do caminho, sentindo os pés pesados. — Não morra... — Enquanto isso, o sangue morno da garota umedecia-lhe o calção e escorria por suas pernas.

Na entrada do prédio, Colin Noble veio em sua direção e tentou pegar a criança. Peter, porém, continuou com ela até encontrar o médico da equipe, a quem a entregou.

Com o rosto pálido e sem expressão, esperou pelo diagnóstico. Dois minutos depois, o médico anunciou que ela estava morta. Sem nada dizer, Peter encaminhou-se para o Hawker, seguido por Colin Noble.

— Sir Willlian, o senhor nos acusa de manter presos e sem julgamento inimigos do Estado — vociferou o ministro das Relações Exteriores, o dedo em riste. — Mas vocês, ingleses, negaram o direito de habeas corpus ao aprovarem a Lei de Prevenção do Terrorismo, e em Chipre e na Palestina sempre mantiveram prisioneiros sem julgamento.

E o quartirão H no Ulster? Por acaso é melhor do que aquilo que somos forçados a fazer aqui?

O embaixador britânico engoliu em seco. E, enquanto ele pensava em uma resposta, Kelly Constable interveio polidamente:

— Senhores, estamos tentando encontrar bases comuns, não áreas de disputa. Há centenas de vidas em jogo.

Naquele instante, um dos telefones tocou. Sir Willian levou o receptor ao ouvido, com evidente alívio, mas à medida que ouvia, o sangue lhe subia ao rosto, deixando-o vermelho como um pimentão.

— Está bem... Certo, obrigado. — E pôs o fone no gancho, dirigindo o olhar para a imponente figura na outra extremidade da mesa. — Primeiro-ministro, lamento informar que os terroristas rejeitaram o acordo oferecido por seu governo, e que há dez minutos assassinaram quatro reféns.

Um murmúrio de incredulidade perpassou pelo atento círculo de ouvintes.

— Foram mortos duas mulheres e duas crianças, um menino e uma menina, abatidos pelas costas e atirados da aeronave. Os terroristas deram um novo prazo, a meia-noite de hoje, para a aceitação de seus termos. Caso contrário, haverá novas mortes.

Durante quase um minuto ninguém falou; todos estavam atentos à figura sentada à cabeceira da mesa.

— Faço um apelo em nome da humanidade, senhor — Kelly Constable quebrou o silêncio. — Precisamos no mínimo salvar as mulheres e crianças. O mundo não nos perdoará se eles forem mortos.

— Vamos atacar a aeronave e libertar os prisioneiros — afirmou o primeiro-ministro num tom decidido.

O embaixador norte-americano não se deixou intimidar.

— A posição dos governos americano e britânico é inarredável. Jamais concordaremos com um massacre. Se houver ataque à aeronave, não tentaremos moderar os termos das propostas da ONU, tampouco interviremos no Conselho de Segurança para exercer o veto.

— Mesmo que aceitemos as exigências destes... destes animais, colocaremos a nação em perigo!

— Bem, temos apenas algumas horas para encontrar uma solução, antes que os fuzilamentos recomecem...

— Para vocês, as chances de sucesso de um ataque da Delta são as mais baixas possíveis – disse Kingston Parker, encarando Peter através da pequena tela de vídeo.

— Nem o presidente nem eu consideramos aceitável essa situação.

— Doutor Parker, eles estão matando mulheres e crianças lá na pista!

— Estamos pressionando o governo da África do Sul a fim de libertarmos pelo menos as mulheres e as crianças.

— Isso não vai resolver nada. Ficaremos exatamente na mesma posição amanhã à noite.

— Se conseguirmos a libertação das mulheres e crianças, teremos menos vidas em jogo, e em quarenta horas a situação poderá mudar. Estamos jogando com

o tempo, Peter, mesmo que tenhamos que pagar caro por isso.

— E se os sul-africanos não concordarem? Se chegarmos ao prazo da meia-noite sem um acordo com os sequestradores, o que vai acontecer então?

— É difícil responder... perderemos mais quatro vidas, mas mesmo assim é melhor do que precipitar o massacre de quatrocentas. E, depois disso, os sul-africanos serão obrigados a aceitar o acordo que liberta as mulheres e as crianças.

Incapaz de acreditar no que ouvia, Peter chegou ao limite de sua paciência. Na tentativa de acalmar-se, abaixou os olhos para suas próprias mãos, que estavam cruzadas sobre a mesa. As unhas da mão direita ainda apresentavam traços de sangue coagulado da criança que ele carregara da aeronave até o prédio do terminal. Furioso, Peter colocou as mãos nos bolsos do avental azul do Thor, respirando fundo e então expeliu o ar vagarosamente.

— Se para você isso foi difícil de dizer, doutor Parker, console-se a si mesmo em saber que foi um quadro sangrento difícil de suportar.

— Entendo como você se sente, Peter.

— Não acho que entenda, sir.

— Você é um soldado...

— E somente um soldado sabe como odiar a violência — completou Peter.

— Não podemos permitir que nossos sentimentos pessoais interfiram, Peter.

E mais uma vez devo repetir que a decisão para a condição Delta foi delegada a mim pelo presidente e pelo primeiro ministro inglês. Nenhum ataque será feito sem ordens expressas.

Entendido, general Stride?

— Entendo, doutor Parker. Espero conseguir ótimos videoteipes dos próximos assassinatos.

Poderemos tirar cópias para a sua coleção pessoal.

22

DESDE QUE COMEÇARA a emergência, um Boeing 747 estava estacionado na área de montagem, a apenas um quilômetro do Pássaro Veloz 070, embora os hangares de serviço do terminal servissem de anteparo, impedindo sua observação por parte dos sequestradores.

Mesmo pintado com o distintivo laranja e azul das Linhas Aéreas da África do Sul, com a gazela voadora na cauda, era um modelo idêntico ao Jumbo. Até a configuração da cabine era similar à do 070, cujas características foram enviadas por telex pela British Airways, em Heathrow. Era uma coincidência feliz, e uma oportunidade que Colin Noble aproveitou imediatamente, ensaiando sete Deltas na

fuselagem vazia.

— Muito bem, rapazes, segurem seus traseiros nessa corrida. Quero menos de catorze segundos desde o "já" até a penetração. — Enquanto Colin Noble falava, a equipe de ataque entreolhava-se, desconfiada. Estavam agachados em círculo no pavimento da pista, alguns com expressão teatral no rosto. — Vamos tentar atingir nove segundos, turma!

Dezesseis homens compunham a equipe de assalto; dezessete contando com Peter. Os outros integrantes do Thor eram peritos em eletrônica e comunicações, quatro eram atiradores de elite, um técnico em armas, um sargento especializado em desmontar explosivos, um médico, um cozinheiro, três oficiais não-comissionados na condição de tenentes, os pilotos e mais o pessoal de voo. Uma equipe grande, sem dúvida, porém todos eram indispensáveis.

O grupo de assalto usava um macacão de náilon colado ao corpo, de baixa visibilidade noturna.

Todos portavam máscaras contra gases presas ao pescoço, prontas para serem usadas. As botas eram escuras, com solado de borracha, para não fazerem barulho. Cada homem tinha armas específicas e equipamentos, tanto na mochila que levavam às costas, como no cinto preso à cintura. Nenhum colete à prova de bala, que lhes impedisse a mobilidade, nem capacetes de aço que pudessem ser detectados e denunciá-los para um adversário bem preparado.

A maioria do pessoal era jovem, pouco mais de vinte anos, e tinham sido escolhidos a dedo entre os fuzileiros navais americanos e o regimento antiterrorista britânico SÂS 22 que Peter Stride havia comandado. Estavam em excelente preparo físico, e afiados como uma navalha.

Enquanto a equipe se posicionava nas marcas de giz do pavimento — representando as entradas do terminal aéreo e dos hangares de serviço próximos ao 070 — Colin Noble procurava algum sinal de descuido, qualquer desvio dos padrões quase impossíveis estabelecidos pelo Thor. Não encontrou nada.

— Muito bem, dez segundos para o clarão — ordenou ele. Um ataque Delta começou com o disparo de luzes de fósforo ao redor do nariz da aeronave-alvo, causando uma diversão que provocaria a reunião dos terroristas na cabine de comando. Enquanto tentassem entender a razão das luzes, o brilho do fósforo deixaria insensíveis as retinas de seus olhos, destruindo-lhes a visão noturna por vários minutos.

— Luzes! — gritou Colin, e o grupo de assalto entrou em ação. Os dois homens de "ponta" saíram na frente, correndo a toda velocidade para a cauda do Boeing deserto.

Cada um deles carregava um cilindro de gás preso aos ombros, no qual as compridas sondas de aço inoxidável eram ligadas por acopladores blindados

flexíveis, constituindo a "marca" que lhes dava o nome.

O líder carregava um reservatório de ar comprimido à pressão de 250 atmosferas. Na ponta de sua sonda de sete metros, uma furadeira a ar com broca de diamante. Ele parou sob a barriga da aeronave, três metros atrás do trem de pouso, e subiu nela para pressionar a furadeira no ponto exato, cuidadosamente tirado do projeto do fabricante, onde a resistência do casco envoltório era menor e dava acesso direto à cabine de passageiros.

O barulho da furadeira seria encoberto pela aceleração dos motores a jato da aeronave estacionada no terminal sul. Três segundos para escalar o invólucro do avião, e o segundo homem de ponta estaria a postos para inserir o bico de sua sonda no buraco perfurado.

— Corte de energia! — gritou Colin; nesse momento a energia elétrica da aeronave seria cortada para eliminar o ar-condicionado.

O segundo homem simulava a ação de desprender o gás do cilindro, saturando o ar na cabine da aeronave. O gás era conhecido como Factor V. Tinha cheiro de trufas recém-cavadas, e quando respirado numa concentração de cinco por cento no ar, paralisaria um homem em cerca de dez segundos, ocasionando perda do controle motor, movimentos desordenados, fala enrolada e visão distorcida.

Respirado durante vinte segundos, provocaria paralisia total; por trinta segundos, perda de consciência; por dois minutos, deficiência pulmonar e morte. O antídoto era ar fresco ou, melhor ainda, oxigênio puro, com recuperação rápida e sem efeitos colaterais.

O restante do grupo de assalto seguira os homens de ponta e separara-se em quatro grupos.

Esperavam equilibrados e suspensos ao longo das asas, usando as máscaras de gases e com as armas prontas para o uso.

Colin cronometrava a ação. Seria uma temeridade expor os passageiros a mais de dez segundos sob o efeito do Factor V, por causa dos velhos, das crianças e dos doentes de asma a bordo; quando o ponteiro atingiu os dez segundos, ele gritou:

— Ligue a energia! — E o ar-condicionado imediatamente começaria a jogar o gás para fora das cabines. Então era o "já!"

Dois grupos de assalto encostaram as escadas de alumínio na base das asas e derrubaram os painéis da janela de emergência. Os outros dois grupos foram para as portas principais e simularam o uso de machadinhas para atingir o dispositivo da fechadura no interior; em seguida jogariam ali granadas de atordoamento.

— Penetração! — O líder do assalto, colocado no lugar de Peter Stride naquele exercício, ordenou a entrada na cabine.

— Que tempo? — perguntou uma voz calma atrás de Colin Noble, que estava tão concentrado em sua tarefa que não percebera a aproximação de Peter.

— Onze segundos, sir. — A forma cortês de tratamento demonstrava a surpresa do coronel. — Não está mal, mas seguramente ainda pode melhorar. Vamos repetir.

— Mande o pessoal descansar. Preciso falar com você.

Minutos mais tarde, em frente às janelas do lado sul da torre de controle de tráfego, os dois contemplaram a aeronave vermelha, branca e azul pela centésima vez naquele dia.

O calor da tarde provocara cúmulos nos céus, enormes cogumelos cor de púrpura e prateados. No horizonte, nuvens de chuva formavam um pano de fundo tão majestoso que parecia irreal — o sol poente penetrava por interstícios de nuvens e banhava-as de dourado, reforçando a impressão de um cenário teatral.

— Faltam seis horas para o prazo — resmungou Colin, tateando os bolsos à procura de um charuto. — Alguma novidade em concessões pelo governo?

— Nada. Eles não vão ceder.

— Pelo menos até um novo banho de sangue! — Colin arrancou a ponta do charuto com os dentes e cuspiu-a raivosamente a um canto. — Passei dois anos fodidos, treinando para este momento, e agora eles atam nossas mãos às costas.

— Se autorizarem a condição Delta, quando você faria o ataque?

— Tão logo anoiteça.

— Os caras ainda devem estar estimulados pelas drogas — objetou Peter. — Precisamos dar-lhes tempo de irem ao paraíso e começarem a cair lentamente. Na minha opinião, eles vão se drogar um pouco antes do próximo prazo. Eu atacaria antes disso... quinze minutos antes das onze, isto é, uma hora e quinze antes do prazo.

— Se tivermos a condição Delta — resmungou Colin.

— Se tivermos a condição Delta — concordou Peter, pensativo. — A propósito, estou com uma dúvida martelando minha cabeça. Se sabem o meu nome, o que mais que essa gangue de monstrinhos saberia sobre o Thor? Será que conhecem nosso plano de contingência para a tomada da aeronave?

— Pelo amor de Deus! Não especulei até esse ponto.

— Estou pensando em uma virada, uma mudança no modelo, alguma coisa que nos dê uma vantagem mesmo que eles conheçam nossa forma de agir.

— Gastamos dois anos para acertar todos os detalhes. Não há nada que possamos mudar.

— E as luzes? Poderíamos deixar de sinalizar com as luzes de fósforo.

— Os caras estariam espalhados pelas cabines, misturados com os passageiros e a tripulação...

— E a camiseta vermelha que Ingrid está usando? Para mim, os quatro devem estar uniformizados para impressionar os reféns. Cairíamos em cima de todos que

estivessem de vermelho. Se minha hipótese estiver errada, teremos de usar o estilo israelense. — O estilo israelense era um grito de comando para que todos se deitassem; quem desobedecesse ou fizesse qualquer movimento agressivo seria morto.

— Quem verdadeiramente vale a pena é Ingrid. A garota com a câmara. Vocês estudaram os videoteipes?

— O rosto dela já está mais conhecido do que o de Jane Fonda. A filha da puta é bonita demais. Fui obrigado a passar três vezes a cena das execuções, duas em câmara lenta, para acabar com o cavalheirismo do pessoal.

Costumava ser difícil encontrar um homem disposto a matar uma mulher bonita; e um momento de hesitação seria fatal diante de alguém tão bem treinado como Ingrid.

— Também mandei que dessem uma espiada na menina morta antes de levá-la para o necrotério. Eles estão altamente motivados — concluiu Colin, balançando a cabeça.

— O diabo é que Atlas não vai autorizar a condição Delta. Estamos perdendo tempo.

— Você topa jogar um faz-de-conta? Vamos supor que seja aprovado o Delta. Quero que você planeje um ataque com o "já" exatamente para as 22:45. Proceda como se fosse real; providencie todos os detalhes.

Colin observou por alguns instantes o rosto de Peter, sem encontrar nele nenhum traço de zombaria.

— Faz-de-conta? — perguntou calmamente.

— Isso mesmo.

— Droga, vim aqui para trabalhar! — resmungou, afastando-se. Erguendo o binóculo, Peter percorreu a longa aeronave, da cauda ao nariz. Não havia sinal de vida; todas as portas e janelas permaneciam fechadas. Relutante, ele focalizou a pilha de corpos que continuavam estendidos no pavimento logo abaixo da porta dianteira.

Exceto para a conexão elétrica, o fornecimento de remédios e as duas ocasiões em que Peter fora até lá negociar, não fora permitida a aproximação de ninguém – nada de reabastecimento, nada de remoção dos dejetos sanitários, nada de fornecimento e nem mesmo a retirada dos cadáveres dos reféns assassinados. Os sequestradores haviam assimilado as experiências anteriores, em que informações vitais tinham vazado através do lixo, em Mogadíscio e em Lod, com a equipe de ataque aparecendo disfarçada de faxineiros.

Peter observava os cadáveres e, embora estivesse acostumado com a morte nas formas mais terríveis, aqueles corpos insepultos o deixavam indignado. Era um acinte, uma demonstração desprezível contra um dos mais arraigados preceitos

sociais. Ainda bem que a polícia sul-africana proibira o acesso da televisão e dos jornais às áreas internas do aeroporto.

A imprensa certamente estava lançando seus protestos mais veementes contra a violação do seu direito sagrado de levar a todas as casas as imagens das mortes e mutilações, muito bem fotografadas, claro, em belas cores e com meticulosa atenção profissional a todos os detalhes macabros.

Sem essa crônica colorida de suas façanhas, o terrorismo internacional perderia boa parte do seu ímpeto, e o trabalho do Thor seria facilitado. Por um breve momento, Peter invejou o poder que a polícia possuía para forçar aqueles irresponsáveis a agirem pelos melhores interesses da sociedade. No entanto, mesmo sem levar esse pensamento muito longe, percebia o quanto era difícil determinar quem estava qualificado para tomar essas decisões em favor da coletividade. Será que a atitude da polícia não se caracterizava como uma das formas do terrorismo que ele lutava para suprimir? "Meu Deus!", pensou ele com raiva. "Desse jeito vou ficar louco!"

Peter foi até a mesa do controlador da torre de tráfego, pegou o microfone e falou:

— Pássaro Veloz 070, aqui é a torre. Ingrid, você está me ouvindo? Por favor, Ingrid. — Era sua décima segunda tentativa de fazer contato nas últimas horas. Em todas elas, os sequestradores haviam mantido absoluto silêncio.

— Ingrid, responda por favor.

Passados alguns instantes, uma voz clara soou no alto-falante.

— Aqui é Ingrid. O que você quer?

— Estamos solicitando sua permissão para uma ambulância remover os corpos — disse Peter.

— Negativo, torre. Repito, negativo. Ninguém pode se aproximar do avião. Esperem até empilharmos uma dúzia de corpos. — Ela riu histericamente, mostrando que ainda estava sob o efeito da droga. — Depois da meia-noite, com certeza, haverá corpos suficientes para um bom carregamento — concluiu, desligando o rádio.

23

— VAMOS SERVIR O JANTAR — anunciou Ingrid num tom carinhoso. — Hoje é o meu aniversário, por isso vocês vão receber champanhe. Não é uma boa?

Naquele instante, o médico baixinho jogou-se aos pés dela. Seus esparsos cabelos grisalhos estavam grudados uns aos outros; o rosto parecia uma máscara de cera, todo enrugado. Ele tinha o aspecto de quem estava prestes a sofrer um ataque

nervoso.

— Você não tinha o direito de matá-la — balbuciava, com a voz enrolada. — Ela era uma boa pessoa.

Nunca fez mal a ninguém... Você não devia ter matado minha mulher...

— Ela era culpada — rebateu Ingrid. — Ninguém é inocente; todos vocês são ferramentas do capitalismo internacional. Você também é culpado, e merece morrer. — Ela parou subitamente, controlou-se com um óbvio esforço de vontade, e então sorriu, colocando o braço ao redor dos ombros dele — Sente-se.. Sei muito bem como você se sente. Por favor, acredite, eu gostaria que tudo fosse diferente.

O médico deixou-se cair na poltrona, os olhos fundos de tristeza, o punho fechado num gesto impotente.

— Fique calmo — disse Ingrid gentilmente. — Vou lhe trazer uma taça de champanhe.

— Senhor Primeiro-Ministro... — a voz de Kelly Constable estava áspera depois de quase dois dias de incessante tensão -, são mais de dez horas. Precisamos tomar uma decisão em menos de duas horas...

— Sim, já sabemos o que vai acontecer.

Um jato da Força Aérea trouxera uma cópia do videoteipe de Joanesburgo, a mil e seiscentos quilômetros de distância, e tanto o gabinete como os embaixadores haviam assistido à atrocidade em detalhes, tomada pelas lentes de 800 mm. Todos os homens ali na mesa tinham filhos pequenos. O mais radical de direita entre eles mostrava insegurança, e até o endiabrado chefe de polícia evitou encarar o embaixador quando este varreu a mesa com um olhar suplicante.

— Sabemos também que não é possível um acordo; precisamos aceitar as exigências na totalidade ou então nada.

— Senhor embaixador — disse o primeiro-ministro -, se concordarmos com os termos será apenas por um ato de humanidade. Estaremos pagando um preço alto pelas vidas do seu povo; mas, se concordarmos com isso, poderemos ficar absolutamente seguros do apoio dos embaixadores britânico e americano, no Conselho de Segurança da ONU?

— O presidente dos Estados Unidos me autorizou a garantir esse apoio em troca de sua cooperação — afirmou Kelly Constable.

— Sua Majestade britânica também lhe assegura esse apoio — acrescentou sir Willian. — E nossos governos aportarão os 170 milhões de dólares pedidos pelos sequestradores.

— Mesmo assim não posso tomar a decisão sozinho. É uma responsabilidade muito grande para um único homem — disse o primeiro-ministro. — Vou pedir aos meus ministros para votarem. Os senhores poderiam nos deixar sozinhos por alguns minutos, enquanto decidimos?

Tensos, nervosos, os dois embaixadores levantaram-se e, com uma pequena reverência, saíram da sala.

— Onde está o Coronel Noble? — perguntou Kingston Parker.

— Está esperando lá fora. — Peter indicou com um meneio de cabeça a porta à prova de som da cabine do Hawker.

— Quero que ele ouça isso — disse Parker na tela, e Peter pressionou o botão de chamada.

Colin Noble entrou imediatamente, exibindo o boné azul do Thor puxado sobre os olhos. Ele cumprimentou a imagem na tela e acomodou-se na poltrona ao lado de Peter.

— Estou contente que o coronel Noble esteja aqui — começou Peter num tom de voz duro. — Creio que ele apoia minha alegação de que as chances de uma ação bem-sucedida pela Delta serão maiores se lançarmos o ataque antes das onze horas. — Ele revirou a empunhadura da luva e olhou para o relógio. — Isto é, daqui a quarenta minutos.

Esperamos pegar os militantes no momento em que o ciclo da droga esteja em seu ponto mais baixo, antes que eles tomem mais comprimidos e se excitam novamente. Acredito que se atacarmos então, o risco será baixo e...

— Obrigado, general Stride — interrompeu-o Parker. — Porém, quero o coronel Noble presente para que minhas ordens não sejam mal interpretadas. Coronel, o comandante do Thor acaba de solicitar autorização para um ataque contra o 070. Agora, em sua presença, estou negando o pedido. As negociações com o governo sul-africano estão num ponto crítico, e sob nenhuma circunstância deve haver hostilidades abertas ou veladas contra os militantes. Estou sendo claro?

— Sim, senhor.

— General Stride?

— Entendo, sir.

— Muito bem. Permaneça na sala, por favor. Vou conversar com os embaixadores. Restabelecerei o contato assim que tiver algo concreto.

Quando a imagem de Kingston desapareceu da tela, o coronel Colin Noble virou-se e olhou para Peter Stride, mudando de expressão. Depois, ele pressionou o botão de censura no console de comando, desligando os gravadores e as câmaras de vídeo para que não fossem registradas suas palavras.

— Escute, Peter, você está em contato com a direção da OTAN, todo mundo sabe disso. Daí pra frente o céu é o limite! Você pode conseguir o posto que quiser.

Em silêncio, Peter olhou mais uma vez para o Rolex de ouro no pulso. Eram dez e dezessete.

— Pense, Peter, pelo amor de Deus! Você teve vinte anos de trabalho árduo para chegar onde está.

Eles não vão esquecer você. Acredite em mim. Vão arreventá-lo e acabar com sua carreira. Abandone essa ideia. Não vale a pena desperdiçar a si mesmo. Pare e pense mais uma vez.

— Estou pensando — disse Peter calmamente. — Nunca parei de pensar desde que tudo começou, e sempre as coisas retornam ao mesmo tempo. Se eu deixar eles morrerem...

sou tão culpado quanto a mulher que dispara o gatilho.

— Você não precisa bater a cabeça no muro. A decisão é tomada por outra pessoa.

— Seria fácil acreditar nisso, mas não salvaria ninguém. Colin inclinou-se para a frente e colocou a mão peluda no antebraço dele.

— Eu sei, mas me arrasa ver você jogando tudo pelos ares. Tenho muita estima por você, cara. — Era a primeira vez que ele fazia uma declaração daquelas, e Peter

ficou emocionado.

— Você pode ficar de fora, Colin. Não há por que manchar sua carreira.

— Nunca fui de fugir de uma boa briga. Posso pegar sua carona...

— Então você grava um protesto... Não faz sentido que todos nós sejamos despedidos. — Peter ligou o equipamento de gravação, tanto de áudio como de vídeo, e então continuou: — Coronel Noble, estou a fim de liderar um assalto imediato ao voo 070. Por favor, tome as providências necessárias.

Colin virou o rosto para a câmara.

— General Stride, protesto formalmente contra qualquer ordem de iniciar a Delta sem aprovação expressa do comando do Atlas.

— Seu protesto está anotado.

Colin Noble acionou o botão de censura novamente, parando as fitas e as câmaras.

— Bom, isso foi uma sarna suficiente para um dia. Vamos pegar os bastardos de uma vez!

24

SENTANDO-SE À MESA do engenheiro de voo, Ingrid pegou o microfone do sistema interno e aproximou-o da boca. Uma tonalidade lúgubre aparecia por baixo de sua pele bronzeada. Ela franziu o cenho ao sentir uma palpitação de dor atrás dos olhos, e tremeu levemente.

Estava em plena ressaca da droga. Fora um equívoco aumentar a dosagem inicial além da recomendada na etiqueta do frasco, mas precisara de um pique mais

alto para ser capaz de levar a cabo as primeiras execuções. Agora, ela e seus companheiros estavam pagando o preço; mas dali a vinte minutos seria capaz de ingerir outra rodada de tabletes. Desta vez tomaria a dosagem certa... Ela quase podia sentir a circulação acelerada do sangue, aumentando a acuidade da visão, dando-lhe energia e animação. Foi capaz até de antecipar o que viria pela frente — mostrou-se dona de um poder absoluto, o poder da própria morte, uma das experiências mais benéficas da vida. Sartre, Bakunin e Most haviam descoberto uma das maiores verdades: que o ato de destruição, de destruição total, era uma catarse, uma criação, uma revitalização da alma.

Ingrid olhou para a frente, e mesmo que a dependência e a dor da droga diminuíssem, encarou com segurança as próximas execuções.

Meus amigos — disse ao microfone -, não ouvimos nada do tirano. A falta de interesse pelas vidas de vocês é típica do imperialismo fascista. Eles não se importam com a segurança das pessoas, embora lhes suguem o sangue...

Fora da aeronave, a noite estava escura e fechada. De quando em quando, raios cortavam o céu, seguidos de trovões ensurdecedores. Desde que o sol se pusera, duas chuvas rápidas porém torrenciais tinham lavado a carcaça do Boing. Agora, as luzes do aeroporto cintilavam no pavimento empoçado.

— Vamos mostrar ao tirano nossa coragem e vontade de ferro. Não teremos um só minuto de hesitação. Precisamos agora escolher mais quatro reféns. Isso será feito com a maior imparcialidade possível. Fiquem sabendo que somos todos partes da revolução, e vocês podem se orgulhar disso...

Naquele instante, um raio caiu muito próximo, uma chama iridescente dos céus que atingiu o campo com uma luz inclemente. Então o barulho do trovão pareceu sacudir a aeronave. Com uma exclamação de medo, Karen levantou-se nervosa, correndo para o lado de Ingrid. Seus olhos escuros estavam marcados pela fadiga e a carência da droga. Ela tremia da cabeça aos pés, e Ingrid acariciou-a distraidamente, como faria com um gatinho, enquanto continuava falando ao microfone:

— Precisamos aprender a saudar a morte, dar acolhida à oportunidade de tomar nosso lugar e dar nossa contribuição, por mais humilde que seja, ao grande despertar do homem.

Os raios cortavam os céus em selvagem esplendor. Ingrid continuava seu discurso — palavras sem sentido que pareciam hipnóticas e relaxantes a tal ponto que os passageiros sequer se moviam em seus assentos; não tinham absolutamente nenhuma reação.

— Fiz um sorteio para escolher os próximos mártires da revolução. Chamarei os números dos assentos e meus companheiros irão pegá-los. Por favor, colaborem vindo rapidamente para a cozinha da primeira classe.

Depois de uma pequena pausa, a voz de Ingrid anunciou:

— Assento 63B. Por favor, levante-se.

Kurt, o de camisa vermelha e cabelos negros grudados à testa, forçou o homem de meia-idade a ficar de pé, torcendo-lhe os pulsos. Sobre a camisa amarrotada do prisioneiro, viam-se suspensórios que seguravam uma calça larga e fora de moda.

— Vocês não podem deixar — implorou o homem aos vizinhos de assento, enquanto Henri empurrava-o para o corredor. — Vocês não podem deixar eles me matarem, por favor.

Todos olhavam para os próprios colos. Ninguém se moveu, ninguém falou.

— Assento 43F!

Uma bonita mulher de cabelos escuros, de seus trinta anos, empalideceu por completo ao ler o número acima de sua cabeça. Enquanto tapava a boca para impedir o choro, porém, o passageiro do assento exatamente do outro lado do corredor, um velho bem animado, com uma magnífica cabeleira grisalha, ergueu-se de repente e ajeitou a gravata.

— Você se importaria de trocar de assento comigo, madame? — perguntou ele, com um sotaque britânico perfeito, e saiu caminhando pelo corredor com pernas finas e passos de cegonha, olhando com desprezo para o francês de bigode loiro que se apressara para escoltá-lo. Firme, embora com os ombros caídos, ele desapareceu atrás das cortinas da cozinha.

Das janelas laterais da cabine de comando, formando um ângulo de 20 graus com a cauda, o campo de visão era nulo até o fundo da aeronave. Porém, os sequestradores estavam muito bem equipados e pareciam ter previsto todos os detalhes, de modo que não havia por que supor que não tivessem feito alguma coisa para manter aquele espaço sob vigilância.

Peter e Colin discutiram essa possibilidade em voz baixa, enquanto se encontravam no hangar de serviço principal, e estudaram cuidadosamente a cauda do Jumbo e o encurvamento da barriga da fuselagem para descobrir o reflexo de algum espelho ou qualquer outro dispositivo. Eles estavam bem atrás da aeronave, a pouco mais de quatrocentos metros de distância, metade grama na altura dos joelhos, e o resto pavimento.

O campo estava iluminado apenas pelas lanternas azuis periféricas da pista de rolamento e pelo reflexo das luzes dos edifícios do aeroporto.

Peter abandonara a ideia de cortar todas as luzes do aeroporto, o que certamente alertaria os sequestradores e diminuiria as possibilidades de sucesso da equipe de assalto.

— Não consigo ver nada — murmurou Colin.

— Nem eu — respondeu Peter, e ambos entregaram seus óculos noturnos a

um oficial auxiliar; não necessitariam deles novamente. A equipe de assalto deixara para trás tudo o que não fosse absolutamente essencial.

Peter levava consigo apenas um transmissor-receptor para comunicação com seus homens no edifício terminal, e num coldre de rápido desarme, no lado direito da cintura, uma pistola automática Walther P 38.

Cada membro da equipe portava a arma de sua escolha. Colin Noble, o único caprichoso entre eles, vacilara entre um parábélum de alta potência Browning 9 mm, que gostava por causa do tambor de 13 balas, e um Colt Commander 45 ACP, por seu peso leve e incrível poder de penetração. Peter, por sua vez, preferia a facilidade de apontar com precisão e o coice leve de sua pistola Walther, com a qual podia estar seguro de acertar uma cabeça a vinte metros de distância.

O item comum no equipamento de todos os membros da equipe de assalto era a carga de suas armas: balas explosivas Vex, que tinham o triplo da potência das balas comuns, fragmentando-se no corpo, e com isso reduzindo o risco de atravessá-lo e atingir pessoas inocentes. Peter nunca se esquecia de avisar que estariam trabalhando com terroristas e vítimas sempre juntas.

Ao seu lado, Colin Noble retirou a corrente de ouro do pescoço com a medalha em forma de estrela de Davi: um brilho de ouro em meio aos pêlos negros do seu peito arfante. Guardou o ornamento no bolso e abotoou a lapela.

— Então meu chapa — Colin Noble imitava com atrocidade o sotaque de Sandhurst -, podemos começar a brincadeira?

Peter deu uma olhada no dial luminoso do seu Rolex. Faltavam dezesseis minutos para as onze. "O momento exato em que minha carreira termina", pensou com tristeza, e ergueu o braço direito com os dedos cerrados, para depois abaixá-lo e levantá-lo duas vezes, como no velho sinal de ataque da cavalaria.

Rapidamente os dois homens de ponta correram na frente, sem fazer o menor barulho, carregando suas sondas bem erguidas para não bater contra o pavimento nem nas portas metálicas da aeronave. Pareciam corcundas sob o fardo dos cilindros de gás que portavam.

Peter dera-lhes o prazo de contar até cinco lentamente, e enquanto esperava, sentiu a adrenalina percorrer seu sangue. Todos os nervos e músculos do seu corpo ficaram tensos — então, suas próprias palavras dirigidas a Kingston Parker ecoaram em seus ouvidos como a profecia do Juízo Final: "Não há meio-termo. A alternativa é cem por cento de perdas. Perderemos a aeronave, os passageiros e todas as pessoas do Thor a bordo."

Logo, ele deixou esse pensamento de lado e repetiu o sinal de ataque. Em duas filas bem ordenadas, agrupadas próximas e bem à mão, as equipes de assalto saíram correndo.

Três homens levavam cada um escadas de liga de alumínio, quatro portavam

sacolas com granadas de aturdimento; os demais, as machadinhas para arrebentar a fechadura das portas. Todos eles com o revólver escolhido, quase sempre uma arma de grande calibre, pois Peter não confiaria em ninguém com uma automática no populoso interior de uma aeronave sequestrada. Aliás, o mínimo que se exigia de cada membro da equipe de assalto era a perícia com uma pistola — tinham de ser capazes de fazer pontaria sobre um pequeno alvo em movimento e atingi-lo repetidamente e com rapidez sem criar perigo para os inocentes.

Avançaram em silêncio na quase total escuridão da noite. Peter ainda teve tempo para lamentar a decisão que tomara. Era um jogo que ele jamais ganharia; na melhor das hipóteses, aconteceria a ruína total do seu trabalho. Mas de que que adiantava pensar nisso naquele momento?

Bem em sua frente, perfiladas pelas luzes do edifício terminal, as negras figuras dos homens de ponta estavam em posição sob a abaulada barriga prateada do Jumbo.

Subitamente, relâmpagos espoucaram no céu como milhões de flashes de luz branca, deixando o campo totalmente claro, de modo que as duas colunas de figuras de vestes negras sobressaíam em contraste com a grama parda. Se estivessem sendo observados, seria agora...

e a explosão dos trovões fez os nervos de Peter se distenderem — ele esperava a detonação e as labaredas de uma dezena de granadas de percussão.

Então tudo se tornou escuro outra vez, e a grama seca e esponjosa a seus pés deu lugar ao plano pavimento duro. Em poucos minutos estavam sob a fuselagem do Boeing, como pintinhos sob a asa protetora da galinha, e as duas colunas dividiram-se em quatro grupos separados. Ainda em ordem unida, cada homem ajoelhou-se sobre a perna esquerda e, no mesmo instante, com a precisão dos treinamentos repetidos, ergueu sua máscara de gás para cobrir o nariz e a boca.

Peter deu uma rápida olhada na equipe antes de desligar o botão do seu rádio. Ele nãoalaria uma só palavra de agora em diante até que tudo terminasse — não poderiam descartar a possibilidade, mesmo remota, de que os sequestradores estivessem monitorando sua frequência.

O desligar do botão foi o sinal para os membros da equipe no terminal. Quase imediatamente, elevou-se no ar o uivo assobiado das turbinas de jato acelerando.

Mesmo com o Jumbo estacionado na área norte da partida internacional as turbinas estavam viradas de tal forma que a exaustão ficara apontada para a área de serviço, e havia cinco jatos intercontinentais cooperando. O som combinado de vinte turbinas era simplesmente ensurdecedor. Então Peter deu o sinal de mão abrindo.

O homem de ponta, que esperava posicionado, ergueu-se e manejou a furadeira de encontro a barriga da fuselagem. O barulho do ar-comprimido da furadeira era totalmente abafado. Havia apenas o trepidar da longa broca que

penetrava na couraça pressurizada. Logo após essa operação, o segundo homem de ponta enfiou a extremidade de sua sonda no pequeno buraco. Novamente Peter fez o sinal de mão abrindo, e o gás foi injetado na couraça. Peter concentrou-se nos ponteiros do relógio.

Dois cliques no botão de transmissão, e as luzes atrás da fila de portinholas sumiram simultaneamente, pois a energia elétrica fora cortada, e o ar-condicionado com ela.

Sob o trepidar das turbinas dos jatos, Peter sinalizou para que os homens das escadas avançassem.

Com facilidade, as pontas das escadas com degraus de borracha foram enganchadas nas bordas das asas e nas soleiras das portas. Logo, vestidas com trajes negros, figuras grotescamente mascaradas trabalhavam com uma velocidade ilusoriamente casual.

Após dez segundos de descarga do gás Factor V nas cabines, Peter apertou três vezes o botão. A energia elétrica do Boeing retornou e as luzes tremeluziram. O ar-condicionado voltou a funcionar, retirando o gás rapidamente das cabines de passageiros e de comando.

Peter deu um longo suspiro e bateu com a mão no ombro de Colin. Subiram as escadas em silêncio.

Nove minutos para as onze — disse Ingrid a Karen, elevando a voz para se fazer ouvir apesar do barulho das turbinas. Sua garganta estava seca e inchada do efeito da retirada da droga, e um nervo latejava no canto do seu olho direito. Sentia uma dor de cabeça atroz, como se tivesse uma corda amarrada na fronte e apertada a cada instante. — Parece um erro de cálculo de Califa. Os sul-africanos não vão desistir.

Fazendo um movimento significativo com os lábios, ela espiou para os quatro reféns, que ocupavam os assentos reclinados da cozinha. O inglês de cabelos prateados fumava um cigarro, uma longa piteira de marfim e âmbar, e devolveu seu olhar com desdém, de tal forma que Ingrid sentiu uma pontada de irritação e ergueu a voz para que ele pudesse ouvir.

— Vai ser necessário abater essa outra fornada.

— Califa nunca se enganou antes. — Karen balançou a cabeça com veemência. — Ainda falta uma hora para o prazo acabar.

Naquele instante, as luzes piscaram uma vez e então apagaram.

Com todas as portinholas fechadas, a escuridão foi completa, e o sussurrar do ar-condicionado desvaneceu-se antes que um murmúrio de surpresa tomasse o seu lugar.

Ingrid tateou o longo painel de controle que transferia a alimentação da cabine de comando para as baterias próprias da aeronave, e quando o brilho das luzes do

painel retornou sua expressão estava tensa e preocupada.

— Desligaram a energia e o ar-condicionado. Podemos estar na condição Delta.

— Não. — A voz de Karen era estridente. — Não houve luzes.

— Podemos estar... — Foi então que Ingrid percebeu algo estranho em sua própria voz. A língua parecia ter crescido dentro da boca. Ao mesmo tempo começou a ver o rosto de Karen distorcido, os contornos saindo de foco. E, de repente, o inconfundível aroma de trufas e o gosto de cogumelos crus na boca. — Meu Deus! — gritou, desesperada, enquanto acionava o mecanismo manual de oxigênio. Acima de cada banco, os painéis caíram abertos e as máscaras de oxigênio penduraram-se com suas presilhas corrugadas. — Kurt! Henri! — gritou pelo interruptor da cabine. — Oxigênio! Tomem oxigênio! É a Delta! Eles estão em Delta!

Ela agarrou uma das máscaras de oxigênio e aspirou profundamente para se livrar do efeito do gás paralisante. Na cozinha da primeira classe, um dos reféns entrava em colapso e caía no piso, enquanto outro desmaiava.

Ainda respirando através da máscara, Ingrid tirou a câmara do pescoço. Karen olhou-a alarmada e, afastando a máscara da boca, perguntou:

— Você vai explodir o avião?

Sem lhe fazer caso, Ingrid gritou no microfone:

— Kurt! Henri! Eles vão entrar assim que as luzes se acenderem novamente. Cubram os olhos e os ouvidos por causa das granadas de aturdimento e esperem; cuidem das portas e janelas das asas.

— Não nos estoure, Ingrid — implorou Karen. — Por favor, se nos entregarmos, Califa nos liberta em um mês. Não temos por que morrer.

Naquele momento as luzes se acenderam, e voltou o sussurro do ar-condicionado. Ingrid aspirou forte o oxigênio e correu para a cabine de primeira classe, pulando sobre os corpos inconscientes dos reféns. Pegou outra das máscaras de oxigênio que pendia acima de um assento de passageiro e olhou ao longo da fuselagem.

Kurt e Henri haviam seguido suas instruções e respiravam através de máscaras penduradas no teto.

O alemão estava a postos no painel da porta da asa, e o francês esperava na porta traseira; ambos armados com as pistolas. No entanto, com os rostos cobertos pelas máscaras amarelas, Ingrid não pôde ver nem julgar suas expressões.

Apenas um pequeno número de passageiros fora suficientemente rápido para pegar as máscaras de oxigênio penduradas e permanecer consciente; centenas de outros escorregaram nos assentos ou caíram para os lados nos corredores.

As máscaras que pendulavam dos compartimentos de bagagem pareciam uma floresta de lianas e confundiam o panorama. E após a rápida escuridão, as luzes

tornaram-se dolorosamente brilhantes.

Ingrid sustentava a câmara na mão, consciente de que precisava continuar respirando oxigênio.

Ainda levaria muito tempo para que o ar-condicionado limpasse a atmosfera do Factor V, por isso ela mantinha uma máscara sobre a boca.

Karen estava ao lado dela, com a pistola em uma das mãos e a outra pressionando a máscara na boca.

— Volte e cubra a porta dianteira — ordenou Ingrid. — Haverá...

— Ingrid, não temos por que morrer... — Nesse momento, uma pancada na saída de emergência sobre as asas provocou um buraco, por onde deslizaram dois objetos para a cabine.

— Granadas de aturdimento! — berrou Ingrid. — Abaixem-se!

Peter Stride sentia-se leve como uma águia voando. Parecia que seus pés mal haviam tocado os apoios da escada, agora que na rápida sequência das ações já não poderiam haver dúvidas nem hesitações: ele estava confiante, e isso era um tremendo alívio.

Ele escalou a asa do Jumbo com uma cambalhota, e logo estava de pé, parado silenciosamente em frente à brilhante porta de metal. As gotas da chuva caíam como diamantes e o vento fresco agitava seus cabelos.

Quando alcançou a envergadura principal, ele tomou posição ao lado do painel da porta, os dedos de encontro à lâmina da junta da lingueta, enquanto um auxiliar ajoelhava-se rapidamente ao seu lado. Os granadeiros estavam prontos para lançar seus petardos e balançavam como acrobatas na curva superfície escorregadia da asa gigantesca.

Peter calculou que haviam gasto menos que seis segundos para alcançar aquele estágio desde o "já!". Tinham sido rápidos e precisos como nunca ocorrera nos treinos, todos eles conscientes de que iriam enfrentar o horror e a morte.

Peter e seu auxiliar usaram suas forças e pesos combinados na liberação da porta de emergência, que deslizou para a frente imediatamente, pois não havia pressurização para opor resistência. No instante seguinte, os granadeiros lançaram as granadas de aturdimento, e os quatro membros da equipe de Peter balançaram suas cabeças como os maometanos em oração na Meca, cobrindo orelhas e olhos.

Mesmo do lado de fora da fuselagem, o barulho das explosões foi estardalecedor, parecendo golpear dentro do cérebro com uma força física opressiva. O clarão do fósforo queimando mostrava um raio X dos dedos de Peter através de suas pálpebras fechadas. Logo os granadeiros estavam gritando no interior da aeronave:

— Abaixem-se! Todo mundo abaixado! — Eles continuariam repetindo essa palavra-de-ordem até que tudo estivesse acabado.

Peter estava uma fração de segundo atrasado. E, entorpecido pela explosão, quase não acertou o coldre para sacar a pistola Walther. Logo, porém, precipitou-se para a cabine de passageiros, como um corredor arrancando para a partida. Ele ainda estava no ar quando viu a moça de camiseta vermelha correndo para a frente, brandindo a câmara e gritando algo que não fez sentido, embora seu cérebro registrasse tudo. Atirou quando seus pés tocaram o piso — o tiro atingiu-a na boca, abrindo um orifício entre as fileiras de dentes brancos, deslocando sua cabeça para trás tão violentamente, que ele ouviu o estalo dos ossos do seu pescoço.

Ingrid cobriu os olhos e os ouvidos com os braços, e agachou-se ante o apavorante furacão de som e luz que varreu as cabines. Mesmo depois daquele instante aterrador, ela ficou cambaleante, procurando agarrar-se a qualquer coisa enquanto tentava controlar-se para avaliar o momento exato em que os atacantes entrariam na aeronave.

Os que estivessem do lado de fora do avião escapariam do impacto direto dos explosivos que ela pensava em detonar; teriam bastante chance de sobrevivência. Por isso ela fazia questão de esperar que toda a equipe de assalto tivesse entrado no aparelho para então provocar o maior número possível de baixas entre eles. Erguendo a câmara acima da cabeça, com ambas as mãos, ela gritou:

— Venham!

A cabine estava densa de fumaça branca ácida; as máscaras penduradas enredavam-se umas nas outras como a cabeça da Medusa. Ingrid escutou o disparo de uma pistola e alguém gritando, enquanto vozes ordenavam:

— Abaixem-se! Todo mundo abaixado!

Tudo era fumaça, som e confusão, porém, ela cuidava da abertura escura da porta de emergência, o dedo no detonador da câmara. Então, uma figura de roupas negras, com uma grotesca máscara no rosto, pôs os pés na cabine. No mesmo instante Karen berrou atrás de Ingrid:

— Não, não nos mate! — E arrancou-lhe a câmara das mãos, saindo em disparada pelo corredor enfumaçado. — Não nos mate! Califa disse que não morreríamos! Califa...

Ela sustentava a câmara como uma oferta de paz, mas, ao gritar pela segunda vez "Califa", a figura mascarada girou levemente no ar, arqueou as costas para pisar no chão do corredor e, assim que seus pés tocaram o pavimento, a pistola que estava em sua mão disparou um tiro que parecia de brinquedo após a concussão das granadas de aturdimento.

Karen avançava correndo em sua direção, gritando e brandindo a câmara, quando a bala atingiu-lhe a boca e retorceu sua cabeça para trás. Os dois seguintes foram disparados tão rapidamente que deram a impressão de terem sido um só. As balas explosivas Velez atravessaram a camiseta de Karen, pelas costas, e

irromperam por entre suas omoplatas. A câmara voou pelos ares e caiu no colo de um passageiro inconsciente, estendido num dos assentos centrais entre os corredores.

Ingrid reagiu com a velocidade de um gato selvagem, jogando-se sobre o piso do tapete, abaixo da linha de fogo. Protegida pela fumaça branca das granadas, arrastou-se com a barriga grudada ao chão na direção da câmara.

Eram apenas seis metros de distância, mas, mesmo assim, ela moveu-se com a rapidez de uma serpente — se, por um lado, a fumaça a encobria, por outro lado, teria de levantar-se para pegar a câmara e atravessar dois assentos com dois corpos inconscientes.

DEPOIS DE MATAR a primeira garota, Peter deu um salto para o lado, abrindo espaço para o seu auxiliar entrar. Assim que o homem posicionou-se no vão que Peter tinha ocupado, o alemão de camiseta vermelha saltou da cozinha traseira e atingiu-o na cintura com uma descarga completa da pistola, que quase partiu seu corpo em dois.

Arqueando-se pela metade, como um canivete que se fecha, ele caiu aos pés de Peter.

Peter voltou-se imediatamente, dando as costas para Ingrid, que rastejava através da fumaça fosfórica. Enquanto isso, Kurt tentava a todo custo ajeitar sua arma, cuja culatra se deslocara com o disparo. Com a camiseta escarlate aberta até o umbigo, mostrava os músculos bronzeados e brilhantes, o peito recoberto de pêlos negros.

Seus olhos tinham um brilho alucinado, e a cicatriz da boca dava-lhe um aspecto estranho.

Antes que o rapaz tivesse chance de reagir, Peter baleou-o no peito, depois na cabeça, à altura do ouvido esquerdo; suas pálpebras apertaram-se numa expressão horripilante, as feições deformaram-se como uma máscara de borracha. Ele caiu pesadamente no chão, batendo o rosto contra o corredor.

"Dois", contou Peter, mentalmente, como sempre ocorria nos momentos de ação, quando agia com absoluta frieza. Atirara com tanta técnica, com tanta perfeição, que fora como se estivesse treinando tiro ao alvo. Ainda lhe sobravam quatro balas na Walther. E faltavam dois terroristas para pegar. Só que a fumaça espessa prejudicava sua visibilidade, e a ondulante floresta de máscaras de oxigênio piorava mais as coisas.

Quando saltou sobre o corpo do seu companheiro, sujando de sangue as botas de solado de borracha, a figura robusta de Colin Noble assomou na cabine, ao lado da cozinha distante. Em meio à fumaça espiralada ele parecia um demônio, hediondo e ameaçador com sua máscara contra gás. Tinha a enorme Browning sustentada por ambas as mãos, cujo disparo soava como se fosse o badalar dos sinos de bronze de Notre Dame. Estava atirando em alguém de camiseta escarlate, um homem de rosto redondo infantil e bigode cor de areia. As balas Velez atingiram-no com a selvageria das presas de um predador, cortando-lhe a carne do peito, quebrando-lhe os ossos do crânio.

"Três", pensou Peter. Agora só restava um e ele precisava agarrar a câmara, que vira nas mãos de sua primeira vítima. Era importante, absolutamente vital, encontrá-la antes da loira.

Fazia apenas quatro segundos que penetrara na aeronave, embora parecesse muito mais. Ouviam-se nitidamente os golpes das machadinhas arrebatando as portas da frente e de trás, e dentro de alguns segundos as equipes de assalto do Thor estariam dentro do Boeing. E ainda faltava localizar o quarto sequestrador, o verdadeiramente perigoso.

— Abaixem-se! Todo mundo abaixado! — repetia o granadeiro. Então, Peter rodopiou agilmente e correu para a cabine de comando. Tinha certeza de que a loira estaria ali, no centro de controle.

Porém, na metade do caminho, encontrou o corpo da garota que ele tinha abatido, seus longos cabelos negros e úmidos de sangue esparramados ao redor do rosto pálido e aterrorizado. O buraco entre seus dentes fazia-a parecer uma velha. Ela bloqueava o corredor com seus membros inertes.

A porta dianteira abriu-se com estrondo quando a fechadura cedeu, mas nem assim reduziram-se as densas cortinas de fumaça branca. Peter preparava-se para saltar sobre o cadáver da moça, quando de repente a loira ergueu-se do chão, aparecendo miraculosamente do meio da fumaça, como uma bela visão demoníaca.

Ela abaixou-se na metade da fileira dos assentos centrais, tateando em busca da câmara, enquanto Peter, levemente desequilibrado, trocou o revólver de mão, pois atirava tão bem com a direita quanto com a esquerda. Nesse ínterim, a loira alcançou a cinta da câmara e começou a puxá-la desesperadamente, como se houvesse algo que a prendesse. Em vez de lhe dar um tiro na cabeça, Peter decidiu ir até onde a moça estava, menos de dez passos à frente.

Foi então que um dos poucos passageiros que se utilizara da máscara de oxigénio levantou-se de repente gritando histericamente:

— Não atirem! Não atirem! Quero sair daqui!

Ele ficou quase na frente da loira, bloqueando o campo de fogo de Peter, que mal teve tempo de erguer o pulso enquanto disparava. O tiro atingiu o teto, e não acalmou o passageiro.

— Me tire daqui! Quero sair daqui!

Aquela altura dos acontecimentos, Ingrid conseguira romper a cinta da câmara e parecia prestes a agarrá-la nas mãos. O passageiro, por sua vez, segurava o braço de Peter que sustentava o revólver e sacudia-o com força, chorando e gritando.

Do outro lado do bloco central de assentos, Colin Noble disparou sua arma, de um ângulo bastante desfavorável, pois teve de mirar vinte e cinco centímetros por cima do ombro de Peter e através da floresta de máscaras suspensas.

O primeiro tiro não acertou o alvo, mas passou suficientemente perto para assustar, obrigando a garota a abaixar a cabeça. A bala raspou seus cabelos loiros e a deixou zonda por alguns segundos.

Peter deu um golpe certo na garganta do passageiro histérico e jogou-o de

volta ao assento. Então tentou alinhar-se para atirar na garota, sabendo que teria de imobilizá-la instantaneamente.

Colin disparou outra vez, uma fração de segundo antes de Peter, e a bala arremessou a loira para o lado, atingindo-lhe o ombro direito, golpeando a omoplata com tal força que seu braço retorceu-se para cima, numa paródia da saudação comunista. Mais uma vez a câmara voou para o lado, pois a loira foi atirada violentamente para trás, como se tivesse sido atingida por um automóvel em alta velocidade.

Peter estava pronto para acertar-lhe um tiro definitivo na cabeça, quando a equipe de homens vestidos de negro apareceu como um enxame no meio da fumaça, prendendo a garota, que esperneava e berrava sobre o carpete do corredor. O pessoal do Thor entrara pela porta dianteira, bem na hora de salvar-lhe a vida. Peter recolocou a pistola no coldre e avançou para se apossar da câmara; depois tirou a máscara do rosto.

— Atenção, está tudo acabado! Pegamos todos. Cessar fogo. — E, tirando o pequeno microfone do rádio, anunciou o código de sucesso total: — Goleada! Goleada!

Três homens seguravam a garota, que a despeito do grave ferimento no ombro, lutava como um leopardo numa armadilha.

— Abram as rampas de emergência — ordenou Peter.

Pouco depois, os enormes escorregadores de plástico foram inflados e caíram no pavimento; no mesmo instante, os homens do Thor guiaram os passageiros conscientes para as saídas, ajudando-os a deslizarem para a pista.

Uma dúzia de ambulâncias, com as sirenas ligadas, saiu do edifício do terminal, rumo à aeronave, enquanto os membros de apoio da equipe corriam sob o brilho das luzes de rolamento, na mesma direção.

Enormes como monstros pré-históricos, as escadas mecânicas foram movimentadas do pátio de manobras norte, dando acesso ao corpo do Boeing.

Peter aproximou-se da loira, ainda portando a câmara nas mãos.

A frieza que ele mantivera durante a batalha continuava presente em sua mente e em cada um dos seus sentidos.

A garota parou de espernear e o encarou. Era a imagem perfeita de um leopardo preso. Peter nunca vira olhos tão ferozes e implacáveis quanto os seus. Ela encolheu-se como uma cobra que prepara o bote e então cuspiu nele. A saliva branca alcançou-lhe as pernas.

Colin Noble, que estava atrás de Peter, tirou a máscara de gás e resmungou:

— Desculpe, Peter. Parece que dei um tiro sentimental.

— Vocês não vão me pegar — gritou a garota subitamente. — Antes dos feriados de Ação de Graças estarei livre.

Peter sabia que ela estava certa. A punição que a sociedade reservava àquela gente não passava de alguns meses de prisão, isso quando a pena não era simplesmente suspensa. Ele lembrou-se da sensação que experimentara com a criança morrendo em seus braços, o sangue morno escorrendo por sua barriga e pernas.

— Meu pessoal virá em meu socorro. — Ela cuspiu novamente, desta vez no rosto de um dos homens que a segurava. — Nunca ficarei na prisão. Meus companheiros forçarão vocês a soltar-me.

De novo ela estava com a razão: sua captura representava um convite para atrocidades posteriores, e colocava em ação a roda da vingança e da retribuição. Centenas de pessoas sofreriam em troca da vida de um predador acuado e selvagem; e dezenas de outras morreriam.

O mecanismo da represália fora posto outra vez em ação... Peter sentiu ânsia de vômito. Pensou: em vão joguei fora o esforço de uma vida inteira para conseguir apenas uma vitória temporária. Ele desafiara as forças do mal, porém não as abatera — elas se reagrupariam e atacariam com maior vigor e sagacidade, e aquela mulher as dirigiria outra vez.

— Somos a revolução — continuou ela, erguendo o braço são e fazendo uma saudação com o punho fechado. — O poder somos nós. Nada, ninguém pode nos deter.

Aquela criatura descarregara chumbo grosso no corpo de uma mulher grávida, arrebatando-a por completo... A imagem reapareceu inteirinha na mente de Peter. A infeliz abriu-se como uma fruta madura. A loira agitou o punho cerrado diante do rosto de Peter.

— Estamos apenas no começo. A nova era já começou.

Uma mescla de escárnio e de confiança acompanhava o tom ameaçador de sua voz. Peter sabia que ela não estava equivocada. Uma nova força varria o mundo, algo mais destruidor do que ele jamais acreditara ser possível. Peter não se iludia com o papel que a sorte jogara em seu pequeno triunfo. E não tinha ilusões quanto ao fato de que a besta fora apenas levemente ferida. Da próxima vez ela apareceria mais poderosa, mais experiente depois do aprendizado daquela derrota inconsequente...

Junto com a reação da batalha, surgiu dentro de Peter uma onda de temor e desespero que parecia esmagar sua alma. Tudo tinha sido em vão.

— Você nunca vai vencer — escarneceu a mulher, banhada de sangue, porém impávida e indômita, parecendo ler o pensamento dele. — E nós nunca vamos perder!

— cavalheiros... — disse o primeiro-ministro da África do Sul -, eu e meu gabinete somos da opinião de que ceder às exigências dos terroristas é sentar nas

costas do tigre, de onde nunca seremos capazes de desmontar. — Ele fez uma pausa, ergueu a cabeça e então fitou os dois embaixadores. — Entretanto, é uma obrigação que temos para com a humanidade. Além disso, é tamanha a pressão que duas grandes nações podem exercer sobre uma muito menor, que decidimos por unanimidade concordar com todas as condições necessárias à libertação das mulheres e crianças...

Houve outra pausa em seu pequeno discurso, desta vez porque o telefone que estava na frente do embaixador americano começou a tocar irritantemente.

— Acreditamos, porém, na garantia dada pelos seus governos...

— Ele parou novamente, pois o telefone insistia. — É melhor o senhor atender — disse a Kelly Constable.

— Com licença, primeiro-ministro. — O americano tirou o fone do gancho e, à medida que ouvia, uma expressão de incredulidade tomava conta do seu rosto. — Primeiro-ministro... tenho o prazer de informá-lo de que há três minutos a equipe do Thor entrou no Jumbo e matou três dos terroristas... a quarta foi ferida e capturada. Não houve baixas entre os passageiros. Todos foram libertados sãos e salvos.

Aliviado, o homem à cabeceira da mesa afundou-se na cadeira e, quando a tempestade de congratulações desabou à sua volta, começou a sorrir. Um sorriso que o transformava por completo; o sorriso de um homem paternal e gentil.

— Obrigado, senhor — disse ele, ainda sorrindo. — Muito obrigado.

— você cometeu uma falta gravíssima, general Stride — acuso o Kingston Parker.

— Minha única preocupação era a vida dos reféns e a força moral da lei — Peter respondeu calmamente.

Fazia menos de quinze minutos que retornara à aeronave, sob uma tempestade de fogo e fúria. Suas mãos ainda tremiam, e a náusea continuava a atormentá-lo.

— Você deliberadamente desobedeceu às minhas ordens. — Parker parecia um leão enraivecido, e olhava ameaçadoramente pela tela; o poder de sua personalidade era quase palpável ali na cabine do Hawker. — Sempre tive reservas quanto à sua presença no comando que lhe foi confiado. Já expressei essa posição por escrito para seus superiores, e vejo agora que era plenamente justificada.

— Isso quer dizer que fui afastado do comando do Thor — cortou Peter bruscamente, fervendo de raiva.

No fundo, porém, ele sabia que Kingston Parker não iria demitir de imediato o herói de um contra— ataque tão bem-sucedido. Levaria algum tempo, talvez até semanas, embora seu destino estivesse selado. Quanto a isso não tinha a menor dúvida.

— Você continuará no comando, sob minha vigilância. Não tomará nenhuma decisão sem antes me consultar. Seja lá que assunto for. Está entendido, general

Stride?

Peter não se deu ao trabalho de replicar. Experimentava um estado de espírito totalmente diferente, uma sensação de liberdade e escolha de ações como jamais conhecera antes. Pela primeira vez em sua carreira desobedecera ordens superiores e, com ou sem sorte, o resultado fora um brilhante sucesso.

— Sua primeira obrigação agora é retirar o pessoal do Thor, rápido e em ordem. A militante que você prendeu será levada a Londres para interrogatório e julgamento...

— Ela cometeu crimes aqui. Deve ser julgada aqui por assassinato... Já recebi pedido das autoridades...

— Pelo acordo que fizemos com o governo sul-africano, ela irá para a Inglaterra a bordo de sua aeronave de comando, assistida pelo médico do Thor.

Peter lembrou-se do que ocorrera com a terrorista Leila Khaled, retirada do avião da El Al onde estava detida pelos agentes de segurança de Israel. Como prisioneira britânica, ela passara apenas seis dias no cativeiro, e então fora solta com um festival de publicidade e glória, heroína da mídia, a Joana D'Arc do terror; ficara livre para planejar e executar a morte e a destruição de centenas de inocentes, para dirigir o ataque às bases da civilização, para torpedear as colunas que sustinham as regras da lei e da sociedade.

— Quero essa mulher em Londres dentro de vinte e quatro horas. Ela deve ser severamente vigiada contra qualquer retaliação. Não toleraremos outro banho de sangue...

como o que você liderou no 070.

Peter Stride caminhava ao longo dos corredores de mármore do setor de partida doméstica do aeroporto, quando seus homens o chamaram para conversar. — Bom serviço, sir.

— Muito bem-feito, general.

— Não havia outra alternativa...

A equipe estava atendendo os passageiros libertados, juntando os materiais espalhados, desmantelando os equipamentos de comunicações e segurança para guardá-los nos respectivos protetores. Dentro de uma hora deveriam estar prontos para embarcar; mesmo assim, deixavam suas tarefas de lado por alguns instantes, fazendo questão de apertar-lhe a mão.

Os passageiros perceberam que aquele homem era o arquiteto da salvação de todos e o aplaudiram com entusiasmo. Peter sorriu e, enquanto cruzava o saguão, parou para falar com uma velha senhora, que o abraçou, com lágrimas nos olhos.

— Deus te abençoe, meu filho, Deus te abençoe.

Durante todo o tempo ele mantinha um sorriso nos lábios, ainda que, por dentro, estivesse furioso.

Os guardas do Thor que vigiavam os escritórios administrativos do mezanino, armados com submetralhadoras, fizeram-lhe uma saudação quando Peter entrou. Colin Noble continuava vestido com as roupas de combate, a pistola 45 no coldre e um charuto na boca.

— Dê uma olhada neste material, Peter — disse, apontando para a escrivaninha, que estava repleta de explosivos e armas. — A maior parte vem de países da Cortina de Ferro; só Deus sabe como eles conseguiram isso. Veja essas pistolas de cano duplo. Se foram feitas por encomenda, devem ter custado uma nota!

— Dinheiro não deve ser problema para eles. O resgate dos ministros da OPEP foi de cento e cinquenta milhões de dólares; o dos irmãos Braun, vinte e cinco milhões, e o do barão Altmann, vinte e cinco milhões. Dá um orçamento de defesa para um país inteiro. — Peter pegou uma das pistolas e abriu a culatra. — Esta é que foi usada para fuzilar os reféns?

— Sim, disparada por ambos os canos.

Peter conferiu os resíduos de pólvora queimada nas pequenas cavidades da arma, carregou-a com um pente de balas, e atravessou a sala comprida, cheia de máquinas de escrever cobertas em mesas desertas e posters de companhias aéreas decorando as paredes.

A um dos cantos da sala jaziam os três corpos dos sequestradores, envoltos em sacos plásticos transparentes. Dois homens do Thor tomavam conta dos pertences das vítimas: objetos pessoais, papéis, valises, empacotados em sacolas etiquetadas.

O corpo do auxiliar de Peter estava estendido mais adiante, também num saco plástico transparente, através do qual ainda se podiam ver os traços do horror que lhe marcavam o rosto pálido.

Levando a pistola na mão, Peter entrou no escritório seguinte, acompanhado por Colin Noble. Ali, a loira ocupava uma maca, onde recebia plasma sanguíneo, assistida pelo médico do Thor e por dois enfermeiros.

O jovem médico virou-se irritado quando ouviu a porta ser aberta, mas mudou de expressão ao reconhecer Peter.

— General, para salvar esse braço, preciso levá-la imediatamente daqui. A junta do ombro foi esmagada.

À garota girou a cabeça para encarar os recém-chegados. Seus cabelos loiros ondulados estavam empastados com sangue coagulado. As faces sem cor pareciam o rosto de um anjo esculpido em mármore branco. Na pele quase translúcida, os olhos se destacavam pelo brilho selvagem — não estavam entorpecidos pelos analgésicos que lhe haviam aplicado.

— Pedi ajuda aos sul-africanos — informou o médico. — Há dois cirurgiões ortopédicos esperando, e ainda ofereceram um helicóptero para levá-la até o

Hospital Central em Edenvale.

Que ironia... até o pessoal do Thor já começava a tratá-la como uma grande celebridade. Aquilo era seu primeiro passo em direção à glória. Peter até já imaginava como a imprensa iria explorar sua beleza; se a mídia entrara em frenesi diante dos olhos trigueiros de Leila Khaled, de seu charmoso buço escuro, com essa loira chegaria ao ápice da veneração.

Tomado pela emoção mais forte que experimentara em sua vida, Peter dirigiu-se ao médico.

— Dê o fora.

— Sir? — O homem parecia assustado.

— Saia imediatamente. Os enfermeiros também. — Esperou que a porta de vidro opaco se fechasse atrás deles, então voltou-se para a loira, dizendo: — Você me obrigou a abandonar meus princípios e me rebaixar até o seu nível.

Ela o fitou, insegura, piscando ao ver a pistola em sua mão direita.

— Você me forçou a desobedecer ordens superiores. Sempre fui muito orgulhoso de mim mesmo, mas depois que eu fizer o que preciso fazer agora, não terei mais de que me orgulhar.

— Quero a presença do embaixador americano aqui — declarou ela asperamente. — Sou cidadã americana. Exijo proteção.

— Isso não é vingança. Sou velho o suficiente para saber que a vingança é o mais amargo de todos os excessos humanos.

— Você não pode fazer isso... Eles vão destruir você! Peter continuou como se ela não tivesse falado:

— Não é vingança. Você mesma esclareceu tudo. Se você continuar existindo, eles voltarão para buscá-la. Enquanto você viver, outros deverão morrer, e morrer sem a menor dignidade. Morrer no terror, da mesma forma como você assassinou...

— Sou uma mulher. Estou ferida. Sou prisioneira de guerra — ela gritou, assustada, tentando levantar-se.

— Essas eram as velhas regras. Você destruiu todos os regulamentos, e escreveu novos. Por isso estou jogando com a lei que você inventou. Fui reduzido ao seu nível.

— Você não pode me matar. — Seu tom de voz era histérico. — Ainda tenho muito o que fazer...

— Colin — disse Peter, sem olhar para ele —, é melhor você sair da sala.

O coronel hesitou, a mão apoiada no coldre da Browning, e a loira virou-se para ele, suplicante.

— Não permita que ele faça isso...

— Peter — disse Colin.

— Você tinha razão — comentou ele calmamente. — A garota era muito parecida com Melissa-Jane.

Colin Noble tirou a mão da pistola, dirigiu-se para a saída, deixando a loira a gritar palavrões e ameaças, numa mistura incoerente de terror e ódio.

Devagar, Colin fechou a porta e ficou de costas para ela. Um disparo ensurdecedor cortou de repente a sucessão de impropérios. Depois o silêncio, mais aterrador que o angustiante som que o precedeu. Passados alguns segundos, o general Peter Stride saiu da sala, entregando a Colin a pistola de cano duplo, um dos quais ainda estava quente.

O rosto aristocrático de Peter estava abatido, como se ele estivesse sofrendo de alguma enfermidade grave. A face do homem que tinha pulado no abismo.

Peter deixou a porta aberta, e afastou-se sem olhar para trás. Apesar da expressão de desespero, conduzia-se como um soldado, passos rápidos e firmes. Colin Noble procurou o médico e avisou: — Você já pode entrar. Agora, ela é toda sua. — E seguiu Peter Stride pelas largas escadarias.

26

AS PASTAGENS ESTENDIAM-SE por quilómetros e quilómetros, até uma colina. Ali, Melissa-Jane cavalgava a potranca baia que recebera de presente de Natal do seu tio Steven. As tranças cor de mel dos seus cabelos ondulavam ao vento seguindo o ritmo do galope do seu puro-sangue. Ela parecia ter crescido ainda mais nas poucas semanas desde que Peter a vira pela última vez. Meio surpreso e um tanto orgulhoso, ele se deu conta de que ela estava se tornando uma bela mulher.

Peter montava um dos cavalos de Steven, um animal grande e esguio, mas que tinha dificuldade para acompanhar a potranca. Chegando à cerca que separava o campo, Melissa-Jane ignorou a cancela aberta, preferindo saltar a sebe. Segurou firme as rédeas de sua montaria e precipitou-se para a frente. Foi um belo espetáculo, digno de uma competição.

Já do outro lado do obstáculo, voltou-se para observar o pai, que logo percebeu o desafio. Fazia mais ou menos dois anos que ele não montava; além disso, era a primeira vez que cavalgava aquele animal em particular. Mesmo assim, avançou sem titubear. O cavalo passou rente à sebe, aterrissou com certa insegurança, dando a impressão de que iria jogar o ginete no chão. No final, porém, recuperou o equilíbrio, ergueu a cabeça, evitando assim que Peter passasse um vexame na frente da filha.

— Maravilha! — exclamou Melissa-Jane, no momento em que desmontou embaixo de uma árvore.

— Antigamente nossa terra ia além daquela igreja — Peter apontou para a distante agulha cinza de pedra que se encravava no céu -, até o alto dos terrenos cobertos de pastagens, no outro lado.

— Eu sei... A família teve que vender a propriedade quando vovô morreu. Você me contou. E estava certo. Ninguém deve possuir tanto.

Peter surpreendeu-se com aquela observação.

— Meu Deus, uma comunista na família! Um zangão no meio das flores.

— Não se preocupe, papai. Tio Steven é que é um ricaço. Você não é um capitalista; aliás, nem empregado é mais... — A garota gargalhou, descontraída, mas ficou séria num instante. — Desculpe, eu não quis dizer isso. Juro que não.

Fazia quase um mês que a renúncia de Peter fora aceita pelo Ministério da Guerra, embora o escândalo ainda não estivesse abafado. Duraram apenas alguns dias as felicitações pelo sucesso do ataque Delta do Thor — editoriais de primeiras páginas, destaques nos noticiários de televisão, mensagens de congratulações dos chefes de governo ocidentais. Imediatamente depois, o caldo entornara, o êxtase se transmutara em redondo fracasso.

Para início de conversa, o governo racista da África do Sul voltara atrás em sua decisão de libertar os prisioneiros políticos; depois um dos sequestradores fora capturado vivo, mas morrera em consequência de um balaço recebido no próprio edifício do aeroporto. Naturalmente, um dos reféns libertados, um jornalista que cobrira a convenção médica em Mahé, publicara um testemunho sensacionalista de todo o episódio, e vários outros passageiros confirmaram sua afirmação de que o quarto sequestrador chorara, suplicara por piedade antes de ser chacinado friamente.

Uma tempestade de condenação partiu da extrema-esquerda do governo trabalhista britânico, varreu o Parlamento britânico e encontrou eco entre os democratas do Congresso americano. A própria existência do Comando Thor veio a público e foi condenada em termos extravagantes. Os partidos comunistas da França e da Itália saíram às ruas; e a detonação de uma granada de mão M. 26 (roubada pelo Baader-Meinhof da base americana em Metz) no meio da multidão que deixava o estádio Parke dos Princes, em Paris, matou uma pessoa e feriu vinte e três. Um chamado telefônico aos escritórios do France Soir, feito por um homem que falava um francês com forte acento estrangeiro, anunciou que aquilo era uma vingança pelo assassinato do quarto sequestrador pelo esquadrão de execução imperialista.

Pressões para a demissão de Peter partiram inicialmente do Pentágono, sem dúvida através do Dr.

Kingston Parker, que, apesar de diretor do Atlas, não teve seu nome envolvido, dado o sigilo que cercava o projeto. A imprensa iniciara uma campanha pedindo uma investigação profunda sobre as atividades do Thor. "E se for comprovada qualquer atitude fora-da-lei na condução da operação, que a pessoa ou

peessoas responsáveis sejam levadas a julgamento tanto por tribunais militares como pelas cortes civis." Felizmente a mídia ainda não descobrira toda a extensão do Atlas. Somente o Thor estava sob suspeita; eles não desconfiavam da existência do Mercúrio nem do Diana.

Entre o Ministério da Guerra e os governos tanto dos Estados Unidos como da Grã-Bretanha, houvera muita simpatia e apoio para Peter Stride. Entretanto, ele optara por facilitar as coisas para seus amigos e para si mesmo, oferecendo sua demissão. A demissão fora aceita, mas nem assim a esquerda se acalmara, pois queria sangue, o seu sangue.

Agora, Melissa-Jane tinha os olhos rasos d'água, arrependida do comentário que fizera.

— Não quis dizer isso. Não quis mesmo.

A vantagem de estar desempregado é que tenho mais tempo para ficar com minha garota favorita — retrucou Peter, sorrindo.

— Não acredito nessas coisas horríveis que estão dizendo. Sei que você é um homem honrado, papai.

— Obrigado. — Dor, culpa e pesar confundiam-se na mente de Peter. Depois de uma longa pausa ele comentou: — Você vai ser paleontóloga, não é mesmo?

— Não. Isso eu pensava no mês passado. Mudei de ideia. Não estou mais interessada em ossos velhos. Agora quero ser médica, especialista em crianças.

— Ótimo. Mas vamos voltar aos ossos velhos. A idade dos grandes répteis. Os dinossauros. Por que eles foram extintos?

— Não puderam se adaptar às mudanças do meio ambiente.

— Um conceito como o de honra... está fora de moda no mundo de hoje, concorda?

A expressão magoada de Melissa-Jane fez Peter compreender que entrara em um território perigoso.

Sua filha amava sem medidas todas as coisas vivas, particularmente os seres humanos. Apesar de muito nova, possuía uma consciência política e social marcada pela crença nas ideias brilhantes, pela bondade e beleza próprias do homem.

Ainda era cedo para mostrar-lhe o lado oposto da moeda. Ser considerada uma pessoa "honrada" representava o máximo para ela. Mesmo que essa classificação fosse aplicada para qualquer herói do dia, para um cantor de música popular cujo nome odioso Peter não conseguia lembrar, para Virginia Wade, a antiga campeã de Wimbledon, ou para o professor de ciência que estimulara o interesse de Melissa-Jane pela medicina. Era lógico que Peter se sentiria gratificado por ser incluído entre essas figuras...

— Tentarei melhorar sua imagem de mim — disse, beijando-a com ternura.

— Bem, está muito frio para ficar aqui. Além do mais, Pat não nos perdoará se

chegarmos atrasados para o almoço.

Assim que alcançaram o pátio de pedras arredondadas do estábulo, cavalcando lado a lado, Peter parou para contemplar sua vista favorita: a casa que sempre fora o seu lar, embora pertencesse agora ao seu irmão mais velho, mais velho apenas três horas, mas mesmo assim mais velho.

Era uma construção de tijolos vermelhos, com um telhado recortado em cinquenta ângulos diferentes e inverossímeis. Apesar disso tinha um encantamento de conto de fadas. Peter nunca mencionou a Steven que adorava aquele edifício com um ardor próximo da paixão.

Talvez o desejo de possuir a casa, de restaurar sua antiga grandiosidade, tivesse levado Steven a realizar o esforço sobre-humano que qualquer cidadão britânico necessitaria para se livrar dos impostos excessivos e das restrições "quase socialistas que os impossibilitavam de acumular uma fortuna.

Steven aceitara o desafio e agora Abbots Yew era uma mansão bem-cuidada, rodeada por um jardim belíssimo, e seu proprietário podia viver como um barão.

Os negócios de sir Steven eram tão diversificados e espalhados por tantos continentes, que desencorajariam até um fiscal do imposto de renda britânico. Certa vez Peter tocara nesse assunto, e seu irmão gêmeo retrucara calmamente que, quando uma lei era absolutamente injusta, como as leis fiscais inglesas, cabia ao homem honesto a obrigação de subvertê-la. O antigo senso de justiça de Peter não aceitava aquele tipo de lógica, mas ele deixara passar sem comentários.

Era estranho o rumo que as coisas tinham tomado para os dois irmãos, pois Peter sempre fora o mais brilhante, a ponto de a família só se referir ao outro como o "Pobre Steven". Ninguém se surpreendera ao ver Steven ser afastado da academia de Sandhurst na metade do seu último ano; apesar de que, dois anos depois, ele já estava milionário, enquanto o irmão era um simples segundotenente do Exército. Peter não guardava o menor rancor em relação ao passado — ele sempre fora afetuoso com o irmão...

De repente, seus pensamentos foram interrompidos quando ele avistou uma reluzente limusine prateada próxima do final do pátio. Era um típico Mercedes-Benz de artistas de cinema, árabes multimilionários e chefes de estado. O chofer, uniformizado com o clássico traje azul-marinho, ocupava-se em polir a pintura do luxuoso veículo.

De quem seria aquele carro? No geral, os convidados na Abbots Yew costumavam ser pessoas interessantes, uma vez que Steven só se relacionava com gente de poder, de fortuna ou de talento extraordinário. Atrás do Mercedes 600 estava estacionado um carro menor, negro, e, pelas carrancas de seus dois ocupantes, percebia-se que eram guarda-costas.

Melissa-Jane deslizou os olhos pelo automóvel, torcendo o nariz.

— Outro burguesão gordo — murmurou a garota, para deixar clara sua desaprovação. De braços dados com o pai, conduziu-o pelo jardim de roseiras, e entraram rindo no átrio principal.

— Alô, meu velho! — cumprimentou-o Steven.

Tão alto quanto o irmão, Steven também fora magro, mas a boa vida o presenteara com alguns quilos a mais, enquanto as preocupações com os negócios haviam tornado seus cabelos grisalhos nas têmporas, combinando com os fios prateados do bigode. Seu rosto era um pouco mais cheio que o de Peter, mas mesmo assim a semelhança entre os dois era patente.

— Pensei que você tivesse quebrado o pescoço, rapaz — continuou Steven, num tom brincalhão.

Depois dirigiu-se a Melissa-Jane e abraçou-a com evidente prazer. — Como vai esse rouxinol de Florença?

— Ela é um amor — brincou a sobrinha.

— Peter, quero lhe apresentar uma pessoa muito charmosa... Tratava-se de alguém que estava conversando com Patrícia Stride, a esposa de Steven. Quando a mulher se virou, os raios do sol refletiram sobre seus cabelos, emprestando-lhe uma aura romântica.

Peter sentiu-se como se a terra se abrisse a seus pés, e algo lhe apertasse o peito, impedindo a respiração. Reconheceu-a de imediato, pois vira suas fotografias no arquivo oficial que registrara o longo sequestro e subsequente assassinato do seu marido. Na época, surgira a informação de que os sequestradores haviam cruzado o canal da Mancha com sua vítima, razão pela qual o Thor estivera na condição Alfa por quase uma semana. Peter estudara todas as fotos detidamente, mas nem mesmo as bem-cuidadas reproduções coloridas na Vogue ejours de France tinham sido capazes de captar a extraordinária beleza daquela mulher.

Para sua surpresa, ela pareceu reconhecê-lo, ainda que não houvesse mudança em sua expressão.

Era uma mulher alta, corpo delicado, vestindo uma saia de crepe de algodão fino que moldava suas pernas de dançarina, longas e bem-feitas.

— Baronesa, tenho o prazer de lhe apresentar meu irmão, o general Stride.

— Como vai, general? — disse a mulher, num inglês quase perfeito, com voz baixa e rouca, extremamente sensual.

A baronesa Altmann tinha os cabelos negros e brilhantes penteados para trás, formando um coque na nuca. Pele lisa, queixo quadrado, não chegava a ser um monumento de beleza, embora sua beleza fosse marcante. Peter sentiu-se atraído por ela de um modo que não lhe ocorrera nos últimos vinte anos de sua vida.

Tudo o que o fascinava no sexo oposto parecia estar presente nela: corpo esbelto, braços bem torneados, a cintura estreita, os seios pequenos destacando-se

sob o fino tecido da blusa, pele suavemente bronzada, irradiando saúde e cuidado. Além disso, a baronesa era uma mulher de incrível força de vontade, empreendedora, o que constituía um verdadeiro afrodisíaco para Peter. Ela irradiava o ar de desafio de um ser indomável. Seus olhos régios o encaravam com a intocável indiferença de uma deusa ou de uma rainha. Parecia estar rindo interiormente, mas um sorriso frio que não diminuía a distância entre os dois. Mentalmente, ele reviu o que sabia a respeito daquela mulher.

Ela fora secretária particular do barão, para quem se tornara, em cinco anos, absolutamente indispensável. Tanto que, reconhecendo sua habilidade, ele a promovera para a presidência de uma das subsidiárias e, logo depois, à diretora do grupo. À medida que sua capacidade física declinava, pois ele sofria de câncer, mais e mais responsabilidades o barão lhe delegava. E ela dirigia o complexo de grandes firmas industriais, corporações de eletrônica e armamentos, de bancos e empresas de navegação e construção civil, como o filho que ele nunca tivera. Quando se casaram, ele tinha cinquenta e oito anos, quase o dobro da sua idade. Ela fora uma esposa perfeita, tanto como tinha sido uma companheira nos negócios.

Fora ela quem coletara o enorme resgate pedido pelos sequestradores do marido. E, contra a recomendação da polícia francesa, tinha ido só, sem nenhum guarda-costas, ao encontro de assassinos impiedosos, que lhe entregaram o cadáver mutilado do barão. Depois de sepultá-lo, continuara a dirigir o império que herdara, com mais força e energia ainda.

Estava com vinte e nove anos de idade... Não, devia ser mais, pensou Peter, enquanto se inclinava para beijar-lhe a mão. Ela deveria ter trinta e um anos. E, curioso, usava apenas um anel no dedo com um diamante solitário, uma pedra de mais ou menos seis quilates, porém de tal brancura e fulgor que parecia ter vida própria. Era a escolha discreta de uma mulher de imensa riqueza e de grande estilo.

Quando Peter ficou ereto, percebeu que, de alguma forma, também a impressionara. Talvez fosse bem difícil esconder algo daqueles olhos de esmeralda, mesmo assim ele sustentou seu olhar firmemente, sabendo, sem presunção, que podia aguentar qualquer escrutínio. Mas ainda estava intrigado, com a certeza de que ela o reconheceria.

— Ultimamente, seu nome tem aparecido bastante nos jornais — disse ela como se fosse uma explicação.

Pouco depois, dezesseis pessoas sentavam-se para o almoço, um momento agradável e descontraído, embora a baronesa estivesse tão distante de Peter que lhe era impossível conversar diretamente com ela, e muito menos ouvir o que ela falava, ora com Steven, ora com o editor de um dos jornais nacionais de circulação diária que a flanqueava.

Peter passou a maior parte do tempo ocupado em afugentar uma linda porém

frívola loira que não parava de paquerá-lo. Era uma atriz que se casara bem e se divorciara melhor ainda. Tinha sido escolhida a dedo por Pat Stride. A cunhada de Peter era infatigável em seus esforços para encontrar-lhe uma substituta para Cynthia. Doze anos de fracassos não a haviam desencorajado nem um pouco.

Apesar de tudo, Peter notou que a baronesa bebericara uma ou duas vezes no vinho, mas o nível da taça permanecia sempre o mesmo, e ela apenas beliscara a comida.

Embora ele a observasse com discrição, ela jamais olhou em sua direção. No entanto, quando estavam tomando café na varanda, aproximou-se dele com a maior naturalidade.

— Steven me falou que há ruínas romanas aqui na propriedade — comentou ela..

— Se quiser, posso acompanhá-la até lá. É um passeio agradável pelo bosque.

— Aceito. Vou discutir algumas coisas com Steven antes, mas que tal se nos encontrarmos às três?

27

A BARONESA ALTMANN vestia uma blusa folgada de tweed, encimada por um casaco cuja gola comprida como um cachecol estava jogada nas costas. Botas de cano alto da mesma cor, marrom alface, e um chapéu de abas largas completavam o traje. Ela caminhava em silêncio, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco, sem fazer esforço para proteger as botas da lama, dos espinhos ou das pegajosas samambaias. Movia-se com graça e beleza, ondulando a cintura de tal forma que parecia flutuar. Se não fosse uma das mais importantes líderes mundiais da indústria e das finanças, teria sido uma grande modelo — pensou Peter — pois tinha um talento todo especial para fazer com que as roupas parecessem importantes e elegantes, enquanto as tratava com indiferença.

Peter respeitou seu silêncio, contentando-se em pisar exatamente nos passos dela ao penetrarem nas sombras escuras do bosque, que cheirava a folhas mortas e chuva fria, com carvalhos nus e musgos pendurados, como se implorassem por um céu púrpura acinzentado através dos ramos sustentados nas alturas.

Seguiram sem descansar até o terreno mais alto, embora o caminho fosse bastante difícil. Ela respirava profundamente, porém mantendo um ritmo de esportista. O sangue lhe subia às faces apenas o suficiente para avivar suas bochechas. Devia estar em excelente condição física, pensou Peter.

— Ali estão as ruínas — informou ele, apontando para um fosso quase

escondido pela grama que circundava o topo da colina. — Não são grande coisa, mas eu não queria estragar seu prazer...

— Já estive aqui antes — disse ela, sorrindo.

— Bem, estamos prontos para partir de novo. Acho que decepcionamos um ao outro nesse primeiro encontro...

— Vim direto de Paris — explicou ela. — Foi algo realmente inconveniente. Meus negócios com sir Steven poderiam ter sido resolvidos por telefone em cinco minutos.

O que eu tenho para discutir com você só pode ser feito face a face.

Ah, agora estava explicado por que Steven fora tão insistente para que ele passasse o fim de semana em Abbots Yew.

— Estou lisonjeado com o interesse de uma mulher tão linda... Ela franziu o cenho e, com um gesto de irritação, cortou o elogio, como se fosse uma frivolidade.

— Recentemente você foi sondado pela Narmco, para dirigir a Divisão de Vendas deles — disse ela, e Peter concordou com um gesto de cabeça. Desde que sua demissão fora aceita pelo Ministério da Guerra, recebera várias ofertas de trabalho. — A proposta que lhe fizeram foi excepcionalmente generosa.

— É verdade.

— Você prefere então a tranquilidade da vida acadêmica?

Mesmo sem mudar a expressão, Peter ficou perplexo. Como diabos ela soubera que uma importante universidade americana lhe havia oferecido a cadeira de História Militar Moderna?

— Bem, estou interessado em escrever alguns livros e em ler.

— Você tem uma importante coleção de livros. Aliás, eu li os que você publicou. É uma contradição interessante, um homem de ação direta, e ao mesmo tempo preocupado com o pensamento social e político.

— Às vezes eu mesmo me confundo. Talvez não seja fácil me entender.

— Boa parte de seus escritos coincide com minhas próprias convicções. Quanto às suas ações, se eu estivesse em sua posição, agiria da mesma maneira.

Peter empertigou-se, pressentindo uma alusão à tomada do voo 070. E novamente ela pareceu entender a situação.

— Estou me referindo à sua carreira como um todo, general. De Chipre à Joanesburgo, incluindo a Irlanda. Por que você recusou o emprego na Narmco?

— Simplesmente porque me apresentaram uma proposta absolutamente irrecusável. Os termos do contrato eram tão generosos que me deixaram desconfiado. Porque, com certeza, eu seria solicitado a cumprir tarefas coerentes com a reputação que ganhei a partir da operação do voo 070.

— Que reputação é essa? — A baronesa inclinou-se em sua direção, ficando tão próxima dele que Peter sentiu o suave perfume de sua pele lisa como uma pétala

de rosa.

O cheiro do suor provocado pela subida na colina misturava-se ao aroma da colônia feminina, levando-o à excitação. O desejo de tocá-la, de tomá-la nos braços, era quase incontrolável.

— A de um homem capaz de fazer qualquer conchavo — explicou ele.

— O que você acha que lhe pediriam para fazer? Peter deu de ombros.

— Talvez distribuir propinas aos meus antigos colegas da OTAN, induzi-los a dar pareceres favoráveis aos produtos da Narmco.

— Por que você pensa isso?

— Porque já fui um dos membros do comando da OTAN.

A baronesa voltou-se para apreciar a paisagem de verdes especiais do inverno inglês, os campos ordenados, as pastagens, os contornos das plantas e dos arvoredos.

— Você sabe que através das Indústrias Altmann e de outras companhias eu controlo a maioria das ações da Seddler Steel e da Narmco?

— Não. Mas não posso dizer que estou surpreso.

— E sabia que a oferta da Narmco na realidade partiu de mim? Peter não respondeu.

— Em parte você tem razão... seus contatos com os altos escalões da OTAN, com o alto comando britânico e americano, compensariam cada centavo do enorme salário que lhe oferecemos. Quanto às propinas... — Ela sorriu, e então seu rosto pareceu muito mais jovem. — Vivemos numa sociedade capitalista, general. Preferimos falar em comissões e taxas de apresentação.

Peter também sorriu, não por causa do que ela dissera, apenas porque seu sorriso era irresistível.

— Mas eu lhe dou minha palavra de que você nunca será constrangido a oferecer ou levar... Desde que a Lockheed foi indiscreta, as coisas mudaram. Nada condenável pode ser atribuído à Narmco ou aos seus altos dirigentes. Você tem essa garantia.

— Essa discussão é acadêmica. Eu recusei a proposta.

— Discordo, general Stride. — Ela abaixou a cabeça, e a aba do chapéu cobriu seus olhos. — Espero que depois de ouvir meus argumentos você reconsidere. Para começar, cometi o erro de me manter a distância. Confiei na generosidade da oferta para cooptá-lo. Um tipo de equívoco que não costumo cometer.

Outra vez com um sorriso nos lábios, a baronesa tocou-lhe o braço, com dedos longos e esguios, cujas unhas bem cortadas estavam pintadas com esmalte cor-de-rosa.

— Meu marido foi um homem extraordinário. Tinha bastante visão, poder e bondade. Por isso que o torturaram e mataram... Eles o mataram da maneira mais

vil!

A baronesa não tentou disfarçar as lágrimas que enchiam seus olhos. Sequer piscou. E, depois de alguns instantes de silêncio, deslizou a mão pelo braço de Peter, aproximando-se ainda mais, a ponto de quase roçar o corpo no dele.

— Vai chover logo — comentou ela, com a voz controlada.

— Vamos voltar. — Assim que se puseram a caminho, continuou:

— Os carneiros que fizeram aquilo com Aaron estão livres, enquanto uma sociedade impotente fica na expectativa, totalmente sem defesa para o próximo ataque. Os Estados Unidos mesmo não têm preparo suficiente para se prevenir dessas ações. A Inglaterra só se preocupa com seus problemas particulares, como nós do resto da Europa; não há um consenso entre os países para um problema que é internacional. O Atlas foi uma ótima ideia, embora limitado pelo fato de somente ser usado em contraataque, e ainda em circunstâncias especiais. Entretanto, se chegassem a suspeitar de sua existência, os simpatizantes da esquerda tentariam estraçalhá-lo como um bando de hienas sobre a caça.

Ela apertou-lhe o braço levemente, e fitou-o com um olhar solene.

— Sim, general. Também sei sobre o Atlas, mas não me pergunte nada.

Penetraram no bosque, pisando com cuidado, pois o caminho era acidentado e escorregadio.

— Depois da morte do meu marido, comecei a pensar em como proteger o mundo sem agir fora-da-lei. Junto com as Indústrias Altmann, herdei um extenso sistema de coleta de informações, destinado, é claro, a facilitar nossas transações comerciais...

Falando num tom rouco, adocicado, que soava hipnótico para Peter, ela explicou como usara sua fortuna e influência para alcançar fronteiras fechadas à maioria, para obter um panorama do mundo da violência e da intimidação.

— Não me deixei prender por considerações como as da Interpol, proibida por leis suicidas de envolver-se em qualquer crime que tenha motivação política. E quando fui capaz de transmitir aquilo que aprendi, então passei a ser contra esse estado mental autodestrutivo que se mascara com a democracia e a liberdade individual.

Por duas vezes previ um ataque terrorista e adverti as autoridades; mas, como intenção não é crime, ambos os culpados foram escoltados à fronteira e deixados livres para se prepararem quase que abertamente para a infâmia seguinte. O mundo espera agachado o próximo golpe, impedido de tomar qualquer atitude preventiva para evitá-lo.

E quando a coisa explode, vem a confusão sobre as responsabilidades nacionais, o complicado conceito de força mínima... Você conhece bem isso. Você escreveu com profundidade sobre o assunto.

— Mas é agradável ouvir isso repetido.

— Logo chegaremos à parte interessante. Só que estamos quase em casa...

— Venha comigo — disse Peter, dirigindo-se para o pavilhão da piscina. Ali, a superfície da água aquecida estava coberta de névoa. Exuberantes plantas tropicais faziam um vivo contraste com a paisagem invernal do outro lado das paredes de vidro.

Sentaram-se lado a lado num balanço que pendia do teto, próximo o suficiente para conversarem em voz baixa. Antes, porém, de qualquer diálogo, ela tirou o chapéu, a manta e o casaco e jogou-os numa cadeira de bambu ao lado.

— Entendo por que sir Steven deseja que você vá para as finanças — disse ela, fitando-o. — É muito mais seguro...

— Não tenho a mesma reverência que Steven por dinheiro.

— Mas é fácil adquirir, general Stride. O tipo da coisa que logo se torna um vício.

Naquele instante, as crianças de ambos os irmãos Stride chegaram rindo e gritando, embora se contivessem um pouco quando se deram conta de que Peter e a baronesa estavam no balanço.

O filho mais moço de Steven, vestindo uma roupa elaborada e usando um aparelho metálico nos dentes frontais, deslizou os olhos na direção deles e então dirigiu-se a Melissa-Jane:

— Je taime, ma chérie, Swokn! Swoon! — Como que para castigar seu sotaque terrível, a garota repreendeu-o com uma vaia e deulhe um empurrão no traseiro que o lançou na parte mais profunda da piscina.

A baronesa riu.

— Sua filha parece ser bastante protetora... Ou seria simples ciúme? — Sem esperar resposta, ela fez outra pergunta, que Peter pensou ter entendido mal devido ao barulho das crianças.

— Perdão, o que foi que você disse?

Então ela repetiu:

— O nome Califa significa alguma coisa para você?

Peter franziu o cenho, como se estivesse pensando, enquanto sua memória recuava até aqueles terríveis segundos de combate mortal, de fumaça, chamas e disparos, e da garota de cabelos negros e camiseta escarlate, berrando: "Não nos mate. Califa disse que não morreríamos. Califa..." — E uma bala certa interrompera a frase, atingindo-lhe a boca. Aquela palavra intrigava-o desde então; de nada adiantara procurar seu significado; ele chegara a pensar na possibilidade de ter ouvido mal.

Agora sabia que não.

— Califa? — perguntou, sem saber por que iria negá-lo. Talvez apenas para

manter algo reservado, para não ser carregado pela torrente da personalidade e presença daquela mulher. — É um título maometano; significa o herdeiro de Maomé, o sucessor do profeta.

— Sim. É o título de um líder civil e religioso. Quero saber se você ouviu esse nome ser usado como um código.

— Acho que não. O que significa?

— Não estou segura, minhas fontes ainda estão confusas... — Ela se interrompeu para observar Melissa-Jane, que estava chamando a atenção de Peter. Assim que o pai voltou-se para ela, a garota correu pelo trampolim e jogou-se no ar, leve como uma andorinha no céu, num salto de volta e meia. Penetrou na água, depois retornou à superfície, com os cabelos escorregando pelo rosto.

— É uma menina adorável — comentou a baronesa. — Não tenho filhos. Aaron queria um, mas não tivemos. — Havia tristeza em seus olhos verdes, que ela logo tentou disfarçar.

Do outro lado da piscina, Melissa-Jane saía da água e enrolava uma toalha nos ombros, cobrindo os seios pequenos, que eram ao mesmo tempo motivo de embaraço e de tímido orgulho da garota.

— Califa... — Peter lembrou à baronesa, que se virou para ele.

— Ouvi esse nome pela primeira vez há dois anos, em circunstâncias que jamais esquecerei... Posso considerar que você está a par dos detalhes do sequestro e morte do meu marido? Não gostaria de repetir toda a história, a menos que seja necessário.

— Sim, claro, não precisa repetir.

— Você sabe que eu entreguei o resgate pessoalmente?

— Sim.

— O encontro foi em uma pista de pouso deserta próxima da fronteira da Alemanha Oriental. O grupo me esperava em um bimotor leve, um avião de reconhecimento fabricado na União Soviética, com os prefixos de identificação borrados.

Peter lembrou-se do planejamento meticuloso e do equipamento especial utilizado no sequestro do 070. Tudo combinava.

— Havia quatro homens mascarados. Falavam russo, pelo menos dois deles. Os outros dois não abriram a boca. Era um russo péssimo!

A baronesa, além do russo, falava cinco outros idiomas. Peter lera em sua ficha que ela possuía uma boa bagagem cultural do Leste europeu, pois nascera na Polônia, de onde escapara com o pai ainda garota.

— Tenho quase certeza de que a aeronave e o russo eram um artifício para encobrir suas verdadeiras identidades. Fiquei alguns minutos com eles. Estava com quarenta e cinco milhões de francos suíços, que mesmo em notas de grande valor

eram uma carga incômoda para colocar a bordo do avião. Assim que perceberam que eu não tinha escolta policial, relaxaram e brincaram entre si enquanto carregavam o dinheiro. A palavra "Califa" foi usada em inglês, num diálogo em russo que dizia mais ou menos o seguinte: "Ele estava certo novamente", e a réplica: "Califa está sempre certo". Foi o uso da palavra em inglês que me fez lembrá-la tão claramente.

— Você comunicou à polícia? — perguntou Peter gentilmente.

— Não. Não sei por quê. Eles eram tão displicentes naquela época! E eu estava zangada, triste e confusa. Por pouco não me decidi caçá-los por conta própria.

— Essa foi a única vez que você ouviu o nome?

Por alguns minutos, os dois observaram as crianças brincando. Era uma fantasia discutir a fonte do mal contra um fundo de risos e brincadeiras inocentes.

Ao retomar a conversa, a baronesa deu a impressão de que se esquecera da pergunta de Peter:

— Teve aquele hiato no terrorismo internacional. Os americanos pareciam ter liquidado o problema dos sequestros com o acordo cubano e as inspeções rigorosas dos aeroportos. Depois houve as campanhas bem-sucedidas contra a ala provisória do IRA, o ataque a Entebbe e a operação alemã em Mogadíscio, que foram aclamados como vitórias definitivas. Todos se congratulavam com a derrota do terrorismo. E os árabes estavam muito ocupados com a guerra no Líbano e com as rivalidades intergrupais.

Era uma coisa do passado. — Ela balançou a cabeça antes de prosseguir: — Só que o terrorismo é uma indústria crescente... há menos riscos do que em financiar um grande filme. Estatisticamente, têm sessenta e sete por cento de chances de sucesso; o desembolso de capital é mínimo, com lucros exorbitantes e publicidade gratuita, com resultados instantâneos e um potencial de poder incalculável. Mesmo na eventualidade de um fracasso total, ainda existe mais de cinquenta por cento de chance de sobrevivência para os participantes... Qualquer negociante sabe que isso é melhor que o mercado de bens.

— Mas tem um problema, baronesa. É um negócio dirigido por amadores, ou por profissionais cegos pelo ódio, ou incapacitados por interesses paroquianos e objetivos limitados.

Ela girou no assento do balanço, cruzando as longas pernas numa pose bem feminina.

— Você está na minha frente, Peter... Desculpe, mas sinto-me como se o conhecesse há longo tempo.

— Dirigiu-lhe um sorriso cálido e completou: — Meu nome é Magda.

— Obrigado, Magda.

— Pois bem, o negócio está nas mãos de amadores, mas é bom demais para ficar onde está.

— E aí entra Califa...

— Isso foi um sussurro que ouvi; normalmente ninguém usa nome. Mas em uma reunião em Atenas, ou Amsterdã, ou Berlim Oriental ou Aden... ouvi o nome Califa outra vez. Se ele de fato existe, deve ser um dos homens mais ricos do mundo, e logo será um dos mais poderosos.

— Um homem? — perguntou Peter.

— Não sei. Talvez um grupo de homens, ou até mesmo um governo. Rússia, Cuba, um país árabe, quem sabe?

— E os objetivos?

— Dinheiro em primeiro lugar; riqueza para atacar os objetivos políticos, e finalmente poder, poder bruto. — Magda deteve-se e fez um gesto de autodesaprovação.

— Bem, isso é adivinhação novamente, uma hipótese pessoal, baseada apenas no desempenho dele.

Eles já têm a riqueza, fornecida pela OPEP e... e por mim mesma, entre outros. Agora, ele ou eles começaram a buscar objetivos políticos, um alvo fácil em primeiro lugar.

Um governo de minoria racista, sem nenhum aliado poderoso. Deveria de ter dado certo.

Poderiam ter vencido uma nação inteira, uma nação rica em minerais, pelo preço de uma dúzia de vidas. Mesmo que tivessem falhado no objetivo maior, o prêmio de consolação era quarenta toneladas de ouro puro. Isso é um bom negócio, Peter. Deveria ter dado certo. Tinha dado certo. As nações aliadas estavam pressionando a vítima e forçando-a a ceder... Era um campo de prova, e funcionava perfeitamente, exceto para um homem.

— Estou receoso, Magda... como nunca estive em minha vida.

— Eu também. Estou amedrontada desde aquele terrível telefonema na noite em que pegaram Aaron.

E quanto mais me informo, mais temor eu sinto.

— O que vai acontecer a seguir?

— Não sei, mas o nome que ele escolheu sugere megalomania, alguém com visão messiânica. É difícil entender a mente de um homem que embarca nesse tipo de ação. Talvez ele acredite que está fazendo um bem à humanidade. Talvez queria atacar o rico acumulando riqueza, destruir o tirano com uma tirania universal, libertar a humanidade para torná-la escrava do terror. Endireitar os erros do mundo com o mal e a injustiça.

Ela movimentou as mãos, fazendo o diamante reluzir, depois tocou o braço

dele, desta vez com força.

— Você precisa me ajudar a encontrá-lo, Peter. Vou investir tudo o que posso nessa caçada. E toda a minha riqueza e influência estarão à sua disposição.

— Você me escolheu porque acredita que eu assassinei um prisioneiro ferido? São estas as minhas credenciais?

Ela vacilou por alguns instantes, e em seguida confirmou:

— Em parte, sim. Mas só em parte. Você sabe que eu li os seus livros, que os estudei cuidadosamente. Você é a melhor pessoa disponível para o caso, tem provado que se envolve até a alma. Você tem o poder, a habilidade e a coragem para encontrar Califa e destruí-lo, antes que ele destrua o nosso mundo.

Peter ficou em silêncio, meditando. Ele acreditava que a besta tinha mil cabeças e que, para cada uma que fosse decapitada, outras mil cresceriam; agora, pela primeira vez, imaginava a forma completa da besta ainda na tocaia, não muito clara, mas com uma única cabeça. Talvez, depois de tudo, ele fosse mortal.

— Você me ajuda, Peter? — insistiu ela.

— Você sabe que sim... Não tenho outra escolha.

28

A LUZ SOLAR refletia-se nos campos nevados, de um branco resplandecente, enquanto ela deslizava, contornando os obstáculos com elegância, provocando um rápido esvoaçar de neve ao longo do declive da montanha, num intrincado balé de movimentos.

Ela usava uma roupa cinza-pérola apertada, com guarnição preta nos ombros e punhos, calçava cintilantes botas negras Heierling, e seus esquis, estreitos e negros, eram da marca profissional Rossignol.

Peter seguia atrás, esforçando-se para não perder terreno, mas seus contornos eram voltas geométricas sem o estilo suave das curvas que a faziam adiantar-se cada vez mais.

O potrilho corre como dez cavalos Porém a égua, como uma nova corça.

Kipling bem que poderia tê-los descrito — ela avançara cem metros à frente dele quando entraram no bosque.

A sombra dos pinheiros deixava o caminho em penumbra, e o gelo rumorejava sob os esquis enquanto ela fazia as estreitas curvas perigosamente rápido. Sempre à frente, tremeluzia como um fantasma prateado sobre as pernas longas, as nádegas balançando ritmicamente nas voltas, inclinando-se sob as rajadas de vento, e sua rouca gargalhada alcançando Peter. Certas habilidades tinham de ser desenvolvidas durante a infância... Bem, se ela era polonesa, provavelmente já

esquiava antes mesmo de ser desmamada.

Assim, Peter apagou a chama de ressentimento que costumava sentir ao ser ultrapassado por outro, particularmente por uma mulher que estava se tornando sua obsessão.

Ele alcançou outro íngreme contorno, com um muro ondulado de neve elevando-se cinco metros a direita, e na esquerda as copas dos pinheiros próximos — era tão escarpado que a montanha caía para um vale.

Os sinais de advertência passaram rapidamente antes da ponte de madeira, com suas beiras enceradas, opalescentes como gelo esverdeado. Ele sentiu o controle escapar quando entrou na polida superfície metálica. A ponte cruzava uma garganta profunda e sombreada, com uma queda d'água congelada na rocha negra da montanha com seus próprios estalagmites, como cravos de crucifixão.

Tentar cruzar a margem ou estancar a velocidade naquele caminho traiçoeiro seria convidar o desastre; se se recostasse seria derrubado instantaneamente e jogado na guarda da ponte... No momento em que se alinhava para cruzá-la, Peter lançou-se para a frente de tal forma que seus pés quase soltaram das botas — num mergulho de terror e hilaridade, ele conseguiu passar, e se viu rindo alto enquanto seu coração sacolejava e sua respiração competia com o som do vento...

Ela o esperava onde o caminho apresentava os declives mais baixos. Erguera os óculos de proteção e tirara as luvas, deixando os bastões cravados na neve ao seu lado.

— Você nunca entenderá o quanto eu precisava disso, — Ela voara a Zurique naquela manhã, em seu jato pessoal. Peter viajara pela Swissair, saindo de Bruxelas, e tinham pegado um automóvel juntos. — Você sabe o que eu quero, Peter?

— Pode falar...

— Eu gostaria de tirar um mês inteiro, trinta dias completos, para fazer o que desejo. Ser uma pessoa comum, ser como as outras pessoas e não sentir um instante de culpa.

Ele a tinha visto em apenas três ocasiões durante as seis semanas desde aquele encontro em Abbots Yew. E sempre em reuniões, encontros totalmente insatisfatórios.

Na primeira vez, em seu novo escritório na representação da Narmco em Bruxelas; depois, em La Pierre Bénite, a casa de campo que ela possuía nas cercanias de Paris, juntamente com outros vinte convidados para o jantar; a terceira vez, na bem decorada cabine do seu jato num voo entre Bruxelas e Londres.

Embora tivesse feito pouco progresso na caça a Califa, Peter estava explorando algumas pistas e tinha ainda uma dezena de caminhos a seguir.

Durante o terceiro encontro, Peter discutira com ela a necessidade de reestruturar seus serviços pessoais de segurança. E trocara seus antigos guarda-

costas, substituindo-os por outros de uma agência da Suíça, que treinava seus próprios homens. O diretor dessa agência era um velho amigo seu.

O pessoal acompanhara-a a essa nova reunião, onde Peter relataria seus progressos para Magda, mas, em poucas horas, a neve havia seduzido os dois.

— Ainda temos duas horas antes que a luz desapareça. — Peter olhara através do vale para a igreja do povoado. Os ponteiros dourados do relógio indicavam duas e alguns minutos. — Você quer ir até Reinhorn?

— Bem, o mundo vai continuar a girar, tenho certeza. — Seus dentes eram muito brancos, mas um deles estava levemente trincado, uma mancha de aparência esquisita quando ela sorria. — Qualquer coisa pode esperar duas horas.

Peter sabia que ela se movimentava por horários inacreditáveis, começando seu trabalho diário quando o resto do mundo ainda dormia; e como se isso fosse pouco, ficando até tarde mesmo depois que os escritórios das Indústrias Altmann no boulevard Capucine já estavam desertos. Até durante a viagem para Zurique ela despachava a correspondência ditando para uma secretária. E no chalé do vale, duas secretárias a esperavam, com uma pilha de telex para apreciação e a linha pronta para a resposta.

— Há melhores formas de morrer do que se matar trabalhando — ele disse, perdendo a paciência. Ela riu descontraída; as maçãs do rosto estavam coradas e os olhos brilhavam devido à última corrida.

— Você tem razão, Peter. Vou mantê-lo próximo para que me lembre disso.

— Essa é a primeira manifestação sensata que ouço de você em seis semanas. — Era uma indireta a oposição que ela fizera às mudanças em sua segurança pessoal.

Embora mantivesse o sorriso nos lábios, ela assumiu uma expressão séria.

— Meu marido me deixou uma responsabilidade — disse, escondendo a tristeza por trás do sorriso. — Uma obrigação que devo realizar. Qualquer dia eu lhe explico. Agora não; só temos duas horas.

Nevava ligeiramente, e o sol desaparecera atrás das montanhas, quando se puseram a caminho do povoado. Eles eram parte do alegre grupo que retornava das encostas, formando blocos ao longo das calçadas congeladas, carregando os esquis e os bastões nos ombros, tagarelando sobre a ameaça da pista alta.

— É gostoso estar livre dos meus lobos por um momento. — Magda apoiou-se no braço dele quando seus patins escorregaram nas sujas arestas do gelo, e depois que recuperou o equilíbrio, manteve a mão ali.

Os "lobos" eram os guarda-costas que Peter arranajara, vigilantes silenciosos que a seguiam tanto a pé como de carro. Eles ficavam do lado de fora do escritório enquanto ela trabalhava, e outros guardavam a casa enquanto ela dormia. Naquela manhã, entretanto, ela argumentara com Peter: "Hoje tenho como companheiro uma

medalha de ouro das Olimpíadas de tiro, não necessito dos lobos".

A Narmco fabricava uma versão de parabelum de 9 mm, chamada "Cobra", que, após uma única manhã de treinamento, conquistara Peter. Era mais leve e achatada que a Walther, fácil de portar e esconder, e tinha um mecanismo simples, que poupava tempo, na medida em que não necessitava ser engatilhada após o primeiro tiro. Ele não tivera problemas para conseguir permissão para portar a arma como amostra de venda – apenas precisava apresentar a licença antes de cada voo comercial — e a carregava num elegante coldre moldado Alessi, de fácil manuseio.

A princípio Peter sentira-se teatral e melodramático, embora logo se convencesse de que seguir as pegadas de Califa desarmado seria pouco menos que uma loucura.

Habituara-se com aquele peso sob a axila direita. De repente Magda quebrou o silêncio:

— Estou quase morrendo de tristeza. — Então, os dois empilharam seus esquis e entraram num dos cafés aquecidos com nuvens de vapor que se alinhavam na rua principal.

Encontraram uma mesa repleta de gente jovem, e pediram taças de Gliihvein quente. Logo, um grupo de quatro pessoas tocou uma canção popular. O restante de seus companheiros de mesa entraram como um enxame na pequena pista de dança. Peter lançou um olhar desafiador para Magda, que perguntou num tom divertido:

— Você já dançou em botas de esqui?

— Sempre é tempo para a primeira vez.

Ela dançava como fazia tudo: completamente absorvida. E seu corpo rígido e esguio roçava o dele.

Escurecera por completo quando subiram o estreito caminho sobre o povoado e atravessaram o portão eletronicamente controlado num muro de proteção ao redor do chalé.

Era típico dela evitar os recursos da moda, e que externamente o chalé não parecesse diferente dos outros cinquenta que se amontoavam em desordem à margem da floresta de pinheiros.

Houve um evidente alívio entre seu séquito quando ela retornou, embora parecesse quase desafiadora à preocupação deles, como se tivesse provado alguma coisa a se própria; mas ainda não trocara as roupas esportivas ao desaparecer na suíte do escritório do primeiro andar, com seus dois secretários homens. "Trabalho melhor com os homens" — explicara a Peter certa vez.

Enquanto vestia-se com calça, blazer e um pulôver de gola olímpica, depois de um banho escaldante, Peter ouvia o trepidar da máquina de telex do andar de baixo.

E somente uma hora depois ela o chamou pelo telefone interno.

Todo o andar superior era seu domínio particular e ela estava em frente à janela, olhando as luzes cobertas de neve do vale quando ele entrou. Vestia calça verde cobrindo o cano das botas apres-ski, e blusa da mesma cor, uma combinação perfeita para seus olhos.

Assim que os viu, ela pressionou um botão escondido e as cortinas fecharam-se silenciosamente.

— Aceita um drinque, Peter?

— Não, se vamos conversar.

— Nós vamos conversar. — E ela indicou a poltrona de couro próxima à lareira. Magda tinha evitado o tradicional cuco suíço e a decoração de tábuas de pinho nodosas;

o carpete era um espesso Walton que combinava com as cortinas; a mobília, confortável, moderna, esportiva e alegre, o melhor gosto para parecer natural e sem afetação, fazendo conjunto com a arte moderna nas paredes e a escultura abstrata em madeira escavada e mármore. Subitamente ela sorriu. — Eu não sabia que tinha encontrado um talentoso gerente de vendas para a Narmco. Estou realmente impressionada com o que você fez em tempo tão curto.

— Eu precisava ter um pretexto plausível. E estou acostumado a ser um soldado; o trabalho me interessa.

— Vocês, ingleses, são sempre tão modestos!

Ela movia-se pela sala; embora nunca descansasse, tampouco aparentava cansaço.

— Soube que a OTAN fará teste definitivo do Kestrel, depois de dois anos de adiamento. — Kestrel era um míssil de infantaria portátil de alcance médio e ação terra-a-terra.

— Fui informada de que tomaram essa decisão depois que você se encontrou com alguns ex-colegas.

— O mundo gira no velho sistema de mensageiros. Você deveria saber disso.

— E você está usando o antigo sistema de mensageiro com os iranianos?

— Foi um pequeno golpe de sorte. Há cinco anos eu era colega de curso do novo conselheiro deles para assuntos militares.

— Sorte novamente. — Ela sorriu. — Não é estranho que a sorte favoreça sempre os que são sagazes e dedicados e que se movimentam mais rápido que a maioria?

— Tive menos sorte em outras direções... Fui mal sucedido no contato de que falamos cerca de uma hora na última reunião....

Tinha discutido a possibilidade de acesso ao computador do Atlas, para pegar eventuais relatórios sobre "Califa" preparados pelos serviços de informação, desde que houvesse algum arquivado.

Como expliquei, havia uma possibilidade remota de acesso, através de alguém que me devia um favor. Ele não pôde ajudar. Acredita que se houver alguma ficha de Califa, está bloqueada e vigiada.

Isso significava que qualquer requisição não-autorizada faria soar um alarme no controle de serviço secreto.

— Colocaríamos Atlas em condições Delta se requisitássemos um informe impresso.

— Você não lhe deu o nome? — perguntou Magda asperamente.

— Não. Nada de nomes, apenas uma discussão genérica num jantar no Brooks: porém todas as implicações estavam colocadas.

— Você tem outras rotas de acesso?

— Acho que sim. Mais uma, o último recurso. Antes disso, talvez seja melhor você me dizer se tem algo mais de suas fontes.

— Minhas fontes... — Magda nunca fizera descrições detalhadas, e Peter tampouco pedira. Havia um certo tom conclusivo na forma como ela falava. — Minhas fontes são quase todas negativas. O ataque à embaixada da Holanda em Bonn não estava conectado com Califa. Foi exatamente o que parecia ser: extremistas das Molucas do Sul.

Os sequestradores da Cathay Airlines e Transit Airlines eram ambos amadores, como ficou evidente pelos métodos e resultados. — Ela sorriu secamente e virou-se para acenar a posição de um painel de Hundedwasser pendurado na parede.

— Há apenas um ato recente que tem o estilo de Califa.

— O príncipe Hassied Abdel Hayek?

Ela virou-se para encará-lo, colocando a mão sobre o quadril, as unhas bem vermelhas contra o verde leve da roupa, o diamante do anel de marquesa brilhando.

— O que você sabe dele?

O príncipe fora morto com três balas calibre 22 na nuca enquanto dormia em seu quarto no campus de Cambridge. Tinha dezenove anos e era neto do rei Khalid da Arábia Saudita, não um dos seus favoritos; um jovem escolar de óculos que parecia contente por estar fora dos círculos de poder e política do palácio. Não houvera tentativa de sequestro, nenhum sinal de luta, nenhuma evidência de roubo; o jovem príncipe não tinha amigos próximos nem inimigos aparentes.

— Parecia não haver motivo — admitiu Peter. — Por isso que pensei em Califa.

— A trapaça de Califa... — Magda girou, e suas ancas balançaram levemente. Através da calça apertada, suas nádegas pareciam perfeitas, a sombra da separação entre elas aparecendo através do fino tecido. Peter observou-lhe as pernas enquanto ela passeava, percebendo pela primeira vez que seus pés eram esguios,

delicados, quase uma escultura. — E se eu lhe disser que a Arábia Saudita deixou claro aos demais membros da OPEP que, longe de suportarem um aumento no preço de óleo cru, vão pressionar para uma redução de cinco por cento no preço mundial da organização na próxima reunião...

Peter levantou-se da cadeira, enquanto Magda perguntava:

— O que você acha disso?

— O rei tem netos prediletos, além de irmãos, sobrinhos...

— Setecentos parentes! E ele é árabe. Você sabe como os maometanos são com os filhos e netos. — Magda ficou tão próxima dele que Peter sentia o calor de seu corpo, o perfume feminino que o perturbava... Mesmo assim ele continuou atento à conversa. — Talvez o rei Khalid tenha sido avisado de que também é mortal.

— Tudo bem, o que estamos sugerindo? Que Califa cunhou uma nova fórmula fácil? Pegando o homem que controla o destino económico do mundo ocidental? Que toma decisões pessoais, que não é acessível a gabinetes ou causas, ou governos? — Mas um homem que é vulnerável ao terrorismo pessoal, que tem um passado de apaziguamento com a pressão terrorista. As velhas verdades ainda servem: "Não cai fácil a cabeça que usa uma coroa". O rei não ficará indiferente ao medo da lâmina do assassino. Ele entenderá a lei do punhal, porque sempre viveu com ela.

— Bem, você tem que admirar isso. Não há necessidade de pegar e manter reféns. Não há motivos para expor-se. Mata-se um obscuro membro de uma grande família real, e promete-se que haverá mais, cada um mais importante, próximo do cabeça.

— A família do rei é bastante exposta; toda vez que você parar em Dorchester, encontrará um dos seus filhos tomando cafezinho num local público. Eles são alvos fáceis, e existem muitos. Pode-se até matar dois ou três príncipezinhos, mas secretamente o mundo sentirá que os terroristas chegaram a eles também. Não haverá um mar de lágrimas para homens que carregam o mundo como refém.

— Você devia não apenas admirar, mas ter uma certa simpatia pela causa. É uma freada mortal para a crescente inflação do mundo, uma parada no desequilíbrio do comércio.

Magda ficou feroz como ele nunca tinha visto antes.

— Essa é a armadilha, Peter. Ver apenas o fim, e endurecer com os meios. É a armadilha que Califa preparou com a tomada do 070. Suas exigências coincidiam com as das potências ocidentais, que fizeram pressão sobre a vítima. Se Califa estiver pressionando os ditadores do petróleo para uma moderação de suas exigências, quanto apoio poderá obter das potências capitalistas do Ocidente?

— Você é capitalista. Se Califa triunfa, você será uma das primeiras a se beneficiar.

— Sou capitalista, sim. Mas antes sou um ser humano, e um ser humano pensante. Você acredita que após o triunfo isso seria a última coisa que ouviríamos dele?

— Claro que não. Suas exigências serão sempre maiores; a cada sucesso ele vai se tornar mais atrevido.

— Bem, podemos tomar aquele drinque agora. — Magda pressionou um botão, e a tampa de ônix da mesa de café deslizou, revelando um arranjo de garrafas e copos embaixo.

— Uísque, não? — E serviu-lhe uma dose de Glenlivet. Quando lhe passou o copo de cristal, seus dedos tocaram-se, e ele se surpreendeu, pois sua pele estava gelada.

Ela despejou vinho branco em uma taça e completou-a com água Perrier. Ao recolocar a garrafa no balde de gelo, deixou visível o rótulo: Montrachet 1969. Talvez o melhor vinho branco do mundo. Peter protestou contra aquele sacrilégio.

— Alexandre Dumas disse que ficaria bêbado apenas apoiado com os joelhos e com a cabeça descoberta.

— Ele esqueceu a água mineral... De qualquer forma, não se pode confiar num homem que empregava outras pessoas para escrever os seus livros. — Ela ergueu a taça de vinho adulterado em sua direção. — Há muito tempo decidi viver a vida nos meus próprios termos. Ao inferno com o senhor Califa.

— Devemos brindar a isso?

Em vez de responder, Magda deixou a taça sobre a mesa e foi ajeitar um vaso de tulipas de estufa no fundo da sala.

— Se estivermos certos, se isso é trabalho de Califa, fica prejudicado o perfil que fiz dele – continuou Peter.

— Como assim? — perguntou ela, sem se aproximar.

— Califa é um nome árabe. Ele está atacando o líder do mundo árabe.

— Mera manobra de diversão. O nome deve ter sido escolhido para confundir os caçadores, ou talvez haja outras exigências além do preço do petróleo; talvez Khalifa esteja sendo pressionado para dar maior apoio aos palestinos, ou a um dos outros movimentos árabes extremistas. Não sabemos o que Califa quer da Arábia Saudita.

— Mas o preço do óleo é controlado pelo Ocidente. De certa forma, sempre se aceitou a tese de que o terrorismo é uma ferramenta da extrema-esquerda. A tomada do 070 e o sequestro do seu marido foram ambos dirigidos contra a sociedade capitalista.

— Ele sequestrou Aaron pelo dinheiro, e matou-o para proteger sua

identidade. O ataque ao governo da África do Sul, o ataque ao cartel do petróleo, a escolha do nome, tudo aponta para uma pessoa com pretensões divinas. — Magda arrancou a flor de uma das tulipas com um gesto abrupto e zangado, e esmagou-a na mão. Deixou as pétalas caírem num cinzeiro de ônix. — Sinto-me tão abatida, Peter. Parece que estamos andando em círculos — continuou, enquanto se aproximava dele. — Você disse antes que existe uma forma segura de atrair Califa...

— Sim.

— Pode me explicar?

— É um velho truque dos Shikaris indianos. Quando eles se cansam de procurar o tigre na selva sem conseguir nenhuma pista, costumam arriscar uma cabra e esperar pela fera.

— Uma cabra?

— Meu signo do Zodiaco é capricórnio; a cabra. — Ele riu.

— Não entendi.

— Se eu espalhasse que estava caçando Califa... Bem, ele sabe que eu existo. A sequestradora falou meu nome, claro, inconfundível. Tinha sido avisada. Por isso acredito que Califa me levaria a sério para considerar a necessidade de me procurar.

O rosto de Magda mudou de cor; uma sombra de preocupação passou pelos seus olhos.

— Peter...

— É a única forma de me aproximar dele.

— Peter... — Com a mão apoiada no braço dele, ela não conseguiu continuar. Encarou-o em silêncio, com os olhos escuros e inescrutáveis. Uma veia pulsava em seu pescoço, bem abaixo da orelha. Peter abriu a boca, como se fosse dizer alguma coisa, porém ela tocou-lhe os lábios com a ponta da língua, deixando-os úmidos, vulneráveis.

Enquanto isso, aumentou a pressão dos dedos em seu braço, mudou de postura, arqueando as costas, de modo a roçar o corpo no dele.

— Tenho estado tão sozinha — murmurou ela. — Tão sozinha, há tanto tempo... Só percebi isso hoje, enquanto estava com você.

Peter perdeu o fôlego, e sentiu o sangue acelerar-se nas veias.

— Não quero mais ficar sozinha, nunca mais.

29

MAGDA SOLTARA OS CABELOS espessos e longos, que lhe caíam até a cintura, repartidos ao meio, emoldurando-lhe as faces pálidas e de ar infantil. Seus

olhos denotavam insegurança quando ela se aproximou de Peter, que estava deitado na cama de casal.

Vestia um penhoar comprido, com mangas largas, forrado internamente de cetim, e gola estilo chinês. Ao contrário do que Peter esperava, parecia nervosa como uma adolescente que fosse fazer amor pela primeira vez.

— Estou tão insegura... tenho medo de decepcioná-lo, Peter— sussurrou ela, com os lábios trêmulos.

Sem nada dizer, ele estendeu-lhe a mão. Estava coberto da cintura para baixo, mostrando o peito bronzeado, cheio de pêlos escuros. Foi gratificante para Magda perceber que seu corpo forte era todo músculos, sem nenhum excesso na barriga, nos ombros ou nos braços.

Um verdadeiro atleta. Mesmo assim, não se encorajou a atender ao seu chamado. O que o obrigou a insistir, num tom de voz gentil e caloroso.

— Venha...

Ela deu-lhe as costas por alguns instantes, enquanto abria os botões do roupão. Com gestos lentos, que refletiam seu nervosismo, deslizou-o pelos ombros, fazendo-o cair a seus pés.

A visão daquele corpo bem feito, de curvas suaves, quase tirou a respiração de Peter. Como sua pele era perfeita, como suas nádegas eram bonitas! Incapaz de conter-se, ele foi até a beirada da cama e puxou-a para o colchão. Um beijo longo deu início a uma sessão de carícias mútuas que parecia nunca mais ter fim.

Seus seios, pequenos como os de uma garota na puberdade, estavam intumescidos, com os mamilos cor de vinho rijos e eretos. O ventre alvo, macio, sem nenhum grama de gordura, tinha uma linha de pelinhos brilhantes, do umbigo para baixo, até alcançar o púbis.

Magda apertava o corpo contra o dele, abraçando-o com força, a pele arrepiada de excitação. Sua boca tinha o sabor do desejo, que também se revelava na respiração ofegante, na pulsação acelerada do seu sangue nas veias. A fragrância de flores que emanava do corpo feminino misturava-se ao cheiro de suor da mulher madura, carente de afeto.

Foi uma noite repleta das mais inebriantes sensações que podem tomar dois amantes. Muito mais tarde, a tranquilidade do desejo satisfeito manifestava-se em cada célula de ambos os corpos. Uma sensação que parecia vir do mais profundo de suas almas.

— Eu sabia que vivia na solidão — sussurrou ela. — Mas não imaginava que esse sentimento fosse tão terrível. — E o enlaçou, como se nunca mais fosse deixá-lo.

TRÊS HORAS ANTES DO AMANHECER, Magda despertou-o. Ainda estava escuro quando deixaram o chalé. As luzes do Mercedes, que os seguia levando os lobos, varriam o interior da cabine na serpenteante estrada em declive pelas montanhas.

Na decolagem de Zurique, Magda ocupou o assento esquerdo do jato, assumindo o comando da aeronave, e manuseou o aparelho com a tranquila falta de ostentação que caracteriza um aviador verdadeiramente competente. Seu piloto pessoal, um encanecido francês taciturno, que voava agora como co-piloto, evidentemente atribuía a sua habilidade uma alta estima e observava-a com um orgulho quase paternal de aprovação enquanto ela nivelava o avião para a altitude de cruzeiro rumo ao aeroporto de Orly, em Paris, antes de deixar-lhe a monitoração do piloto automático e retornar à cabine de passageiros. Embora se sentasse ao lado de Peter nas poltronas negras de couro, suas maneiras não se modificaram em relação ao último voo juntos, no mesmo avião, de tal forma que ele mal conseguia acreditar nas maravilhas que haviam partilhado na noite anterior.

Ela trabalhava com os dois secretários de roupas escuras ao seu lado, falando um francês fluente com o mesmo encantamento do sotaque que marcavam seu inglês. No pouco tempo desde que entrara na Narmco, Peter fora forçado a fazer uma revisão a todo vapor do seu francês. Agora, novamente poderia dominá-lo, se não com ostentação, pelo menos de maneira competente em discussões técnicas e financeiras. Uma ou duas vezes Magda dirigiu-se a ele para comentários ou opiniões, parecendo tão impessoal e eficiente como um computador. E Peter entendeu que não poderiam fazer demonstração de suas novas relações na frente dos empregados. Imediatamente ela provou que ele estava errado, quando o copiloto chamou-a pelo alto-falante da cabine.

— Entraremos no circuito de Orly em quatro minutos, baronesa. — Então ela virou-se e beijou a bochecha de Peter.

— Pardon me, chéri Farei o pouso. Necessito de tempo de voo no meu diário de bordo.

Magda fez a aeronave tocar a pista com a delicadeza de quem passa manteiga numa torrada. O copiloto avisara as autoridades pelo rádio, de modo que quando o avião estacionou num hangar particular, havia um oficial da imigração e um agente aduaneiro esperando.

Os dois funcionários cumprimentaram-na respeitosamente e mal olharam seu passaporte diplomático. Demoraram-se um pouco mais com o passaporte britânico azul e dourado de Peter, o que levou Magda a sussurrar-lhe:

— Preciso lhe arranjar uma caderneta vermelha. É muito mais fácil. — E, virando-se para os funcionários: — A manhã está fria, cavalheiros. Espero que aceitem um copo.

De imediato, o comissário de bordo fez os dois franceses entrarem na aeronave e se acomodarem confortavelmente nas poltronas de couro para escolherem charutos e conhaques que o garçom lhes apresentava para aprovação.

Havia três carros estacionados no fundo do hangar, com motoristas e guardas. Peter torceu o nariz ao ver o Maserati.

— Já lhe avisei para não dirigir esse carro — disse rispidamente.

— É como colocar seu nome em luzes de néon.

Haviam discutido aquele assunto durante a fase de reorganização de sua segurança pessoal. O Maserati era cinza-metálico, uma das cores favoritas de Magda, e seria fácil identificá-lo e segui-lo.

— Oh, é tão bom ter um homem que nos mande! Me faz sentir mulher, outra vez.

— Tenho outras formas de fazê-la sentir isso.

— Eu sei — concordou ela, com um brilho malicioso no olhar.

— E gosto delas ainda mais, mas não agora, por favor! O que pensariam meus assessores? Fique com o Maserati, pedi-o para você. Alguém deve desfrutá-lo. E, por favor, não se atrase à noite. Já providenciei tudo para estarmos completamente livres. Tente estar em La Pierre Bénite às oito em ponto.

Momentos mais tarde, Peter reduzia a velocidade devido ao tráfego junto à entrada da Pont Neuilly, em Paris; acostumara-se com a impetuosa potência de aceleração do Maserati e, como Magda sugerira, estava gostando do carro. Apesar da loucura do trânsito parisiense, ele manobrava evitando ser alcançado por outros carros, com a onipotente sensação de poder de controle que a magnífica máquina conferia ao seu motorista. Não era sem razão que Magda a apreciava tanto. Quando estacionou na garagem subterrânea dos Champs Elysées, ao lado da Concorde, ele sorriu para si mesmo no espelho.

— Cowboy sangrento! — disse em voz alta, consultando o relógio. Estava uma hora adiantado para seu primeiro encontro. Numa súbita revelação, tirou o coldre do Cobra e, com a pistola ainda ali, guardou-o no porta-luvas do carro. Sorriu novamente ao pensar na inconveniência de entrar armado no quartel-general da Marinha francesa.

O chuveiro tinha parado, e as árvores dos jardins do Elysée brotavam seus primeiros ramos. Antes de ir à Concorde, ele ligou de um dos orelhões do metro para a embaixada britânica. Conversou durante dois minutos com o adido militar e, quando desligou, sabia que a festa estava animada. Se Califa penetrara no Atlas a ponto de conhecê-lo como o comandante do Thor, então não demoraria a saber que o

antigo comandante estava em seu encaixe. O adido militar da embaixada em Paris tinha obrigações clandestinas além de beijar as mãos das madames nas festas diplomáticas.

Peter chegou alguns minutos adiantado aos portões do quartel-general da Marinha, na esquina da rua Royale, mas já havia um secretário esperando-o embaixo da ondulante bandeira tricolor. Depois que ele passou pelas sentinelas, o rapaz conduziu-o até o comité de armamentos, uma sala situada no terceiro andar, dando vista para o cinza embaciado do Sena e para os enfeitados arcos da Pont Neuf. Dois dos assistentes de Peter na Narmco estavam ali, com as malas abertas e o conteúdo espalhado sobre a mesa de noqueira.

O comandante da nau capitânia francesa estivera em Bruxelas e, numa noite inesquecível, levara Peter a um mágico passeio pelos bordéis da cidade. Agora, ele o cumprimentava com medidas de satisfação e o tratava por "tu", o que pressagiava bons resultados para a reunião.

Precisamente ao meio-dia, o capitão propôs que a reunião fosse transferida para a rua em frente — uma sala reservada no primeiro andar do Maxims — com a cega certeza de que a Narmco pagaria a conta, desde que estivesse realmente interessada na venda dos propulsores de foguete Kestrel para a Marinha francesa.

Para Peter, a tática seguir seria não deixar muito óbvio que estaria servindo-se menos do que os outros do Cios de Vougeot ou da Rémy Martin. No entanto, logo percebeu que perdia boa parte da discussão, que se dava num volume cada vez mais elevado, pois estava pensando nos olhos de esmeralda e nos pequenos seios sensuais...

Mais tarde, de volta ao Ministério da Marinha, Peter teve de fazer outro grande gesto diplomático quando o capitão alisou o bigode e lhe fez um conhecido sinal, dizendo:

— Aqui perto tem um clube, charmoso e maravilhosamente descontraído...

Eram quase seis da tarde quando Peter se desvencilhou do francês, com protestos de amizade e promessa de um novo encontro dentro de dez dias. Uma hora depois, ele deixou os dois assistentes de venda no hotel Meurice, após um rápido porém completo balanço dos avanços do dia, onde haviam concordado em que ainda teriam um longo caminho pela frente até o final das negociações.

Peter voltou a pé pela rua Rivoli; apesar do desgaste de um dia exaustivo, quando precisava pensar rápido numa língua cuja pronúncia ainda lhe era estranha, apesar da leve dor de cabeça provocada pelo vinho e o conhaque, e apesar da fumaça dos charutos e cigarros que havia respirado, sentia-se excitado com a perspectiva do encontro com Magda.

Enquanto esperava na esquina pela mudança do sinal luminoso, viu seu próprio reflexo na vitrine de uma loja. Estava sorrindo sem se dar conta!

Ele aguardava sua vez na rampa da garagem do estacionamento, antes de entrar na corrente do tráfego, com o motor do Maserati roncando impacientemente, quando deu uma olhada pelo espelho retrovisor. Adquirira esse hábito tempos atrás, porque uma das listas negras capturadas de um grupo começava com o seu nome; desde então aprendera a olhar por cima do próprio ombro.

Notou um Citroen dois veículos atrás, na fila de carros, por causa do pára-brisa quebrado e de um pedaço de pára-lamas denteado, expondo uma brilhante tira de metal nu. O mesmo Citroen preto continuava dois carros atrás enquanto Peter esperava pelo sinal verde no Champs Elysées. Quando girou a cabeça discretamente para tentar identificar o motorista, os faróis dianteiros do carro acenderam-se, coincidindo com a mudança do sinal, obrigando-o a arrancar.

A caminho do Étoile, o Citroen ficou a quatro carros de distância no acinzentado nevoeiro de um outono antecipado. Peter flagrou outra vez quando estava em plena Avenue de la Grande Armée, pois a essa altura já procurava não perdê-lo de vista. Entretanto, o veículo sumiu de repente através de uma rua lateral. Peter não foi capaz de esquecê-lo e concentrar-se no prazer de dirigir o Maserati. Um lento presságio avolumava-se em sua mente ao chegar à complicada junção de ruas que levava à rota periférica e à estrada para Versalhes e Chartres. Finalmente ele mudou de faixa e acelerou enquanto perscrutava a pista pelo espelho retrovisor.

Somente quando deixou Versalhes e pegou a estrada de Rambouillet foi que conseguiu ter uma visão clara de cerca de um quilómetro e meio para trás da reta avenida de árvores niveladas. Certificando-se de que não havia nenhum outro veículo na pista, relaxou por completo e avançou para a saída final do acesso que conduzia a La Pierre Bénite.

Peter entrou a cento e cinquenta quilómetros por hora na estrada que se desenrolava à sua frente e começou a dançar ora no freio, ora na embreagem, evitando a tentação de calcar o pé com muita força e perder a adesão ao pavimento úmido e escorregadio. Logo adiante havia um gendarme com uma capa de plástico brilhante, molhada pela chuva, brandindo uma lanterna vermelha; triângulos vermelhos de advertência, brilhantes como rubis, chamavam a atenção para um Peugeot quase caído no barranco, com os faróis dirigidos para o céu. Uma Kombi azul-escuro da polícia bloqueava a metade da pista, e suas luzes iluminavam dois corpos estendidos lado a lado, num típico acidente de estrada.

Com o Maserati sob controle, Peter desacelerou-o pela redução do câmbio e acionou o motor elétrico que baixava o vidro lateral, recebendo uma lufada de vento frio no interior do carro aquecido. O gendarme acenou-lhe com a luz para que encostasse no meio-fio, no pequeno espaço de acostamento entre a cerca viva da estrada e a Kombi estacionada. Naquele instante inesperado, um movimento sutil — o leve arquear das costas que alguém faz antes de levantar-se — fez Peter ficar

atento.

Um dos homens deitados erguera o braço, não mais que alguns centímetros, porém o suficiente para que Peter percebesse que ele portava um objeto escondido na altura da coxa; apesar da chuva e do escuro, seu olho treinado reconheceu o volume inconfundível de uma pistola.

De imediato seu cérebro passou a trabalhar com uma rapidez que deixava tudo ao redor parecer um sonho em câmara lenta. O Maserati! Eles estavam atrás de Magda!

Quando o gendarme fez menção de se aproximar com a mão direita embaixo da capa plástica, na altura do cinto da pistola, Peter pisou fundo no acelerador. O Maserati respondeu como um touro atingido no coração; as rodas traseiras mudaram de direção na superfície molhada, e logo a imensa máquina prateada avançava como um foguete na direção do policial. Teria estraçalhado o homem se ele não tivesse sido tão rápido, mergulhando na cerca viva. O sujeito tirou a pistola de dentro da capa, mas estava aturdido demais para usá-la.

A lateral do Maserati tocou a cerca viva provocando um farfalhar da folhagem. Peter ergueu o pé do acelerador. Dominou a arremetida da máquina e girou-a para o outro lado. No momento em que se alinhava, pisou fundo no acelerador. Desta vez queimou os pneus das rodas traseiras, levantando uma nuvem de fumaça azul.

Enquanto isso, o motorista da Kombi da polícia tentou avançar pela estrada, para bloqueá-la, mas não foi suficientemente rápido. Os dois veículos se tocaram, com uma crepitação e estalo de metal que fez Peter ranger os dentes, embora sua maior preocupação fosse com os dois homens que tinham estado estendidos no chão. Um deles apoiava-se num joelho e manuseava o pequeno suporte da submetralhadora, aparentemente uma tcheca Escorpião ou a VP70 alemã, uma arma de repetição cuja coronha se apoiava no ombro. Só que o sujeito estava perdendo um tempo precioso para colocar a alça no pescoço. Ele bloqueava o campo de fogo do seu companheiro, que se agachava atrás, com outra submetralhadora presa nos quadris, apontando com o dedo indicador e antebraço, pronto para disparar.

"Essa é a forma como deve ser feito", pensou Peter, reconhecendo a habilidade profissional do inimigo. Assim que o Maserati colidiu com a Kombi, ele soltou o pé direito para pegar maior tração nas rodas traseiras, e rodopiou a direção para a direita. O veículo abanou a traseira e foi para o lado esquerdo, escorregando na direção das duas figuras. Peter abaixou a cabeça até o nível da porta; o deslizamento para a esquerda possibilitava-lhe um mínimo de proteção atrás do motor e da lataria.

Foi então que ouviu o som familiar, como o de uma gigantesca escavadeira, uma arma automática disparando na velocidade de quase dois mil tiros por minuto;

as balas rasgaram o lado do Maserati, fazendo um estrondo no metal capaz de adormecer os ouvidos. E explodiam sobre Peter com a cintilação de uma onda de um mar tempestuoso batendo na rocha. Cacos de vidro cravaram-se em suas costas, picaram seus maxilares, o dorso do pescoço, e centelharam como uma tiara de diamantes em seus cabelos.

Mas, fosse como fosse, os disparos com certeza tinham esvaziado o pente de balas naqueles poucos segundos. Assim, Peter ergueu-se no assento, abrindo os olhos contra a luz de lantejoulas de vidro. Diante do vulto ameaçador da cerca viva, girou a direção para desviar o carro, que derrapou além dos limites do seu equilíbrio. Peter avistou de relance os dois homens na estrada, rolando com frenesi para a meia vala. Só que, naquele momento, sua roda traseira bateu na borda, jogando-o com força contra o cinto de segurança, a ponto de quase deixá-lo sem ar nos pulmões. O Maserati dançou como um garanhão cheirando uma égua e sacudindo a cauda, requebrando em pequenas ondulações manhosas para a frente e para trás ao longo da estrada, enquanto Peter entrava em desespero para controlá-lo com o câmbio, freios e direção.

Pelo jeito, rodopiara um círculo inteiro, a julgar pelo repentino ofuscamento de fachos de luz, pelas pessoas correndo e rolando, tudo muito turvo e indistinto sob a chuva fina. Logo, a estrada aberta à frente outra vez, e ele acelerou fundo, numa investida ensurdecadora, ao mesmo tempo em que espiava pelo retrovisor.

À luz dos faróis, viu nuvens azuis da fumaça e vapor levantadas por seu carro; no meio de tudo, a figura do segundo atirador, da cintura para cima na vala, com a

submetralhadora empunhada em sua direção.

Ao ouvir o primeiro impacto, ele não pôde abaixar-se, pois uma curva em frente aparecia numa estonteante velocidade. O disparo seguinte atingiu o carro como o som de granizo num telhado de zinco. De imediato, um puxão rude, dormente e espasmódico tomou-lhe o tórax.

"Me pegaram", pensou Peter. Não havia dúvidas. Ele já tinha sido atingido uma vez, quando dirigia uma patrulha numa emboscada há muito tempo. Agora, ele procurava avaliar o choque com calma, percebendo que não perdera o controle das mãos nem qualquer um dos sentidos. Ou fora uma bala ncocheteada, ou então ela tivera sua potência reduzida ao varar a lataria traseira e o banco do carro.

O Maserati entrou bem na curva, mas logo a seguir o motor começou a falhar, enquanto um forte cheiro de gasolina invadia a cabine. Peter soltou um palavrão. E sentiu o morno e desconfortável escorrer do próprio sangue nas costas e lado. Estava ferido logo abaixo do ombro esquerdo... Se a bala tivesse atingido o pulmão, um gosto de sal cúprico lhe subiria pela garganta, acompanhado do escumante borbulhar do ar escapando na cavidade do peito.

O motor parecia cada vez mais nas últimas, implorando combustível. A rajada da submetralhadora deveria ter cortado o tanque de gasolina pelo meio. Peter teve um pensamento irônico: se fosse num filme, o Maserati teria irrompido em pirotécnicas espetaculares, como um Vesúvio em miniatura. A realidade, porém, era que a gasolina da dianteira esvaída ainda estaria se espalhando pelas velas e platinado.

Num relance para trás, antes de entrar na curva, ele vira os três homens correndo para a Kombi da polícia; três homens e o motorista, o que era demais! Em pouquíssimo tempo iriam alcançá-lo. A máquina defeituosa deu um bravo salto para a frente, que a avançou mais quinhentos metros, então morreu.

Lá na frente, apareciam os pórticos brancos de La Pierre Bénite. A emboscada fora preparada em um ponto de onde se poderia observar todo o tráfego e pegar apenas o Maserati prateado na rede.

Peter fez um esforço mental para lembrar-se da configuração do terreno após os portões de entrada da propriedade. Estivera ali apenas uma vez, e também estava escuro, mas seu olho de soldado registrara a espessa floresta em ambos os lados da estrada, que declinava até uma ponte sobre um estreito riacho correntoso, com bancos de pedra, uma curva fechada à esquerda e uma subida até a casa, que ficava oitocentos metros adiante — um longo caminho a percorrer com o corpo ferido e no mínimo quatro homens armados atrás, e sem garantia de que estaria a salvo na própria casa.

O Maserati deslizava pelo pequeno declive, em direção aos portões, movendo-se fora de tração. Já se sentia o cheiro de óleo e borracha queimados, e a pintura do capô cobria-se de bolhas e começava a descolorir. Peter desligou a ignição para interromper a bomba de gasolina e evitar a passagem de combustível ao motor superaquecido.

Passou a mão pelo casaco e encontrou o ferimento onde esperava. Sentia os músculos latejarem, e seus dedos ficaram pegajosos de sangue, que ele limpou na perna da calça.

Atrás dele, a luz dos faróis refletia no manto de chuva, um halo brilhante que crescia cada vez mais.

A qualquer momento seus perseguidores apareceriam na curva.

Rápido, Peter abriu o porta-luvas do carro. Sentiu-se mais seguro quando tirou o Cobra 9 mm do coldre e meteu-o na frente do cinto. Não tinha nenhum pente de reserva, um descuido de segurança que agora lamentava, pois ficava com apenas nove balas na culatra — uma a mais já faria uma grande diferença.

Pequenas chamas brilhantes insinuavam-se por debaixo do capô, percorrendo fios e mangueiras, devassando a cavidade de ventilação na superfície superior. Peter afrouxou o cinto de segurança, abriu a porta e bateu com a outra mão pela margem.

Naquele trecho a estrada era encrespada e com barrancos altos.

Ele girou a direção no sentido oposto, fazendo com que o carro entrasse no declive e ganhasse o centro da pista, mas antes jogou-se para fora, com todas as suas forças.

Aterrissou como se tivesse dado um salto de pára-quedas, pés e joelhos juntos amortecendo o impacto, e então rolou. A dor irrompia no ombro como se algo estivesse rasgando-se. Ele parou e, agachado, correu ao longo da margem das árvores, iluminadas pela bruxuleante luz laranja do veículo que se incendiava.

Sentindo os dedos da mão esquerda adormecidos, ele armou o Cobra. Nesse exato momento, os faróis na curva brilharam intensamente, dando-lhe a impressão de ter sido pego no meio do palco do Palladium. Abaixou-se, encostando a barriga no terreno empapado pela chuva, e outra vez o ferimento latejou, expulsando um filete morno de sangue sob sua camisa, enquanto ele rastejava ao largo da linha de árvores.

A Kombi rugia ao passar ao lado de Peter, estendido no solo, pressionando o rosto na terra que cheirava a húmus das folhas e a cogumelos. Trezentos metros abaixo, o Maserati estava parado com duas rodas na estrada, e as outras duas na margem, evidentemente abandonado, ardendo sem piedade.

Os homens pararam a Kombi a uma respeitável distância do carro, conscientes do perigo da explosão. Uma única pessoa, o gendarme de capa plástica, correu para a frente, deu uma espiada na cabine e gritou algo. Parecia que falava em francês, mas a distância impediu Peter de confirmar isso.

A Kombi fez o retorno, passando por cima da margem, e começou o caminho de volta lentamente.

As duas supostas vítimas do acidente, ainda portando as submetralhadoras, perscrutavam à frente como cães de caça levados pela corrente, um em cada lado da estrada. O gendarme de capa transparente pendurava-se no estribo da Kombi e encorajava os caçadores, que iam de cabeça baixa buscando sinais no fofó acostamento da pista.

Peter, agachado novamente, correu para a frente, rumo à espessa floresta. Na pressa, não percebeu a cerca de arame farpado, que o derrubou pesadamente. Sob o açoite das farpas de aço na roupa, veio-lhe à mente uma cifra: cento e setenta guinéus — seu terno fora confeccionado em Savile Row.

Arrastava-se por baixo do último arame farpado quando ouviu um grito atrás de si. Os homens haviam encontrado o seu rastro. Enquanto ele espreitava ao longo dos poucos metros de uma clareira, outro grito mais forte e triunfante. Certamente o tinham visto com a iluminação da fogueira do Maserati. O picotar da arma automática encheu o ar, mas a distância era grande para cartuchos pequenos e munição de baixa velocidade.

Peter ouviu as balas passando com um rumor de asas de morcego acima de sua cabeça. Então alcançou as primeiras árvores e encolheu-se atrás do tronco de uma delas.

Respirava profundamente, embora mantivesse um bom ritmo. O ferimento não o paralisara, e ele se sentia com o raciocínio frio e enraivecido que o combate sempre lhe instigava. Os arames farpados estavam a mais ou menos cinquenta metros, uma das distâncias em que ele obtinha os melhores resultados nas competições internacionais de pistola livre com círculo de 50 mm. Pena que não houvesse juizes ali! Empunhando o Cobra com ambas as mãos, esperou-os correr até a cerca, como ocorrera com ele.

Os arames esticados derrubaram dois deles; seus gritos de raiva definitivamente eram em francês.

Enquanto lutavam para ficar de pé, as chamas da fogueira iluminaram suas costas. Peter apontou na altura da barriga de um dos atiradores.

Uma fração de segundo depois, o impacto da bala perfurava carne e ossos com elevada energia, produzindo um som igual ao de uma melancia atingida por um violento golpe de um bastão de beisebol, erguendo o homem sobre os próprios pés e jogando-o para trás.

Peter ia mirar o outro alvo, porém estava lidando com profissionais.

Ainda que seu disparo tivesse sido uma surpresa, haviam reagido instantaneamente, atirando-se contra o solo negro.

A segunda rajada dos perseguidores cortou galhos, cascas e folhas das árvores. Peter disparou na direção do relâmpago da arma adversária, somente como advertência, depois continuou rastejando, a cabeça abaixada, desaparecendo a toda velocidade no meio das árvores. Os homens seriam contidos durante dois ou três minutos pelo arame farpado e pela ameaça de receberem fogo outra vez, e Peter queria aumentar a distância entre eles nesse meio tempo.

O clarão do Maserati incendiando servia-lhe de orientação para ir em direção ao rio; entretanto, mal avançara alguns passos sobre o terreno, começou a tremer incontrolavelmente.

As duas peças do seu terno estavam encharcadas tanto pela persistente garoa, como pela ducha de cada arbusto em que se encostava. Os sapatos, que haviam pisado em lodo, estavam totalmente empapados. O frio, aumentado pelas roupas molhadas, multiplicava a dor do ferimento... Mas, apesar da náusea que lhe contraía o estômago, seguia sempre em frente, parando a cada cinquenta metros para ouvir seus perseguidores. Uma vez, ao escutar o barulho de um carro vindo da estrada, provavelmente tráfego de passagem, imaginou o que pensariam do veículo "policial" abandonado e do Maserati ardendo. Mesmo que a polícia fosse contatada, tudo estaria acabado antes que uma patrulha chegasse para ver o que se passava.

Começando a ficar confuso pela ausência total de qualquer sinal de perseguição, Peter esquadrinhou as proximidades até localizar um bom esconderijo, um carvalho caído que lhe possibilitava uma eventual margem de retirada e boa cobertura: estando atrás do tronco, qualquer perseguidor ficaria perfilado contra o céu brilhante do Maserati em chamas. Os perseguidores agora eram três, e havia sete balas no Cobra. Não fosse pelo frio e pela dor incrível no tórax, ele se sentiria mais confiante, sem o terror do animal caçado presente em cada célula do seu ser.

Esperou cinco minutos, deitado, em completo silêncio, os sentidos afinados ao máximo, o Cobra sustentado por ambas as mãos, pronto para rolar à esquerda ou à direita e disparar como fosse necessário. Não se ouvia nenhum outro som além dos da chuva sobre as árvores empapadas.

Outros dez minutos se passaram até que lhe ocorresse que seus perseguidores poderiam ter-se dado conta de que a caça errada aparecera em sua armadilha. Se estavam esperando Magda Altmann, e haviam pego um homem, e armado, era bem provável que já tivessem dado o fora, compreendendo o equívoco. Afinal, em vez de uma dama no valor de vinte ou trinta milhões de dólares em resgate, tinham atacado um dos seus empregados, provavelmente um guarda-costas, que estava usando o Maserati como uma isca, ou talvez apenas como motorista que transportasse o carro para ela. Sim, eles deviam ter dado o fora, recolhido o companheiro morto e desandado. Peter estava seguro de que não deixariam traços de suas identidades. Mas como apreciaria a oportunidade de interrogar um deles!

Esperou mais dez minutos, totalmente quieto e em alerta, controlando os espasmos de frio e de dor, então levantou-se devagarinho e moveu-se em direção ao rio. O Maserati já deveria ter-se queimado por completo, pois o céu estava negro outra vez, e ele precisava confiar em seu próprio senso de orientação para não se perder.

E mesmo convencido de que estava sozinho, parava de quando em quando para ouvir e observar.

Finalmente escutou o rio, bem em frente e muito próximo.

Movimentou-se um pouco mais rápido, porém quase caiu do barranco na escuridão. Acocorou-se para descansar por um momento, pois o ombro doía e o frio drenava toda a sua energia.

A perspectiva de caminhar pelo rio era particularmente desagradável. Há dias a chuva caía sem cessar, a água estava correntosa e funda, com certeza fria como gelo, e provavelmente chegando até os ombros, em vez de apenas até a cintura. Além disso, a ponte deveria estar algumas centenas de metros correnteza abaixo...

Para que o frio e a dor não lhe minassem a concentração, Peter procurava fazer um esforço consciente para ficar alerta, renovando-o a cada vez que apoiava um pé transferindo o peso para a frente. Mantinha o Cobra na mão direita, pronto

para ser usado, e pestanejava na tentativa de livrar-se da fina garoa e do suor frio da dor e do medo.

Ironicamente foi o olfato que o alertou. O aroma de fumaça de tabaco turco que se impregnava nas pessoas era uma das coisas que ele mais detestava. E esse cheiro estava ali presente, em algum lugar ao seu redor. Estacando no meio de um passo, tentou pôr as ideias em ordem, ajustar-se ao desconhecido. Convencera-se de que estava sozinho, mas se lembrava agora do barulho de carro na pista... Ora, o homem que montara uma armadilha tão elaborada, com acidente de carro e polícia em uniforme, certamente teria levado em conta o transtorno da situação para planejar e estudar o terreno entre o ponto da emboscada e as possíveis alternativas de saída para a vítima.

Eles deveriam conhecer melhor do que Peter a distribuição das árvores, o rio e a ponte. E ao se darem conta da primeira baixa, não teriam partido para uma perseguição cega, no escuro... Com toda certeza haveriam de se dirigir para locais estratégicos, o barranco do rio ou a própria ponte.

Porém, o que mais preocupava Peter era a persistência daqueles homens. Eles deveriam saber que ele não era Magda Altmann... Então, o que significava o Citroen que o seguira pelos Champs Elysées, perguntou-se, enquanto completava o passo que paralisara segundos antes. Logo, porém, imobilizou-se, aguçando ao máximo cada músculo, cada nervo. Na quietude daquela noite negra, o murmúrio do rio encobriria qualquer som. Mesmo assim, devia esperar. Um homem sempre acaba movendo-se se o outro espera o suficiente; e ele tinha a paciência de um leopardo sorrateiro, ainda que o frio enregelasse seus ossos e a água de chuva lhe escorresse pelo pescoço e pelo queixo.

Finalmente o homem moveu-se: passos sobre o lodo, o inconfundível roçar da vegetação nas roupas, depois o silêncio. Devia estar muito perto, cerca de três metros, mas não havia uma única cintilação de luz. Peter mudou de apoio cuidadosamente e ficou de frente para a direção do som. O velho truque seria dar um tiro às cegas e usar o clarão do disparo para iluminar o alvo e então atirar pela segunda vez, instantaneamente.

No entanto, os inimigos eram três, e a três metros de distância uma submetralhadora cortaria um homem em dois. Peter esperou.

Então, da outra margem do rio, veio o barulho de um carro que se aproximava rapidamente. A seguir, alguém assoviou baixinho, apenas duas notas, na altura da ponte,

sem dúvida alguma um sinal pré-combinado. Uma porta de carro fechou-se com estrondo, mais próxima que o som do carro aproximando-se, um motor de arranque zunbiu, um outro motor entrou em funcionamento, faróis iluminaram-se através da chuva, e Peter pestanejou, aturdido, como se toda a cena ao redor tivesse

ganhado vida.

Cem metros à frente, a ponte cruzava o rio, cujas águas negras e brilhantes pareciam o carvão de uma nova mina fluindo sob as colunas que a suportavam. A Kombi azul estacionara ali, obviamente à espera de Peter, mas agora se retirava, talvez por causa da aproximação de um veículo potente, vindo de La Pierre Bénite. O motorista dirigia-se para a estrada principal; o falso gendarme escalava a encosta, agitando sua capa enquanto tentava alcançar o veículo; e, no meio da escuridão, perto de Peter, uma voz gritou o alarme:

— Attendez. — O terceiro homem não pretendia ser esquecido pelos companheiros e correu para a frente, abandonando qualquer preocupação. De costas para Peter, abanava a submetralhadora na mão, bem delineado pelos faróis da Kombi, a uma distância de pouco mais de três metros. Peter apontou o Cobra, mas, no momento em que ia apertar o gatilho, deteve-se de repente. Atirar em alguém pelas costas e àquela distância seria um simples assassinato.

Além do mais, precisava saber quem eram aqueles sujeitos, quem os havia enviado e que ordens tinham recebido.

Sentindo-se desertado, o homem deixara de lado o mínimo de cautela e corria como se fosse pegar o ônibus. Então Peter decidiu ir em seu encalço. Saltou para a frente, com o Cobra na mão esquerda, e agarrou-o depois de quatro passos, enlaçando o braço direito em torno do seu pescoço. Pretendia em primeiro lugar desorientá-lo, para a seguir dar-lhe algumas coronhadas nas têmporas. Só que o homem era rápido como um gato e fora advertido por alguma coisa, talvez o chapinhar dos sapatos enlameados.

Assim, abaixou-se ligeiramente, de modo que Peter não conseguiu prender-lhe a garganta; segurou-o quase na altura do queixo. Ao mesmo tempo, o movimento que o sujeito fez tirou-lhe um pouco o equilíbrio. Era uma pena não poder usar o braço esquerdo para rodopiar sua vítima... Tendo perdido a vantagem da surpresa, estava sendo difícil mantê-lo na chave de braço. Aquele homem possuía músculos de aço! E para completar, o cano da submetralhadora era curto o suficiente para permitir que ele pressionasse o gatilho assim que completasse a volta, cortando o corpo de Peter em pedaços, como uma serra elétrica.

Peter mudou de tática imediatamente: em vez de impedi-lo de girar, jogou toda a sua força em volteá-lo na mesma direção; giraram juntos como um par de dançarinos, mas no momento em que se separassem o homem teria a vantagem de tiro. Percebendo que o rio era sua única chance, Peter atirou-se para trás, sem soltá-lo. Rodopiaram barranco abaixo, e mergulharam na água. Por sorte não havia nenhuma pedra sob a superfície, do contrário um dos dois seria esmagado pelo peso do outro.

Com o choque da água gelada, o homem entrou em desespero, soltando todo o ar dos pulmões. Ele perdera a submetralhadora na queda e fazia movimentos desordenados, tentando agarrar os braços e o rosto de Peter, enquanto a correnteza arrastava-os em direção à ponte.

Peter estava com a cabeça acima do nível da água, respirando facilmente, ao contrário do seu adversário, que não conseguia manter-se à tona. No entanto, num gesto extremo, o homem enfiou-lhe os dedos na boca, com o ímpeto de quem pretendia arrancar sua língua. Peter mordeu-os com tanta força que as articulações do queixo doeram.

E o sangue do outro homem escorreu por seus lábios.

Ele também perdera sua arma, pois o braço esquerdo, quase adormecido pelo ferimento, tivera de ajudá-lo contra a força descomunal de um inimigo desesperado, apesar dos dedos mutilados; toda vez que ele tentava puxar a mão para fora da boca de Peter, a carne cortava-se e o sangue jorrava sem cessar.

A corrente acabara por levá-los até próximo da ponte. A Kombi dos atacantes desaparecera, mas o Mercedes de Magda Altmann estava estacionado ali. Peter reconheceu seus guarda-costas, que estavam apoiados na proteção da ponte... Só esperava que eles não atirassem para baixo.

Naquele instante, ele e o atacante desconhecido foram lançados contra as vigas de concreto da ponte com tal força que soltaram o abraço fatal que os mantinha unidos.

O redemoinho das águas arrastou-os para o barranco. Arfando e suspirando de exaustão, frio e dor, Peter mal conseguia manter-se de pé. O estranho, por sua vez, também cambaleava tentando escalar o barranco. Então os dois guarda-costas de Magda correram ao longo da ponte para alcançá-lo.

Peter percebeu que não seria capaz de agarrar o homem e gritou para o guarda-costas que ia na frente: — Cari! Detenha-o. Não deixe ele fugir!

O rapaz saltou da amurada, caindo equilibrado como um gato, a pistola sustentada por ambas as mãos. Foi então que Peter se deu conta do que iria acontecer.

— Não! Pegue-o vivo. Não o mate, Cari!

O guarda-costas não ouviu, ou não entendeu. O disparo, acompanhado de um clarão alaranjado, atingiu em cheio a figura que se arrastava no terreno lodoso do barranco.

— Não! — berrou Peter, desesperado. — Meu Deus! — Ele se precipitou para a frente e conseguiu segurar o corpo, que escorregaria para a água. Os guarda-costas aproximaram-se, pegaram o cadáver e o puxaram para cima.

Peter fez três tentativas de subir o barranco, e a cada vez resvalava de volta à água. Até que Cari desceu e agarrou-o pela cintura. Mesmo assim, ele caiu de

joelhos, nauseado pela água e sangue que tinha engolido.

— Peter! — Era a voz de Magda, que saíra do Mercedes e corria ao longo da ponte, com botas pretas e calça de esqui, o rosto pálido de preocupação e os olhos apreensivos.

— Meu Deus, querido. O que aconteceu?

— Esse sujeito, junto com alguns amigos, queria você para um passeio; e bateram na porta errada.

Cari usara a Magnum 375, que deformara por completo o corpo do homem. Magda não aguentou olhá-lo.

— Belo trabalho! — disse Peter ao guarda-costas, com rispidez. — Será que ele agora vai responder a alguma pergunta?

— Você disse para detê-lo — resmungou Cari.

— Imagino o que você faria se eu dissesse para dar uma surra nele.

— Você está ferido — disse Magda, preocupada, e então chamou Cari para ajudá-la enquanto o conduzia até a limusine.

Depois que Peter arrancou os pedaços encharcados de sua roupa, Magda envolveu-o com o tapete angora de viagem e examinou o ferimento sob as luzes da cabine.

A bala deixara uma pequena perfuração azulada e, provavelmente, alojara-se entre as costelas e os rijos músculos do seu peito, formando uma espécie de caroço na carne, inchado e intumescido.

— Obrigado, Deus... — sussurrou Magda, retirando sua manta Jean Patou do pescoço, para amarrar o ferimento. — Vamos direto ao hospital de Versalhes. Dirija rápido, Cari.

A seguir, ela abriu o barzinho revestido de castanheira e serviu meio copo de uísque da garrafa de cristal. A bebida foi uma excelente ideia para tirar o gosto de sangue da boca de Peter — desceu ardendo por sua garganta, mitigando as câibras do frio e revolvendo-lhe o estômago.

— O que fez você vir até aqui? — perguntou ele, ainda com voz áspera.

— A polícia de Rambouillet soube de uma batida de carros; como o pessoal conhecia o Maserati, o inspetor ligou para La Pierre Bénite imediatamente. Achei que tinha acontecido alguma coisa...

Quando passaram pelos portões da entrada principal, viram os restos do Maserati: apenas ferros enfumaçados no acostamento da estrada. Em volta do carro, como um grupo de escoteiros num acampamento, havia uma dúzia de gendarmes com capas plásticas brancas e quepes. Pareciam não saber o que fazer.

Cari parou o Mercedes enquanto a baronesa falara rapidamente, pela janela, com um sargento, que a tratou com imenso respeito.

— Oui, madame la Baronne, d'accord. Tout a ia.it vrai...

Ela dispensou-o com um sinal de cabeça; os outros policiais lhe acenaram quando a limusine partiu.

— Eles vão pegar o corpo na ponte...

— Tem outro lá na margem da floresta...

— Você é muito bom, não? — Ela fitou-o com admiração.

— Quem é bom de verdade, não fica ferido — disse ele, sorrindo. O uísque aliviara as dores do ferimento e lhe relaxara os músculos, liberando suas energias.

— Você estava certo em relação ao Maserati; estavam esperando por ele.

— Foi por isso que o incendiei — brincou ele.

— Oh, Peter... Você não imagina como eu me senti. A polícia tinha dito que o motorista ainda estava no carro e fora queimado. Senti como se uma parte de mim tivesse sido destruída. A sensação mais terrível que já experimentei... Eu quase não vinha, não queria ver seu cadáver. Eu ia mandar meus lobos, mas no final precisava saber...

Cari viu você no rio quando entramos na curva da ponte. Garantiu que era você, porque eu não acreditava. — Trémula, ela fez uma pausa. Depois serviu-lhe outra dose de uísque.

— Me conte o que aconteceu; quero saber tudo.

Ainda que não soubesse bem por quê, Peter preferiu não mencionar que fora seguido desde saída de Paris. Talvez aquele fato não tivesse a menor relevância. Uma simples coincidência, pois se o motorista do Citroen estivesse implicado com a emboscada, por que não telefonara para os companheiros advertindo que Magda Altmann não estava no Maserati? A menos que o interesse do grupo não fosse a baronesa, mas sim ele, Peter Stride... Só que isso não fazia sentido. Eles não teriam tido tempo de preparar a armadilha...

Peter balançou a cabeça diante daquele alucinante carrossel de pensamentos. É o choque e o uísque, disse a si mesmo. Melhor seria deixar para pensar sobre o assunto mais tarde, quando estivesse calmo. No momento era mais simples acreditar que os homens estavam esperando por Magda e que ele caíra na rede. Foi essa a história que ele contou, começando no momento em que avistara a Kombi da polícia estacionada na estrada.

Magda ouviu com atenção, os olhos arregalados, tocando-o a cada instante como que para assegurar-se de que ele estava bem.

Quando Cari estacionou sob o pórtico da entrada de emergência do hospital, um plantonista e duas enfermeiras aproximaram-se com uma maca, pois a polícia avisara-os antes por rádio.

Antes de abrir a porta do carro, Magda inclinou-se e beijou Peter nos lábios.

— É tão bom que você esteja tranquilo! — sussurrou, carinhosa, antes de perguntar: — Foi Califa, novamente, não?

Ele meneou a cabeça, lentamente.

— Não imagino que outra pessoa poderia fazer um trabalho tão profissional.

Magda acompanhou a maca até a sala de emergência, e ficou ao lado da cama dele no quarto fechado enquanto passava o efeito da anestesia local, após a rápida cirurgia.

O médico que o atendera mostrou-lhe a bala retirada e então explicou, orgulhoso:

— Bastou fazer uma pequena incisão no local. — O petardo, que tomara a forma de um cogumelo, certamente perdera sua força ao penetrar na lataria do Maserati. — Você é um homem de sorte — continuou o médico. — Está em ótimas condições, músculos rijos que impediram que a bala penetrasse mais fundo. Daqui a uns dias você estará bem outra vez.

— Prometi cuidar de você, por isso ele está deixando você ir para casa agora — disse Magda, hesitante. — Não é mesmo, doutor?

— Você terá uma das mais belas enfermeiras do mundo — declarou o médico, com uma reverência na direção de Magda.

31

REALMENTE, O FERIMENTO da bala causou menos desconforto a Peter que os cortes do arame farpado em suas coxas. Entretanto, Magda Altmann comportava-se como se ele estivesse sofrendo de uma doença irreversível e terminal. Tanto que, no dia seguinte, quando precisou ir ao escritório, no Boulevard dês Capucines, telefonou três vezes para certificar-se de que ele estava bem e perguntar-lhe sobre o número que calçava e vestia. A fila de automóveis com ela e sua comitiva voltou à La Pierre Bénite antes do anoitecer.

— Você está perdendo horas do seu tempo — disse ele ao vê-la entrar na suíte principal, que dava vista para o terraço gramado e o lago artificial.

— Garanto que você estava sentindo minha falta. — Magda beijou-o antes de começar a reclamar. — Roberto contou-me que você tem perambulado na chuva. O médico recomendou-lhe repouso. Amanhã ficarei aqui para tomar conta de você.

— Isso é uma ameaça? Para ter direito a esse tipo de punição quero ser baleado outra vez por Califa...

Rapidamente ela o silenciou, colocando um dedo sobre seus lábios.

— Peter, chéri, não brinque assim. Veja o que eu trouxe para você. Como a valise de Peter ficara no porta-malas do Maserati, ela comprou-lhe uma outra de couro de crocodilo preto, da marca Hermes. E a enchera de presentes, na cena começando no alto da Faubourg St. Honoré e percorrendo as lojas até a Place

Vendôme.

— Eu tinha esquecido o quanto é divertido comprar presentes para alguém que... — Interrompeu-se, pegando um roupão de seda brocada. — Todos em St. Laurent sabiam no que eu estava pensando quando escolhi esta peça.

Havia de tudo na valise: aparelho de barbear, lenços de seda, cuecas, um blazer azul, calças e sapatos da Gucci e até abotoaduras de ouro maciço, cada jogo com uma pequena safira.

— Para combinar com a cor dos seus olhos — disse ela. — Vou me preparar para o jantar. Falei com Roberto para nos servir aqui, já que não temos nenhum convidado hoje.

Magda trocou o traje cinza-escuro de executiva por um conjunto de seda diáfano e esvoaçante, azul— claro, com o qual apareceu um pouco mais tarde para o jantar.

— Vou abrir o champanhe — disse ela.

Vestindo o roupão de brocado, ainda com o braço esquerdo na tipóia, Peter ficou parado, vendo-a encher as taças.

— Eu estava certa — comentou ela. — O azul lhe cai muito bem. Rindo de sua observação, ele propôs um brinde. E sob o tilintar do cristal das taças, piscaram um para o outro. Logo, porém, Magda assumiu uma expressão séria.

— Falei com meus amigos do serviço secreto. Eles também acham que era uma tentativa de sequestro contra mim, e a meu pedido, você não será chamado a depor antes de se recuperar. Vão mandar alguém amanhã para falar com você. Não encontraram sinal do segundo homem baleado à beira da mata; talvez tenha caminhado ou sido carregado por seus amigos.

— E o outro homem? O morto?

— Era um sujeito conhecido. Tem um passado daqueles! Lutou na Argélia, com os pára-quedistas.

Meus amigos ficaram surpresos por você ter escapado. Não contei nada sobre sua história. Achei melhor assim.

— Sim, é melhor — concordou Peter.

— Quando estou ao seu lado, como agora, esqueço que você também é um homem perigoso... Ou será que é por isso mesmo que acho você tão instigante? Você é gentil, sua voz é suave... Mas as vezes percebo alguma coisa diferente no seu riso, e em certos momentos seus olhos ficam duros e cruéis. Então lembro que você já matou muitos homens. Será que é isso que me atrai em você?

— Espero que não.

— Há pessoas que se excitam com sangue e violência; as touradas e o boxe atraem tanto os homens como as mulheres... a maneira como reagem sempre me chama a atenção.

Tenho pensado bastante sobre mim mesma e ainda não cheguei a nenhuma conclusão. Só sei que me sinto atraída por homens fortes e poderosos. Aaron era assim. Encontrei poucos depois dele.

— Crueldade não é fibra — retrucou Peter.

— Claro. Um homem forte de verdade possui um traço de gentileza e compaixão. Você é forte, mas faz amor comigo com extrema delicadeza, embora um toque de crueldade esteja sempre presente.

Magda atravessou o cómodo, mobiliado nas cores creme, marrom e ouro, e puxou o cordão bordado do sino preso ao teto de cornija e com painéis pintados a mão de cenas pastoris do tipo que Maria Antonieta teria admirado. A maioria da mobília de La Pierre Bénite fora adquirida no leilão com o qual o Comité Revolucionário dispersara os tesouros acumulados da Casa dos Bourbons. Junto com aqueles tesouros, havia flores; aonde quer que Magda Altmann fosse, existiam flores.

Pouco depois apareceu Roberto, o mordomo italiano, trazendo o jantar num carrinho. O rapaz encheu as taças de vinho cerimoniosamente, segurando a garrafa com luvas brancas impecáveis. Prontificou-se para servir o jantar, porém Magda dispensou-o com um gesto.

Ele inclinou a cabeça em reverência e retirou-se em silêncio.

Ao lado de um dos pratos havia um pacote envolto em papel de seda e amarrado com fita vermelha.

Peter olhou-o, surpreso, enquanto Magda servia a sopa em delicadas tigelas de Limoges.

— Quando começo a comprar presentes, não paro mais — disse ela. — Além disso, não esqueço que aquela bala poderia ter me atingido. Esse pacote aí é para você. Vai ou não vai abri-lo?

Desconfiado, ele desamarrou o laço do embrulho.

— Você é especialista em África, século XIX, não é verdade? — perguntou ela, ansiosa.

Ele fez que sim com um aceno de cabeça, e abriu finalmente o pacote. Era um livro encadernado em couro castanho, tão bem conservado que somente a dedicatória do autor estava amarrotada.

— Meu Deus, onde você desencantou isso? Em 1971, na Sothebys, quase o comprei. Mas abandonei o leilão quando os lances chegaram a cinco mil libras.

— Você não tem a primeira edição de Cornwallis Harris, certo? Peter confirmou que não, enquanto examinava uma das ilustrações de safáris africanos da brochura.

— Não, não tenho. Mas como é que você sabe?

— Sei tanto sobre você quanto você mesmo. Então, gostou do livro?

— É maravilhoso. Não sei como lhe agradecer... — Sem dúvida alguma, era um presente extravagante, mesmo para alguém tão rica quanto ela. Embaraçado, ele sentiu-se na posição do marido que traz flores para surpreender a esposa e imediatamente é questionado por ela: "Por que está se sentindo culpado?"

— Você gostou realmente? Sei tão pouco sobre livros...

— Eu precisava desta edição para completar minha obra principal. E este exemplar é talvez o mais bem conservado, exceto o do Museu Britânico.

— Fico tão contente! Estava preocupada... — disse, aproximando-se para receber seu abraço.

Durante o jantar, ela não parou de falar, feliz e animada. Mas, depois que Roberto levou o carrinho, e os dois sentaram-se lado a lado em frente à lareira, seu humor mudou.

— Sabe, Peter, passei o dia inteiro pensando em você, em mim e em Califa. Estou com muito medo.

Quando me lembro do que fizeram com Aaron e no que quase aconteceu com você...

Tomaram o café em silêncio, olhando fixamente as labaredas, e então Magda retomou a conversa, agora com outro assunto.

— Tenho uma ilha... aliás, não apenas uma, mas nove ilhas, com uma lagoa de nove quilômetros no centro. A água é tão clara que dá para ver um peixe a cinquenta palmos de profundidade. Há uma pista de pouso no atol principal, a duas horas de voo de Taiti. Ninguém nos descobrirá lá. Poderíamos nadar o dia inteiro, caminhar na areia, fazer amor sob as estrelas. Você seria o rei das ilhas, e eu a rainha. Nunca mais Indústrias Altmann.

Encontraríamos pessoas tão boas ou melhores do que nós. Perigo nunca mais. Medo nunca mais. Califa nunca mais. Vamos para lá, Peter. Vamos esquecer tudo isso.

Vamos escapar e ser felizes juntos, para sempre.

— É uma bela ideia — resmungou ele, nada entusiasmado.

— Talvez desse certo. Poderíamos tentar concretizá-la.

Peter não se deu ao trabalho de responder. Ficou quieto, fitando-a, até que ela prosseguisse.

— E, você tem razão. Não devemos desistir desse jeito. Vamos continuar, mesmo eu estando temerosa. Tenho medo do que sei e do que não sei a seu respeito. E medo do que você não sabe de mim, e do que nunca poderei falar-lhe. Mas precisamos continuar. Temos de encontrar Califa e destruí-lo. E que Deus nos ajude para não destruímos tudo que vivemos juntos.

— A melhor maneira para espantar desastres emocionais é falar sobre eles.

— Pois bem, vamos decifrar um quebra-cabeça. Primeiro eu. Qual é a

experiência mais terrível que as mulheres conhecem?

— Não sei...

— Dormir sozinha numa noite de inverno.

— Isso é fácil de resolver.

— E seu pobre ombro?

— Se combinarmos nossos talentos, poderemos enfrentar qualquer coisa.

— Ótimo. Como sempre, você está certo.

32

PETER DIVERTIA-SE com o ar sabichão da vendedora, uma senhora de meia-idade que, com astúcia, mostrou a ele e à garota uma pilha de peças íntimas de rendas diáfnas e de seda.

— Ótimo — disse Melissa-Jane, animada. — São exatamente essas — disse, pegando uma das peças, o que deixou a vendedora envaidecida com sua própria perspicácia.

Peter, que não queria desiludi-la, continuou a fazer o papel de pai bonzinho enquanto espiava u espelho atrás da cabeça dela.

O homem continuava a observá-los — era uma figura indescritível, vestindo um sobretudo cinza, olhando através da vitrine de sutiãs, do outro lado do hall, com o interesse ávido de um entendido em guarda-roupa.

— Desconfio que sua mãe não aprovará, querida — disse Peter, provocando espanto na vendedora.

— Oh, por favor, papai. Vou fazer catorze anos no mês que vem. Estavam seguindo-o desde que ele chegara ao aeroporto de Heathrow, na tarde anterior, e Peter não sabia quem eram. Que azar não ter substituído o Cobra que perdera no rio!

— É melhor ser mais cautelosa — disse Peter à filha.

— Calcinhas largas, não! — exclamou a garota. — Isso está fora de moda.

— Tudo bem. Mas com rendas, só aos dezesseis anos. Unhas pintadas por enquanto já é o suficiente.

— Papai, não seja tão medieval!

Ele consultou o espelho novamente: estavam trocando guarda do outro lado do hall. O homem do sobretudo surrado e manta de lã quadriculada logo desapareceu em um dos elevadores. Por sorte, Peter percebeu sua substituição. O outro vestia uma jaqueta esporte de tweed, uma calça escocesa xadrez e tinha um sorriso conhecido.

— Seu rato de quartel, isso é uma surpresa! — O homem aproximou-se por trás e bateu-lhe forte nas costas, o que obrigou Peter a encolher-se.

Pelo menos agora sabia quem eles eram.

— Colin! — Ele o abraçou com firmeza. — Realmente é uma surpresa. Estou sob a mira de seus gorilas desde ontem.

— De todos eles! — O coronel Colin Noble virou-se para pegar Melissa-Jane. — Você está linda. — E beijou-a com evidente carinho.

— Tio Colin, você caiu do céu. — A garota aproveitou a deixa e mostrou-lhe a calcinha transparente. — O que acha disso?

— É sua, meu bem. Você acabou de ganhá-la.

— Vai dizer para o papai, não vai?

33

COLIN OLHOU EM VOLTA da suíte do Dorchester e resmungou.

— Isso sim que é vida. Não se consegue coisa tão boa sendo um homem do Exército!

— Papai está virando burguês, exatamente como tio Steven — comentou Melissa-Jane.

— Observei que você, Vanessa e outras colegas suas usam calcinhas de renda — revidou Peter, fazendo o jogo da filha.

— É diferente — disse ela, abraçando o pacote verde da Harrods, numa atitude defensiva. — A gente pode ter consciência social sem se vestir como uma camponesa.

— É uma saída, essa. — Peter jogou sua capa sobre o sofá e caminhou em direção ao bar. — Aceita um uísque, Colin?

— Com gelo, por favor.

— Tem sherry doce? — perguntou Melissa-Jane.

— Tem Coca-Cola. E você pode ir beber no seu quarto, mocinha.

— Ah, papai, faz anos que não vejo tio Colin.

— Fora! — disse Peter. E assim que ela saiu, completou. — Sherry doce! Era só o que faltava.

— Quando estão crescendo, ficam petulantes. — Colin pegou o copo de uísque e sacudiu ruidosamente os cubos de gelo. — Não vai me congratular?

— Com prazer. — Peter tomou seu copo e foi até a janela, que dava para os bancos vazios e o céu cinzento do Hyde Park. — O que você faria?

— Ora Peter! O Thor deu-me seu emprego quando você caiu fora.

— Primeiro me demitiram.

— Quando você deu o fora — repetiu o coronel, antes de tomar um gole de sua bebida. — Há muitas coisas que não entendemos: "Sem saber a razão e o

porquê, vivemos para morrer". Shakespeare. Colin brincava de bufão, mas seus olhos pequenos eram calculistas e tinham o brilho do mel, como os de um ursinho numa manhã de Natal.

— Essa suíte é formidável. Realmente formidável. Você estava desgastado no Thor, todo mundo sabia disso. Você devia estar mais desmoralizado do que todos os chefes juntos.

— Aposto cinco contra sete como você tem uma cópia do meu contrato de trabalho na Narmco.

(— Narmco! — Colin assoviou. — É para eles que você está trabalhando? Não brinque, Peter. Isso é fantástico!

Peter foi obrigado a rir, como uma forma de capitulação. Atravessou a sala e sentou-se na frente do amigo.

— Quem mandou você, Colin?

— Essa é uma pergunta infame.

— É somente a primeira de uma série.

— Por que alguém deveria enviar-me aqui? Não posso por acaso farrear e bater papo com um velho amigo?

— Ele mandou você aqui porque sabe que eu bateria na cara de qualquer outro.

— Bem, todo mundo sabe que nos consideramos irmãos.

— Qual é a mensagem, Colin?

— Congratulações, Peter; vim para dizer-lhe que acabou de ganhar uma passagem de volta para a Big Apple. — Colocou a mão no peito e começou a cantar como um barítono:

— Nova York, Nova York, é uma cidade maravilhosa.

Peter olhava firme e impassível para Colin, e pensava com rapidez. Realmente, seria melhor partir.

Pressentia que algo estava por emergir das águas turvas, as peças começavam a encaixar-se. Esperava por isso desde que resolvera abrir a boca.

— Quando?

— Há um jato da Força Aérea em Croydon, agora.

— E Melissa-Jane?

— Tem um motorista lá embaixo que a levará para casa.

Ela vai odiar você!

É a história da minha vida... Somente os cães me amam.

JOGARAM CARTAS e beberam o café expresso da Força Aérea, durante toda a viagem sobre o Atlântico. Colin Noble foi quem mais falou, sempre com um charuto na boca — sobre assuntos profissionais, sobre os negócios do Thor, treinamento e detalhes do pessoal, pequenas anedotas sobre pessoas e coisas que os dois conheciam muito bem — sem fazer nenhuma menção ao trabalho de Peter na Narmco. Enfatizou, porém, que ele poderia voltar a Londres para as reuniões que começariam na segunda-feira seguinte: uma insinuação deliberada e nada sutil de que o Atlas conhecia todas as suas novas atividades.

Aterrissaram no aeroporto Kennedy, pouco depois da meia-noite, e lá estava um motorista fardado para levá-los ao Howard Johnson, para um repouso de seis horas, daqueles de que se necessita depois de uma longa viagem.

Peter ainda estava sonolento e meio zozinho pela manhã, e olhou sem acreditar para Colin, que devorava um típico café da manhã americano: waffles com geleia, salsicha vienense, bacon e ovos, bolo, pãezinhos doces, suco de frutas e café. Depois, Colin acendeu seu primeiro charuto do dia e anunciou:

— Maldição, agora sei que estou em casa. Só agora me dou conta de que emagreci por subnutrição nesses dois anos.

O mesmo motorista fardado esperava-os na porta de entrada do hotel. O Cadillac era uma demonstração do status que possuíam na hierarquia militar. Peter, indiferente ao ar-condicionado e aos estofados luxuosos do veículo, contemplava os guetos apinhados do Harlem. A via elevada ao longo do East River lembrava um campo de batalha deserto, onde os poucos sobreviventes moviam-se furtivamente nas entradas escuras das casas ou fugiam precipitadamente nas calçadas sujas e esburacadas. Naquela manhã nublada, somente os grafites que adornavam as paredes sem reboco tinham paixão e vitalidade.

O motorista alcançou a junção da Quinta Avenida com a rua 111, desceu ladeando o Central Park, passou pelo Museu Metropolitano na hora do tráfego pesado, e avançou para o buraco que se abria embaixo de uma estrutura monolítica que parecia tocar o céu cinzento e frio.

Na entrada da garagem estava escrito "Somente para Residentes", mas o porteiro acionou o portão eletrônico e deixou-os entrar. Colin e Peter entraram nos elevadores e subiram sentindo um calafrio na barriga enquanto as luzes acima da porta indicavam que estavam indo ao último andar.

Desceram numa sala de recepção bem decorada, protegida por cortinas. Um guarda armado e uniformizado examinou-os, crivou-os de perguntas, checkou o passe do Atlas de Colin com seu registro e então mandou-os entrar.

O apartamento ocupava todo o último andar; do outro lado das portas corrediças havia jardins suspensos e uma vista amedrontadora do desfiladeiro de estruturas altas ao longo da ilha, o edifício da Pan Am e os edifícios gêmeos do

World Trade Center.

A decoração era oriental, com interiores frios, desolados, mostrando peças artísticas que Peter sabia desde sua visita anterior que eram de valor incalculável; antigas pinturas japonesas sobre painéis de seda, gravuras em jade e marfim, um conjunto de pequenos distintivos. Quando passaram pelo átrio, viram miniaturas de árvores Bonsai, em tigelas rasas de cerâmica, que pelas contorções solidificadas do tronco e galhos denotavam antiguidade. Estranhamente, o local retumbava com os compassos gloriosos da Eroica, tocados pela Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida por Van Karajan.

Atrás do átrio havia uma porta de carvalho lisa que, quando Colin Noble apertou a campainha, abriu-se de imediato, dando para uma sala acarpetada, com teto acústico, prateleiras abarrotadas de livros, uma escrivaninha, um enorme piano para concertos e, na parede oposta, um sofisticado aparelho de som, com caixas acústicas que estariam melhor situadas num estúdio profissional.

Kingston Parker permaneceu ao lado do piano — uma figura heróica — alto, forte, cabelos desgrehados, cabeça inclinada para a frente, os olhos fechados e uma expressão de êxtase quase religioso no rosto. A música afetava-o do mesmo jeito que as tempestades balançam os gigantes nas florestas.

Peter e Colin não se moveram da porta, sentindo-se intrusos naquele momento tão íntimo e particular. Porém, não mais que alguns segundos depois, o velho percebeu a presença deles. Sacudiu a cabeça, como se quisesse liberar-se do enlevo da música, e desligou o toca-disco.

— General Stride... Ou será que ainda posso chamá-lo de Peter?

— Senhor Stride é melhor.

Parker fez um pequeno gesto de lamento e, sem oferecer a mão, indicou um confortável sofá de couro do outro lado da sala.

— Bem, pelo menos você veio.

— Minha curiosidade é insaciável — disse Peter enquanto se sentava.

— Eu contava com isso. — Kingston Parker sorriu. — Vocês já tomaram café?

— Fizemos um lanche — informou Colin Noble.

— Um cafezinho, então. — E fez o pedido pelo interfone, antes de voltar-se para eles. — Por onde começamos? — perguntou, alisando os cabelos com as mãos.

— Do começo — sugeriu Peter. — Como o Rei de Copas falou para Alice.

— Certo, certo... No começo fui contra seu envolvimento com o Atlas.

— Eu sei.

— Não esperava que você fosse aceitar o comando do Thor, o que seria um retrocesso em sua carreira. Você me surpreendeu, e não foi a primeira vez.

Um mordomo chinês vestindo um paletó branco com botões de metal entrou

trazendo uma bandeja.

Ficaram em silêncio enquanto o café era servido. Quando o empregado saiu, Parker continuou:

— Naquele tempo, embora eu reconhecesse sua carreira brilhante e sua trajetória de muitas realizações, eu o via como um militar de mentalidade retrógrada. Do tipo do coronel Blimp, mais adequado às trincheiras do que às exigências da Guerra Fria, que é a guerra que lutamos agora e que seremos obrigados a enfrentar no futuro.

Kingston Parker sentou-se no banquinho do piano, acariciou inconscientemente o teclado de marfim, depois retomou seu pequeno discurso:

— Veja bem, general Stride: com base na proposta original, o Atlas tinha um papel bastante limitado.

Eu não acreditava que ele pudesse cumprir com os seus objetivos se fosse apenas um grupo de contra-ataque; se tivesse de esperar por atos de hostilidade para depois reagir; se fosse obrigado a confiar inteiramente em outras organizações, com todas as suas rivalidades e disputas intermináveis. Por isso eu precisava não apenas de funcionários brilhantes, mas que também fossem capazes de ideias originais e independentes. Não imaginei que você possuísse essas qualidades, embora tivesse analisado seu currículo cuidadosamente. Não tinha condições de confiar cem por cento em você.

Parker dedilhou uma melodia ao piano, que por um momento pareceu absorvê-lo por completo. Em seguida, ele prosseguiu:

— Se eu tivesse confiado, a conduta da sua operação de resgate do voo 070 poderia ter sido diferente.

Fui radicalmente forçado a revisar meu conceito sobre você, general Stride. E confesso que foi uma atitude muito difícil para mim. Por demonstrar aquelas qualidades que pensei que não possuísse, você liquidou com meu julgamento.

Admito que contrariedades de ordem pessoal tenham afetado minha capacidade de discernimento.

Mas justamente quando começava a mudar de opinião a seu respeito, você pediu sua demissão.

— Eu sei que minha demissão lhe foi comunicada com antecedência, doutor Parker, e que você recomendou que fosse aceita — retrucou Peter friamente, controlando a raiva.

— Sim, você tem razão. Endossei sua demissão.

— Então estamos perdendo tempo aqui e agora. — Peter cerrou os lábios; seu rosto estava pálido como a porcelana.

— Por favor, general Stride, deixe-me explicar primeiro. Peter fazia menção de levantar-se, mas mudou de ideia, afundando novamente no sofá.

— Preciso voltar um pouco atrás para que minhas palavras tenham sentido.
— Parker levantou-se e atravessou a sala em direção à escrivaninha. Ali, escolheu de sua coleção um cachimbo da cor do âmbar. Assoprou-o e então voltou sobre o carpete espesso, parando na frente de Peter.

— Alguns meses antes do sequestro do 070, seis meses para ser preciso, comecei a receber informações de que estávamos entrando em uma fase nova do terrorismo internacional.

No começo houve apenas insinuações, que foram confirmadas e seguidas de fortes evidências. — Parker encheu o cachimbo de tabaco, sem parar de falar. — Parecia estar ocorrendo uma consolidação das forças do inimigo, sob um controle centralizado, do qual quase nada sabíamos. Sim, é difícil acreditar, mas vou mostrar-lhe os arquivos.

Há evidências de reuniões entre líderes militantes e figuras desconhecidas, talvez representantes de algum governo do Leste. Não temos certeza ainda... O fato é que, depois, ocorreu uma mudança completa na conduta e nos pretextos da atividade militante. Não preciso nem explicar-lhe os detalhes. Primeiro, tinham acumulado imensas reservas financeiras através de sequestros altamente organizados de figuras proeminentes, começando com os ministros da OPEP, depois industriais e banqueiros.

Parecia que tudo continuava igual, sempre com ganhos políticos limitados. Então aconteceu o sequestro do 070. Como eu não confiava em você, não tive outra alternativa senão controlar suas ações através de um comando forte. Eu não poderia explicar-lhe que suspeitávamos de que fosse uma operação da nova liderança e que deveríamos deixar que se mostrasse tanto quanto possível. Foi uma decisão terrível, pois jogamos com vidas humanas para obter uma informação vital. Então, você comportou-se como jamais imaginei. — Parker tirou o cachimbo da boca e sorriu. — Minha primeira reação foi de ódio e frustração. Eu queria sua cabeça a todo custo. Depois comecei a pensar... Você acabara de demonstrar que era o homem que eu precisava, o soldado capaz de ideias e ações pouco convencionais... Se você fosse desacreditado e abandonado, haveria uma chance de que essa nova direção da militância identificasse em você as mesmas qualidades que fui forçado a reconhecer. Se eu permitisse a ruína de sua carreira, que você se tornasse um pária, um sujeito amargurado, mas com habilidades e imensos conhecimentos, um homem que provara ser capaz de crueldade quando necessário...

Desculpe, general Stride, mas sou obrigado a reconhecer que você poderia ser muito atraente para...

não tenho nome para eles, poderemos chamá-los apenas de "inimigos".

Sem dúvida alguma você seria de grande utilidade para o inimigo. Endosseí sua demissão, é verdade, e sem o seu conhecimento você transformou-se num agente

do Atlas em liberdade. Pareceu-me perfeito. Não precisava representar nenhum papel, e você próprio acreditava nisso. Você era o pária, o errado, o homem desacreditado e maduro para a subversão.

— Não acredito nisso — replicou Peter insipidamente. Parker voltou para a mesa de trabalho, tirou um envelope de um vaso de cerâmica e entregou-o a ele.

Peter levou alguns segundos até perceber que era um extrato bancário do Banco Suíço em Genebra; a conta estava em seu nome, com muitos depósitos feitos. Nenhuma retirada ou débitos. Cada depósito era exatamente a mesma quantia líquida que recebia um general no Exército britânico. Parker riu.

— Você continua recebendo seu salário do Atlas. Ainda é um dos nossos, Peter. Portanto, só me resta dizer que lamento tê-lo submetido a um pretexto. Mas parece que valeu a pena.

Peter olhou-o com desconfiança, mas sem hostilidade.

— O que você está querendo dizer, doutor Parker?

— Apenas que você está de volta ao jogo.

— Sou diretor de vendas da Northern Armaments Company...

— Sim, claro, e a Narmco faz parte do império industrial Altmann. O barão Altmann e sua adorável mulher são, ou melhor, eram um casal extraordinariamente interessante.

A propósito, você sabia que o barão era agente do alto escalão da Mossad na Europa?

— Impossível! — exclamou Peter, irritado. — Ele era católico, e o serviço secreto israelense não costuma recrutar católicos.

— Bem, o avô dele converteu-se ao catolicismo e trocou o nome da casa da família para La Pierre Bénite. Foi uma decisão comercial, pois não havia vantagem em ser judeu no século dezenove na França. Porém, o jovem Altmann seguia a orientação da avó e de sua própria mãe. Era sionista desde a mais tenra idade e, até seu assassinato, usou sua fortuna e influência nesta causa. Fazia-o com tanta astúcia e sutileza que pouquíssimas pessoas sabiam de suas simpatias pelo judaísmo e o sionismo. Jamais cometeu o erro de declarar-se publicamente, porque poderia ser mais útil se fosse visto como um católico praticante.

Se aquilo era verdade, pensou Peter, então tudo mudaria de forma: desde o sentido da morte do barão até o papel de Magda Altmann em sua vida.

— A baronesa sabia disso?

— Ah, a baronesa! — Kingston Parker tirou o cachimbo da boca e sorriu com relutante admiração. — É uma dama notável! Talentosa, de grande beleza. Sabemos que nasceu em Varsóvia. O pai era professor de medicina na universidade e escapou para o Ocidente com a filha ainda pequena. Morreu poucos anos depois, num acidente de trânsito em Paris, atropelado por um motorista que fugiu em seguida. Foi

uma morte meio misteriosa. A criança parece que passou de uma família a outra, vivendo com parentes distantes e amigos do pai. Demonstrava inclinação para a vida académica, sensibilidade musical e, aos treze anos, jogava bastante bem o xadrez; então, por um longo período, não se sabe o que aconteceu com ela. Desapareceu por completo. A única pista é dada por uma de suas mães adotivas, uma senhora muito idosa, com péssima memória. A velha dizia que a garota tinha ido passar um tempo em casa... — Parker abriu os braços, perguntando: — Que casa? Varsóvia? Israel? Algum lugar no Oriente?

Você pesquisou a vida dela em detalhes — comentou Peter, pouco à vontade com o que acabara de escutar.

— Claro, devassamos todos os seus contatos desde que você deixou o Comando Atlas. Poderíamos estar sendo negligentes se não o fizéssemos. E a baronesa despertou nosso especial interesse. Ela tem sido fascinante... Você entende o que eu quero dizer...

Peter fez que sim com um gesto de cabeça. Nada perguntou, temendo ser desleal e mesquinho com Magda. Então Parker continuou:

— Ela voltou a Paris aos dezenove anos, como secretária particular altamente competente, falando cinco idiomas, linda, vestida sempre na moda, sendo logo cercada por admiradores de fortuna, poderosos e influentes, o último dos quais seu empregador, o barão Aaron Altmann. — Kingston Parker calou-se de repente, forçando Peter a perguntar algo.

— Ela também é do Mossad?

— Não sabemos. Mas é possível. Ela tem se protegido muito bem. Esperamos que você seja capaz de descobrir isso para nós.

— Entendo.

— Certamente ela sabia que o marido era sionista. Deve ter suspeitado de que isso estivesse relacionado com seu sequestro e assassinato. Mas há seis anos de sua vida sobre os quais nada sabemos, dos treze aos dezenove. Onde ela estaria então?

— Ela é judia? O pai era judeu?

— Achamos que sim, embora ele aparentasse não ter religião, pois não respondeu a essa pergunta no formulário de emprego da Sorbonne. A filha parecia pensar do mesmo jeito. Mas se casou com o barão numa igreja católica, seguida de uma cerimónia civil em Rambouillet.

— Fizemos um longo desvio do terrorismo internacional — observou Peter.

— Eu não penso assim. O barão foi vítima do terrorismo; e você, um dos especialistas mundiais em militância e em guerrilha urbana, assim que se aproximou dela, passou pela tentativa de assassinato ou de sequestro da baronesa.

Peter não se surpreendeu com o fato de Parker saber sobre aquela noite na

estrada de La Pierre Bénite; fazia poucos dias que ele tirara o braço da tipóia.

— O que você pensa daquele "acidente", Peter? Vi o resumo de seu depoimento à polícia francesa; o que você poderia acrescentar?

A cena do Citroen que o seguira em Paris, e depois o som rasgado da pistola automática dentro da noite passaram rapidamente pela mente de Peter.

— Eles estavam atrás da baronesa — disse ele, com firmeza.

— E você estava dirigindo o carro?

— Sim.

— Estava no lugar e na hora em que a baronesa passava?

— Sim.

— Quem deu essa ideia? Você?

— Eu tinha dito a ela que o carro era muito chamativo.

— Então você sugeriu dirigi-lo até Pierre Bénite...

— Sim. — Peter mentiu sem saber por quê.

— Alguém sabia que a baronesa não estava dirigindo?

— Ninguém. — Exceto os dois guarda-costas e os dois motoristas que nos encontraram na volta da Suíça, pensou Peter.

— Você tem certeza? — insistiu Parker.

— Sim. Ninguém mais sabia. — Exceto Magda... Ele ficou furioso com esse pensamento.

— Bem, devemos então aceitar que estavam à procura da baronesa. Mas para quê? Tentativa de assassinato ou de sequestro? Isso pode ser bastante significativo. No caso de tentativa de assassinato, indicaria a eliminação de um agente rival, isto é, que a baronesa era uma agente da Mossad, recrutada pelo marido. Por outro lado, um sequestro sugere lucro monetário. O que era então, Peter?

— Eles tinham bloqueado a estrada... E o falso policial sinalizou-me para parar. — Ou pelo menos diminuir a velocidade, pensou ele, de modo a que me tornasse um alvo fácil para a pistola. — Mas não abriram fogo antes que ficasse claro que eu não iria parar. — Tinham — se preparado para atirar no instante que ele tomara a decisão de jogar o Maserati por cima do bloqueio. A intenção dos pistoleiros fora evidente. — Acho que o objetivo era agarrar a baronesa viva.

— Tudo bem. Por enquanto teremos de aceitar essa versão... Coronel Noble, você quer fazer alguma pergunta?

— Sim, doutor. Peter não nos contou como foi sua aproximação com a Narmco ou com a baronesa.

Quem fez o primeiro contato?

— Fui procurado por uma firma inglesa especializada em empregar altos executivos. Vieram indicados pela direção da Narmco. — E os rejeitei secamente, pensou Peter.

— Somente, depois, em Abbots Yew...

— Entendo. — Colin franziu a testa, desapontado. — Não houve pedido de uma reunião com a baronesa?

— Não naquela fase.

— Foi-lhe oferecida a diretoria de vendas, sem nenhuma menção a outras responsabilidades, segurança, espionagem industrial...

— Não, não naquela ocasião.

— Mais tarde?

— Sim. Quando encontrei a baronesa, percebi que sua segurança pessoal era inadequada. Fiz mudanças.

— Não discutiram sobre o assassinato de seu marido?

— Sim, discutimos.

— E daí?

— Nada. — Estava difícil para Peter improvisar respostas; mas ele utilizava a antiga regra de falar a verdade sempre que possível.

— A baronesa não forneceu nenhuma pista sobre os assassinos do marido? Você não foi solicitado a usar seus talentos especiais para preparar a vendetta?

Peter teve de tomar uma decisão rápida. Parker talvez soubesse das informações que ele passara ao adido militar britânico em Paris, a isca que preparara cuidadosamente para atrair Califa. Claro que Parker sabia: ele era dirigente do Atlas e tinha acesso aos computadores dos serviços secretos.

— Sim, ela pediu-me para dar-lhe qualquer indicação que pudesse apontar os assassinos do marido.

Perguntei ao G.2 em Paris se tinha alguma informação. Não pôde ajudar-me.

— Sim, tenho uma nota preenchida pelo G.2 de seu trabalho de rotina — resmungou Parker. — Mas suponho que o que ela pediu era bastante natural. — Voltou à escrivaninha e deu uma olhada num bloco de rascunho onde estavam anotadas algumas informações. — Sabemos sobre oito relacionamentos sexuais que a baronesa teve antes de casar-se, todos com homens politicamente poderosos ou ricos. Seis deles eram casados...

Peter sentiu tanta raiva que ficou surpreso consigo mesmo. Odiava ver Parker falando assim de Magda. E foi com esforço que manteve a expressão neutra, as mãos descansando sobre o colo, embora desejasse socar o rosto daquele homem.

Todos esses casos foram conduzidos com a maior discrição. Durante o casamento não houve relações extra-conjugais. A partir do assassinato do barão, ela teve três amantes, um ministro do governo francês, um executivo americano, diretor da segunda companhia mundial de petróleo. — Parker deixou o bloco em cima da mesa e virou-se para Peter. — Recentemente teve um outro. — E o encarou com um olhar penetrante. — A moça certamente acredita em misturar negócios com prazer.

Todos os seus companheiros são homens capazes de oferecer provas concretas de afeição. Creio que essa regra também se aplica à sua última escolha...

Colin Noble pigarreou, mexeu-se em sua cadeira, mas Peter sequer olhou para ele; continuou impassível, encarando Kingston Parker. Magda e ele não tinham feito segredo daquele relacionamento, porém era amargo e desagradável discuti-lo com outras pessoas.

— Acho que você está na posição ideal para colher informações vitais. Você está muito perto do centro dessa influência sem nome e sem forma; você terá chance de fazer algum contato com o inimigo, nem que seja apenas uma outra hostilidade; a questão é saber se você tem alguma razão, emocional ou não, que possa atrapalhá-lo na consecução dessa tarefa. — Kingston Parker alteara a voz, transformando a explanação numa pergunta.

— Nunca permiti que os assuntos particulares interferissem no meu trabalho, doutor Parker – afirmou Peter, baixinho.

— É verdade. E estou certo de que você agora sabe um pouco mais sobre a baronesa Altmann e entenderá o nosso interesse nessa mulher.

— Sim, entendi. Você quer que faça uso da relação privilegiada que tenho com ela para espioná-la.

Não é isso?

— Temos certeza de que ela está usando esse mesmo relacionamento para seu próprio proveito...

Espero não ter sido grosseiro, Peter. Não quis destruir nenhuma ilusão.

— Na minha idade, doutor, um homem não tem mais ilusões. — Peter levantou-se. — Devo prestar contas direto a você?

— O coronel Noble providenciará todas as comunicações. Fique certo de uma coisa: eu não lhe pediria isso se tivesse escolha.

Peter apertou a mão que ele estendia e pôde sentir a força física naqueles dedos duros de pianista.

— Compreendo, sir. — E prometeu a si mesmo que, se toda aquela maldição fosse mentira, ele logo descobriria.

PETER ALEGOU CANSAÇO para evitar o jogo de cartas, e fingiu dormir durante todo o vôo sobre o Atlântico. Com os olhos fechados, tentava colocar os pensamentos em ordem. Não estava seguro de seus sentimentos e lealdade para com Magda Altmann. Confundia-se cada vez que os examinava, e acabava supervalorizando mesquinhasarias...

"Relacionamentos Sexuais". Essa expressão ridícula e afetada de Parker fora capaz de enfurecê-lo.

Oito ligações amorosas antes do casamento, seis com homens casados, duas outras depois do casamento, todas com homens ricos e poderosos. Peter tentava minimizar essas estatísticas cruas e, com um choque de ressentimento amargo, imaginava aquelas figuras sem face e sem forma abraçando o corpo esguio de Magda, acariciando-lhe os seios pequenos, os cabelos longos e brilhantes... Sentiu-se traído, mas de imediato recriminou-se por essa reação adolescente.

Parker levantara outras questões provocadoras, tais como a conexão com o Mossad, os seis anos em branco na vida de Magda, e ainda lembrara o que tinha acontecido entre eles. Ela seria capaz de enganos habilidosos, ou não eram enganos? Ele estava sofrendo por orgulho ferido ou ela o forçara a uma posição vulnerável? Será que estava apaixonado?

O que sentia por ela? Peter enfrentou afinal essa questão, porém, ao aterrissar, ainda não chegara a nenhuma conclusão, exceto que se sentia feliz com a perspectiva de encontrá-la. Embora a ideia de que teria sido usado e que seria descartado, como ela fizera com os outros, lhe deixasse uma sensação dolorosa no peito. De repente veio-lhe à lembrança a ilha para a qual ela sugerira que escapassem juntos. Então deu-se conta de que ela também era vítima de algum terror. Será que ambos estariam predestinados a se destruírem?

Havia três mensagens separadas de Magda no Dorchester. Todas elas deixando o número de Rambouillet. Peter telefonou assim que entrou na suíte.

— Oh, Peter, fiquei tão preocupada! Onde você estava? — Era difícil acreditar que estivesse fingindo, e mais duro ainda desconfiar de sua sinceridade quando, no dia seguinte, ao meio-dia, ela o encontrou pessoalmente no aeroporto Charles de Gaulle em vez de mandar o chofer.

— Precisei sair do escritório por uma hora — explicou, enquanto lhe rodeava as costas e pressionava o corpo contra o dele. — É mentira, claro. Vim porque não aguentaria esperá-lo mais uma hora. — E, com um risinho de satisfação, completou: — Não estou me comportando bem; imagino o que você vai pensar de mim!

À noite, estiveram em uma festa, jantaram em Lê Doyen e foram ao teatro no

Palais de Chaillot. O francês de Peter era insuficiente para entender Molière, razão por que passou a maior parte do tempo observando-a de soslaio. Somente à meia-noite, quando voltavam a La Pierre Bénite, foi que dirigiu a conversa para o complicado jogo de gato e rato.

— Não pude falar-lhe ao telefone — disse ele na penumbra quente e íntima da limusine. — Tive um contato com o Atlas. O diretor chamou-me a Nova York. Foi onde estive quando você me ligou. Eles também estão no encalço de Califa. Bocejando, ela segurou-lhe a mão.

— Estava esperando que você me contasse, Peter. Sabia que tinha ido para os Estados Unidos e estava com a impressão de que iria mentir para mim. Não sei o que eu faria...

Peter sentiu uma pontada de preocupação. Como ela ficara sabendo de sua viagem a Nova York?

Então lembrou-se das "fontes" de que ela dispunha.

Quando Magda lhe pediu que contasse tudo, ele contou... omitindo apenas as interrogações constrangedoras que Parker insinuara: os anos em branco, o contato do barão com a Mossad e aqueles dez homens sem nome.

— Parece que eles não sabem que Califa usa esse nome — disse Peter. — Mas acreditam que você quer agarrá-lo e que me contratou com esse propósito.

Discutiam baixinho enquanto a pequena caravana de carros seguia até La Pierre Bénite. Mais tarde, quando Magda foi para o apartamento dele, ficaram conversando, tocando-se, com a maior naturalidade. Todas as dúvidas de Peter evaporavam-se quando estava com ela.

— Kingston Parker ainda me considera membro do Atlas. Não neguei nem protestei. Queremos encontrar Califa, e se mantenho status no Atlas será útil, tenho certeza.

— Concorde. O Atlas pode nos ajudar, especialmente agora que eles sabem da existência de Califa.

Fizeram amor pela madrugada, uma relação intensa e tão cheia de prazer que os deixou completamente exaustos. Porém, mantendo sua discrição, Magda saiu do quarto antes do amanhecer. Encontraram-se para o café da manhã no jardim.

Enquanto servia o café, ela indicou-lhe um pequeno pacote ao lado do prato.

— Não somos tão discretos quanto pensamos, chéri. Alguém sabe onde você passa a noite.

Peter pegou o pequeno embrulho, que era pouco maior que um rolo de filme de 35 mm, envolto em papel marrom e lacrado com cera vermelha.

— Aparentemente teve postagem especial ontem à noite — continuou Magda, servindo-se de um croissant.

O endereço estava escrito a máquina numa etiqueta adesiva; os selos eram

britânicos; o objeto fora postado no sul de Londres na manhã anterior. Peter foi tomado por um terrível presságio. Havia algo demoníaco naquela encomenda.

— O que aconteceu, Peter? — perguntou ela, alarmada.

— Nada... nada.

— Você ficou pálido de repente. Você está bem?

Peter usou a faca de mesa para cortar a etiqueta e desenrolar o pacote. Era um pequeno vidro transparente, com rolha, contendo um líquido claro, algum tipo de conservante, álcool ou formol, dentro do qual flutuava um objeto branco.

— O que é isso? — perguntou Magda.

Uma sensação de náusea revirou o estômago de Peter à medida que ele girava o vidro e o objeto dentro do líquido mostrava a cor escarlate vívida.

"Sua mãe deixa você pintar as unhas, Melissa-Jane?" Esta frase ecoou em sua memória; junto com ela, veio a imagem de sua filha olhando as mãos, com as unhas pintadas do mesmo escarlate vivo.

"Sim, claro, mas na escola ainda não. Você insiste em esquecer que tenho quase catorze anos, papai."

O objeto flutuante no vidro era um dedo humano, cortado na primeira junta. O líquido conservante branqueara a carne exposta, e a pele estava franzida e enrugada como a de um homem afogado. Somente a unha pintada estava inalterada, linda e festiva.

A náusea subia à garganta de Peter, sufocando-o. Por pouco ele continha o impulso de vomitar enquanto olhava fixamente para aquele vidrinho.

O telefone tocou três vezes antes de ser atendido.

— Aqui é Cynthia Barrow. — Peter reconheceu a voz de sua ex esposa, embora estivesse esfarrapada pela tensão e dor. — Cynthia, sou eu, Peter.

— Ah, graças a Deus, Peter. Estou tentando encontrá-lo há dois dias.

— O que aconteceu?

— Melissa-Jane está com você?

— Não. — Ele sentiu como se a terra estremecesse sob seus pés.

— Ela foi embora, Peter. Sumiu já faz dois dias. Estou ficando louca.

— Avisou a polícia?

— Sim, claro. — Cynthia estava à beira da histeria.

— Fique onde está. Estou indo para a Inglaterra neste momento. Deixe-me mensagem no Dorchester.

— Desligou rapidamente, sabendo que não poderia ajudá-la se seu desespero aumentasse.

Do outro lado da escrivaninha estilo Luís XIV, Magda estava pálida, tensa, uma pergunta estampada em seus olhos arregalados.

Peter limitou-se a confirmar com um movimento abrupto. Então discou um

número e, enquanto esperava, não conseguia desviar os olhos do trofeu macabro dentro do vidrinho sobre a escrivaninha.

— Colin Noble — chamou num tom brusco e áspero ao telefone. — Diga-lhe que é o general Stride e que é urgente.

Colin atendeu no instante seguinte.

— Peter, é você?

— Sequestraram Melissa-Jane.

— Quem? Não entendi.

— Os inimigos. Pegaram-na.

— Meu Deus! Você tem certeza?

— Sim. Mandaram-me o dedo dela num vidrinho. Colin ficou calado por alguns segundos.

— Isso é demais, meu Deus, é realmente uma insanidade — e clamou por fim.

— Vá atrás da polícia. Use toda a sua influência. Eles estão tendo sigilo. Não há publicidade. Quero participar da caça a esses animais. Envolve o Thor, use todos os recursos que estiver a seu alcance. Estou indo. Avisarei você sobre meu voo.

— Ficarei em contato com este número de telefone ininterruptamente. Mandarei um motorista a seu encontro... Peter, sinto muito... Você sabe disso.

— Sim, eu sei.

— Estaremos todos com você, todo o tempo.

Peter deixou cair o receptor do telefone e, do outro lado da escrivaninha, Magda levantou-se decidida.

— Vou com você a Londres! Peter segurou-lhe a mão.

— Não, obrigado. Você não poderá fazer nada.

— Gostaria de estar com você neste momento. Sinto-me culpada.

— Não é verdade.

— Ela é uma criança maravilhosa.

— Você me ajudará mais ficando aqui — disse Peter com firmeza. — Tente obter através de seus recursos qualquer informação.

— Sim, está bem. Onde posso encontrá-lo se obtiver alguma informação?

Ele deu-lhe o número direto de Colin Noble no Thor, anotando-o no bloco de rascunho ao lado do telefone.

— Pode ser lá ou no Dorschester.

— Vou com você pelo menos até Paris.

A notícia já estourara quando Peter chegou ao aeroporto Heathrow. Estava na primeira página do Evening Standard, que ele leu avidamente durante a viagem até Londres.

A vítima foi sequestrada no portão de sua casa à rua Leaden, na quinta-feira,

às 11 horas, em Cambridge. Um vizinho avistou-a falando com os ocupantes de uma limusine Triumph. A garota entrou pela porta traseira do carro, que arrancou imediatamente. "Acho que havia duas pessoas no carro", disse a sra. Shirley Callon, 32 anos, ao nosso correspondente. "Melissa-Jane não parecia assustada. Creio que entrou no carro sem maiores problemas. O pai dela é um alto funcionário do Exército e frequentemente manda diferentes carros buscá-la ou levá-la. Por isso não me preocupei."

O alarme só foi dado vinte e quatro horas mais tarde, pois a mãe da menina também acreditava que ela estivesse com seu ex-marido. Depois de entrar em contato com o ex-marido, o general Stride, foi que a mulher deu parte às autoridades. A polícia de Cambridge encontrou uma limusine de cor castanha no estacionamento da estação ferroviária. O veículo fora roubado em Londres, no dia anterior. Imediatamente, foi dado o alerta nacional sobre o desaparecimento da menina.

O inspetor-chefe, Alan Richards, é o responsável pelas investigações. Qualquer pessoa que tenha informação sobre o caso deve telefonar...

À notícia seguia-se um número de telefone em Londres e uma descrição detalhada de Melissa-Jane e das roupas que ela vestia quando desaparecera.

Peter deixou o jornal no banco ao lado. Olhava fixamente para a frente, a raiva crescendo dentro de si como uma chama — uma sensação muito mais tolerável que o desespero gélido que esperava para engolfá-lo.

O Inspetor Alan Richards era um homem magro, que mais parecia um jóquei que um policial. Tinha o rosto prematuramente enrugado, penteava os cabelos de modo a disfarçar a calvície, e seus olhos eram vivos, inteligentes, e seu jeito direto e decisivo.

Ele apertou as mãos ao ser apresentado por Colin Noble.

— Quero deixar claro que o assunto é de competência da polícia, general. No entanto, devido às circunstâncias, estou preparado para trabalhar intimamente com os militares.

Em rápidas palavras informou sobre as providências que tomara até aquele momento. Centralizara as investigações a partir dos dois escritórios que ocupava no terceiro andar da Scotland Yard, com vista para as chaminés das torres da abadia de Westminster e do Parlamento.

Duas jovens policiais respondiam às chamadas telefônicas dos números que tinha sido anunciados na imprensa e na televisão. Havia recebido mais de quatrocentas chamadas.

— Variam desde informações com pouca probabilidade de sucesso até outras completamente absurdas, mas temos de investigar todas elas. — Pela primeira vez a expressão de Richards suavizou-se. — Será um caminho longo e demorado, general

Stride. Por sorte temos algumas direções a seguir.

O escritório era mobiliado com aqueles indescritíveis móveis de repartições públicas, sólidos e sem características. Havia até um velho fogão a gás, de onde o inspetor tirava uma chaleira fervente para servir chá enquanto conversava.

— Três homens estão revirando o carro do sequestro. Sua ex mulher identificou uma bolsa encontrada no interior do veículo. É de sua filha. Estamos checando mais de seiscentas impressões digitais recolhidas. Levará algum tempo até que possamos isolar cada uma, e esperamos identificar alguma estranha... Entretanto, duas delas correspondem a impressões digitais colhidas no quarto de sua filha... Aceita um chá?

Peter fez que sim; Richards serviu-lhe uma xícara e depois continuou:

— A vizinha, a senhora Callon, que viu a cena, está ajudando no retrato falado do motorista, mas não avistou o rosto dele muito bem. Há pouca probabilidade de sucesso.

Mesmo assim, vamos mostrar o retrato na televisão, esperando encontrar novas pistas. Lamento não poder fazer mais do que isso neste caso. Talvez os sequestradores tentem entrar em contato com você. Não acreditamos que o façam através de sua ex-esposa, mas colocamos dispositivos de escuta no telefone dela. Por enquanto é tudo, general Stride. Agora é a sua vez. O que poderia nos dizer? Por que alguém raptaria sua filha?

Peter trocou um olhar com Colin Noble, e se manteve em silêncio enquanto pensava no que responder. Richards insistiu:

— Sei que você não é um homem rico, general, mas sua família... seu irmão?

Peter balançou a cabeça em negativa.

— Meu irmão tem seus próprios filhos. Eles seriam um alvo mais lógico.

— Vingança, então? Você teve muita participação na luta contra os terroristas na Irlanda. E comandou a recaptura do voo 070.

— É possível.

— Pelo que sei, você não está mais ligado ao Exército... Peter interrompeu-o, decidido a não permitir que a conversa tomasse aquele rumo.

— Esse trabalho de adivinhação não vai nos levar a nada. Saberemos os motivos assim que os sequestradores fizerem suas exigências.

— Isso é verdade. Eles não teriam lhe mandado... Desculpe, general. É horrível e penoso, mas temos de aceitar o dedo como prova de que sua filha está viva, e que o contato, quando vier, será feito com você. Isso foi um sinal e uma ameaça...

Naquele instante, o telefone da escrivania tocou. O inspetor atendeu de imediato. Depois de identificar-se, escutou demoradamente, emitindo de vez em quando palavras de encorajamento para a pessoa do outro lado da linha. Em seguida,

colocando o fone no gancho, estendeu na direção de Peter um maço de cigarros amarrotados. Como ele recusasse, o policial acendeu um para si mesmo.

— Era do laboratório. Você sabia que sua filha era doadora de sangue, não sabia?

Peter assentiu com um movimento de cabeça. Aquilo fazia parte das preocupações sociais de Melissa-Jane. Se ela não tivesse sido dissuadida com tato, teria doado litros e litros de sangue.

— Comparamos o tecido do dedo amputado com uma amostra de tecido epitelial da garota, existente no hospital de Cambridge. Infelizmente eram idênticos. O dedo é dela mesmo... Seria inimaginável que os sequestradores tivessem ido tão longe a ponto de encontrar um substituto igual.

No íntimo, Peter acalentara a ideia de que tudo não passara de um blefe — que recebera o dedo de um morto, de um indigente anônimo do pronto-socorro da cidade...

E agora que perdera a esperança, sentia-se à beira do desespero.

Houve um silêncio prolongado, até que afinal Colin Noble tomou a palavra.

— Inspetor, você tem conhecimento sobre a natureza do Comando Thor?

— Sim, claro. A imprensa fez um grande estardalhaço por ocasião do sequestro aéreo em Joanesburgo. É uma unidade antiterrorista.

— Somos talvez os especialistas mais bem-treinados do mundo em resgatar reféns com segurança das mãos de militantes...

— Entendo o que está tentando dizer-me, coronel. Mas vamos primeiro encontrar os militantes. E qualquer tentativa de resgate ficará sob controle da polícia.

Passava das três da manhã quando Peter Stride chegou ao hotel Dorchester, em Park Lane.

— Estamos reservando sua suíte desde ontem ao meio-dia, general.

— Desculpe... — Peter percebeu que estava rouco, com a garganta seca. Sentia-se tenso e exausto.

Saíra da sede da polícia convencido de que tudo estava sendo feito e que poderia confiar inteiramente no inspetor Richards e em sua equipe. O homem prometera mantê-lo informado, a qualquer hora do dia ou da noite, assim que fizesse algum progresso no caso.

Peter acabava de assinar o livro de registro, pestanejando com a sensação arenosa em suas pálpebras inchadas, quando o recepcionista anunciou:

— Chegaram estas mensagens para o senhor, general.

— Obrigado. E boa noite.

No elevador, ele passou os olhos pela correspondência. A primeira era uma folha de um bloco de anotações: "A baronesa Altmann pede que o senhor ligue para

Paris ou Rambouillet". A segunda era outro recado: "A senhora Cynthia Barrow ligou. Pede que ligue para ela em Cambridge 699-313".

O terceiro era um envelope lacrado, papel branco de boa qualidade, irreconhecível pelo timbre ou monograma. Seu nome estava impresso em letras maiúsculas, bem regulares, num estilo antigo de gravura em cobre. Não estava selado, portanto só poderia ter sido entregue pessoalmente.

Peter rasgou a aba do envelope com o polegar e retirou uma folha de papel, também de boa qualidade porém comum. Havia pilhas daquelas folhas em qualquer papelaria do Reino Unido.

A mesma escrita regular do texto fez Peter perceber que o remetente usara letras transferíveis, daquelas de decalque, em folhas de plástico, que se vendiam em qualquer papelaria. Um método perfeito para substituir a escrita a máquina ou a mão.

O dedo você já recebeu; da próxima vez receberá uma das mãos, depois a outra, depois um pé, então o outro pé... e finalmente a cabeça. O próximo pacote chegará no dia 20 de abril. Mandarei um por semana.

Para evitar isso você deve entregar uma vida pela outra. No dia em que o Dr. Parker morrer, sua filha será devolvida imediatamente, viva e sem sofrer nenhuma outra mutilação. Destrua esta carta e não fale dela para ninguém, do contrário a cabeça será entregue imediatamente.

A carta estava assinada com o nome que vinha sendo a maior ameaça na vida de Peter:

CALIFA

Foi um choque terrível, que pareceu alcançar o mais fundo de sua alma, ver o nome escrito; ver a completa confirmação de todos os demónios de que suspeitava; ver a marca da besta ali, impressa e inequívoca.

O choque tornava-se ainda maior pelo conteúdo da carta. Que atitude cruel, sem compaixão, indigna de qualquer ser humano.

Ainda com a mensagem na mão, percebeu com surpresa que tremia como se estivesse com febre alta. O porteiro que carregava sua valise de crocodilo preta olhava-o fixamente, com curiosidade, obrigando-o a um enorme esforço para controlar as mãos e dobrar a folha branca de papel.

Parado rigidamente, quase em posição de sentido, Peter esperou que a porta do elevador se abrisse, para então caminhar pelo corredor até sua suíte. Deu uma gorjeta ao porteiro, sem reparar, e no momento em que entrou no apartamento, abriu a carta novamente, releu-a uma, duas, três vezes, até que as palavras pareceram misturar-se, perdendo a coerência e o sentido.

Percebeu que, pela primeira vez em sua vida, estava em pânico total, incapaz de qualquer decisão.

Respirou profundamente, fechou os olhos e contou devagarinho até cem, como se quisesse esvaziar a cabeça, e então ordenou a si mesmo: Pense!

Muito bem, Califa parecia conhecer todos os seus movimentos; inclusive que ele estava sendo esperado no Dorchester. Quem mais sabia disso? Cynthia, Collin Noble, Magda Altmann e a secretária em Rambouillet que fizera a reserva, a secretária de Colin no Thor, o funcionário do hotel... e qualquer outra pessoa que tivesse feito um estudo superficial dos seus movimentos saberia que ele estava hospedado no Dorchester. Era um beco sem saída.

Pense!

Era 4 de abril. Faltavam dezesseis dias para Califa mandar a mão amputada de Melissa-Jane. O pânico ameaçou dominá-lo novamente e ele se esforçou para livrar-se daquela sensação.

Pense!

Califa estivera controlando seus passos, avaliando sua importância. E o grande valor de Peter estava em poder mover-se pelas altas hierarquias, sem levantar suspeitas;

aproximar-se dos dirigentes do Atlas apenas solicitando uma audiência; e, mais do que isso, talvez até ter acesso a algum dirigente de Estado se o desejasse.

Pela primeira vez na vida, Peter sentiu necessidade de bebida alcoólica. Dirigiu-se ao armário e abriu-o. Um rosto estranho encarava-o no espelho do móvel. Estava pálido, desfigurado, com vincos profundos em volta da boca, olheiras causadas pela fadiga, o maxilar azulado pela barba crescida, o azul safira dos olhos com um brilho selvagem e desconcertado. Desviou a vista do espelho. A imagem ali refletida só servia para aumentar seu senso de irrealidade.

Serviu-se de uma dose generosa de uísque e tomou a metade de um só gole. Enquanto a bebida descia como fogo por sua garganta, voltou para estudar a folha branca, que estava amassada porque a apertara com força. Alisou-a com cuidado.

Pense, disse a si mesmo. Era assim que Califa trabalhava. Sem jamais se expor. Escolhia seus agentes com incrível atenção aos detalhes — fanáticos, como a alemã Ingrid, que liderara o sequestro do voo 070; assassinos treinados, como o homem que ele matara no rio em La Pierre Bénite; peritos em altos pontos, como o general Peter Stride. Então estudava-os, avaliava suas potencialidades e finalmente estabelecia-lhes um preço.

Peter nunca levava a sério a regra de que todo homem tinha seu preço. Acreditava estar acima disso.

Agora percebia que não estava, e essa descoberta arrasava-o.

Califa encontrara seu preço. Infalivelmente. Melissa-Jane... Veio-lhe à mente a imagem de sua filha, a cavalo, girando na montaria para rir e chamar-lhe a atenção, e o som de sua gargalhada ao vento...

Sem perceber, Peter amassou a folha de papel, fazendo uma bola na mão fechada. Via diante de si o caminho que teria de seguir. E, num lampejo de consciência, compreendeu que já dera os primeiros passos naquela direção: quando matara a loira assassina no aeroporto de Joanesburgo, quando tornara-se juiz e executor.

Califa fora o responsável por seus primeiros passos no caminho da corrupção, e era o mesmo Califa quem o instigava agora a ir mais longe.

Entretanto, Peter sabia que aquilo não terminaria com a morte de Kingston Parker. Uma vez que estivesse comprometido com Califa, seria para sempre, ou até que um deles, Peter Stride ou Califa, fosse destruído.

Peter tomou o resto do uísque que sobrara no copo. Sim, MelissaJane era o seu preço. Califa tinha dado o lance certo. Nenhuma outra pessoa ou coisa seria capaz de fazê-lo mudar de rumo.

Pegando uma caixa de fósforos de dentro do armário de bebidas, Peter seguiu como um sonâmbulo para o banheiro. Desdobrou a folha de papel, queimando-a por cima do vaso. Segurou-a até que as chamas alcançassem seus dedos; então deixou-a cair e puxou a descarga.

Voltou para a sala de estar e serviu-se de outra dose de uísque. Com o copo na mão, deixou-se cair na confortável poltrona que ficava embaixo da janela. Deu-se conta, então, do quanto estava fatigado. Os nervos de suas pernas latejavam e produziam uma sensação absolutamente desagradável.

Pensou em Kingston Parker. Um homem como aquele tinha muito a oferecer à humanidade. A coisa terá de parecer uma tentativa de assassinato dirigida a mim, refletiu.

Um atentado que colhe a vítima errada.

Uma bomba... Peter odiava bombas. Via-as como o símbolo da violência sem sentido, que jamais aceitaria. Presenciara o uso de bombas em Londres e na Irlanda, e as execrava. Eram a destruição sem objetivo, sem misericórdia, impensada.

Mas vai ter de ser uma bomba, decidiu. E, com surpresa, notou que seu ódio encontrava um novo alvo. Agora, e pela primeira vez, odiava a si mesmo pelo que iria fazer.

Califa vencera. Contra um adversário daquele não havia chance de saber onde Melissa-Jane estava escondida. Sim, Califa vencera. E Peter Stride permaneceu sentado durante o resto da noite, planejando realizar um ato que dedicara a vida inteira a evitar.

— NÃO ENTENDO POR QUE ainda não fizeram contato para as exigências — resmungou o inspetor Richards, passando a mão pela cabeça, sem notar que assim revelava a careca acentuada. — Hoje é o quinto dia. E eles ainda não se manifestaram.

— Eles sabem como entrar em contato — observou Colin Noble. — A entrevista de Peter informava a esse respeito.

Peter Stride tinha ido à BBC, onde transmitira um apelo para que os sequestradores não voltassem a mutilar sua filha e para que o público fornecesse qualquer informação que pudesse levar ao seu resgate. No mesmo programa fora mostrado o retrato falado do motorista da Triumph castanha, preparado a partir do depoimento de uma das testemunhas.

A resposta fora esmagadora, congestionando a mesa de operações do escritório do inspetor Richards e bagunçando a rede especial que ele montara.

Uma adolescente de catorze anos, que fugira de casa, teve o apartamento arrombado pela polícia quando estava na cama com seu amante de trinta e dois anos. Foi obrigada a retornar aos braços da família, chorando amargamente, mas desaparecera novamente vinte e quatro horas depois.

No norte da Escócia, a polícia invadira uma cabana isolada, alugada por um homem com os mesmos cabelos pretos e lisos grudados à cabeça, e com o bigode de pistoleiro parecido com o do retrato falado. Só que o homem era um negociante que manufaturava tablets de LSD. E, junto com seus quatro assistentes, um dos quais uma jovem que lembrava Melissa-Jane apenas porque era do sexo feminino e loira, escapara pelas montanhas antes de ser surpreendida pela polícia escocesa.

Peter Stride estava furioso.

— Se fosse Melissa-Jane, eles levariam apenas quinze minutos para liquidá-la... — disse a Richards. — Você tem de permitir que o Thor vá junto na próxima batida.

Através da rede de comunicações do Thor ele falou diretamente com Kingston Parker.

— Vamos usar toda a nossa influência — declarou Parker. E, com profunda emoção, completou: — Peter, estou vivendo junto com você todos os minutos desse drama. Estou consciente de que fui eu que o coloquei nessa situação. Não esperava que o ataque viesse através de sua filha. Espero que conte comigo para o apoio que necessitar.

— Obrigado, senhor. — Por um momento Peter vacilou em sua decisão. Teria apenas dez dias para executar aquele homem.

Endureceu-se, porém, ao pensar no dedo franzido e branco flutuando no vidrinho...

Kingston Parker pôs em ação a influência do órgão que dirigia e, seis horas

mais tarde, veio a ordem do comissário de polícia da Downing Street para que a próxima batida ao esconderijo suspeito fosse conduzida pelo Comando Thor.

A Força Aérea Real colocou dois helicópteros à disposição, e o grupo de assalto do Thor foi submetido a treinamento intensivo para penetração e remoção em zona urbana.

Peter treinou com eles e com Colin, estabelecendo rapidamente a antiga relação harmoniosa na ação.

Quando não estava praticando e aperfeiçoando a saída e reagrupamento dos helicópteros, Peter usava quase todo o seu tempo para treinar tiro ao alvo de pistola, tentando aliviar a tensão. Mas os dias se passavam rapidamente, cheios de alarmes falsos e pistas que não levavam a nada.

A cada noite que se examinava no espelho do armário de bebidas, Peter via-se mais desfigurado, os olhos azuis ofuscados pela fadiga e pelo terror que lhe corroia as entranhas ao imaginar o que o dia seguinte poderia trazer.

Fazia seis dias que deixara o quarto do hotel antes do café da manhã, atravessara o túnel no Green Park e saíra em Finsburg Park. Numa loja de material para jardim, perto da estação, comprara um saco de oito quilos de fertilizante de nitrato de amónia. Levava-o para o Dorchester em uma mala fechada Samsonite e guardara-o no armário atrás de sua capa dependurada.

Naquela noite, ao falar com Magda Altmann, ela implorou para ir a Londres.

— Peter, sei que posso ajudá-lo. Mesmo que seja somente para ficar a seu lado e segurar sua mão.

— Não. Não há o que fazer aqui — declarou, num tom rude, incapaz de controlar-se. Estava às vésperas do desespero total. — Soube de alguma coisa?

— Desculpe, Peter. Nada. Absolutamente nada. Meu pessoal está fazendo o possível.

Peter comprou o óleo diesel num posto de gasolina da rua Brewer. Colocou os cinco litros de combustível num bujão de detergente doméstico, com tampa de rosca. O frentista, um adolescente cheio de espinhas e de macacão sujo, mostrou-se completamente desinteressado nessa transação.

Peter trabalhou no banheiro com o óleo diesel e o nitrato. Produziu nove quilos de um poderoso explosivo, que era, não obstante, neutro até ser ativado pela cápsula detonadora montada com uma lâmpada de flash.

O petardo seria o suficiente para destruir a suíte, com tudo o que estivesse ali. Porém, os danos deveriam ficar confinados aos seus três cômodos. Seria simples atrair Kingston Parker até ali, sob o pretexto de que tinha informações urgentes sobre Califa, informações tão secretas que só poderiam ser reveladas pessoalmente.

Naquela noite, o rosto no espelho era o de um homem que sofria de uma doença terminal, devoradora. A primeira garrafa de uísque estava vazia, Peter

arrancou o selo de uma nova, pois só assim poderia conciliar o sono.

37

O VENTO VINHA do mar da Irlanda, cortante como a lâmina de uma ceifadeira, e as nuvens baixas, cor de chumbo, escapavam pelo declive das montanhas Wicklow, com camadas pouco espessas, através das quais um sol fraco brilhava sobre a cobertura verde da vegetação.

Traziam chuva.

Um homem caminhava pela rua deserta do vilarejo. Os turistas ainda não tinham começado sua invasão anual, mas as placas de quartos para alugar já lhes davam as boas-vindas na frente das cabanas.

Vestindo um casaco de cor berrante, o homem passou em frente ao bar e levantou a cabeça para ler o cartaz acima do estacionamento vazio. "Preto é bonito... beba Guinness", dizia o anúncio. Sem demonstrar reação, ele baixou a cabeça e, com dificuldade, alcançou a ponte que dividia o vilarejo em dois.

Sobre as balaustradas de pedra da ponte, um artista noturno havia pintado slogans políticos em cores reluzentes, usando tinta spray. "Fora os ingleses" à esquerda e "Acabe com a tortura", no outro lado. Desta vez o homem fez uma careta amarga.

Abaixo da ponte, a água cinza-chumbo agitava-se nas pedras do cais e sibilava em direção ao mar.

O homem usava uma capa plástica de ciclistas sobre o casaco e um boné de tweed de aba estreita puxado sobre os olhos. O vento frio fustigava-o, grudando as extremidades da capa contra suas botas impermeáveis, obrigando-o a curvar-se para diminuir o impacto de sua fúria. Enquanto avançava penosamente pelos poucos prédios do vilarejo deserto, sabia que estava sendo observado através das janelas encortinadas.

Aquela pequena localidade na baixada das montanhas Wicklow, a quarenta quilômetros de Dublin, jamais teria sido sua escolha. Ali o isolamento conspirava contra eles; tornava-os conspícuos. Teria preferido o anonimato das grandes cidades, mas nunca fora consultado sobre suas preferências.

Era a terceira vez que saía de casa desde que chegara. E, como das vezes anteriores, para providenciar provisões de emergência; saídas que poderiam ter sido evitadas com um mínimo de previsibilidade, levando-se em conta a precariedade da velha casa onde estavam hospedados. Tudo isso porque tiveram de confiar num alcoólatra. Mas, novamente, ele não tinha sido consultado.

Estava descontente e mal-humorado. Chovera quase todo o tempo, e o

aquecimento central a óleo não estava funcionando, o que os obrigava a manter acesas as duas lareiras que queimavam carvão, localizadas nas duas salas grandes que estavam usando. O teto alto e os móveis esparsos dificultavam o aquecimento das salas, fazendo-o passar frio desde que chegara ali. Ocupavam apenas aquelas duas peças da casa, mantendo as outras fechadas e trancadas. E nesse prédio tétrico, que exalava mau cheiro, tinha como única companhia um bêbado lamuriento, num dia chuvoso atrás do outro. Sentia-se preparado para o confronto, para qualquer coisa que quebrasse a monotonia, porém, agora, estava reduzido a garoto de recados e mordomo, papéis para os quais não se adaptava por temperamento e treino.

Cenho franzido, deixou a ponte para trás, rumando em direção ao armazém do vilarejo, cujas bombas de gasolina enfileiradas em frente pareciam sentinelas.

Assim que o viu, o dono da loja comentou em voz alta:

— É ele mesmo. Está vindo lá da Old Manse.

Sua esposa apareceu, enxugando as mãos no avental — uma mulher baixinha, rechonchuda, olhos brilhantes e língua afiada.

— O pessoal da cidade não tem bom senso mesmo. Andar na rua com um tempo desses!

— E com certeza ele não está atrás de feijão cozido ou de uísque.

As especulações sobre os novos ocupantes da Old Manse tinham-se transformado na principal diversão do vilarejo, transmitidos pela moça da central telefônica — duas ligações internacionais; pelo carteiro — nenhuma correspondência para entregar; pelo lixeiro — as latas de lixo continham principalmente latas vazias de feijão cozido Heinz e garrafas de uísque Jamieson.

— Continuo pensando que ele é do Norte — observou a mulher do armazeneiro. — Ele tem o olhar e o sotaque de gente do Ulster.

— Cale a boca. Você vai nos trazer má sorte. Volte para a cozinha. — O homem chegou da chuva, arrancou o boné de tweed da cabeça e bateu-o contra o umbral da porta para escorrer a água. Tinha cabelos pretos, lisos, com uma franja mal cortada sobre o rosto irlandês moreno, e olhos selvagens, como os de um falcão quando deixa esgueirar a carapuça de couro.

— Um bom dia para você, senhor Barry — cumprimentou o lojista calorosamente. — Com certeza, logo vai parar de chover.

O homem que conheciam como Barry resmungou, enquanto tirava a capa impermeável dos ombros, adentrando impetuosamente na pequena e sortida loja, com um gesto rápido e um olhar abrangente. Por baixo do casaco, ele vestia um paletó de tweed surrado, e calça de veludo marrom pespontada, enfiada nas botas.

— Terminou de escrever seu livro? — perguntou o armazeneiro. Barry contara ao leiteiro que estava escrevendo um livro sobre a Irlanda. As montanhas Wicklow eram como fortalezas para a profissão literária: num raio de trinta

quilómetros, vivia uma dúzia de escritores famosos ou apenas excêntricos, desfrutando os privilégios fiscais de que gozavam os artistas irlandeses.

— Ainda não — resmungou Barry, passando ao largo das prateleiras próximas ao caixa. Selecionou meia dúzia de coisas e colocouas em cima do balcão desgastado.

— Quando estiver publicado, pedirei ao bibliotecário para reservar-me um exemplar — declarou o comerciante, pensando que aquilo era exatamente o que um escritor gostaria de escutar.

A pele sobre o lábio superior de Barry estava bem mais lisa e pálida que o restante do rosto: ele raspava o bigode pendente um dia antes de chegar ao vilarejo, quando também cortara a franja que quase lhe tapava os olhos.

O armazeneiro pegou uma das compras e então olhou inquisitivamente para Barry. Como aquelas faces morenas permanecessem impassíveis e sem resposta, o lojista abaixou os olhos, resignado, e colocou o pacote junto com os outros dentro de um saco de papel.

— São três libras e vinte pence — disse, marcando o valor na máquina registradora. Esperou que Barry vestisse a capa outra vez e ajustasse o boné na cabeça. — Deus esteja convosco, senhor Barry.

Não obteve resposta. Observou-o partir em direção à ponte, e logo chamou sua mulher novamente.

— É um sujeito grosseiro, não? — perguntou ela.

— Ele tem uma namorada aqui. — O armazeneiro estava radiante com a importância de sua descoberta. — Está enrabichado com alguém.

— Como você sabe?

— Estava atrás de coisas de mulher para comprar, você sabe.

— Não, não sei.

— Claro que sabe. Coisas de mulher...

Ah, entendi. — E ela começou a desatar o avental. — Você tem certeza?

Eu já menti alguma vez para você?

— Bem, vou até o Mollie tomar uma xícara de chá. — Aquela fofoca iria fazer o maior sucesso no vilarejo.

Barry caminhou com dificuldade pela trilha estreita que dava na Old Manse. Eram as botas pesadas e a capa pouco prática que faziam com que tivesse um andar desajeitado — porque ele era ágil, magro, com ótimas condições físicas e, sob a aba do boné, seus olhos nunca estavam parados: olhos de caçador que varriam sem cessar toda a área à sua frente.

O muro de pedra tinha quatro metros de altura, estava coberto de líquen cinza-prata e, embora apresentasse rachaduras em algumas partes, ainda era forte e permitia completa privacidade e segurança para a propriedade que ficava atrás.

No final da trilha, Barry parou diante dos portões duplos, de madeira apodrecida, mas com um cadeado novo e reluzente. As frestas dos portões tinham sido cobertas com ripas de pinho, que impediam que se avistasse o interior da garagem.

Barry abriu o cadeado e puxou a lingueta do trinco para fechá-la novamente ao passar. Havia uma limusine Austin azul-escuro estacionada ali, pronta para a partida.

Tinha sido roubada em Ulster, duas semanas antes, repintada, dotada de um porta-bagagem em cima para alterar a aparência, e com placas novas. O motor fora revisado e ajustado por um preço muito mais alto que o usual de mercado.

Barry sentou-se atrás do volante e girou a chave de ignição. O motor pegou imediatamente. Ele grunhiu de satisfação; alguns segundos podiam significar a diferença entre o sucesso e o fracasso — e em sua vida fracasso e morte eram sinónimos. Escutou o ruído do motor por meio minuto, checkou o óleo e o combustível antes de desligar o carro e sair pela porta de trás da garagem até o jardim.

A velha casa tinha um triste ar de descuido próximo do desleixo. As árvores frutíferas do pequeno pomar estavam com fungos e rodeadas de mato. O telhado de palha estava podre e esverdeado de musgo, e os vidros das janelas eram como olhos cegos, descuidados e opacos.

Barry entrou pela porta da cozinha, jogou a capa e o boné no chão da copa e colocou o pacote no corredor de louça sobre a pia. Então pegou a pistola de dentro da gaveta dos talheres — era uma arma privativa de oficiais britânicos, que fora capturada três anos antes durante um ataque ao arsenal do Exército. Depois de checar a pistola com a habilidade de um conhecedor, enfiou-a no cinto. Sentira-se nu e vulnerável por ter passado algum tempo desarmado, mas, relutante, decidira não correr o risco de usá-la no vilarejo.

Ao encher a chaleira d'água, escutou uma voz que vinha do interior da casa.
— É você?

— Quem mais poderia ser — respondeu asperamente.

O outro homem aproximou-se, parando no umbral da porta. Era magro, curvado, aparentando cinquenta anos, rosto inchado e vermelho como todo alcoólatra.

— Você conseguiu? — Ele estava desarrumado, tinha a voz rouca de uísque e um ar decrépito.

Algumas mechas de cabelos grisalhos caíam sobre sua pele manchada.

— Isto é tudo, doutor. — E Barry indicou o pacote sobre a pia.

— Não me chame assim, não sou mais médico — disse o homem, irritado.

— Claro que é, e dos bons. Pergunte às garotas que...

— Vá para o inferno!

Na verdade, o homem tinha sido um excelente médico há muito tempo, antes do uísque; agora só lhe restavam abortos, curativos de bala de fugitivos e empregos como aquele. Ele não gostava de pensar nisso. Avançou até a pia e abriu o pacote.

— Cadê o esparadrapo?

— Não tinha. Trouxe as ataduras.

— Não posso... — Antes que o homem prosseguisse, Barry voltou-se com uma expressão de fúria no olhar.

— Estou cheio de suas reclamações! Você devia ter providenciado o material necessário para não ficar me mandando buscar.

Eu não esperava que o ferimento...

— A única coisa que você espera é outra dose de Jamieson! Não havia esparadrapo. Agora continue e amarre a mão daquela rameira com a atadura.

O homem pegou o pacote, deu as costas rapidamente e foi para a outra peça, arrastando os pés.

Barry fez o chá, encheu uma xícara chinesa grossa, pôs quatro colheres de açúcar e mexeu-o ruidosamente enquanto olhava através das vidraças sujas. Estava chovendo novamente. A chuva e a espera acabariam por deixá-lo louco.

O médico voltou para a cozinha, trazendo uma pequena pilha de panos sujos de sangue e amarelados de pus.

— Ela está doente. Precisa de medicamentos, antibióticos. O dedo...

— Esqueça — cortou Barry.

Da outra peça vinha um choramigo longínquo, seguido por sons inocentes de uma garota afundada no delírio induzido pela febre e pelos psicotrópicos.

— Se ela não tiver os cuidados necessários, não serei responsável.

— Você será responsável — afirmou Barry bruscamente.

O médico jogou os panos dentro da pia e abriu a torneira.

— Posso tomar um trago agora? — Barry olhou sadicamente para o relógio.

— Não, ainda não.

— Não acredito que possa cortar a mão — murmurou o médico enquanto derramava sabão em pó dentro da pia. — O dedo já foi horrível, não posso cortar a mão.

— Você vai cortar a mão, sim. Está me escutando, seu velho beberrão? Você vai cortar a mão e fazer tudo o que eu mandar.

Sir Steven Stride ofereceu uma recompensa de cinquenta mil libras a quem desse alguma pista que levasse à libertação de sua sobrinha; a oferta foi amplamente divulgada pelos jornais e televisão, juntamente com o retrato falado do suposto sequestrador. A notícia reavivou o interesse do público no caso. O inspetor Richards, que não necessitava de mais que um funcionário para atender os

telefonemas nos últimos dias, teve de requisitar outra pessoa para o terceiro andar, além de dois sargentos para cuidar do farto material que chegava.

— Todos estão apostando no jogo ou lucrando com a propaganda! exclamou Richards. — Veja esta mensagem. É outra denúncia de responsabilidade. Partido Democrata do Povo para a Libertação de Hong Kong, já o conhecíamos antes?

— Não, senhor — disse o sargento, após consultar a lista. — Com essa, chegam a cento e quarenta e oito as confissões ou denúncias de responsabilidade.

— E Henrique VIII ligou novamente meia hora atrás — completou uma das garotas da mesa de operação. — Não perde um dia.

Henrique VIII era um pensionista de sessenta e oito anos que vivia em uma casa mantida pelo Estado no sul de Londres. Tinha como hobby confessar crimes espetaculares, desde estupros até assaltos a banco; telefonava todas as manhãs. "Venha prender-me", dizia num tom de desafio. "Mas aviso que não vou me entregar sem luta..."

O velho preparara sua mala e, quando o investigador fez uma ligação de rotina, descobriu que o homem estava pronto para ser preso. Frustrado, só se recompôs quando o policial explicou que não iria prendê-lo, mas apenas mantê-lo sob controle, pois o comissário considerava-o um homem perigoso. Henrique VIII mostrou-se feliz e convidou-o para um chá.

— O problema é que não podemos nos arriscar a desconsiderar nenhuma dessas informações, nem as mais estúpidas. Temos que checar todas — disse Richards, indicando uma cadeira a Peter. — Nada, ainda? — Era uma pergunta desnecessária, pois tinham posto escuta no telefone dele, tanto no hotel como no Thor, para registrar qualquer contato dos sequestradores.

Nada. — Mentir tornara-se fácil para Peter, agora que aprendera a aceitar qualquer coisa que se fizesse necessária para a libertação de Melissa-Jane.

— Isso não me agrada, general. É um absurdo que não tenham feito nenhuma tentativa de contato.

Não quero ser pessimista mas cada dia de silêncio confirma a hipótese de um ato de vingança. — Richards acendeu um cigarro. — O comissário-adjunto telefonou-me ontem, para saber por quanto tempo ainda deveremos manter esta unidade especial.

— O que você respondeu?

— Disse-lhe que se não tivéssemos algo concreto em dez dias, pelo menos algum contato dos sequestradores, teria de supor que sua filha não estava mais viva.

— Entendo. — Peter sentia uma calma fatal. Ele sabia. Era o único a saber. Faltavam quatro dias para se esgotar o prazo que Califa dera. No dia seguinte pela manhã ele iria solicitar uma reunião urgente com Kingston Parker. Esperaria doze

horas até concretizá-la, por isso deveria torná-la atrativa para que Parker não se recusasse.

Parker teria de aparecer. Mas, considerando uma possibilidade remota de que não aparecesse, restavam três dias de prazo para pôr em prática o plano alternativo: ir ao encontro dele. O primeiro plano era o melhor, o mais certo, mas, se falhasse, Peter enfrentaria qualquer risco.

Percebeu que estava olhando para o vazio, e que o inspetor o observava com um misto de pena e preocupação.

— Desculpe-me, general. Sei como se sente, mas não posso manter essa unidade funcionando indefinidamente. Não temos gente suficiente...

— Sim, compreendo. — Peter passou a mão aberta sobre o rosto, num gesto de aborrecimento e derrota.

— General, eu o aconselho a procurar seu médico. Mesmo...

— Não será necessário, estou apenas um pouco cansado.

— Um homem não pode aguentar tanto.

— Esses canalhas pensam que não vou aguentar, mas estou bem. O tilintar incessante dos telefones do escritório ao lado, assim como o murmúrio de vozes das duas policiais que atendiam as ligações, já fazia parte do ruído de fundo. Tanto que, quando a chamada pela qual haviam implorado finalmente chegou, os dois homens não se deram conta, nem houve excitação na mesa de operações.

As duas moças sentavam-se lado a lado em banquinhos giratórios. A loira tinha por volta de vinte e cinco anos, era bonita e vivaz, com seios grandes escondidos sob o casaco azul do uniforme. Usava os cabelos presos num coque para livrar os ouvidos, o que lhe dava uma aparência mais velha e ar de executiva.

Mais uma vez a luz do painel acendeu-se à sua frente. Ela conectou o comutador e falou ao microfone.

— Bom dia, aqui é a Unidade Especial de Informação da polícia... Apesar da voz agradável, ela era incapaz de disfarçar o enfado quando falava. Fazia doze dias que estava naquela função. Ouviu o barulho de uma ligação de telefone público: o clique da moeda caindo na fenda.

— Você está me escutando? — perguntou uma voz com sotaque estrangeiro.

— Sim, senhor.

— Preste atenção. Gilly O'Shaughnessy está com ela... — Realmente, não era imitação; a voz com sotaque arrastou-se com a pronúncia do nome.

— Gilly O'Shaughnessy — repetiu a policial.

— Isso mesmo. Ele a mantém presa em Laragh.

— Soletre por favor.

Novamente a voz escorregou ao pronunciar o nome.

— E onde é isso, senhor?

— Município de Wicklow, na Irlanda.

— Obrigada, senhor. Qual é o seu nome, por favor? — E ela escutou o clique do desligar do telefone e o zumbido do sinal de discar. Deu de ombros e rabiscou a mensagem no bloco de anotações, olhando simultaneamente para o relógio de pulso. — Sete minutos para a hora do chá. — Arrancou a folha do bloco e passou-a por cima do ombro para o sargento de cabelos crespos que se sentava atrás.

— Vou comprar-lhe um bombom — prometeu o rapaz.

— Estou fazendo regime.

— Nada disso, deixe de brincadeira... — O sargento interrompeu-se.

Gilly O'Shaughnessy... Parece que conheço esse nome, O sargento mais velho virou-se para ele.

— Gilly O'Shaughnessy? Deixe-me ver isso. — Pegou a folha e leu rapidamente a mensagem. — Você conhece esse nome porque viu-o no cartaz de "Procura-se", e ouviu na televisão. Gilly O'Shaughnessy é um homem falado. Foi ele quem bombardeou o Red Lion em Leicester, e quem matou o chefe da polícia de Belfast.

O homem de cabelos crespos assoviou baixinho.

— Essa parece quente. Realmente quente... — disse, enquanto seu colega dirigia-se à sala privativa do escritório, sem a formalidade de bater à porta primeiro.

38

EM SETE MINUTOS, Richards entrou em contato com a polícia de Dublin. Sob o olhar impaciente de Peter, conversou durante dez longos minutos com o comissário-adjunto.

Falava baixinho e com ansiedade. Por fim desligou e disse:

— Vão usar a polícia local, para não perder tempo mandando um homem de Dublin. Prometeram não se aproximar se localizarem algum suspeito.

— Laragh... Nunca ouvi falar desse lugar. Deve ter no máximo algumas centenas de moradores.

O inspetor mandou buscar um mapa, que logo os dois estudaram juntos.

— Fica na encosta da montanha Wicklow, a dezesseis quilômetros da costa... — Isso foi tudo que conseguiram extrair do mapa. — Teremos de esperar que a polícia de Dublin volte a ligar...

— Não... — retrucou Peter. — Gostaria que você ligasse para eles novamente, pedindo-lhes que entrem em contato com o inspetor geral. Ele deve ter mapas detalhados da vila, fotografias aéreas e o traçado das ruas. Peça-lhes que mandem isso por um motorista para o aeroporto de Enniskerry...

— Você acha conveniente fazer isso agora? E se for outro alarme falso?

— Desperdiçaremos um galão de combustível e o tempo do motorista.... —

Incapaz de manter-se quieto, Peter começou a caminhar impaciente pela sala, que de repente parecia pequena para ele; estava a ponto de sufocar. — Mas não acho que seja. Sinto cheiro, o cheiro da besta.

Richards olhou-o assustado e Peter minimizou o efeito da frase com um gesto de descaso. Então teve uma ideia inquietante.

— Os helicópteros precisam ser reabastecidos, não têm alcance para essa viagem e são lentos! — Parou, decidido, inclinou-se sobre a escrivaninha de Richards, pegou o telefone e discou o número privativo de Cohn Noble no Thor.

— Colin, acabamos de ter um contato. Ainda não está confirmado, mas é o melhor que recebemos até agora.

— Onde?

— Irlanda.

— Isso é onde o diabo perdeu as botas!

— Qual é o tempo de voo para os helicópteros chegarem a Enniskerry?

— Espere um pouco. — Colin falou com alguém, provavelmente um dos pilotos da RAF, depois continuou: — Eles terão de se abastecer na rota...

— Sim, e daí?

— Quatro horas e meia.

— São dez e vinte agora; vocês estarão em Enmskerry por volta das três horas. Com esse tempo anoitecerá antes das cinco. — O medo de Peter era deslocar a equipe do Thor para a Irlanda, atrás de uma pista falsa, e enquanto estivessem lá o contato correto acontecer na Escócia, na Holanda ou...

Mas precisava ir lá averiguar. Essa pista deve ser quente, disse a si mesmo, respirando fundo. Não poderia mandar Colin para a condição Bravo. Peter não era mais o comandante do Thor.

— Colin, desta vez estou desconfiado de que a informação é correta. Você confiará em mim e irá para a condição Bravo? Se esperarmos mais meia hora não pegaremos Melissa-Jane antes do anoitecer... se ela estiver lá.

Seguiu-se um longo silêncio, quebrado apenas pela respiração leve e rápida de Colin.

— Diabo, isso me custará no máximo meu emprego. Sim, Peter, é o Bravo agora; estaremos saindo em cinco minutos. Pegaremos você no heliporto em quinze minutos; esteja pronto.

NO ALTO DO HELIPORTO, o vento cortante parecia penetrar a capa, o blazer e a malha de lã que Peter usava. Parado ao lado do inspetor, perscrutava o horizonte, sobre as águas revoltas do Tamisa, até que afinal enxergou os primeiros reflexos dos helicópteros.

— E se tivermos a confirmação antes de vocês chegarem a Enniskerry?

— Você pode comunicar-se conosco utilizando as frequências da Força Aérea através de Biggin Hill — explicou Peter.

— Espero não ter más notícias para você. — Richards segurava o chapéu na cabeça com a mão, enquanto suas faces estavam com marcas vermelhas devido ao frio.

Os dois enormes helicópteros juntaram-se no heliporto mantendo as hélices girando. A distância de trinta metros, Peter reconheceu a figura de Colin Noble, na entrada da porta aberta da fuselagem, exatamente na frente das brilhantes janelas redondas.

— Boa caçada! — gritou Richards. — Gostaria de estar indo junto. — Peter correu para a frente e pulou antes que o helicóptero tocasse o chão de concreto. Colin agarrou-o pelo braço e ajudou-a a entrar, sem remover o charuto da boca.

— Bem-vindo a bordo, companheiro. Agora vamos botar pra quebrar. — E acariciou o cabo da pistola 45 na cintura.

— Ela não está comendo — O médico viera do quarto e jogava o resto da comida no lixo embaixo da pia. — Estou preocupado. Muito preocupado.

Gilly O'Shaughnessy resmungou mas não levantou os olhos do seu prato. Tirou a casca de um pedaço de pão e, com cuidado, limpou o resto de ketchup com o miolo e colocou-o na boca, bebendo em seguida um gole de chá fumegante. Enquanto mastigava, inclinou-se para trás na cadeira e fitou o outro homem.

O médico estava à beira de um colapso nervoso. Não demoraria uma semana para entrar em crise.

Gilly O'Shaughnessy já vira homens melhores entrarem em crise por bem menos.

Então se deu conta de que também estava com os nervos abalados. E não era apenas a chuva e a espera que o deixavam nervoso. Durante toda a sua vida fora uma raposa, e desenvolvera o instinto do animal acossado. Pressentia o perigo, a presença dos perseguidores, mesmo que não existissem evidências. E se sentia inquieto por ter de ficar no mesmo lugar mais tempo do que o necessário, especialmente estando em serviço. Estava ali há doze dias e isso era demais. Quanto mais pensava, mais agitado ficava. Por que teriam insistido para que ele trouxesse aquela pirralha a este lugar isolado e, conseqüentemente, vulnerável, um verdadeiro beco sem saída? Havia uma única estrada de acesso ao vilarejo, uma única via de escape. Por que teriam insistido para que ele esperasse sentado naquele lugar? Ele

gostaria de estar se movimentando. Se a decisão tivesse sido sua, teria trazido um trailler rebocado para circular de um lugar a outro...

Gilly acendeu um cigarro, os olhos fixos na vidraça embaciada pela chuva, ignorando as queixas e a apreensão de seu companheiro. Se o planejamento tivesse sido seu, teria cortado todos os dedos da pirralha de uma vez, mandando-os para o pai em intervalos; depois, ou a teria sufocado com um travesseiro e enterrado na horta, ou atirado seu corpo no mar. Assim teriam dispensado a preocupação com o médico, os cuidados...

Todos os outros passos da operação haviam sido executados com habilidade profissional, a começar pelo contato que fizeram com ele em uma favela do Rio de Janeiro, onde se escondia em um frágil barraco de uma peça, com uma morena mestiça, gastando suas últimas cinquenta libras.

Fora um bom começo, sem dúvida. Os homens que o contataram traziam-lhe um passaporte e os papéis de viagem no nome de Barry, que não pareciam forjados. Eram documentos perfeitos... e ele entendia bastante de falsificação.

As etapas seguintes tinham sido muito bem planejadas, e melhor executadas. Recebera mil libras no Rio, outras cinco mil no dia em que agarraram a guria e esperava que as dez mil finais fossem pagas como combinado. Antes disso do que a cadeia, o "Silver City", como os ingleses chamavam o campo de concentração em Maze. Pois fora com isso que Califa lhe acenara caso ele não aceitasse o serviço.

Califa agora era um nome tolo, pensou Gilly O'Shaughnessy pela quinquagésima vez, enquanto jogava a ponta do cigarro na xícara de chá. Um nome realmente tolo, mas que possuía o dom de fazer tremer — Gilly estava arrepiado e não apenas por causa do frio.

Levantou-se e foi até a janela da cozinha. Tudo tinha sido feito com rapidez, determinação e planejamento, e tão bem pensado, que um lapso significaria mais dores de cabeça. Sempre imaginara que Califa não fazia nada sem uma boa razão; então, por que a ordem de esconder-se naquele vilarejo, com uma única via de acesso, sem a segurança de rotas múltiplas para escapar?

Gilly O'Shaughnessy agarrou sua capa de ciclista e o boné de tweed.

— Aonde você está indo? — perguntou o médico, ansioso.

— Vou dar uma volta.

— Você passa o tempo todo vagabundeando por aí. Você me deixa nervoso.

O irlandês moreno tirou a pistola de dentro do casaco e verificou a carga antes de recolocá-la no cinto.

— Faça seu papel de ama-seca e deixe o trabalho de homem comigo.

O AUSTIN PRETO deslocava-se vagarosamente rua acima no vilarejo, com a chuva batendo na capota, os vidros embaçados escondendo os ocupantes. Só quando estacionou na frente da única mercearia de Laragh, a curiosidade dos moradores, escondidos atrás das cortinas das janelas, foi satisfeita.

Dois membros da polícia irlandesa desceram do veículo, vestindo o uniforme azul de serviço, com dragonas escuras. A chuva fina salpicava as abas dos bonés enquanto corriam para o armazém.

— Bom dia, Maeve, meu velho amor — o sargento cumprimentou a senhora rechonchuda, de bochechas vermelhas, atrás do balcão.

— Owen O'Neill! Eu não acredito. — Ela deu um risinho de satisfação ao reconhecê-lo. Fazia muito tempo, cerca de trinta anos, que os dois haviam confessado ao padre algo ilícito. — O que o traz de tão longe, da cidade grande?

Seguiu-se uma descrição generosa sobre a cidadezinha litorânea de Wicklow a trinta quilômetros dali.

— Vim ver o seu sorriso adorável.

Conversaram como velhos amigos durante dez minutos, até que chegou o marido, do depósito, ao escutar o ruído das xícaras de chá.

— Então, o que há de novo em Laragh? — perguntou finalmente o sargento. — Alguma cara nova no vilarejo?

— Não, continua tudo na mesma. Nada muda em Laragh, que Deus o abençoe. — O armazeneiro balançou a cabeça. — A única cara nova é de um lá da Old Manse. Ele está com uma amiga... É um sujeito estranho, não confiamos nele.

O sargento folheou uma pequena caderneta, de onde retirou uma fotografia de perfil e de frente dos arquivos da polícia. Mostroulhes a foto, tapando o nome com o polegar.

— Não — garantiu a mulher. — O que vive lá na Manse é dez anos mais velho e não tem bigode.

— Esta foi tirada dez anos atrás — explicou o sargento.

— Ah, bom, por que não falou antes? Sim, é ele. Tenho certeza de que é o senhor Barry.

— Na Old Manse, você disse? — O sargento estava visivelmente satisfeito, enquanto guardava a foto na caderneta. — Preciso usar seu telefone agora, minha querida.

— Onde você estará depois do telefonema? — perguntou o comerciante, desconfiado.

— Em Dublin. O assunto aqui é de polícia.

— Terei de cobrar-lhe a ligação — avisou o homem prontamente. Enquanto o sargento usava o telefone, a mulher comentou com o marido:

— Eu não lhe disse que ele parecia suspeito? Assim que bati os olhos nele soube que era do Norte e que trazia complicação como um anjo negro.

Gilly O'shaughnessy mantinha-se encostado ao muro de pedra, tanto para abrigar-se da chuva como para ficar fora da vista de qualquer transeunte que estivesse no declive atrás do rio. Movia-se cuidadosa e silenciosamente, como um gato que estivesse caçando a meia-noite. Parou para examinar um buraco na parte baixa do muro, por onde alguém poderia ter entrado; depois estudou a vegetação molhada para verificar possíveis marcas nas macegas, por onde um homem pudesse ter passado.

No canto mais afastado do jardim, subiu em uma macieira que crescia rente à parede. Agarrou-se com força nas pedras incrustadas de líquen e ficou em uma posição de onde podia observar sem que sua cabeça aparecesse acima do muro.

Esperou cerca de vinte minutos, com a paciência infinita de um animal predador, depois pulou para o chão e caminhou em volta do perímetro do muro, sem relaxar a vigilância, aparentemente alheio ao desconforto e ao frio da chuva insistente.

Não havia o menor sinal de perigo, nenhum motivo para inquietação, mas mesmo assim não conseguia livrar-se daquela sensação aborrecida. Encontrou outro lugar interessante, ao lado do velho portão de ferro, e agachou-se contra o umbral de pedra, encurvando a mão para proteger o fósforo e o cigarro do vento. Mudando um pouquinho de posição, podia observar através da fresta entre o portão e o muro: dali avistava a rua distante até a ponte do vilarejo.

Mais uma vez assumiu o papel de espreitador paciente, tentando manter-se indiferente ao desconforto físico, para que seus olhos e cabeça funcionassem no limite de sua capacidade. Novamente ponderou sobre os estranhos sistemas de sinais e de trocas de material nos quais Califa insistira.

Recebera dois pagamentos através de cheques ao portador, em francos suíços, enviados pelo correio ao Rio de Janeiro e depois a seu endereço em Londres. Por outro lado, fizera uma entrega a Califa, o vidrinho com a encomenda... e duas ligações telefônicas. O pequeno frasco fora enviado dentro do prazo de duas horas após o rapto da garota, quando ela ainda estava sob o efeito da injeção de drogas. O médico, Dr. Jamieson, como Gilly O'Shaughnessy preferiria chamá-lo, realizara o serviço na parte de trás do segundo carro, um furgão Ford que os esperava na estação de trem de Cambridge. Havia passado a garota da limusine Triumph para o Ford, sob o lusco-fusco de um entardecer de outono, e em seguida foram até o estacionamento de um café na estrada enquanto o Dr. Jamieson fazia a "operação". Todos os instrumentos estavam preparados e esterilizados, mas o trabalho fora mal

feito, porque o médico tremia por falta de álcool. A menina sangrara copiosamente e agora estava com a mão infectada.

Gilly OShaughnessy sentia o sangue ferver quando pensava no médico. Parecia que tudo que ele tocava transformava-se em desastre.

O vidrinho fora entregue a um carro que estava exatamente no lugar combinado, com os faróis abaixados, que era o sinal previamente acertado. Em vez de parar, Gilly apenas desacelerara para passar o pequeno embrulho, então seguira direto na direção oeste, pegara a primeira balsa na manhã seguinte, antes que tivesse sido dado o alarme sobre o desaparecimento da garota.

Depois vieram as ligações telefônicas, algo que o preocupava tanto quanto qualquer outra coisa naquela história. A primeira chamada ocorrera imediatamente após a chegada a Laragh — uma ligação internacional onde falara apenas uma frase: "Chegamos com segurança". Uma semana mais tarde, outra ligação para o mesmo número, e novamente uma única sentença: "Estamos nos divertindo".

Eram chamadas tão rápidas, tão estranhas, que nas duas ocasiões a telefonista do povoado perguntara-lhe se tinha conseguido contato... E sua expressão estivera confusa, intrigada.

Até então, Califa jamais trabalhara daquela forma, deixando pistas para que os caçadores seguissem. Gilly gostaria de protestar... se tivesse a quem protestar, mas sua única possibilidade de contato era o número internacional de telefone. E ali, parado atrás do portão, decidiu que não voltaria a ligar nos próximos quatro dias.

Foi quando se lembrou de que aquele era o dia em que venceria o segundo prazo — provavelmente receberia o pedido de envio da mão se fizesse a chamada. E isto não lhe agradava. Nem mesmo pelo dinheiro... De repente, seu pensamento transportou-se para um incidente acontecido há muitos anos, quando pretendiam passar informações falsas para os ingleses, detalhes de uma operação que de fato aconteceria, mas em tempo e lugar diferentes. Havia passado os dados fajutos para um jovem provocador, que na certa confessaria se fosse submetido a um interrogatório. Logo, mandaram-no para uma casa segura na estrada de Shankill, onde quase em seguida os ingleses o agarraram.

Gilly OShaughnessy sentiu um formigamento percorrer-lhe a espinha. Mas não se deixaria esmorecer por essa sensação... nunca. Consultou seu relógio de pulso japonês barato. Eram 3:55 e a tarde caía nas montanhas cinzentas e frias. Quando levantou os olhos novamente, percebeu um movimento na estrada.

Um veículo vinha descendo a montanha, passando pela curva da estrada em direção à ponte. Era um pequeno carro preto que logo sumiu de vista atrás da mata. Gilly viu-o reaparecer sem particular interesse, pois estava realmente preocupado com as duas ligações telefônicas. Por que cargas d'água Califa insistira nelas?

Depois de atravessar a ponte, o carro parecia vir diretamente para Old

Manse. E era impossível avistar algo mais que os perfis de duas cabeças por trás do vaivém incessante dos limpadores de pára-brisas.

O carro pouco a pouco reduziu a velocidade. Instintivamente Gilly encolheu-se ainda mais atrás do portão, sem tirar o olho da fresta. Dois rostos indistintos voltavam-se para o muro da casa, e o carro ia tão devagar que parecia estar parando. Ao mesmo tempo, o vidro lateral foi sendo abaixado devagarinho, permitindo-lhe ver o interior com clareza: bonés de uniforme com o distintivo de prata brilhante sobre os rostos brancos. O formigamento na espinha voltou com intensidade, e de repente Gilly ficou com a respiração presa na garganta.

Assim que o carro acelerou novamente, ele ergueu-se de sopetão e correu para a casa. Apesar de tudo, estava calmo. Apenas tinha consciência de que chegara o momento da ação. Atravessou a cozinha a passos largos, abrindo às pressas a porta da outra peça.

O médico, que estava trabalhando sobre a cama, lançou-lhe um olhar rancoroso.

— Já lhe disse para bater antes de entrar!

Realmente, tinham discutido o assunto mais de uma vez. Por incrível que pudesse parecer, o médico ainda mantinha vestígios da ética profissional no tratamento de sua paciente. Mutilara a menina pelo dinheiro de que tanto necessitava, mas repelia com veemência a presença de Gilly na porta, com seu olhar cobiçoso para o corpo adolescente sempre que o velho o desnudava para a higiene, tratamento, ou simplesmente para o exercício de suas funções naturais.

O irlandês moreno tentara forçar o médico a voltar atrás, porem encontrara uma oposição tão surpreendente, tão corajosa, que abandonara seus prazeres de voyeur, só participando quando era solicitado.

Agora a menina estava com o rosto virado para os lençóis sujos, com os cabelos loiros emaranhados e gordurosos; em matéria de limpeza, o médico mostrava-se tão incompetente quanto em cirurgia.

A infecção e o uso de drogas haviam debilitado a jovem. Cada articulação de sua espinha sobressaía na pele pálida, e as nádegas pareciam ter a metade do volume original.

O médico puxou o lençol imundo até os ombros dela, numa atitude protetora. Era um gesto absurdo, diante de tanta sujeira, de sangue no pano que amarrava a mão esquerda da menina...

— Estamos saindo daqui — rosnou Gilly num tom ameaçador.

— Não podemos movimentá-la agora. Ela está muito doente.

— Problema seu. Deixaremos ela.

Enfiou a mão embaixo da capa molhada e tirou a pistola. Puxou o gatilho para trás com o polegar e aproximou-se da cama. O médico agarrou-lhe o braço, mas

Gilly empurrou-o com força, jogando-o de encontro à parede.

— Você está certo, ela é um estorvo. — E posicionou o cano da arma contra o crânio da garota.

— Não! — gritou o médico. — Não faça isso. Vamos levá-la junto.

— Sairemos assim que anoitecer. — Gilly recuou alguns passos, desengatilhando a pistola. — Esteja pronto até lá.

41

OS DOIS HELICÓPTEROS voavam quase lado a lado, com o segundo um pouquinho atrás e mais alto. Lá embaixo, o mar da Irlanda estava coberto por um lençol de espuma cor de chumbo, salpicado aqui e ali por pontos brancos.

Tinham se abastecido em Caernarvon e estavam mantendo uma boa média de velocidade desde que deixaram para trás a costa galesa. Mas, apesar do vento favorável, a noite aproximava-se e Peter entrava em desespero a cada vez que consultava o relógio.

Faltavam apenas cento e trinta quilômetros sobre o mar aberto, mas para ele era como se fosse todo o oceano Atlântico. Cohn sentava-se a seu lado, com o toco apagado do charuto no canto da boca, em atenção ao sinal luminoso de "Não fume" no teto da cabine de comando. O restante da equipe adotava a costumeira atitude de total descontração — alguns estendidos no piso do aparelho, usando o equipamento como travesseiros; outros espichados nos bancos reclináveis.

Peter era o único que estava tenso. Pela enésima vez, levantou-se para espiar pelo vidro da janela a quantidade de luz do dia que ainda restava, tentando calcular a altura do sol escondido atrás de uma nuvem densa.

— Acalme-se — recomendou Colin quando ele voltou ao banco. — Você vai acabar arranjando uma úlcera.

— Colin, precisamos decidir. Quais são nossas prioridades nesse ataque?

— Não há prioridades. Temos um único objetivo: resgatar Melissa-Jane com segurança.

— Não vamos trazer prisioneiros para interrogatório?

— Vamos dar um golpe certo em tudo que se mover no nosso campo de tiro. E será um golpe brutal.

Peter assentiu, satisfeito.

— Eles são uma corja de bandidos. E pode ficar certo de que o financiador desse golpe não os deixará entrar em contato com ele... Mas tem uma coisa: Kingston Parker não vai querer prisioneiros?

— Kingston Parker? Ah, não lhe dê ouvidos... por estas bandas é o tio Colin

quem toma as decisões — garantiu Colin, dirigindo-lhe um sorriso largo. Naquele momento, o engenheiro de voo avisou:

— A costa irlandesa está à frente... aterrissaremos dentro de sete minutos.

O controle de tráfego aéreo de Enniskeny fora avisado da emergência e liberara espaço para a aterrissagem imediata dos dois helicópteros da Força Aérea.

Tão pronto os aparelhos pousaram no pátio de manobras do hangar, um carro da polícia, com os faróis dissipando a penumbra da tarde, estacionou ao lado das máquinas.

Antes que os rotores parassem de girar, dois membros da polícia irlandesa e um representante da inspetoria geral subiram à fuselagem camuflada.

Peter apresentou-se rapidamente. Estava com a indumentária de assalto do Thor, um traje preto de uma peça, botas, a pistola dentro do cinto reforçado amarrado na coxa direita.

— General, tivemos a informação — declarou o inspetor, assim que se cumprimentaram. — Pessoas do local identificaram OShaughnessy a partir de uma fotografia da polícia.

Ele está na área.

— Eles sabem onde?

— Sim. Em uma casa velha e isolada, à margem do vilarejo...

— Fez um sinal para que seu colega trouxesse o arquivo. Como não havia mesa cartográfica dentro do helicóptero, espalharam mapas e fotografias na cabine de comando.

Colin Noble ordenou que a equipe do segundo helicóptero viesse. Então vinte homens amontoaram-se em volta dos mapas.

— Aqui está a casa. — O inspetor fez um círculo no mapa com um lápis azul.

— Muito bem — disse Colin. — Conseguimos boas posições... pegamos ou o rio ou a estrada, e seguimos até a ponte e a igreja. O alvo estará entre eles.

— Temos alguma fotografia ampliada da casa, ou uma planta do interior? — perguntou alguém da equipe.

— Lamento, mas não tivemos tempo para fazer um trabalho tão detalhado — desculpou-se o inspetor. — A polícia local informou novamente há alguns minutos, e pegamos a retransmissão pelo rádio. Disseram que a casa é cercada por um muro alto de pedra e que não há sinal de atividade.

— Quer dizer que se aproximaram da casa? — perguntou Peter.

— Havia recomendações estritas para que não fizessem isso.

— Passaram por lá uma vez, de carro, pela rodovia pública — O inspetor estava desconcertado. — Eles queriam ter certeza...

— Se for mesmo OShaughnessy, bastará uma simples farejada para ele

escapar... — Os olhos de Peter faiscavam de raiva. — Por que esse pessoal não faz apenas o que lhe pedem para fazer?

Virou-se para o piloto do helicóptero, que estava de jaqueta salva-vidas amarela e capacete com microfones e audíofones embutidos.

— Pode nos levar lá?

O piloto deu uma espiada pela janela mais próxima; as gotas frescas da chuva batiam contra a vidraça.

— Vai escurecer dentro de dez minutos, ou até antes, e o teto está muito baixo. Só chegamos aqui graças aos holofotes do aeroporto... Não há ninguém a bordo que possa reconhecer o alvo! Não sei... talvez possamos sair amanhã cedinho.

— Tem de ser hoje. Agora. Agora mesmo.

— Se você conseguir que a polícia local marque o alvo com lanternas elétricas ou outro tipo de luz...

— Não há possibilidade de fazer isso... Precisamos ir assim mesmo, e quanto mais tempo ficarmos aqui falando, menores serão nossas chances. Podemos apostar na melhor possibilidade? — Peter estava quase implorando. A decisão de voar não poderia ser forçada a um piloto; nem mesmo o controle de tráfego aéreo poderia obrigá-lo a realizar operações que contrariassem seu julgamento pessoal.

— Vamos tentar, mantendo contato com o solo durante todo o percurso. É a solução clássica quando se decola sob mau tempo...

— Tente, por favor.

O piloto hesitou por apenas cinco segundos.

— Vamos! — disse abruptamente.

No instante seguinte, a segunda equipe do Thor dirigia-se ao helicóptero fazendo um ruído harmonioso a caminho da portinhola. Nem os policiais, nem o inspetor estavam incluídos na lista de passageiros.

42

A TURBULÊNCIA GOLPEOU fortemente o helicóptero, fazendo-o mergulhar em ziguezagues numa ação vertiginosa e nauseante. Lá embaixo, o chão tremeluzia, muito perto, mas ainda assim bastante escuro. Os faróis de um veículo solitário na rodovia isolada, as luzes amontoadas do vilarejo, retângulos amarelos distintos, muito próximos uns dos outros, eram as únicas marcas que se percebiam na terra... O resto era retalhos escuros de matas, sebes emaranhadas e muros de pedra que dividiam vagamente os campos sombrios. Os minutos se passavam lentos, enquanto rajadas de nuvens cinzentas e chuva obscureciam a visão. O piloto estava concentrado no brilho ofuscante dos instrumentos de voo, arranjados em "T" à sua

frente.

Cada vez que emergiam das nuvens, a luz parecia ter diminuído e o escuro da terra avultava-se ainda mais ameaçador à medida que eram forçados a voar sempre mais baixo para manter contato.

Peter estava no pequeno assento da cabine de comando, entre os dois pilotos, e Colin estava atrás dele, todos perscrutando à frente, silenciosos e tensos, enquanto os aparelhos moviam-se sobre a terra, buscando as margens do oceano.

Alcançaram a costa, os fantasmagóricos borrifos brancos das ondas brilhando com fosforescência apenas vinte metros abaixo. O piloto rumou em direção ao sul e, segundos depois, outro campo de luz apareceu lá embaixo.

— Wicklow — informou o piloto, enquanto manobrava para pegar a rota de Laragh.

Avançaram na nova direção, seguindo a rodovia nacional, até que o copiloto avisou:

— Quatro minutos para o alvo.

Peter não respondeu. Limitou-se a apalpar o cabo da pistola Walther no coldre.

Gilly O'Shaughnessy jogou as poucas coisas que possuía dentro de uma valise azul de lona, para viagens aéreas: algumas peças de roupa íntima e um aparelho de barbear.

Então afastou a cama de ferro da parede, para ter acesso ao esconderijo que fizera removendo um tijolo. Ali estavam os novos documentos e o passaporte. Califa providenciara até documentos para a guria... Helen Barry, sua filha. Califa pensara em tudo. Junto com os papéis havia seiscentas libras esterlinas em cheques de viagem, e um pacote de munição sobressalente para a pistola. Depois de guardar aquelas coisas no bolso da jaqueta, deu uma olhada geral pelo quarto vazio e árido. Tinha certeza de que não deixara pistas para os caçadores, porque jamais carregava algo que o identificasse. No entanto, estava obcecado pela necessidade de destruir todos os sinais de sua passagem. Já fazia muito tempo que não pensava em si mesmo como Gilly O'Shaughnessy. Não tinha nome; apenas um propósito, a destruição. A paixão magnífica de reduzir toda a vida à degradação e à mortificação.

Seria capaz de recitar o Catecismo Revolucionário, de Bakunin, especialmente a definição do verdadeiro revolucionário:

Um homem perdido, que nada possui, que não tem outros interesses, nenhum laço pessoal... nem mesmo um nome. Mas que possui um pensamento, um interesse e uma paixão: a revolução. Um homem que se separou da sociedade, afastou-se das leis e convenções. Que despreza a opinião dos outros e prepara-se para a morte e a tortura a qualquer momento. Austero consigo mesmo, austero com os outros, e sem

nenhum lugar em seu coração para o amor, a amizade, a gratidão ou a honra.

Parado ali no quarto vazio, teve um raro momento de revelação, vendo-se como um verdadeiro revolucionário, o homem que planejava ser. Voltou-se por alguns instantes para desfrutar a vaidade de sua própria imagem no espelho aparafusado na parede revestida de papel sobre a cama de ferro.

Diante do rosto moreno e frio do homem perdido, sentiu-se orgulhoso de pertencer a essa elite. O fio da espada, era isto o que ele era.

Pegou a valise e dirigiu-se para a cozinha.

— Você está pronto? — gritou.

— Ajude-me.

Gilly OShaughnessy aproximou-se da janela. A última luz extinguia-se rapidamente. As árvores do pomar descuidado começavam a confundir-se à medida que a noite avançava.

— Não posso carregá-la sozinho. — Escutou o médico dizer."

Estava na hora de partir novamente. Em sua vida sempre tivera de seguir adiante, fugir dos perseguidores que lhe farejavam o rastro. Era hora de escapar outra vez, escapar como a raposa.

Encaminhou-se para a segunda peça da casa. O médico enrolara a menina com um cobertor de lã cinzento, tentara erguê-la da cama mas não conseguira. Ela estava com a metade do corpo no chão.

— Ajude-me — repetiu o médico.

— Saia da frente.

Gilly OShaughnessy empurrou-o estupidamente para o lado e se agachou sobre a garota. Por um segundo, seus rostos ficaram a poucos centímetros de distância. Os olhos dela estavam abertos, mas parados, com as pupilas dilatadas por causa das drogas. As pálpebras tinham as beiradas rosadas e, nos cantos, bolinhas amarelas de muco.

Os lábios estavam secos como escamas brancas e rachados em carne viva em três lugares.

— Por favor, avise papai — sussurrou. — Avise que estou aqui. Apesar de retorcer as narinas por causa do cheiro fétido do corpo doente, ele agarrou-a nos braços e carregou-a em direção à cozinha. Chutou a porta até abri-la — a fechadura rompeu-se com violência e a porta escancarou-se para trás, contra as dobradiças.

Atravessou o jardim com rapidez, seguido pelo médico, que carregava uma caixa de papelão de remédios e equipamentos, praguejando pelo tempo frio e escorregando no caminho traiçoeiro.

Gilly OShaughnessy esperou que ele abrisse a porta traseira do carro, e então atirou a garota com tal brutalidade que ela gemeu de dor. Ele ignorou-a. Aproximou-se das portas duplas da garagem, arrastando-as para abri-las. Estava tão escuro

agora que nada podia ver além da ponte.

— Para onde estamos indo? — balbuciou o médico.

— Ainda não decidi. Tem uma casa segura ao norte, mas talvez atravessemos o mar rumo a Inglaterra... — E pensou outra vez no traller; seria o veículo ideal.

— Por que estamos partindo agora, tão subitamente?

Sem se dar ao trabalho de responder, Gilly retornou à cozinha, ainda obcecado pela ideia de destruir todas as pistas, de não deixar marcas para seus caçadores. Embora tivesse trazido poucas coisas consigo, e as estivesse levando, mesmo assim sabia que a velha casa continha sinais, no mínimo suas impressões digitais. Além disso, precisava mitigar a sede de destruição.

Arrancou as portas de madeira dos armários embutidos da cozinha, quebrou-as em pedaços com o calcanhar, empilhando-os no centro do assoalho. Amassou os jornais que estavam na mesa e enfiou-os no meio das madeiras, jogando a mesa e as cadeiras sobre o monte.

Riscou um fósforo e aproximou-o dos jornais. As chamas subiram rapidamente, e mais ainda quando ele abriu as portas e janelas, alimentando-as com o ar fresco da noite.

Gilly OShaughnessy pegou a valise e saiu na noite, curvando-se para se proteger do vento e da chuva. Porém, na metade do caminho para a garagem, aprumou-se abruptamente e parou para escutar.

O vento trazia um som diferente do litoral; talvez fosse o ronco do motor de um caminhão vindo pelas colinas... Mas, e aquele barulho giratório peculiar, misturado com a batida do motor? O volume do som aumentava rápido demais para ser um caminhão de madeira. Aproximava-se velozmente, e o ruído parecia encher os ares e emanar das próprias nuvens.

Gilly OShaughnessy ergueu o rosto para a garoa miúda, observando as nuvens densas, até que um latejar ritmado como um pulso tomasse os céus, ao mesmo tempo em que o feixe de luz de uma aeronave voando baixo ficasse visível aos seus olhos. Aquele zumbido regular era o das hélices que traziam os perseguidores.

— Por que, Deus, por quê? — Ele gritou, com a certeza da traição e da investida da morte, implorando a Deus, que há muito tempo negara.

— Isso não está bem — resmungou o piloto, sem tirar os olhos dos instrumentos de voo que mantinham o nível do aparelho. Tinha perdido o contato com a outra máquina.

— Estamos mergulhando às cegas. — A nuvem batia no vidro como o leite fervente na superfície da leiteira. — Preciso subir e tomar a direção de Ennjískerry antes que bata no outro.

Enorme o risco de colisão com o helicóptero número dois. O feixe de luz do

outro aparelho bruxuleava sobre eles, através da impenetrável nuvem esponjosa, porém o outro piloto não os veria até que fosse tarde demais.

— Aguarde um pouco. Só mais um minuto — pediu Peter, com o rosto transtornado. Toda a operação estava na iminência de desintegrar-se, podendo terminar numa tragédia ou num fiasco. Mas ele precisava continuar.

Quase em pânico, o piloto arremessou o helicóptero para o lado, ao mesmo tempo em que alternava o grau de inclinação e a altitude, fazendo a máquina estremecer e dar uma guinada, como se tivesse batido em algo sólido, e então subiu de repente, ganhando trinta metros numa só arremetida.

A torre da igreja apareceu por entre as nuvens, como um predador numa armadilha, flutuou apenas alguns metros à frente dos homens que estavam agachados na cabine, e logo em seguida desapareceu.

— A igreja! — gritou Peter. — É ela! Volte.

O piloto hesitou sob o caos de nuvens transformadas em chuva, ajudada pela fúria do vento produzido pelo próprio rotor.

— Não consigo ver nada.

— Estamos a cinquenta metros pelo altímetro — informou o copiloto. E, apesar da pequena altura, não conseguiam ver nada para baixo.

— Vamos aterrisar. Pelo amor de Deus, vamos logo — implorou Peter.

— É impossível. Não sabemos o que está abaixo. — Sob a luz dos instrumentos do painel, o rosto do piloto parecia uma caricatura do medo. — Estou ganhando altura para voltar...

Peter deslizou a mão pela culatra da pistola Walther. Percebeu que seria capaz de matar o piloto e forçar o copiloto a aterrisar... Naquele instante, porém, um buraco na nuvem permitiu que enxergassem o vulto ameaçador do solo. — Temos visibilidade, vamos para baixo! — berrou Peter. E o helicóptero afundou com rapidez, parando subitamente sobre uma clareira.

— O rio! — Peter viu a cintilação da água. — E a ponte...

— E o pátio da igreja — anunciou Colin, ansioso. — E ali é o alvo. Sob o teto de palha negro e alongado, algumas luzes saíam pelas janelas laterais, possibilitando que vissem o alto muro de proteção. O piloto girou o helicóptero sobre seu próprio eixo, como uma agulha de compasso, e mergulhou na direção do prédio. Colin Noble foi até o corpo da aeronave e gritou para a equipe:

— Delta! Estamos na condição Delta...

O engenheiro de voo abriu a porta da fuselagem, fazendo com que entrasse uma garoa fina, empurrada pelo vento das hélices que cortavam o chuvisco.

A equipe estava a postos, formada em cada lado da porta aberta, enquanto Colin, plantado na frente do engenheiro de voo, assumia a liderança e ordenava: "Aponte", como sempre fazia. Depois de jogar fora o charuto, ele agarrou-se no

suporte da porta.

— Atirem em tudo o que se move. Mas, pelo amor de Deus, tomem cuidado com a garota. Vamos, pessoal! Em frente!

Comprimido no assento pela súbito mergulho da máquina, Peter perdeu preciosos segundos, embora tivesse uma visão clara do que se passava à frente. A oscilação da luz nas janelas da casa levou-o a concluir que aquilo era fogo. Chamas que pareciam crescer a cada instante. Mas não havia tempo para ponderar sobre aquele fato novo. Percebeu um movimento nas sombras do pátio murado, apenas uma mancha escura, levemente iluminada pelas labaredas. Parecia ser um homem, correndo agachado, desaparecendo a seguir em um dos galpões que flanqueavam o estreito muro de pedras.

Lutando contra a força da gravidade, Peter locomoveu-se com dificuldade, da cabine para a fuselagem, enquanto o helicóptero baixava para apenas três metros sobre o pátio nos fundos da casa. As figuras negras saltavam uma a uma e, assim que tocavam o solo, corriam para a frente, rumo às portas e janelas da casa. Apesar da tensão do momento, Peter sentiu orgulho pela forma como tudo acontecia, a penetração aparentemente sem esforço: o homem da frente usava sacos de areia para romper os vidros e a armação das janelas, e o que vinha atrás entrava com um mergulho límpido.

Segundos antes de saltar, alguma coisa levou Peter a checar a escotilha aberta... Talvez aquele súbito movimento fora da casa principal que lhe chamara a atenção.

Foi quando viu aparecerem fachos de luz ao longo do muro, os faróis de um carro que partia do escuro galpão à frente da casa.

Peter já tinha dado o impulso para pular, mas conseguiu equilibrar-se, agarrando a corda de náilon acima da porta. O veículo diminuía a velocidade para fazer a volta e tomar a estrada principal na ponte. Então Peter alcançou o engenheiro de voo, sacudiulhe o ombro e apontou o carro em fuga.

— Não deixe ele escapar!

O engenheiro de voo pegou rápido o microfone e comunicou-se com o piloto. No mesmo instante, o helicóptero ondulou, a batida dos motores alterou-se e as hélices mudaram de ritmo na arremetida. O aparelho investiu para a frente, quase raspando o teto da garagem, e partiu no encalço do oscilante feixe de luz dos faróis.

Com a metade do corpo para fora da porta, só assim Peter conseguia acompanhar com os olhos o veículo. O vento assoviava em seus ouvidos e fustigava-lhe o rosto.

Houve momentos em que as escuras copas das árvores pareciam passar rente à porta da aeronave.

Os faróis do carro brilhavam através do chuvisco, desenhando efêmeros

camafeus nas beiradas e muros que sua luz atingia.

Estavam próximos o suficiente para Peter perceber que se tratava de um carro pequeno porém equipado de forma não convencional; devia ser uma perua. O motorista avançava com habilidade pelas curvas e declives da estrada, mas mesmo assim o helicóptero acercava-se aparentemente sem ser visto.

— Avise ao piloto para desligar o holofote — recomendou Peter ao engenheiro de voo. Seria melhor não advertir o motorista. No entanto, ele devia ter percebido, pois apagou os faróis praticamente no mesmo instante em que o holofote foi desligado.

Diante do negrume total da noite, Peter desanimou. "Perdemos eles, pensou, porque seria suicídio voar no escuro a apenas alguns metros das copas das árvores. O helicóptero estremeceu ligeiramente e logo em seguida estabilizou. De imediato, o piloto ligou os dois holofotes de aterrissagem, apontando-os num ângulo que cobria boa parte da estrada. O carro fugitivo apareceu por inteiro sob o brilho da luz. O helicóptero desceu mais um pouco, contornando os postes telefônicos e árvores que se alinhavam pela estreita rodovia.

Agora Peter pôde ver que se tratava de um Austin azul-escuro, com um porta-malas comprido no teto. Foi esse detalhe que lhe permitiu tomar uma decisão. Sem aquele maleiro ninguém poderia ter a esperança de sustentar-se no teto liso e arredondado de um carro em movimento.

O médico, no assento traseiro do Austin, foi o único que viu o helicóptero. O ruído do motor do carro e o assovio do vento haviam encoberto o ronco das hélices.

Gilly OShaughnessy ria sozinho, satisfeito com seu indisfarçável triunfo. De propósito ele esperara que o helicóptero despejasse seus homens no terreno da casa para só então ligar os faróis e acelerar para fora da garagem.

Demoraria muitos minutos até que a equipe de assalto se desse conta de que a casa em chamas estava vazia; e levaria mais tempo ainda para que se reagrupassem no helicóptero a fim de continuar a caçada. Nesse ínterim ele estaria a salvo; havia uma casa segura em Dublin — pelo menos quatro anos antes, havia. Se tivesse sido "estourada", ele teria de se livrar da menina e do Dr. Jamieson, com uma bala na nuca de cada um, e jogar o Austin no mar.

A excitação do perigo da morte envolvia-o novamente — a espera tinha acabado afinal. Agora voltava a viver da forma que escolhera; uma raposa correndo na frente dos cães de caça. Sentia-se bem enquanto pisava fundo no acelerador do Austin, que disparava na noite.

A garota chorava baixinho no banco de trás. O médico tentava acalmá-la, e Gilly ria alto. Os pneus cantavam nas curvas, e o carro raspava a margem com a lateral antes de alinhar-se.

— Estão nos seguindo — alertou o médico.

Gilly deu uma olhada por cima do ombro. Não vi nada pelos vidros traseiros.

— O quê?

— O helicóptero...

Gilly abaixou o vidro da janela e colocou a cabeça para fora. O holofote da aeronave estava bem próximo, atrás e acima. Sabendo que aquele trecho da estrada era reto, ele desligou os faróis. E, na escuridão total, não diminuiu a velocidade, nem parou de rir.... um riso destemido e selvagem.

— Você está louco! — berrou o médico. — Você vai nos matar!

— Tem toda razão, doutor! — Porém sua visão noturna era clara e ele manobrou o Austin impedindo-o de se esborrachar num muro de pedra do lado esquerdo. Então tirou a pistola da capa e depositou-a no assento ao lado. — Não vou deixar que aconteça... — Gilly interrompeu-se quando a luz enceguedora do helicóptero foi acesa outra vez, varrendo toda a estrada em frente. Derrapou na curva, com um cantar de pneus.

— Pare! — implorou o médico, que segurava a menina, temendo que ela fosse arremessada contra as paredes do carro. — Vamos desistir, antes que nos matem.

— Eles não têm atiradores a bordo. Não há nada que possam fazer.

— Vamos desistir! Vamos sair vivos daqui! Gilly OShaughnessy caiu na gargalhada.

— Tenho três balas de reserva, doutor, uma para cada um de nós.

— Eles estão bem em cima do carro!

Gilly agarrou a pistola, pôs a cabeça e o ombro para fora e olhou para cima. Viu apenas os focos incandescentes dos holofotes. Mas não teve dúvidas. Disparou neles, com o ruído do tiro perdendo-se no ronco das hélices e no uivo do vento forte.

Posicionando na porta, Peter contou os clarões alaranjados dos disparos procedentes do carro. Viu três mas não ouviu o som dos tiros nem o impacto das balas na aeronave.

— Vamos baixar mais! — Gritou para o engenheiro, reforçando a ordem com sinais de urgente.

À medida que o aparelho ia ficando bem acima do Austin, ele se preparava cuidadosamente, até que afinal atirou-se da porta. Antes de alcançar o veículo, sentiu um choque violento devido ao deslocamento do ar. Pior ainda foi cair com os braços e pernas abertos sobre o frágil maleiro do veículo em movimento.

Sentiu os aros de metal cederem, ao mesmo tempo que rolava e escorregava para as laterais. Seu lado esquerdo estava adormecido pelo impacto, obrigando-o a concentrar toda a força na mão direita. De qualquer modo, conseguiu agarrar com firmeza os suportes do maleiro. E naquele exato segundo, o motorista percebeu que havia alguém no teto. Feito um louco, jogou o carro de um lado a outro na estrada,

com giros tão rápidos na direção que chegou a ficar em duas rodas, derrapar fazendo um cavalo-de-pau antes de alinhar-se novamente. Os pneus cantavam alto, e Peter era sacudido para frente e para trás.

Os músculos e tendões do seu braço direito pareciam prestes a se romperem pela força de sustentá-lo. Por sorte, a dormência cedia no seu lado esquerdo.

Precisava agir com rapidez, do contrário não sobreviveria a outro ziguezague. Arrastou-se como pôde para o centro do teto, ao mesmo tempo que encontrava apoio para a ponta das botas numa das barras do maleiro. Pressionou a barriga para baixo e, agora contando com os dois braços e pernas, sentiu-se pronto para aguentar a desenfreada oscilação do carro.

O Austin reduziu a velocidade diante de uma curva fechada, visível pela luz do helicóptero, que ainda os acompanhava. O motorista fez a curva, que dava para um longo declive serpenteante através das colinas. Julgando que fosse o momento de agir, Peter ergueu-se levemente, preparando-se para escorregar para a frente. De repente, o teto do veículo pareceu explodir: um buraco enorme apareceu no metal, simultâneo com a concussão de um tiro de pistola. O motorista disparara às cegas para cima, e errara o alvo por questão de centímetros. Peter jogou-se para um lado, quase perdendo o equilíbrio, e outra bala cruzou a cobertura metálica — teria atingido sua barriga, caso não tivesse mudado de posição.

Desesperado, rolou para o lado oposto, imaginando que o homem iria fazer disparos em lugares diferentes, uma vez que não sabia ao certo onde estaria o alvo. Seu cálculo foi correto: o tiro seguinte irrompeu exatamente à altura do seu peito... caso não houvesse trocado de lugar.

Outra vez mudou de posição, tensionando os músculos na expectativa do impacto paralisante, esperando o tiro que não veio... Então lembrou-se de que o motorista disparara a esmo contra o helicóptero e certamente esvaziara a pistola. Nesse instante, escutou um som completamente diferente que, apesar do barulho do vento e do ruído do motor do carro, atingiu-o com a força de um furacão. Era o choro de uma menina, um lamento capaz de fazê-lo enfrentar mil ameaças de morte.

Ergueu-se na ponta dos pés e das mãos e arrastou-se até a borda dianteira do teto, imediatamente acima do assento do motorista. Quando a garota chorou outra vez, reconheceu a voz de MelissaJane. No auge da tensão, pegou a Walther do coldre e engatilhou-a no mesmo momento. O veículo avançava para outra curva fechada; com certeza o motorista estaria usando as duas mãos para controlá-lo.

Agora!, disse a si mesmo, e jogou-se para a frente, de modo que ficou com o tronco sobre o pára-brisa, os pés encaixados nos suportes do maleiro, aguentando todo o peso do corpo.

Em uma fração de segundo, Peter reconheceu as feições de lobomarmho e os olhos impiedosos do assassino. Ele caçara aquele homem durante muitos anos e

estudara sua fotografia infinitas vezes desde que a liquidação do terrorismo tornara-se sua missão na vida.

Gilly OShaughnessy tinha ambas as mãos sobre o volante, a pistola ainda presa em uma delas, com a culatra aberta para recarregar. Ele rosnou como um animal através das barras de sua jaula, enquanto Peter disparava a Walther tocando o vidro do pára-brisa.

O vidro despedaçou-se, um lençol brilhante, branco e opaco que se espalhava para dentro com a força do vento, enchendo a cabine do Austin. Gilly levou as mãos ao rosto, e o sangue irrompeu através dos dedos, esparramando-se por seu peito.

Peter introduziu a pistola através do vidro quebrado e disparou duas vezes em seu peito. Aquela distância os explosivos Vexx seriam capazes de triturar-lhe os ossos, mas sem oferecer risco a outras pessoas que estivessem atrás dele.

Com os gemidos de Melissa-Jane ainda ressoando em seus ouvidos, Peter matara Gilly OShaughnessy friamente, como um veterinário eliminaria um cão hidrófobo. Entretanto, o carro continuava veloz pela rodovia. Como o corpo do terrorista não fora jogado para trás, contra o encosto do assento, mas em vez disso deslizara pelo banco para a frente, parecia que todo o seu peso apoiava-se no acelerador.

Peter compreendeu o perigo da situação e enfiou os braços pelo pára-brisa estilhaçado, tentando controlar a direção. O Austin continuava na estrada, porém o declive da colina fazia-o ganhar mais e mais velocidade. Da posição em que se encontrava, pendurado de cabeça para baixo, sustentado apenas pela ponta dos pés, era impossível para Peter dominá-lo. Para piorar as coisas, a cabeça de Gilly caiu pesadamente sobre o volante, num momento crítico. Quando Peter usou uma das mãos para empurrá-lo para trás, um lado do Austin roçou o barranco de pedras, produzindo um rangido de metal e uma chuva de faíscas alaranjadas. O carro começou a ziguezaguear como um bêbado. Seria uma loucura continuar ali. Talvez ele devesse saltar e salvar-se, antes que um capotamento resultasse em uma tragédia maior. Porém, consciente de que MelissaJane estava lá dentro, arriscou um lance ousado. Ergueu rapidamente a metade do corpo, o suficiente para divisar à esquerda um pesado portão de madeira, certamente a entrada de alguma propriedade. Abaixando-se, Peter girou o volante naquela direção.

O Austin bateu em cheio na cancela, rompendo-a, depois penetrou em terreno aberto, lamacento, de modo que perdeu toda sua força e afinal parou.

Peter escorregou pelo lado e caiu de pé. Com um movimento abrupto, abriu a porta traseira, de onde um homem caiu de joelhos no lodo, balbuciando algo incoerente.

Peter chutou-lhe o rosto — ossos e cartilagens romperam-se ruidosamente. E antes que o sujeito chegasse ao chão, um soco certeiro no maxilar, destinado a

imobilizá-lo sem matar.

Então Peter tirou a filha do carro. Seu corpo frágil ardia de febre. Ele desejou apertá-la contra o peito, cobri-la de beijos, mas controlou-se, carregando-a com cuidado para a clareira onde o helicóptero estava aterrissando.

O médico do Thor, que ainda estava a bordo, pulou antes que o aparelho tocasse o chão e correu ao encontro de Peter, que para sua própria surpresa, cantarolava baixinho.

— Está tudo bem, querida. Tudo está acabado. Tudo terminou, meu anjinho, estou aqui, baby...

E Peter fez outra descoberta. Não era suor o que lhe descia pelas maçãs do rosto... Ele não se lembrava de quando chorara pela última vez. Mas isso não tinha a menor importância, agora que estava com a filha nos braços.

43

QUANDO CYNTHIA CHEGOU em Londres, Peter reviveu alguns dos horrores do seu casamento.

— Todo mundo ao seu redor tem que sofrer, Peter. Agora foi a vez de Melissa-Jane.

Era impossível evitá-la, pois ela não saía do lado da cama de Melissa-Jane. Enquanto o aborrecia com suas recriminações e acusações cheias de farpas, ele não conseguia imaginá-la como o tipo jovem, alegre e atrativo da época em que se conheceram. Embora fosse dois anos mais nova que ele, seu corpo estava disforme e sua mentalidade era igual à de alguém vinte anos mais velho.

Melissa-Jane reagiu muito bem aos antibióticos; e, ainda que estivesse fraca e pálida, recebeu alta no terceiro dia, quando Peter e Cynthia tiveram a sessão final de seu curto período de convivência forçada.

— Mamãe, ainda estou com medo. Posso ficar com papai, por alguns dias?

Soluçando, Cynthia concordou; seu ar doloroso fez os dois sentirem-se culpados. A caminho de Abbots Yew, para onde Steven convidara a sobrinha para que passasse o tempo necessário de convalescença, a garota sentava-se ao lado de Peter, a mão esquerda ainda na tipóia e o dedo com uma bandagem de curativo. Ela só abriu a boca depois que passaram por Heathrow e alcançaram a rodovia.

— Durante todo o tempo eu sabia que você ia aparecer. Não me lembro de muita coisa. Estava sempre escuro e as coisas mudavam a toda hora. Eu olhava para um rosto e desmaiava; depois parecia que estava noutro lugar...

— Era o efeito das drogas que lhe davam — explicou Peter.

— Sim, eu sei. Lembro a picada da agulha... — Num gesto instintivo, ela

massageou o braço, estremecendo. — Mas mesmo assim eu sempre achava que você chegaria. Eu ficava caída na escuridão, ouvindo sua voz...

Melissa-Jane não havia tocado no assunto até então. E parecia disposta a desabafar.

— Você gostaria de conversar sobre o que aconteceu? — perguntou Peter, sabendo que era essencial para o processo de cura.

A garota assentiu, revelando trechos de conversas e impressões. O terror voltou à sua voz quando mencionou o homem que a raptara.

— Às vezes, ele me olhava. Lembro dele me olhando... Peter reviu mentalmente a frieza dos olhos do assassino.

— Agora ele está morto, querida.

— Sim, eu sei. Já me disseram... Era tão diferente daquele de cabelos grisalhos. Gostei do velho. Seu nome era doutor Jamieson.

— Como você soube?

— Era como o moreno o chamava. Sei que ele cheirava a bebida e eu gostei dele...

Foi o que fez a amputação e que teria cortado até sua mão, pensou Peter, com raiva.

— Eu nunca via o outro. Sabia que estava lá, mas nunca o vi.

— O outro? Que outro, querida?

— Havia um outro... e até o moreno tinha medo dele. Todos tinham medo dele.

— Você nunca o viu?

— Não, mas sempre falavam dele e discutiam sobre o que ele faria...

— Você não se lembra do nome do cara? Será que não o ouviu uma única vez?

— Geralmente só o mencionavam dizendo ele. Mas acho que o moreno o chamou de "Casper".

— Casper?

— Não, não era Casper. Ah, não consigo me lembrar. — Uma nota de desespero em sua voz deixou Peter com os nervos arrasados.

— Não se preocupe com isso, minha querida.

— Não era Casper, mas um nome parecido com esse. Ele era o único que queria me machucar; os outros estavam fazendo o que ele mandava. Era dele que eu tinha medo.

— Agora tudo acabou, querida — Peter encostou o carro no acostamento. Então tentou afagá-la, porém ela estava rígida e, quando ele a tocou, a garota pôs-se a tremer.

Peter tomou-a nos braços e apertou-a junto ao peito.

— Califa... — sussurrou ela. — Esse é o nome, Califa. Peter nada comentou. Lutava consigo mesmo para controlar a onda de ódio que o assaltava, e demorou um pouco até dar-se conta de que Melissa-Jane adormecera em seus braços. Pronunciar o nome do algoz fora como uma catarse para o seu terror. Agora ela estava pronta para curar-se por inteiro.

Peter acomodou-a meigamente no assento e cobriu-a com o xale antes de voltar a dirigir. Porém, de quando em quando olhava para o lado para assegurar-se de que ela dormia tranquila.

44

NAS DUAS VEZES em que Peter ligou para o número privativo de Magda Altmann, nem ela pôde atender, nem lhe passaram nenhum recado. Fazia cinco dias que não tinha contato com ela, desde que o ataque Delta libertara Melissa-Jane. E isso o deixou bastante intrigado.

Então, quando o Dr. Kingston Parker apareceu em Abbots Yew, sir Steven Stride ficou radiante por ter entre seus hóspedes um alto funcionário tão distinto. A personalidade daquele homem, suas maneiras gentis conquistaram o anfitrião. Mais ainda quando ele descobriu que, a despeito de sua imagem de liberal, de sua conhecida preocupação com os direitos humanos, Parker era também um defensor do sistema capitalista, que lutava para que seu país levasse mais a sério suas responsabilidades como líder do mundo ocidental. Ambos deploraram o atraso do projeto do bombardeiro BI, do programa da bomba de nêutrons e da reestruturação do serviço secreto americano. Passaram a maior parte da primeira tarde no estúdio decorado com madeira de sequóia, discutindo os pontos de vista comuns, e rapidamente tornaram-se amigos.

Parker completou a conquista dos Stride ao mostrar que compartilhava com Patrícia, a esposa de Steven, um conhecimento acadêmico e paixão por porcelana antiga. Sua preocupação com Melissa-Jane e o alívio por vê-la em segurança foram bastante espontâneos para não serem genuínos. Ele acabou de ganhar a afeição da garota quando a acompanhou aos estábulos, para ver Florence Nightingale e provar que ele também entendia de cavalos.

— É um homem adorável. Acho que é um verdadeiro homem honrado — afirmou ela, quando Peter entrou em seu quarto para dar-lhe boa-noite. — E é também tão gentil e engraçado... Mas você continua sendo o meu homem favorito!

Naquela noite, durante a recepção, como sempre acontecia em Abbots Yew, havia inúmeras personalidades presentes. Kingston Parker era o centro das atenções. Mesmo assim, a certa altura da festa, ele fez sinal a Peter, e logo os dois

encaminharam-se para o jardim, deixando para trás os vinhos finos, os conhaques franceses e a mesa farta, decorada com candelabros.

Parando a uma distância na qual seu guarda-costas não poderia ouvir o que falavam, Kingston Parker encheu o cachimbo antes de fazer qualquer comentário. A noite primaveril estava quieta e perfumada. Soava totalmente estranha, naquela atmosfera, uma conversa sobre morte, violência, uso e abuso do poder, e a manipulação de imensas fortunas por uma única figura misteriosa.

— Faz cinco dias que estou na Inglaterra. Não se deve correr pelos caminhos cheios de eco da Whitehall. Há muito para se discutir... — Kingston Parker encontrara-se duas vezes com o primeiro-ministro. — E não são apenas assuntos relacionados ao Atlas... — Como ele era amigo do presidente dos Estados Unidos, na certa tinha pontos de vista oficiais a trocar com o governo britânico. — Entretanto, discutimos o programa detalhadamente. Você sabe muito bem que o Atlas tem adversários e críticos em ambos os lados do Atlântico. Eles tentaram a todo custo esmagá-lo; não conseguiram, mas viram seus poderes e responsabilidades bastante diminuídos.

Parker fez uma pausa para limpar o cachimbo, jogando as cinzas no chão.

— Os oponentes do Atlas são homens inteligentes, bem informados, e suas justificativas para opor-se são até louváveis. Eu mesmo simpatizo com elas, apesar de minha posição. Ao se criar uma força de ataque como o Atlas, com enormes poderes concentrados nas mãos de uma única pessoa ou de uma pequena elite, pode-se muito bem estar criando um Frankenstein, um monstro mais ameaçador do que aquele que se tenta destruir.

— Depende de quem controla essa força, doutor Parker. Acredito que o programa conta com o homem certo.

— Obrigado, Peter. Mas, por favor, me chame de Kingston.

— Está bem...

— O Atlas teve alguns sucessos espetaculares, em Joanesburgo e agora na Irlanda, mas isso o torna mais perigoso, na medida em que, sendo bem aceito pelo público, caso peça mais poderes,, é possível que lhe sejam concedidos. E é necessário ampliar seus poderes para que a tarefa possa ser cumprida. Estou num dilema terrível...

— E mesmo assim ainda não pudemos pegar o animal mais perigoso, o grande assassino, e só o faremos se nos armarmos de todas as formas possíveis.

— Mas quem garante que não haverá abusos, que a força não superará o domínio da lei?

— As coisas mudaram. A lei tornou-se impotente em face daqueles que não a respeitam.

— Há um outro aspecto, Peter, no qual venho pensando anos e anos a fio. É a

questão das leis injustas, que perpetuam a opressão. O que dizer de uma lei que segrega e coage um homem pela cor do seu rosto e pelo deus que ele cultua? E se um parlamento viciado porém constitucional faz leis racistas, ou se a Assembleia Geral da ONU declara que o sionismo é uma forma de imperialismo e o coloca fora-da-lei? O que acontece se um punhado de homens assume o controle dos recursos mundiais e legalmente manipula-os de forma a ditar suas ambições pessoais em detrimento de toda a humanidade, como a OPEP e o rei da Arábia Saudita... — Kingston Parker fez um gesto de desalento. — Devemos respeitar essas leis? O respeito à lei, mesmo à lei injusta, é sagrado, intocável?

— O equilíbrio é a chave de tudo — disse Peter. — Deve haver um equilíbrio entre a lei e a força.

— Sim, mas o que é o equilíbrio? Pedimos maiores poderes para o Atlas, iam uso mais amplo de suas atribuições, e acho que seremos atendidos. Então, precisaremos de bons homens — declarou Kingston Parker, apoiando a mão no ombro de Peter. — Homens justos, capazes de reconhecer quando o exercício da lei está sendo falho ou injusto, e que tenham a coragem e a visão para agir no sentido de restaurar o equilíbrio que você falou... Acredito que você é um desses homens. — Baixando a mão, ele mudou de tom. — Providencie um encontro nosso com o coronel Noble, amanhã. Ele esteve ocupado com o exame do material da operação irlandesa, e espero que tenha alguma novidade. Talvez haja muito mais coisas para discutir. Às duas da tarde no Comando Thor, está bem, Peter?

— Combinado.

— Vamos voltar para a casa.

— Espere um pouco. Tenho algo para lhe falar. E depois que me ouvir, talvez você mude de opinião sobre meu papel no Atlas.

— De que se trata?

— Você sabe que as pessoas que sequestraram minha filha não fizeram exigências para sua libertação, nem tentaram entrar em contato comigo...

— Exatamente. É um dos quebra-cabeças da história.

— Pois não é verdade. Houve um contato e uma exigência.

— Como assim? — Parker franziu as sobrancelhas, intrigado.

— Os sequestradores fizeram um contato comigo. Uma carta que destruí...

— Por quê?

— Já lhe explico... Fizeram-me uma única exigência para a libertação de Melissa-Jane. Se eu não os atendesse no prazo de duas semanas, eles me mandariam as partes do corpo da minha filha; as mãos, os pés, e finalmente a cabeça.

— Diabólico — sussurrou Parker. — Desumano. Qual era a exigência?

— Uma vida por outra... Eu deveria matá-lo em troca de Melissa-Jane.

— A mim? Eles queriam a mim? — Parker sacudiu a cabeça, incrédulo.

Depois continuou: — Isso muda tudo. Preciso pensar com calma, mas isso certamente modifica todo o cenário... Então eles queriam a cabeça do Atlas. Por quê? Por que defendo a ampliação do programa e eles se opõem? Não! Não é isso. Para mim, só há uma explicação.

Lembra-se de que lhe falei que suspeitava da existência de uma figura central, que estaria unificando todas as organizações militantes numa única entidade coesa e formidável? Pois bem, descobri muitas coisas que confirmam essa suspeita. Acredito que essa pessoa, ou conjunto de pessoas, realmente existe... Solicitei reforço para o Atlas justamente para perseguir e destruir essa organização, antes que ela provoque danos maiores... antes que consiga aterrorizar as nações do mundo e se torne uma potência mundial... — Parker fez uma pausa para reordenar seus pensamentos. Quando voltou a falar, estava mais calmo. — O que você me contou é uma prova concreta de que a organização existe e que é prioritário trabalhar para destruí-la. Quando deixei você como agente do Atlas em liberdade, acreditava que faria contato com o inimigo. Mas, sinceramente, não esperava que desse nisso. É inacreditável! Eu jamais suspeitaria; de você, Peter. Você poderia me pegar a qualquer hora; é uma das poucas pessoas que poderia. E a influência! Sua filha, as mutilações planejadas... tenho minimizado a astúcia e a crueldade do inimigo.

— Você já ouviu falar em Califa?

— Onde você ouviu essa palavra? — perguntou Parker asperamente.

— A carta dos sequestradores era assinada por Califa, e MelissaJane ouviu esse nome em uma discussão deles.

Parker fez um gesto afirmativo.

— Sim, já ouvi esse nome. Várias vezes desde que falei com você em Nova York. — Depois de dar uma baforada no cachimbo, ele completou: — Amanhã eu lhe direi como e onde, durante nosso encontro no Thor. Por hoje já tive motivo de sobra para ficar acordado o resto da noite.

Retornaram em silêncio para a casa, de onde vinham os risos alegres e descontraídos dos convidados. Antes de chegarem à varanda, Kingston Parker parou, perguntando de sopetão:

— Peter, você teria feito aquilo?

— Sim, eu teria feito.

— Como?

— Com explosivos.

— Melhor do que veneno... Mas não tão bom como uma arma. Precisamos detê-los, Peter. É um dever que extrapola qualquer outra consideração.

— O que acabo de dizer-lhe não altera nosso relacionamento? O fato de que eu seria o seu assassino não muda as coisas?

— Parece estranho, mas apenas confirma minha opinião a seu respeito. Você

possui o caráter implacável do homem que precisamos, se queremos sobreviver. — Parker sorriu.

— Posso acordar suando esta noite, mas isso não altera o que precisamos fazer juntos.

COLIN NOBLE, com o charuto na boca, Kingston Parker, com o cachimbo, pareciam estar competindo para saber quem mais rapidamente tornaria o ar da sala irrespirável.

A sede provisória do Thor não tinha ar-condicionado, mas, apesar da poluição do tabaco, em poucos minutos Peter ficou tão envolvido na discussão que esqueceu esse detalhe.

Colin Noble estava apresentando o relatório sobre a operação irlandesa.

— A Old Manse ficou reduzida a cinzas. A polícia irlandesa colocou vinte homens para vasculhar os destroços. Pura perda de tempo! Quanto ao carro e sua proveniência...

O que você acha dessa palavra, Peter? Proveniência é uma palavra clássica.

— Por favor, Colin, continue... — pediu Parker, rindo.

— O Austin foi roubado em Dublin, repintado e equipado com um maleiro novo. Não continha nada, nenhum papel, nem no porta-luvas nem no porta-malas. Foi limpo por um profissional...

— Os homens — interrompeu Parker.

— Sim, senhor. Primeiro o morto. Era Gerald OShaughnessy, também conhecido por "Gilly", nascido em Belfast em 1946... — Colin pegou uma pasta que estava na mesa.

Tinha doze centímetros de espessura. — Querem que eu leia tudo isso? É uma história infernal. O sujeito tinha uma ficha na polícia...

— Somente aquilo que interessa ao Atlas.

— Não há evidências de como ou quando ele se envolveu com o terrorismo... Por isso vamos falar sobre o conteúdo dos seus bolsos. Seiscentas libras esterlinas, trinta e oito balas calibre 38 e documentos nos nomes de Edward e Helen Barry, forjados, belamente forjados. Enfim, nada que possa ser usado. Agora o outro homem.

Morrison, Claude Bertram Morrison, conhecido aborteiro e alcoólatra. Expulso da sociedade médica em 1969. Cobrou três mil libras para a cirurgia do dedo, metade paga antecipadamente. Mais barato do que o Blue Cross. — Colin riu, embora seus olhos estivessem escuros e brilhantes pelo ódio. — Tenho a satisfação de anunciar que ele pegará uns quinze anos de cadeia. Gilly OShaughnessy era o líder de quem ele recebia ordens; OShaughnessy por sua vez recebia ordens de alguém chamado... sim, o nome que todos ouvimos antes. Califa.

— Quero fazer uma pergunta — disse Kingston Parker. — Califa gosta de aparecer... Ele assina suas correspondências, e mesmo seus capangas mais baixos

usam seu nome. Por quê?

— Eu posso responder a essa questão — afirmou Peter, levantando a cabeça. — Ele quer que saibamos que existe. Para que tenhamos contra quem dirigir nossa fúria e aversão. Quando era alguém sem nome, uma entidade sem rosto, não tão ameaçador como agora.

— Talvez você tenha razão — ponderou Parker. — Usando um nome ele está construindo uma lenda que poderá empregar mais tarde. No futuro, quando Califa disser que vai matar ou mutilar, saberemos que ele é capaz, que não haverá barganha. Ele fará exatamente o que prometer.

— Há um outro aspecto da operação irlandesa que ainda não consideramos — interrompeu Peter, com o cenho franzido. — Quem fez a denúncia telefônica e por quê?

— O que você acha, Colin?

— A questão foi discutida com a polícia, e nos deixou confusos. Tudo indica que Gilly OShaughnessy escolheu o esconderijo na Irlanda por estar familiarizado com o terreno e ter amigos lá. Foi ali que ele atuou anteriormente. Podia mover-se, desaparecer, arrumar as coisas... — Diante da expressão cética de Peter, Colin emendou:

— Bem, ele contava com a mulher que alugou a Old Manse, Kate Barry, que inclusive assinou o contrato, era uma aliada. Deve haver outros, porque ele conseguiu comprar um automóvel roubado e preparado, algo difícil de fazer em Edimburgo ou Londres sem dar na vista. Peter continuava relutante.

— É... se a conexão irlandesa o ajudou...

— Vamos ao outro lado da moeda. OShaughnessy tinha inimigos, mesmo entre os antigos companheiros. Era um filho da puta implacável, com um passado sangrento. Pode ser que um desses inimigos, aquele que lhe vendeu o carro roubado, por exemplo, tenha visto uma oportunidade de marcar um ponto. A gravação da chamada foi examinada por especialistas em linguagem e também pelo computador. Nada definido. A voz foi dissimulada, provavelmente com um lenço e prendedores no nariz, porém há indícios de que quem ligou era um irlandês. Os técnicos rastrearam a ligação e descobriram que era uma chamada do exterior, quem sabe da Irlanda, embora não tenham certeza.

Peter ergueu as sobrancelhas, ainda com ar cético. Colin deu um risinho malicioso e fez um gesto largo em sua direção.

— Esse é o meu palpite. Vamos ver se você dá um melhor. Se não gosta das minhas hipóteses, é porque deve ter uma mais consistente.

— Você está sugerindo que tudo não passou de coincidência; que OShaughnessy contatou um velho inimigo, que por sua vez nos denunciou algumas horas antes do prazo para que a mão de Melissa-Jane fosse amputada. Depois as

coisas aconteceram de tal forma que chegamos em Laragh no exato momento em que OShaughnessy estava dando o fora. É nisso que você quer que eu acredite?

— Algo por aí — admitiu Colin.

— Você me desculpe, mas eu não gosto de coincidências.

— Então fale! Vamos ouvir sua opinião. Peter riu.

— Para mim, Califa não trabalha na base da coincidência. Tenho a impressão de que Gilly OShaughnessy estava marcado para morrer desde o início. Desconfio que tudo fazia parte do plano.

— Deve ser interessante fazer tantas suposições — provocou Colin. — Só que não temos nenhuma evidência disso.

— Esqueça... Vamos aceitar que aconteceu da forma Como você colocou. "

— Mas...

— Nada de mais, até conseguirmos alguma prova concreta...

— Bem, se você quer provas concretas, escute esta para ver...

— Espere um pouco — cortou Parker autoritariamente. — Já, já chegaremos aí. Vamos voltar atrás por um momento. Peter falou me de Califa, um nome que já conhecíamos de uma fonte totalmente diferente. Prometi esclarecer esse assunto nesta reunião, porque isso nos dará uma nova visão da história.

Parker fez uma pausa para arrumar o cachimbo, usando um dos pequenos canivetes de lâmina dobrável, com ganchos e cravos. Raspou a cavidade e jogou as cinzas no cinzeiro, antes de esquadrihar o cachimbo da mesma forma com que um atirador checa o fuzil antes de colocar a bala. O velho parecia usar o cachimbo como um suporte de sua performance, assim como um mágico utiliza flores e objetos para distrair a audiência. Não era um homem para ser subestimado, pensou Peter, pela centésima vez. Kingston Parker olhou para cima e sorriu.

— Nossas notícias de Califa vieram de uma direção inesperada, ou melhor, levando-se em conta o nome, da direção mais provável: do Oriente Médio. Riad, para ser preciso.

A capital da Arábia Saudita, sede do império petrolífero do rei Khalid. Nossa velha e surrada Agência Central de Informações recebeu um pedido do rei após o assassinato de um dos seus netos. Você deve lembrar-se do caso...

Peter fez que sim, com uma estranha sensação de déjà vu. Kingston Parker apenas confirmava as circunstâncias que ele e Magda Altmann haviam discutido há pouco mais pouco menos de três semanas.

— O rei e sua família têm uma posição bastante vulnerável. Há no mínimo setecentos príncipes sauditas multimilionários, que de uma forma ou de outra gozam da afeição do rei e da estrutura de poder. Seria impossível proteger adequadamente tantas vítimas em potencial. Trata-se de um alvo privilegiado, porque é uma quantidade enorme de pessoas prontas para serem agarradas. E existem centenas de

assassinos que tanto podem ser pressionados como pagos para fazer o serviço. Califa parece possuir todas as informações e o dinheiro suficiente para levar isso a cabo.

— Qual foi a exigência feita a Khalid? — perguntou Peter.

— Bem, ele pediu proteção para sua família à CIA depois de ter sido comunicado da exigência por uma agência ou pessoa chamada Califa. Não sabemos qual o teor do pedido, mas é significativo que Khalid tenha declarado que não apoiaria um aumento do óleo cru na próxima reunião da OPEP; ao contrário, pressionaria para uma redução de cinco por cento no preço do barril.

— Califa deve estar pensando que foi atendido novamente...

— Tudo leva a crer que sim. E como aconteceu com suas exigências ao governo da África do Sul, tem-se a impressão de que seu objetivo final é nobre, ainda que os métodos que ele utiliza sejam não-convencionais, para dizer o mínimo.

— Para dizer do mínimo do mínimo — replicou Peter, lembrando o estado febril em que encontrara Melissa-Jane.

— Parece não haver dúvidas de que Califa existe...

— Não só existe, como cresce!

— Vivo e bem instalado numa bela casa de subúrbio — interveio Colin, acendendo um charuto. — Ele deu certo em Joanesburgo. Está dando certo em Riad. Para onde ele vai agora? Pode ser para a Federação dos Empresários da Alemanha Ocidental; para os sindicatos trabalhistas ingleses... Qualquer grupo suficientemente poderoso para afetar o destino das nações, e pequeno a ponto de ser aterrorizado individualmente.

— É esse o caminho para dirigir o destino do mundo inteiro, porque não se pode vigiar todas as pessoas que tomam decisões — acrescentou Peter. — E não há como argumentar contra porque os dois primeiros alvos foram a África do Sul e o monopólio do petróleo, de modo que os resultados a longo prazo seriam benéficos para a humanidade.

Seu alvo final certamente será o processo democrático em si mesmo. Para mim, Califa vê a si próprio como um deus, como um tirano paternalista cujo objetivo é curar as doenças do mundo com uma cirurgia radical e manter a saúde por ilimitados exercícios de força e medo.

Nervoso demais para permanecer sentado, Peter levantou-se e foi até a janela, parando ali numa postura militar, calcanhares juntos e mãos cruzadas nas costas. A paisagem era insípida: uma cerca alta de arame farpado, parte do campo de pouso e do muro do hangar mais próximo. Uma sentinela do Thor caminhava na frente dos portões usando um capacete branco com a sigla MP. Peter observava-o sem o menor interesse enquanto, atrás dele, os dois homens à mesa trocavam um olhar significativo. Colin Noble foi quem quebrou o silêncio.

— Muito bem, Peter. Momentos atrás você me pedia evidências. Vou lhe dar algumas. Primeiro.

Durante o período em que Gilly OShaughnessy manteve Melissa-Jane em Laragh, foram feitas duas chamadas telefônicas de Old Manse. Ambas internacionais, e ficaram registradas na central telefônica local. A primeira ligação ocorreu às sete da noite no dia primeiro deste mês. Teoricamente, o dia em que ele chegou ao esconderijo. Era uma espécie de "Está tudo bem" ao gerente de cima. A segunda chamada ocorreu sete dias mais tarde, também às sete em ponto do horário local. Para o mesmo número.

Temos de supor que era outro relatório do tipo "Tudo continua bem".

Ambas as chamadas tiveram menos de um minuto de duração. Apenas o suficiente para passar uma mensagem em código pré-combinada. — Depois de uma pausa, Colin continuou:

— Essas chamadas foram dirigidas para um número francês. Rambouillet 47-8747.

Peter sentiu um frio no estômago. Ele discara para aquele telefone tantas vezes que os números estavam gravados em sua memória.

— Não! Eu não acredito nisso!

— Pois é verdade, Peter — disse Parker num tom educado.

Enquanto Peter voltava para sua cadeira, com as pernas trêmulas como se fossem de borracha, a sala permanecia no mais completo silêncio. Nenhum dos seus dois interlocutores dirigiu-lhe o olhar.

Passados alguns minutos, Kingston Parker pegou a pasta vermelha que Colin lhe passara e abriu-a sobre a superfície da mesa. Folheou rapidamente os papéis. Ele era adepto da leitura dinâmica e capaz de assimilar uma página batida em espaço dois com um simples olhar. Agora, porém, estava apenas esperando que Peter se recuperasse do choque. Ele conhecia o conteúdo da pasta quase de cor.

Acomodado na cadeira de estrutura metálica com assento de madeira, Peter tinha os olhos fixos no mural da parede onde se colocavam os avisos do Thor. Não conseguia livrar-se da sensação de derrota. O alcance da traição que sofrera ultrapassava qualquer expectativa pessimista. E pensar que nos últimos dias não lhe saíra da cabeça a imagem do corpo macio, de seios pequenos, semicobertos pelos sedosos cabelos negros...

Dali a pouco, Kingston Parker reconheceu que chegara o momento de pôr as cartas na mesa. Virou a pasta na direção dele. A capa informava que o material ali contido era considerado estritamente sigiloso pelo Comando Atlas. E tinha o seguinte título:

ALTMANN, MAGDA IRENE. Nascida KUTCHINSKY.

Peter não sabia que o segundo nome dela era Irene. Magda Irene... Dois

nomes inexpressivos, não fosse pela mulher que os usava. Parker começou a falar num tom calmo e comedido: — Quando nos encontramos pela última vez, comentei que tínhamos interesse nessa senhora. Interesse que se tornou mais forte a cada nova informação que obtivemos sobre ela. Colin foi muito bem-sucedido em conseguir a cooperação das agências de informação de nossos dois países, que por sua vez foram capazes de garantir a dos franceses e, acredite se quiser, dos russos. Entre os quatro países acabamos por montar a história da mulher... — Com um suspiro de admiração, ele continuou:

— Uma mulher magnífica, realmente inacreditável. Não me surpreende que seja capaz de enfeitiçar os homens que escolhe. Compreendo o seu infortúnio, Peter. Vou ser direto, talvez até grosseiro, porque não temos tempo nem espaço para fazer rodeios sobre os seus sentimentos pessoais.

Ela o colocou na posição de amante. Percebe a diferença? A baronesa Altmann arranja amantes, não o contrário. E sempre visando algum objetivo. Não tenho dúvidas de que, depois de tomar a decisão, ela faz o resto com êxito e com classe.

Peter lembrou-se da primeira vez em que tinham feito amor, quando ela se aproximara da cama dizendo sentir-se insegura... De fato, uma declaração feita com classe, com palavras escolhidas para se tornarem irresistíveis. Em seguida, a doce mentira da entrega total...

— Sabe por quê, Peter? Porque ela domina todas as técnicas da arte do amor. Poucas mulheres no Ocidente sabem como entender um homem, e então agradá-lo. As técnicas da baronesa não foram aprendidas em Paris, Londres ou Nova York... Bem, tudo isso pode ser puro blablablá, meros boatos. Você, que está numa posição melhor, quer esclarecer o quanto há de falso nisso?

A máxima habilidade para agradar um homem consiste em alimentar as crenças que ele tem em se mesmo, pensou Peter, enquanto respondia ao olhar inquisitivo de Parker com uma expressão neutra. Com Magda Altmann, ele se sentia como um gigante, capaz de tudo. Ela conseguia isso apenas com uma palavra, um sorriso, um presente, um toque.

— Continue, por favor, Kingston. — Por fora, Peter parecia completamente sob controle, a mão direita apoiada na mesa, com os dedos meio abertos, relaxados.

— Desde criança ela demonstrava talentos especiais. Em línguas, matemática, um dos hobbies de seu pai, xadrez e outros jogos. Ela atraía a atenção. Sobretudo porque seu pai era membro do Partido Comunista... Queira me desculpar, Peter, mas não tínhamos essa informação em nosso último encontro. Soubemos através dos franceses, que têm acesso aos arquivos do partido em Paris, e foi confirmado pelos próprios russos. A garota costumava acompanhar o pai às reuniões do partido, mostrando consciência política e entendimento precoces. A maior parte dos amigos

do seu pai era membro do partido.

Ainda existe mistério em torno da morte do velho professor. Nem os franceses nem os russos têm dados conclusivos. De qualquer forma, depois de sua morte, Magda Kutchinsky foi cuidada por esses amigos. Parece que passou por várias famílias nesse período.

Kingston Parker tirou uma fotografia de um envelope cor de mármore e estendeu-a para Peter.

Pouco maior que um cartão-postal, a foto mostrava uma garota magra, de short curto e meias escuras, usando um colar amarelo e um chapéu de palha típico dos escolares franceses, embaixo do qual apareciam duas tranças pequenas, amarradas com fitas. Ela sustentava um cachorrinho branco nos braços, tendo ao fundo uma vista parisiense de verão, com um grupo de homens jogando bola e algumas nogueiras cheias de folhas. A garota tinha traços delicados, olhos grandes e bonitos, talvez muito perspicazes para alguém da sua idade, mas mesmo assim com o toque inocente da infância.

— Você pode ver que ela já tinha todas as marcas de uma beleza espetacular — resmungou Kingston Parker, estendendo a mão para pegar a fotografia. Num gesto instintivo, que refletia seu desejo de ficar com a foto, Peter apertou-a entre os dedos por alguns segundos, antes de devolvê-la. — Sim, a menina despertava o interesse de muita gente. Tanto que apareceu um tio que lhe escreveu mandando fotos dos pais que ela não conhecia, contando anedotas de sua infância e da juventude do seu pai. A criança ficou encantada. Ela nem sabia da existência desse tio, e muito menos que ainda podia contar com uma família. Após algumas cartas cheias de afeição, tudo se arrumou.

O tio foi buscá-la pessoalmente, levando-a de volta à Polónia.

— Isso explica os anos que faltavam... — murmurou Peter, num tom afirmativo, quando sua intenção era fazer uma pergunta. — Aposto como vocês conseguiram esses dados com os russos. O que acho estranho é que eles tenham passado informações tão valiosas, com tanta facilidade.

— Eles tinham boas razões neste caso. Algo que só descobrimos ao esclarecer os detalhes da história.

— E então?

— A garota voltou com o tio para Varsóvia. E ocorreu uma estranha reunião de família. Não sabemos se de sua própria família ou de uma outra arranjada para a ocasião.

De qualquer forma, o tio anunciou que se ela se submetesse a um exame, teria chance de ganhar uma bolsa de estudos em um colégio de elite na União Soviética. Parece que ela passou no exame com excelente aproveitamento e seus novos tutores se congratularam com sua descoberta... O colégio fica às margens do

mar Negro, próximo a Odessa. Não tem o nome nem a tradição de uma velha escola. Mas a seleção é rigorosa e somente os mais brilhantes e talentosos obtêm matrícula. Ali eles aprendem que fazem parte de uma elite e recebem instrução específica, segundo suas próprias aptidões. No caso de Magda, línguas e política, finanças e matemática. Aos dezessete anos ela graduou-se com louvor. E então recebeu treinamento em técnicas especiais de memorização; sua mente privilegiada ficou afiada como uma navalha. Sabemos que um dos exercícios era ver uma lista de uma centena de itens diversos por sessenta segundos. A lista devia ser repetida de memória, na ordem correta, vinte e quatro horas depois. — Parker balançou a cabeça fazendo um gesto de admiração. — Ao mesmo tempo ela foi educada para comportar-se adequadamente nos estratos superiores do jet-set internacional. Trajes, hábitos alimentares, bebidas, cosméticos, maneiras, música popular e literatura, cinema, teatro, política, procedimentos comerciais, operações de suprimentos, mercado de bens, assim como habilidades mundanas de uma secretária, dança moderna, a arte do amor e de satisfazer os homens; isto e muito mais, tudo ensinado por especialistas; voar, esquiar, manejar armas, os rudimentos de engenharia eletrônica e mecânica e outras habilidades que um agente de primeira linha deve conhecer. Ela foi a estrela do curso e emergiu dele com as características da mulher que você conheceu. Inteligente, perspicaz, motivada... e mortal.

Aos dezenove anos ela sabia mais, era mais capaz que a maior parte dos homens ou mulheres com o dobro da idade. A agente perfeita, exceto por um pequeno deslize, que só apareceu mais tarde. Ela era inteligente demais e ambiciosa na mesma medida. — Kingston Parker sorriu pela primeira vez em vinte minutos. — Isso certamente é um sinónimo de cobiça. Coisa que os tutores não detectaram nela, porque talvez estivesse latente.

Afinal, ela não fora exposta diretamente às atrações da riqueza, nem do poder ilimitado.

Parker fez uma longa pausa, como se estivesse meditando sobre alguma verdade profunda que fosse revelar. Em seguida, baixou a voz e comentou:

— A cobiça da riqueza, isolada, é típica de mentalidades estreitas. Somente uma inteligência superior aspira pelo poder...

Peter fez menção de protestar, mas ele continuou:

— Calma, não estou falando do poder limitado ao controle do ambiente de cada um, o simples poder de vida e morte sobre algumas milhares de pessoas; estou me referindo ao poder que muda o destino das nações, o poder de César e Napoleão, o poder do presidente dos Estados Unidos. Essa sim, é uma grande cobiça. Uma magnífica e nobre ambição. Bem, me desculpe pela divagação... Que tal se tomarmos um café agora?

O coronel Colin Noble apressou-se em ir até a cafeteira elétrica a um dos

cantos da sala.

Aproveitando aquele momento de descontração, Peter reviu mentalmente tudo o que acabara de ouvir, procurando os pontos frágeis da história. Não havia nenhum. Por outro lado, lembrava-se dos beijos daquela mulher, do toque de suas mãos, de seu corpo maravilhoso. Sentia uma pontada de dor no peito e na virilha enquanto se dava conta de que fora acossado como um cervo ferido, espicaçado até o mais fundo de seu ser. Será que aquelas habilidades poderiam ser ensinadas? E por quem? Visualizou a sala de aula localizada nas colinas próximas ao mar Negro, onde o corpo esguio e meigo realizava as tarefas, aprendendo a amar como se estivesse numa aula de culinária ou de manuseio de armas.

Kingston Parker pegou sua xícara de café e mexeu o açúcar enquanto dizia:

— Quando ela chegou a Paris, a cidade caiu a seus pés. Foi um grande sucesso. — E tirou da pasta uma série de fotos: Magda dançando no palco do Elysée Palace; saindo de uma limosine RollsRoyce ao lado do MaxinVs da Rue Royale; esquiando, cavalgando, bela, sorridente, sempre ao lado de homens ricos, elegantes, de ótima aparência.

— Da outra vez eu tinha falado sobre oito ligações sexuais. — Kingston Parker usou novamente aquela irritante expressão. — Fomos obrigados a rever essa cifra. O interesse dos franceses nessas coisas elevou a lista. Olhe aqui as fotos: Pierre Hammond, ministro da Defesa. Mark Vicent, chefe da missão do consulado americano...

— Sim — cortou Peter, com uma fascinação doentia ao ver os rostos daqueles homens. Na verdade, ele os havia imaginado antes.

— Seus tutores devem ter ficado radiantes, como você pode imaginar. Com um agente masculino, às vezes se necessita esperar uma década ou mais até que ele consolide seus contatos do sistema. Mas uma jovem bonita tem seu valor redobrado quando esses acessos são facilitados. Magda Kutchinsky apresentou resultados imediatos. Não conhecemos a extensão exata de suas contribuições, talvez os russos não tenham contado tudo, mas acredito que foi por essa época que se deram conta de seu verdadeiro potencial. Ela possuía o toque mágico, embora sua beleza e juventude não fossem durar para sempre. — Kingston Parker deixou a xícara de lado antes de prosseguir:

— Não sabemos se Aaron Altmann foi uma escolha consciente dos seus tutores. Parece que sim.

Afinal de contas, era um dos homens mais ricos e poderosos da Europa Ocidental, aquele que controlava a maior parte da produção de aço e equipamentos pesados, um complexo de armamentos, eletrônica e uma série de indústrias secundárias.

Viúvo, sem filhos, e, pelas leis francesas, sua mulher poderia herdar todos os

bens. Travava uma batalha perdida contra o câncer, era sionista e um dos mais confiáveis e influentes membros do Mossad. Um achado, um verdadeiro achado... Imagine alguém capaz de solapar um homem desses, alguém capaz de dobrá-lo. Seria um sonho irrealizável!

46

Nem a mais bela sereia da História esperaria dobrar um homem como Aaron Altmann. Ele tinha a força e a coragem de um leão, até que o câncer o consumiu. Alguém, seja o diretor da NKVD em Moscou, ou o controlador de Magda Kutchinsky na embaixada russa em Paris, que era, casualmente, o comissário-chefe da NKVD para a Europa Ocidental, ou a própria Magda, apanhou Aaron Altmann. Em dois anos tornou-se indispensável a ele. Mas era suficientemente sagaz para não usar seu charme sexual... ainda. Altmann poderia ter a mulher que quisesse, como sempre teve. Aliás, por causa de seu furor sexual foi que ficou impossibilitado de ter filhos. Cometeu um deslize na juventude, que resultou numa doença venérea que, apesar de ter sido curada, deixou um dano irreversível. Por isso ele nunca conseguiu um herdeiro. Era um homem que teria se divertido com ela e a descartado assim que se cansasse, caso Magda fosse imatura a ponto de ceder logo no início. Antes, ela ganhou seu respeito e admiração. Com certeza era a primeira mulher cuja força e a determinação emparelhavam-se com a sua... Kingston Parker selecionou outra fotografia, que passou através da mesa para Peter. Retratava, em preto e branco, um homem forte, com uma expressão dura e confiante. Como muitos conquistadores incorrigíveis, era calvo, com exceção das têmporas.

Os olhos e a boca, embora sóbrios, pareciam facilmente vulneráveis ao riso. "O retrato do Poder", pensou Peter.

— Quando, afinal, Magda tornou-se disponível para ele, deve ter sido uma verdadeira descarga elétrica — continuou Kingston Parker, sem disfarçar uma certa fascinação pelo passado amoroso da baronesa. — Esse homem e essa mulher tinham tudo para combinar. Duas pessoas realmente superiores, únicos talvez entre cem milhões. E curioso especular sobre o que seria um filho desse casal. — Deu um risinho. — Provavelmente teria sido um idiota mongolóide. A vida é assim!

Peter mostrou-se irritado com aquele comentário, porém Parker logo modificou a ênfase de seu relato.

— Com o casamento dos dois, a NKVD infiltrou-se no centro da indústria ocidental. A Narmco, o complexo de armamentos de Altmann, era quem fabricava mísseis altamente secretos para os americanos, britânicos e franceses da OTAN. A baronesa fazia parte da diretoria, de fato era presidente adjunto da empresa. Cópias

dos armamentos devem ter sido passadas, não por folhas de papel, mas por carregamento de caminhões! Todas as noites, os líderes e homens de decisão do mundo ocidental sentavam-se à mesa da baronesa e bebiam de seu champanhe. Cada conversa, cada nuance e indiscrição era gravada por sua memória excepcional. E, à medida que o barão definhava, mais e mais confiava nela. Não sabemos com precisão quando lhe confidenciou sobre suas atividades no Mossad; porém, quando isso aconteceu, os russos viram seus esforços compensados. Pois, de fato, haviam dobrado o barão Aaron Altmann, controlavam seu braço direito e seu coração, uma vez que ele estava prisioneiro dos encantos da mulher. Eles esperavam herdar boa parte da indústria pesada da Europa Ocidental. Tudo caminhava as mil maravilhas, até que uma falha no caráter da baronesa veio à superfície. Imagino a surpresa dos russos quando detectaram os primeiros sinais de que Magda Altmann estava trabalhando apenas para si mesma. Ela era muito mais brilhante do que qualquer pessoa que a controlasse por essa época, e tinha experimentado o sabor do poder. Deve ter sido colossal a luta entre os desejos dos patrões fantoches e a bonita marionete que de repente adquire vida e ambição próprias. O que ela pretendia era apenas ser a mais rica e poderosa mulher desde Catarina da Rússia. Todos os predados estavam ao alcance de suas belas mãos, exceto...

Como um animador de auditório, Kingston Parker sabia exatamente onde parar a narrativa para criar suspense em sua audiência. Serviu-se de outra xícara de café, no que foi acompanhado por Colin e Peter. Bebericou um gole, para só então continuar:

— Havia um problema com seus patrões russos. Eles ameaçavam expô-la. Seria um golpe perfeito.

Um homem como Aaron Altmann agiria como um touro bravo se descobrisse que fora enganado. Com toda certeza se livraria dela imediatamente. O divórcio é difícil na França, mas não para alguém importante como o barão. Sem a proteção dele, Magda perderia todo o seu valor. E sem o império Altmann, seus sonhos de poder desapareceriam como uma baforada de fumaça. Era uma séria ameaça para qualquer pessoa; só que eles não estavam lidando com uma pessoa comum.

Parker fez uma pausa, desta vez para dirigir-se especificamente a Peter, com um sorriso matreiro nos lábios.

— Acho que já falei demais. Vou lhe dar uma chance agora, Peter. Você a conhece um pouco, e ouviu bastante sobre ela nessa última hora. Você é capaz de adivinhar o que ela fez?

Peter fez menção de negar, quando de repente uma ideia inquietante assomou-lhe à mente. Seus olhos se arregalaram enquanto fitavam Parker.

— Desconfio que você adivinhou. Tudo indica que àquela altura ela já estivesse totalmente impaciente. O barão estava demorando para morrer.

— Meu Deus, que coisa horrível! — exclamou Peter.

— Apenas de certa forma... Se você olhar o caso como uma partida de xadrez, e considerar que ela é uma jogadora ao nível de um grande mestre, foi um golpe brilhante.

Ela providenciou tudo para que o barão fosse sequestrado. Existem testemunhas que afirmam que ela insistiu para que ele a acompanhasse naquele dia. Ele se sentia mal, não queria ir navegar, porém ela o convenceu de que o sol e o ar fresco lhe fariam bem. Ele nunca levava os guardacostas quando saía para navegar. Estavam apenas os dois. Uma lancha veloz espreitava-os da margem. Você conhece os detalhes?

— Não.

— A lancha abordou o iate, os homens pegaram o barão e o levaram consigo, deixando a baronesa.

Uma hora depois a guarda costeira recebia uma mensagem de rádio. Foram até o iate e a encontraram estendida no convés. Os sequestradores tomaram todas as medidas para que ela sobrevivesse.

— Eles precisavam de uma esposa aflita com quem barganhar — sugeriu Peter.

— Claro, e ela fez o jogo da mulher desesperada com toda a perfeição. Quando chegou o pedido de resgate, ela forçou a diretoria das Indústrias Altmann a fornecer os vinte e cinco milhões de dólares. Ela levou o dinheiro pessoalmente... sozinha.

— Ela não necessitava do dinheiro.

— Ora, claro que precisava! O barão não estava caduco. Suas mãos continuavam firmes nas rédeas e na chave do cofre. Magda tinha mais do que o suficiente para viver bem: casacos de pele, jóias, empregados, roupas, carros, barcos, e dinheiro vivo, cerca de duzentos mil dólares anuais, que recebia como salário das Indústrias Altmann.

Uma esposa qualquer estaria muito contente, porém não era o caso. Há indícios de que ela já pretendia realizar seus planos de poder, e isso exigia dinheiro, não milhares, mas milhões. Vinte e cinco milhões seria um bom começo antes que pudesse pôr as mãos no grande bolo. Ela levou o dinheiro, em notas de mil francos suíços, sozinha, até um campo de pouso abandonado, onde apareceu um avião que o carregou para a Suíça.

Um serviço muito bem feito.

— Mas... mas o barão foi mutilado. Ela não poderia...

— Morto é morto, a mutilação pode ter servido para algum propósito obscuro. Não se esqueça de que estamos tratando com uma mente oriental, sanguinária, corrompida; outra hipótese seria a de afastar qualquer suspeita contra

ela, justamente como você fez agora para protegê-la.

Peter não tinha o que objetar. A mente capaz de planejar aquele crime hediondo não tropeçaria em minúcias da execução.

— Bem, vamos recapitular suas conquistas nesse estágio. Livrara-se do barão e das restrições que ele lhe fazia. Um exemplo dessas restrições, que mais tarde serão significativas, era sua forte oposição a que a Narmco vendesse armamentos ao governo sul-africano.

O barão, como todo homem de negócios, via o país como um mercado lucrativo. Além de que, os sul-africanos simpatizavam com o sionismo. Ele desprezou os argumentos dela e continuou a fornecer aviões, mísseis e armamentos leves ao país, até que uma resolução da ONU determinou o embargo total de armas, com a ratificação da França. Lembre-se da atitude anti-África do Sul da baronesa. Voltaremos a isso mais tarde. Assim, ela estava livre do barão, livre do controle russo e podendo manter um pequeno exército para proteger-se. Até seus antigos patrões russos hesitariam numa vingança contra ela. Era uma das mais importantes personalidades francesas. Tinha guardado um significativo capital de giro, vinte e cinco milhões, dos quais não precisaria prestar contas a ninguém. E conquistara uma sólida posição de poder nas Indústrias Altmann. Embora ainda sofresse certas restrições do restante da diretoria, já tinha acesso aos serviços de coleta de informações, para usar em benefício próprio. Gozava do respeito e da simpatia do governo francês e, como um benefício adicional, um limitado porém importante acesso ao serviço de informação oficial. E havia também a conexão com o Mossad, por sua posição de herdeira de Aaron Altmann...

Peter lembrou-se de Magda falando sobre suas "fontes" sem jamais identificá-las. Ela seria capaz de usar os serviços secretos da França e de Israel para seus interesses particulares? Parecia impossível. Só que, quando se tratava de Magda Altmann, não havia limites para a imaginação. Realmente, não era uma pessoa comum...

— Veio então o período de consolidação — continuou Parker. — O tempo em que ela segurou as rédeas que a morte de Aaron deixara soltas. Houve uma série de mudanças no comando das Indústrias Altmann, com a substituição de todos aqueles que poderiam opor-se a ela. Depois de colocar o império nos eixos, surgiu sua primeira tentativa de governar e prescrever o destino das nações. Ela escolheu o país que mais contrariava o modelo do novo mundo que estava querendo construir. Mas não descobrimos o que a fez adotar o nome de Califa...

— Você deve estar errado — murmurou Peter, apertando os olhos com o polegar e o indicador. — Você não a conhece.

— Não acho que alguém a conheça realmente, Peter. Talvez a gente tenha avançado demais. Quer voltar atrás e fazer alguma pergunta?

— Não, está tudo bem. Continue.

— Uma das lições mais importantes que a baronesa Altmann aprendeu foi quanto à facilidade com que a força e a violência podem ser usadas, e seu tremendo efeito e rentabilidade. Com essa lição na memória, fez seu ato de estreia como dirigente da raça humana, numa escolha ditada por convicções políticas anteriores, adquiridas do pai e das reuniões do Partido Comunista que frequentava como uma garota precoce em Paris. Há quem pense que essa escolha foi reforçada pelos interesses da corporação bancária de Altmann na venda de ouro da África do Sul. Mas a essa altura a baronesa já tinha temperado suas inclinações socialistas e comunistas com uma grande quantidade de riqueza capitalista. Podemos apenas supor que, se o propósito de conseguir quarenta toneladas de ouro e formar uma espécie de governo clandestino no exílio tivesse tido sucesso, não levaria muito tempo para Califa assumir o controle tanto do governo como do ouro. — Após uma pequena pausa, Parker retomou a palavra. — Se não podemos avaliar exatamente a grandiosidade desses planos, podemos afirmar que Califa, ou a baronesa, recrutou a equipe para executá-lo com a habilidade que sempre demonstra em tudo o que faz. Todos nós nos lembramos bem da tomada do voo 070; não preciso entrar em detalhes. Quero só frisar que o plano de fato tinha dado certo, até que Peter tomou uma iniciativa intempestiva que acabou com tudo. Mas tinha dado certo, e isso era o mais importante. Califa poderia até festejar o fato. Suas informações foram impecáveis, ela escolhera as pessoas certas para o trabalho e sabia inclusive o nome do oficial que comandaria a força antiterrorista que seria enviada para intervir. Sua análise psicológica também funcionou sem nenhuma falha. A execução dos quatro reféns chocou e entorpeceu de tal forma os adversários da capitulação, que eles ficaram impotentes. A taça foi arrancada de seus lábios por um único homem.

Inevitavelmente, seu interesse por esse homem foi despertado. Ela reconheceu nele qualidades que poderiam ser voltadas para seus propósitos. Porque ela possui a capacidade de descobrir o material para a vitória futura, até mesmo na poeira do desastre...

Parker mudou de posição na cadeira, depois encheu outra vez o cachimbo. Tirou uma baforada e então voltou à carga: — Espero não ser imodesto ao me incluir agora na história. Eu suspeitava que alguma coisa chamada Califa existia. De fato, o sequestro do 070 talvez não tenha sido seu primeiro ato após o assassinato de Aaron Altmann. Dois outros sequestros bem-sucedidos tiveram o mesmo estilo; um dos quais, envolvendo os membros da OPEP em Viena. Fui advertido e fiquei esperando que Califa aparecesse à superfície. Eu teria adorado a oportunidade de interrogar uma das sequestradoras...

— Elas não teriam nada para dizer — interrompeu Peter bruscamente. — Eram meros brinquedos, como o médico que capturamos na Irlanda.

— Talvez você esteja certo, Peter. Mas naquela época acreditei que nosso único fio condutor para Califa tinha sido cortado. Mais tarde, quando a coisa estava feita e me recuperei do choque, ocorre-me que o fio condutor continuava lá, mais forte do que nunca.

Era você o fio condutor, Peter. Por isso recomendei que sua renúncia fosse aceita. Se você não tivesse renunciado, eu o teria forçado de qualquer forma. Mas você se comportou esplendidamente renunciando... Eu nunca tive oportunidade de agradecer-lhe por isso.

— Não toque mais nesse assunto. Gosto de estar a serviço.

— E você está. Quase imediatamente depois que você entrou em "folga", a baronesa começou a aproximação. Primeiro coletou todos os fatos conhecidos a seu respeito.

Não se sabe como, colocou até um computador para trabalhar sobre você. Isso é fato. Uma pesquisa não-autorizada foi feita na memória do computador da CIA quatro dias após sua renúncia. Ela deve ter gostado do que conseguiu, pois em seguida a Narmco lhe fez uma oferta, pelos canais convencionais. Sua recusa deve ter aumentado o interesse da baronesa, que usou suas influências para ser convidada para o encontro na casa de campo de sir Steven. — Parker deu um risinho. — Pobre Peter, você estava desprevenido nas garras de uma das conquistadoras mais perigosas da História. Pelo que sei sobre a figura, sua aproximação de você foi cuidadosamente estudada pelas informações que tinha a seu respeito. Ela sabia inclusive que tipo de mulher o atraía. Por sorte, ela preenchia os requisitos físicos.

— O quê? Como assim? — perguntou Peter, surpreso.

— Alta, esguia e morena. Pense nisso. Todas as suas mulheres foram assim.

Peter, que nunca se dera ao trabalho de pensar em qual era seu tipo preferido, foi obrigado a reconhecer a verdade no que acabara de ouvir.

— Você é um filho da mãe de sangue frio, Kingston. Alguém já lhe disse isso?

— Frequentemente. Mas, comparado com a baronesa Altmann, eu sou um Papai Noel. Ela queria descobrir o que nós do Atlas sabíamos a seu respeito. Devia estar ciente de que suspeitávamos dela e, através de você, conseguiu uma infiltração. Evidentemente seu valor caíria com rapidez à medida que você se desgastasse com o Thor, mas ainda assim poderia ser usado de diferentes formas, inclusive facilitando negócios para a Narmco. Todas as suas expectativas foram preenchidas e excedidas. Você chegou até a impedir uma tentativa de assassinato dela...

— Não quer me explicar isso? — indagou Peter, curioso.

— A caminho de Rambouillet, naquela noite. Trata-se de uma suposição, é claro, mas muito bem fundamentada. Os russos estavam ansiosos por revanche. Eles

também suspeitavam de seu papel de Califa. E optaram pelo extermínio sumário de sua ex-agente. Ou financiaram ou organizaram a tentativa de assassinato, ou no mínimo avisaram o Mossad que ela era responsável pela morte de Aaron Altmann. Tendo a acreditar que eles próprios contrataram os assassinos, porque a Mossad normalmente faz sozinha esse tipo de trabalho. De qualquer forma, alguém montou uma cilada no caminho de Rambouillet e você caiu nela. Sei que você não gosta de coincidências, mas acho que foi mera coincidência você estar dirigindo o carro da baronesa naquela noite.

— Está bem — murmurou Peter. — Se eu engolir o resto do sapo, esses pequenos farelos descem goela abaixo facilmente.

— O atentado alarmou a baronesa. Ela não sabia ao certo quem era o autor. Deve ter pensado que foi o Atlas, ou que no mínimo tínhamos algo a ver com isso. Pouco depois, você acabou confirmando-lhe nosso interesse nela, e nosso conhecimento de que Califa existia. Na volta de sua viagem aos Estados Unidos, você contou-lhe o caso, de certa forma respaldando as desconfianças dela em relação ao Atlas e Kingston Parker. É outra suposição, mas até que ponto estou próximo, Peter? Seja honesto.

Peter encarou-o, tentando manter o rosto sem expressão. Porém nada disse.

— Todos nós estamos caçando Califa. Você não viu nenhuma deslealdade em discutir o assunto com ela — sugeriu Parker delicadamente. — Você acreditava que tínhamos objetivos comuns. Pensava que todos estávamos caçando Califa, não é verdade?

— Ela soube que eu estive nos Estados Unidos para vê-lo antes que eu lhe dissesse. Não sei como, mas sabia — declarou Peter, sentindo-se um traidor.

— Entendo. — Parker deu a volta na mesa e pôs a mão no ombro dele, enquanto o olhava nos olhos, numa demonstração de confiança. — Ela sabia quem era o caçador, e tinha informações suficientes sobre mim para me considerar perigoso. Você devia ser o único homem no mundo capaz de ter acesso a mim e fazer o serviço; porém, precisava ser motivado. Ela descobriu a forma de motivá-lo. Pegou o alvo infalível, do mesmo modo como fez todas as outras coisas. De um só golpe ela teria eliminado o caçador e conseguido um assassino de alta classe. Depois de fazer o serviço, você pertenceria a Califa para sempre. Seria usado para matar mais e mais, e cada vez que eliminasse alguém, estaria mais enroscado na rede. Você era um prêmio muito valioso, Peter. Tão valioso que ela não hesitou em usar seus estratagemas sexuais sobre você. — Percebendo que os músculos de Peter se retesavam, ele completou: — Você é um homem atraente, e quem melhor do que ela sabe como combinar prazer com negócios? É uma mulher com apetites sexuais bem desenvolvidos.

Peter teve ímpetos de dar-lhe um soco na cara. Precisava de uma saída para

sua ira. Sentia-se menosprezado, arrasado, usado.

— A baronesa sabia muito bem que o sexo seria insuficiente para forçá-lo a cometer assassinatos. Por isso pegou sua filha e mutilou, da mesma forma que em Joanesburgo executou reféns sem hesitação. O mundo precisava aprender a temer Califa. Tanto que, se você não entregasse minha cabeça no prazo, com toda certeza ela não vacilaria em fazer a próxima mutilação, e a seguinte.

Peter foi tomado por uma onda de náusea ao lembrar-se da aterrorizante falangeta com a unha vermelha flutuando no pequeno vidro.

Fomos salvos desta por um lance de sorte. O informante irlandês. E novamente pela compreensível ânsia dos russos em colaborar conosco. Foi a chance que tiveram de passar um problema deles para as nossas mãos. Eles nos permitiram o acesso a quase todos os dados sobre a história da baronesa.

— E o que vamos fazer com isso? — perguntou Colin Noble.

— Estamos de mãos atadas. Devemos ficar esperando pela próxima atrocidade, e por outro golpe de sorte quando Califa matar um príncipe árabe?

— É o que acontecerá, a menos que os árabes pressionem a OPEP — declarou Parker. — A mulher converteu-se ao capitalismo agora que é dona da metade da indústria europeia. Uma redução do preço do petróleo lhe traria mais lucro que a qualquer outro indivíduo da terra; ao mesmo tempo, beneficiaria quase toda a humanidade.

Reúne o útil ao agradável, porque se ajusta aos seus interesses políticos e pessoais.

— E se ela continuar desse jeito — insistiu Colin -, qual será seu próximo ato "divino"?

— Ninguém pode adivinhar...

Naquele instante, os dois se voltaram para encarar Peter Stride, que parecia ter envelhecido anos durante a última hora de discussão. Os cantos da boca, o cenho, estavam marcados por rugas de preocupação. Somente os olhos continuavam vívidos como o de um pássaro.

— Preste atenção no que vou dizer agora, Peter. Não lhe contei tudo isso para pressioná-lo — afirmou Parker num tom calmo. — Falei apenas o que achava necessário que você soubesse; para que se proteja caso decida retornar à toca do leão. Não lhe ordeno que faça isso. Os riscos não podem ser subestimados. Se fosse outra pessoa, eu diria que era suicídio. Entretanto, agora que você está advertido, acredito que é o único homem que pode conter Califa em seu próprio reduto. Por favor, não me entenda mal. Não estou sugerindo assassinato. Aliás, eu o proíbo expressamente de tomar essa direção. Não o permitirei, e se você agir por conta própria, farei o que estiver ao meu alcance para levá-lo às barras do tribunal. O que lhe peço é que fique próximo de Califa e tente sobrepujá-la. Tente expô-la, de forma

que possamos, legalmente, tirá-la de ação. Gostaria que você afastasse da mente todos os assuntos emocionais; os reféns de Joanesburgo, sua filha... trate de esquecê-los, Peter.

Lembre-se de que não somos juizes nem carrascos.

Com os olhos semicerrados, Peter fingia estar atento às palavras de Kingston Parker, embora seus pensamentos estivessem longe, girando como um carrossel, mas sempre retornando à mesma conclusão central.

Só havia uma forma de deter Califa. A ideia de tentar levar alguém como a baronesa Altmann a justiça, num tribunal francês, era risível. Peter esforçava-se para acreditar que a vingança não influenciava suas decisões, mas conhecia-se muito bem para não se enganar a esse respeito. Sim, a vingança era parte do pensamento, mas não era tudo. Ele executara a alemã Ingrid, depois Gilly OShaughnessy, e não lamentava o ocorrido. Se fora necessário que ambos morressem, então Califa merecia morrer mil vezes mais.

E havia apenas uma pessoa que poderia fazer isso...

47

SUA VOZ ERA PENETRANTE, leve e cálida, e ainda com aquele fascinante sotaque. Ele se lembrava muito bem disso... Mas se esquecera do efeito que lhe causava. Seu coração batia como se tivesse acabado de fazer uma longa corrida.

— Oh, Peter. É tão bom ouvir sua voz. Estive tão preocupada! Recebeu meu telegrama?

— Não, que telegrama?

— Quando soube que você libertou Melissa-Jane, mandei-lhe um telegrama de Roma.

— Não o recebi, mas não importa.

— Enviei via Narmco, para Bruxelas.

— Provavelmente está esperando por mim lá. Não estive em contato.

— Como está ela, Peter?

— Agora está bem. — Era difícil para ele chamá-la pelo nome, ou tratá-la de alguma forma carinhosa. Esperava que a tensão não se manifestasse em sua voz. — Mas vivemos momentos de verdadeiro inferno.

— Eu sei, eu entendo. Me senti impotente. Tentei tudo, por isso fiquei fora de contato, Peter chéri, e dia após dia não havia notícias.

— Agora tudo acabou.

— Não penso assim. De onde você está telefonando?

— Londres.

— Quando você volta?

— Telefonei para Bruxelas há cerca de uma hora. A Narmco me quer de volta. Vou tomar um avião agora à tarde.

— Peter, preciso de você. Estamos longe um do outro há tanto tempo, mas, mon Dieu, tenho que estar em Viena hoje à noite. Espere um pouco. Se mando o jato apanhá-lo agora, podemos nos encontrar, nem que seja por uma hora. Você pega o último voo de Orly para Bruxelas e eu irei a Viena com o jato. Por favor, Peter. Sinto tanta falta de você. Podemos ficar uma hora juntos.

48

ASSIM QUE O JATO da Narmco aterrissou, um dos subgerentes do aeroporto encontrou Peter e conduziu-o para uma das salas VIP acima da plataforma principal, onde Magda Altmann o esperava. Ela vestia um blazer de fina confecção, combinando com uma blusa cinza-pólvora. Movia-se com a graça de uma dançarina, parecendo flutuar sobre o piso carpetado. Peter sentiu-se pouco à vontade com a atenção que recebia daquela encarnação do mal, que o media de alto a baixo.

— Peter! O que fizeram com você? — Seus olhos demonstravam real preocupação. Ela aproximou-se e tocou-lhe o rosto.

O horror e a tensão dos últimos dias tinham-no deixado no limite da resistência física. Sua pele exibia um tom acinzentado e doentio, contrastando com a barba escura, recente, que encobria-lhe o queixo. Novas mechas prateadas brilhavam em suas têmporas. E os olhos fundos estavam marcados por olheiras.

— Oh, querido, querido — sussurrou ela, aproximando-se para beijá-lo.

Peter preparara-se cuidadosamente para aquele encontro, compreendendo a importância de não trair em nenhum momento suas descobertas recentes. Magda jamais poderia suspeitar que ele já sabia de tudo a seu respeito. Seria assinar a própria sentença de morte. Portanto, ele devia agir com absoluta naturalidade, apagando da mente a recordação de sua filha em estado febril, e fazer de conta que nada acontecera.

Encostou a boca na de Magda, concentrando-se na maciez e no sabor adocicado de seus lábios.

Disse a si mesmo que aquele corpo era bem-vindo e que ela estava derretendo-se por ele. Pensava que tinha atingido seu objetivo, quando ela desvencilhou-se levemente de seu abraço e recuou, mantendo apenas os quadris pressionados contra os dele. Magda estudou-lhe o rosto outra vez, agora talvez com maior atenção, e percebeu mudança em seus olhos. A chama desaparecia deles, deixando no lugar um brilho impiedoso, como uma cintilação em uma grande

esmeralda.

Ela vira algo... não, não havia nada para ver. Apenas sentira algo nele, uma nova postura.

Naturalmente, ela devia estar procurando alguma mudança. Na verdade, precisaria apenas de uma confirmação superficial, um trejeito expressivo da boca, maior prudência no olhar, a formalidade e a reserva do corpo — coisas que ele sempre se achara capaz de controlar.

— Fico tão satisfeita de ver você vestido de azul. — Magda tocou a lapela de seu paletó de cashmere. — Cai tão bem em você, querido!

Ele pusera aquela roupa pensando nela, isso era verdade; porém, havia alguma coisa estranha em suas maneiras, como se ela não estivesse sendo sincera, como se tentasse criar uma barreira entre os dois.

Magda conduziu-o à poltrona de couro próxima da janela. Um funcionário do aeroporto entregou-lhe um ramalhete de flores, tulipas amarelas, as primeiras florações da primavera, que ela passou para um dos secretários que a aguardavam a uma distância discreta.

Depois de dispensar o rapaz e os dois guarda-costas, seus lobos cinzentos, que ficaram longe o suficiente para não ouvirem a conversa, ela murmurou:

— Conte-me o que aconteceu, Peter.

Embora ainda o observasse com atenção, ela estava amigável e ouviu com interesse seu relato detalhado do sequestro de MelissaJane. Para Peter, era fundamental contar a verdade, desde que fosse necessário; como acontecia agora, uma vez que Magda certamente sabia de tudo. Mencionou a exigência de Califa pela vida de Kingston Parker e confessou que o teria liquidado. Ela apertou os próprios braços, estremecendo.

— Meu Deus, essa peste pode corromper até o mais forte e o melhor...

Peter contou-lhe sobre a denúncia anônima, sobre a libertação de MelissaJane. Deu detalhes a respeito do estado da filha, do terror e do dano psicológico que a garota sofrera, sempre atento aos olhos de Magda. A certa altura percebeu um leve crispamento das sobrancelhas... Ele não esperava, é claro, sentimentos de culpa.

Califa estaria muito além de uma emoção tão mundana. Mas havia algo estranho naqueles olhos, não exatamente compaixão.

— Precisei ficar com ela. Achei que seria melhor ela passar alguns dias comigo — Peter explicou.

— Foi bom você ter feito isso. — Magda olhou para seu relógio de pulso. — Puxa, temos tão pouco tempo! Vamos tomar uma taça de champanhe. Temos algo para comemorar.

Pelo menos MelissaJane está viva, e ela é jovem para se recuperar por completo.

Pediram ao garçom do bar um Dom Perignon e fizeram timentim, olhando-se nos olhos.

— É tão bom ver você, Peter. — Ela era uma excelente atriz, cujo tom de voz espontâneo e inocente provocou nele um instante de admiração, que Peter tratou de eliminar pensando que poderia matá-la ali mesmo. Sequer precisaria de uma arma para isso. Poderia usar as mãos, embora estivesse com o Cobra no coldre de camurça abaixo da axila esquerda. Se a matasse, os dois guardacostas do outro lado da sala reagiriam instantaneamente. Um poderia ser liquidado; o outro com certeza o pegaria. Eram homens bem preparados, que ele mesmo escolhera. Eles o pegariam.

— É uma pena que a gente não fique junto por mais tempo — retrucou Peter, ainda sorrindo.

— Oh, chéril Eu sei, eu também lamento. — Ela tocou-lhe o braço, o primeiro contato desde o abraço.

— Eu gostaria que fosse diferente. Há tantas coisas que precisamos fazer, que devemos perdoar um ao outro.

Talvez aquelas palavras tivessem um significado especial, a julgar pelo rápido lampejo em seus olhos verdes; quem sabe um pedido de desculpas? Ela bebericou o champanhe, depois deixou os cabelos encaracolados caírem sobre os olhos, protegendo-os de qualquer escrutínio.

— Espero que nunca tenhamos nada terrível para perdoar... Pela primeira vez Peter pensou no ato de matá-la. Antes, só o imaginara como algo clínico, acadêmico, evitando entrar em detalhes. Agora, visualizava o impacto da bala explosiva Vex na aquela pele macia. Repugnado, teve dúvidas de que seria capaz de fazer aquilo.

— Sim, Peter, espero que sim. Mais que qualquer outra coisa na vida, tenho esperança nisso. — Ela brincou com as mechas que lhe caíam ao redor do rosto, os olhos fixos nos dele, implorando (perdão?). Como se ele não fosse usar o revólver, como o faria, imaginou Peter. Ou será que suportaria a sensação de ossos e cartilagens quebrando-se sob seus dedos, enquanto sustentava a lâmina em sua barriga, vendo-a lutar como um merlim luta contra o gancho encurvado do arpão?

Naquele momento, o secretário atendeu o telefone do bar, na segunda chamada.

— Oui, oui. Daccord. — E pôs o fone no gancho. — Má Baronne, o avião foi reabastecido e está pronto para partir.

— Irei imediatamente. — Então virou-se para Peter. — Desculpe.

— Quando nos veremos de novo?

Ela deu de ombros, e uma sombra perpassou por seus olhos.

— É difícil dizer agora. Não estou certa, mas lhe telefono. Estou indo, Peter. Adieu, meu querido.

Quando Magda partiu, Peter foi até uma das janelas e ficou olhando a pista

do aeroporto. Era uma bonita tarde de primavera. As primeiras margaridas floresciam ao longo das margens gramadas das pistas de rolagem, como moedas de ouro espalhadas. Um bando de pássaros negros baixou ali, procurando e bicando insetos, alheios ao ruído do jato da Swissair que decolava.

Peter revia mentalmente cada segundo do encontro, tentando identificar e isolar o momento exato em que ela mudara, deixando de ser Magda Altmann e tornando-se Califa.

Agora já não havia dúvidas. Será que tinha havido antes, ou elas tinham sido forçadas por seu desejo de descobri-las?

Agora ele precisava concentrar-se no atentado. Seria difícil, muito mais difícil do que imaginara.

Em nenhum momento haviam ficado a sós — o tempo inteiro, os dois lobos cinzentos estiveram rondando por perto. Era mais um sinal de que ela estava alerta. Será que haveria oportunidade de um novo encontro, sem os guardacostas pelas imediações?

De repente, lembrou-se de que ela não dissera "Au revoir, meu querido", mas, em vez disso, "Adieu, meu querido". Seria algum aviso? Uma súbita insinuação de morte?

Afinal, se Califa suspeitasse dele, sua reação seria imediata. Então, ela o ameaçara, ou simplesmente o descartara, como Kingston Parker advertira que ela faria?

Peter não entendeu a desolação que o invadiu ao pensar que não voltaria a vê-la, exceto pela mira telescópica de uma arma. Enquanto olhava através da janela, deu-se conta de que sua carreira e sua vida começaram a desintegrar-se após ouvir pela primeira vez o nome Califa.

Naquele instante, a voz polida do subgerente do aeroporto interrompeu seus pensamentos.

— Começou o embarque para o voo da KLM para Bruxelas, general Stride.

Peter resmungou um agradecimento e pegou o paletó e a maleta de crocodilo que ganhara de presente da mulher que deveria matar.

49

HAVIA UM VOLUME tal de correspondências e negócios urgentes esperando na mesa de seu escritório, que Peter teve o pretexto para deixar de lado os planos de um ataque preventivo contra Califa.

Para sua surpresa, sentiu-se absolutamente à vontade diante do vaivém incessante do mercado, um verdadeiro corpo-a-corpo em busca de vantagens,

descontos, condições especiais. Era interessante ser forçado a elaborar novos argumentos contra pessoas que, por sua vez, sempre surpreendiam com lances de astúcia, de inteligência...

Foi então que ele começou a entender a fascinação que aquela atividade exercia sobre seu irmão Steven.

Três dias após sua volta ao escritório, a Força Aérea iraniana fez um pedido de cento e vinte mísseis Kestrel, mais de cento e cinquenta milhões de dólares! Isso dava uma sensação agradável. Que poderia crescer e tornar-se um vício...

Até então, Peter só vira o dinheiro como uma fonte de aborrecimentos, implicando tediosas sessões com gerentes de bancos, funcionários da receita federal e congêneres.

Tratava-se de um outro tipo de dinheiro. Espiando o mundo no qual Califa vivia, dava-se conta de que, depois de acostumar-se a manipular cifras fabulosas, qualquer um ficaria tentado a transformar em realidade seus sonhos de divindade.

Entendia, sim, mas não perdoava. E sete dias após seu regresso a Bruxelas, forçou-se a encarar o que realmente deveria fazer. Magda Altmann afastara-se dele; não tentara entrar em contato desde aquele rápido encontro de uma hora no aeroporto de Orly. Talvez ele devesse procurá-la. Afinal de contas, perdera a posição privilegiada no cenário dos fatos, a partir da qual a tarefa seria muito mais fácil.

Ainda haveria chance de aproximar-se o suficiente para matá-la, assim como acontecera em Orly.

No entanto, oportunidades daquele tipo seriam mero suicídio. Se sobrevivesse à rápida reação dos guarda-costas, teria de enfrentar o lento porém inexorável processo legal. E neste, jamais poderia usar a história de Califa como defesa. Nenhum tribunal acreditaria. E sem o apoio do Atlas ou dos serviços secretos dos Estados Unidos ou da Inglaterra, tudo pareceria intriga entre loucos com mania de grandeza.

Evidentemente, o Thor ficaria agradecido com a morte de Califa, mas não moveria uma palha em sua defesa. Claro! Dava para imaginar a indignação moral do mundo civilizado diante da possibilidade de que uma organização como o Atlas estivesse empregando assassinos para matar cidadãos proeminentes de uma nação estrangeira e aliada.

Não, ele estava completamente sozinho. Isso Parker deixara bem claro. E Peter não queria morrer.

Não pretendia sacrificar sua vida para deter Califa, a menos que não tivesse escolha. Devia haver outra forma de liquidá-la. Porém, enquanto planejava sua morte, só pensava nela como Califa, jamais como Magda Altmann. Só assim conseguia distanciar-se do problema.

Ao replanejar a segurança pessoal da baronesa, Peter complicara ao máximo

suas rotinas, de modo a tornar seus movimentos o mais imprevisíveis possível. Seu calendário social era guardado como um segredo de Estado; jamais se anunciava com antecipação sua presença em eventos públicos ou profissionais.

Caso ela fosse convidada para jantar no Palace Elysée, o fato seria divulgado no dia seguinte, não no dia anterior; mas havia alguns eventos anuais que ela nunca perderia. Eles tinham discutido esses pontos vulneráveis de sua segurança pessoal. "Peter, você não vai me tornar uma prisioneira", dissera ela na ocasião. "Já tenho poucos prazeres e você ainda quer me tirar alguns?"

O lançamento de cada coleção Yves St. Laurent era um dos eventos que ela não podia perder; o mesmo ocorria com a corrida de cavalos da primavera, que culminava com a disputa do Grand Prix em Longchamp, sobretudo porque ela inscrevera uma égua baia, chamada Ice Leopard, que tinha boas chances de vitória.

Peter esboçou a lista dos possíveis lugares para o assassinato, mas acabou descartando todos, exceto a casa de campo em La Pierre Bénite. Com sua experiência de soldado, descobriu campos de fogo ao longo dos amplos gramados que davam para o lago; havia diversas posições para um atirador na floresta que margeava o lago, e no pequeno outeiro cercado ao norte da casa, de onde se tinha uma vista do pátio e dos estábulos.

Entretanto, La Pierre Bénite era bem guarnecida e nem ali os movimentos da vítima eram previsíveis. Seria possível ficar uma semana numa emboscada enquanto ela estaria em Roma ou Nova York. Além do mais, a rota de escape era de alto risco, através de uma área de população dispersa, com apenas duas estradas de acesso, ambas facilmente bloqueáveis pela rápida ação da polícia. Não, La Pierre Bénite não podia entrar na lista.

No final Peter ficou com os dois eventos que primeiro haviam aparecido em sua mente – as arquibancadas sociais em Long-champ e as instalações de Yves St. Laurent na Avenue Victor Hugo.

Ambos tinham a vantagem de serem lugares públicos e apinhados de gente, circunstâncias que favoreciam batedores de carteiras e assassinos. Possuíam múltiplos caminhos de escape, e multidões entre as quais, o fugitivo poderia se misturar. Existiam bons lugares para um atirador nos grandes estandes, nos edifícios que davam vistas

para a arquibancada, no amplo estacionamento de Longchamp ou nos prédios do lado oposto ao número 46 da Avenue Victor Hugo.

Talvez fosse necessário alugar um conjunto de salas num dos edifícios, com riscos subsequentes, mesmo se usasse um nome falso, o que fazia a balança pender levemente em favor das corridas. Entretanto, Peter preferiu retardar a decisão até que tivesse a oportunidade de examinar criticamente cada lugar.

Havia uma outra vantagem em agir num daqueles lugares. Seria um

assassinato esquivo. Ele se livraria da angústia de ver a morte próxima, com um revólver, faca ou garrote.

Teria apenas uma visão privilegiada de Califa através das lentes do telescópio, onde a perspectiva e as cores alteradas sempre deixavam um sentimento de irrealidade.

A distância abreviava a necessidade de confrontação. Ele não veria o brilho desaparecer daqueles olhos magníficos, nem ouviria o último suspiro escapar através dos lábios perfeitos que tanta alegria haviam-lhe proporcionado.. Não, não podia pensar nisso! Essas imagens enfraqueciam sua decisão, ainda que a raiva e a sede de vingança não tivessem diminuído.

Ele poderia conseguir um fuzil 222 do Thor, que seria a ferramenta perfeita para aquela tarefa. Com as balas extra-longas e as novas luzes de laser, seria capaz de acertar um alvo de sete centímetros a uma distância de setecentos metros. O atirador pressionava o botão no topo da arma, com o indicador esquerdo, ativando o laser. O feixe luminoso percorreria a trajetória da bala, assinalando o alvo com um facho brilhante igual a uma moeda de prata de dez centavos. O atirador olharia através da lente telescópica, e no exato momento em que a luz estivesse no ponto desejado, pressionaria o gatilho. Se até um atirador pouco experiente dificilmente perderia o disparo, nas mãos de Peter a arma seria infalível. E com certeza Colin Noble lhe forneceria o fuzil. Não somente Colin — também poderia consegui-lo com os cumprimentos dos Fuzileiros Navais, através do adido militar da embaixada norte-americana em Paris.

Peter chegava até a esboçar o momento de ação, para em seguida retornar aos planos desde o começo, e cada vez com um olho mais crítico, a ponto de perceber que estava procrastinando.

No décimo sexto dia de seu retorno a Bruxelas, uma sexta-feira, passou a manhã na OTAN, no lado norte da cidade, participando de uma demonstração do novo escudo eletrônico desenvolvido pela Narmco para eliminar a vigilância do radar num míssil antitanque de curta distância. Depois, ele levou de helicóptero os três iranianos que haviam assistido à demonstração. Foram até o Épaule de Mouton onde tiveram um almoço magnífico e demorado. Peter ainda se sentia culpado por gastar três horas numa mesa de restaurante, razão pela qual trabalhou até as oito naquela noite. Estava bastante escuro quando deixou a entrada traseira do prédio, tomando as precauções habituais contra a possibilidade de Califa ter um assassino à sua espera nas ruas desertas. Ele nunca saía à mesma hora nem seguia o mesmo caminho do dia anterior.

Naquela noite, comprou os jornais vespertinos de um marchand du tabac e parou para lê-los num dos cafés com mesas nas calçadas que davam frente para a praça. Começou com os diários ingleses, cujas manchetes ocupavam a página de

lado a lado:

QUEDA NO PREÇO DO BARRIL DE PETRÓLEO

Peter bebericou o uísque enquanto lia o artigo, folheando para a continuação na página seis. Depois dobrou o jornal e ficou olhando para os turistas que cruzavam com os primeiros boêmios da noite.

Califa obtivera seu primeiro triunfo internacional. De agora em diante não haveria fronteiras para sua ascensão cruel e violenta ao poder. Peter não tinha por que postergar sua decisão. Arranjaria um pretexto para ir a Londres na segunda-feira pela manhã, falaria com Colin para esperá-lo no aeroporto e lhe exporia seu plano.

Em seguida iria até Paris para o reconhecimento final e a escolha do local do assassinato. Faltavam duas semanas para o desfile das coleções de primavera – duas semanas para planejar tudo tão cuidadosamente que não haveria como falhar.

De repente Peter sentiu-se exausto, como se o esforço para a decisão tivesse exigido suas últimas reservas. Tão exausto que a pequena caminhada até o hotel parecia desanimadora. Pediu outro uísque e bebeu-o devagarinho.

A Narmco mantinha duas suítes permanentes no Hilton para seus executivos e outros visitantes importantes. Peter ainda não se dera ao trabalho de procurar um apartamento na cidade e estava ocupando a menor das duas suítes. Era apenas um lugar para dormir, tomar banho e deixar suas roupas, pois não conseguia livrar-se da sensação de transitoriedade pela qual estava cercado.

"Meus livros estão guardados novamente", pensou, com uma pontada de decepção. Aquela coleção de livros raros estivera guardada durante a maior parte de sua vida, enquanto ele errava por lugares onde o dever o levava, vivendo em acampamentos militares e quartos de hotéis. Os livros eram seus únicos bens. E, pensando neles, experimentou o desejo de ter uma base, um lugar fixo para morar. De imediato deixou a ideia de lado, sorrindo cinicamente para si mesmo enquanto andava pelas ruas de outra cidade estrangeira, novamente sozinho.

Deve ser a idade me pegando, decidiu. Nunca tivera tempo para a solidão; então, por que isso agora? E lembrou-se de Magda Altmann vindo aos seus braços e dizendo:

"Peter, tenho estado sozinha por tanto tempo!"

Essa lembrança paralisou-o por alguns instantes, embaixo de um dos postes da rua. Foi quando apareceu na calçada uma garota loira, de rosto esquelético e lábios pintados com exagero, que lhe murmurou uma proposta.

— Merci — disse Peter, retomando sua caminhada.

Chegando à banca do hall do hotel, parou para dar uma espiada nas revistas femininas, onde certamente haveria anúncios dos desfiles da alta costura francesa. Folheou as páginas da Vogue, procurando o anúncio da mostra Yves St. Laurent, mas, em vez disso, deparou com um rosto conhecido que parecia saltar de uma das

páginas. Eram inconfundíveis os traços daquela mulher de olhos eslavos, cabelos negros, graça felina captada pela sensibilidade do fotógrafo.

Magda estava num grupo de quatro pessoas. A outra mulher, exesposa de um cantor popular, tinha uma expressão emburrada, olhos semicerrados e um trejeito aborrecido nos lábios. Ao seu lado aparecia um sujeito sardento, um ator norte-americano de cara infantil, vestindo um paletó de veludo azul com uma corrente de ouro ao redor do pescoço, mais famoso por suas conquistas amorosas que por seus papéis nos filmes. Não faziam o tipo de pessoas com quem Magda Altmann saía habitualmente, mas o homem atrás dela, em cujos braços se inclinava de leve, correspondia ao seu estilo.

Era um quarentão, moreno, bonito, porte atlético e cabelos ondulados, que exibia a aura do poder condizente com a direção do maior complexo automobilístico da Alemanha.

A legenda embaixo da foto dizia que estavam participando da abertura de uma discoteca parisiense — novamente não era o território habitual de Magda Altmann — embora ela estivesse sorrindo para seu acompanhante, divertindo-se tão obviamente que Peter sentiu-se mal.

Raiva ou ciúme, não sabia ao certo, o fato é que fechou a revista bruscamente e a recolocou no expositor.

Subiu para a suíte, mobiliada de maneira totalmente impessoal, tomou um banho e, ainda nu, foi até a pequena sala e serviu-se de um uísque. Era o terceiro daquela noite. Desde o sequestro de Melissa-Jane, estava bebendo como nunca. Isso poderia prejudicar seriamente um homem solitário e cheio de dúvidas. Ele teria de controlar-se e analisar bem o que fazia. Tomou um gole da bebida e voltou-se em direção ao espelho da parede.

A partir de seu retorno para Bruxelas, vinha fazendo ginástica todos os dias no clube dos oficiais da OTAN, de onde ainda tinha uma carteira de sócio, e seu corpo estava enxuto e rígido, a barriga discreta como a de um galgo. Só o rosto mostrava traços de preocupação e estava marcado por um profundo pesar.

Assim que ele voltou para o quarto, o telefone tocou.

— Stride — disse, pegando o fone.

— Por favor, aguarde, general Stride. Há uma chamada internacional para o senhor.

Durante uma espera interminável, escutou ruídos na linha, além das vozes distantes dos operadores que falavam mal o francês e pior ainda o inglês. De repente, a voz dela, fraca e tão distante que soava como um sussurro num amplo hall vazio.

— Peter, é você?

— Magda? — Ele sentiu um choque. Mesmo assim identificou o clique

característico que indicava que estavam falando num sistema via rádio.

— Preciso vê-lo, Peter. não posso continuar assim. Você pode vir?

— Onde você está?

— Lês Neuf Poissons. — Sua voz estava tão débil, tão distorcida, que ele pediu que repetisse. — Lês Neuf Poissons... os Nove Peixes. Você virá, Peter?

— Você está chorando? — perguntou ele, e o silêncio do outro lado da linha foi tão prolongado que julgou ter perdido o contato. — Você está chorando?

— Sim. — A confirmação soou como um simples suspiro.

— Por quê?

— Porque estou amedrontada, Peter. Porque estou sozinha, você virá, por favor, você virá?

— Sim... Como é que eu chego aí?

— Disque para o Gaston em La Pierre Bénite. Ele arranjará tudo. Mas venha logo, Peter. O mais rápido que puder.

— Tudo bem, mas onde é que fica isso? — Ele esperou em vão pela resposta; o silêncio era total do outro lado. — Magda? Magda? — gritou, desesperado, até que foi obrigado a pressionar o dedo sobre a lingueta do aparelho, cortando a ligação. Assim que levantou o dedo, pediu à telefonista do hotel que ligasse para a França, Rambouillet 47-87-47.

Enquanto esperava que a chamada se completasse, percebeu que acontecera o que, no subconsciente, desejava que acontecesse. Era inevitável. A roda somente poderia girar, nunca rolar para os lados.

Califa não tinha alternativa. Aquilo era o chamado para a execução. Só se surpreendia por não ter sido intimado antes. Mas entendia por que Califa evitara um atentado em cidades do continente europeu ou na Inglaterra. Uma dessas tentativas, bem planejadas e executadas com grande desperdício de força, falhara, naquela noite na estrada de Rambouillet. Isso com certeza advertira Califa para não subestimar a capacidade da vítima em procurar uma retaliação. Além do mais, os problemas seriam praticamente os mesmos que Peter enfrentara ao planejar seu ataque contra o próprio Califa – o quando, o onde e como.

Califa levava vantagem por poder convocá-lo para o local selecionado; céus, com que habilidade tudo tinha sido feito! Era espantosa a astúcia daquela mulher. Seu talento ultrapassava qualquer limite. Bastava dizer que ele próprio, mesmo consciente de que estava ouvindo uma encenação cuidadosamente preparada, sentira um aperto no coração diante do desespero da voz, do choro muito bem articulado, de tal forma que ele fosse apenas capaz de identificá-lo.

— Aqui é a residência da baronesa Altmann — falou uma voz ao telefone.

— Gaston?

— Ele mesmo, sir.

— General Stride.

— Boa noite, general. Estava esperando sua chamada. Falei com a baronesa há pouco tempo. Ela me pediu para providenciar sua passagem para Lês Neuf Poissons.

— Onde fica isso, Gaston?

— Lês Neuf Poissons é uma ilha de veraneio da baronesa nas ilhas Sotavento. Há um voo da UTA até Papeete-Faaa, no Taiti, onde o piloto da baronesa o encontrará.

São cento e sessenta quilómetros de lá até Lês Neuf Poissons. Infelizmente a pista de pouso é muito pequena para acomodar um jato executivo. Vai ser usado um aparelho menor.

— Faz tempo que a baronesa está lá?

— Ela partiu há sete dias, general — informou Gaston, com a voz eficiente de bom secretário. — Sua passagem pode ser retirada no balcão de reservas da UTA, general.

Escolhi um assento de janela na ala dos não-fumantes.

— Você pensa em tudo. Obrigado, Gaston,

Ao colocar o fone no gancho, Peter descobriu que sua exaustão desaparecera; sentia-se com vitalidade e com as energias renovadas. Seria a euforia do soldado face à perspectiva de uma ação violenta, ou apenas o vislumbre do fim da indecisão e do medo de coisas desconhecidas? Logo, para o bem ou para o mal, tudo estaria concluído.

E esse fato era bem-vindo.

Voltou ao banheiro e derramou na pia o uísque que restava no copo.

O DC 10 DA UTA fez sua aproximação final de Taiti-Faaa, baixando a partir dos picos Moorea até a península do porto. Peter viu as espetaculares montanhas das pequenas ilhas do Taiti, que já conhecia do filme South Pacific, cujas locações tinham ocorrido ali. A rocha vulcânica era negra, seca, com crostas afiadas como os dentes de um tubarão.

A aeronave avançou sobre o longo canal entre as duas ilhas, e a pista parecia estender um braço ao mar para lhe dar as boasvindas. O ar pesado e cálido recendia o perfume da floração dos jasmims. Um grupo de jovens morenas e insinuantes dançava e rebolava graciosamente como parte da recepção. Sem dúvida, os habitantes das ilhas recebiam os turistas com uma irresistível amizade. Porém, quando Peter pegou sua pequena mala no distribuidor de bagagens e dirigiu-se para as portas de saída, aconteceu algo estranho. Um dos funcionários aduaneiros do portão trocou uma rápida informação com seu companheiro e então foi ao encontro de Peter.

— Boa tarde, senhor. — O sorriso era amigável, mas os olhos estavam gélidos. — Quer ter a gentileza de me seguir?

Os dois funcionários da alfândega escoltaram Peter até um pequeno escritório com telas nas janelas.

— Por favor, abra sua mala, senhor. — Com rapidez e meticulosidade, os homens revistaram a valise e a maleta de crocodilo. Um deles chegou ao cúmulo de usar uma fita métrica para checar ambos os volumes e descobrir eventuais fundos falsos.

— Devo parabenizá-los pela eficiência — disse Peter, sorrindo, porém com a voz tensa e baixa.

— É apenas uma vistoria aleatória — informou o funcionário chefe. — O senhor é nada mais que o visitante número dez mil. Agora, espero que não faça objeção a uma vistoria do corpo.

Peter ainda fez menção de protestar, mas acabou dando de ombros e levantando os braços.

Vá em frente.

Pelo jeito, Magda Altmann era tão importante ali como na França. Se possuía um grupo inteiro de ilhas, bastava que fizesse um pequeno gesto para que um visitante fosse totalmente revistado e suas armas, caso portasse alguma, apreendidas. Califa estava se prevenindo para que a vítima em potencial não estivesse preparada para a execução, a fim de que, inadvertidamente, não se tornasse a executora.

Um dos funcionários revistou-lhe os braços e flancos, das axilas à cintura, enquanto o outro fazia o mesmo com suas pernas, da virilha aos tornozelos. Peter deixara o Cobra num cofre de segurança do Hilton em Bruxelas. Tinha intuído algo; seria daquela forma que Califa trabalharia.

— Satisfeito? — perguntou.

— Obrigado pela cooperação, senhor. Tenha uma agradável estada em nossa ilha.

O piloto particular de Magda estava na sala de espera e apressou-se para receber Peter.

— Pensei que você não tivesse chegado no avião.

— Tive um pequeno problema na alfândega — explicou Peter.

— Devemos partir imediatamente, para evitar uma aterrissagem noturna em Lês Neuf Poissons; a pista lá é um pouco difícil.

O jato de Magda estava estacionado num hangar próximo da área de serviço; e, ao lado dele, o Norman Britten Trislander, uma aeronave parecida com uma cegonha, capaz das mais surpreendentes performances em situações de curtas decolagens e aterrissagens.

O aparelho estava carregado com engradados e caixas de suprimentos, contendo desde papel higiênico até champanha Veuve Clicquot. Assim que Peter acomodou-se em seu lado direito, o piloto acionou o motor e pediu autorização à torre de controle. Então comentou:

— Será apenas uma hora de voo.

O sol ficara para trás quando Lês Neuf Poissons apareceram como um precioso colar de esmeraldas sobre o tapete de veludo azul do oceano. Eram nove ilhas na disposição circular característica da formação vulcânica. Eles circundaram uma lagoa com água tão límpida que cada redemoinho e balanceio do afloramento dos corais surgia claro como se estivesse no ar.

— As ilhas tinham um nome polinésio quando o barão as comprou em 1945 — explicou o piloto, com o sotaque um pouco pedante da França meridional. — Pertenciam a um missionário, que as recebera de presente dos antigos reis. O barão adquiriu-as da viúva. Como não conseguia pronunciar o nome polinésio, mudou. O barão era um homem que encarava o mundo segundo seus próprios termos.

Sete das ilhas eram estreitas faixas de areia com franjas de palmeiras; porém, as outras duas tinham colinas de basalto vulcânico que brilhavam como a pele de um réptil sob o sol vespertino. Quando a aeronave fez a volta para baixar, Peter avistou uma construção central com telhado de palha curvado como a proa de um navio,

segundo a tradição das ilhas, e ao redor dele, meio escondidos em agradáveis jardins, outros pequenos bangalôs. Sobrevoaram a lagoa onde se via uma confusão de pequenos barcos ao longo do cais, que se estendia pelas águas protegidas —

veleiros com mastros nus, uma grande e poderosa escuna que provavelmente era usada para embarcar cargas pesadas como os motores a diesel para geração de energia elétrica, lanchas motorizadas para esquiara, mergulhar e pescar. Uma delas estava no meio da lagoa, cortando a superfície da água em alta velocidade. Uma pequena figura que esquiava atrás levantou um braço, mas naquele momento o Trislander inclinou a asa a pique, de modo que Peter ficou com apenas alguns cúmulos de nuvens escarlates pelo sol crepuscular.

A pista era pequena e estreita, aberta no meio de uma plantação de palmeiras numa faixa entre a praia e as colinas. Era coberta por uma superfície de corais esmagados.

Durante a aproximação final sobre uma alta paliçada de palmeiras, Peter percebeu que o piloto não exagerara ao afirmar que o pouso ali seria difícil. Um vento cruzado varria a área e quebrava nas colinas, batendo em cheio nas asas do Trislander. O piloto direcionou o nariz do aparelho a favor do vento e, quando deslizou sobre as copas das palmeiras, cortou os aceleradores, aprumou o curso com o leme, baixando uma asa para evitar qualquer desequilíbrio lateral, e alcançou a cabeceira da pista perfeitamente alinhado. O aparelho tocou o solo e logo plantou-se com segurança, enquanto o piloto girava o leme contra o vento para prevenir um possível levantar da asa e a subsequente capotagem.

— Parfait! — disse Peter com admiração.

O homem parecia assustado, como se a façanha não merecesse uma menção especial. A baronesa Altmann só empregava os melhores.

Um pequeno carro elétrico de golfe, dirigido por uma jovem polinésia, esperava-o no final da pista.

A moça usava um sarong ao redor do corpo, uma única peça de roupa carmim e dourado que caía até a metade das coxas. Estava descalça, e tinha na cabeça uma coroa de flores.

Ela guiou o veículo ao longo de um caminho estreito e tortuoso, ao redor do qual uma rara coleção de plantas exóticas, habilidosamente distribuídas, surgia como uma agradável surpresa após cada curva. Chegaram a um bangalô que dava para a praia de areia branca, mas que estava tão isolado que parecia ser a única casa da ilha.

Como se fosse uma criança, a moça tomou-lhe a mão, num gesto de pura inocência, e conduziu-o através do bangalô. Fez questão de mostrar os controles do ar-condicionado, as luzes e a tela do vídeo, explicando tudo num patoá francês e dando risinhos com uma expressão de prazer.

Havia um bar com sortimento completo, uma pequena biblioteca com inúmeros best-sellers, além de jornais e revistas atrasados de apenas alguns dias. thiago As fitas de vídeo

incluíam sucessos recentes e vencedores do Oscar.

— Robinson Crusóé deve ter desembarcado aqui! — disse Peter rindo.

A garota deixou-o a sós, retornando duas horas mais tarde. Ele já tomara banho, barbeara-se e vestira uma roupa de algodão leve, com camiseta sem mangas e sandálias.

Quando ela lhe estendeu a mão, Peter pensou que, se um homem fizesse o mesmo gesto como cortesia, a garota se sentiria magoada e confusa. Ela o levou pela mão através de um caminho demarcado por luzes brilhantes, escondidas. A noite estava cheia de ruídos, do murmúrio do mar ao suave roçar do vento nas folhas das palmeiras.

Aproximaram-se do edifício com teto em forma de navio que ele vira do ar. A música suave e os risos cessaram de repente quando ele assomou à porta. Meia dúzia de pessoas voltou-se em sua direção, todos intrigados.

Peter não sabia o que iria encontrar ali, mas com certeza não era aquela alegre reunião social de homens e mulheres bronzeados, em caros e elegantes trajes esporte, sustentando taças cheias de gelo e frutas.

— Peter! — Magda Altmann destacou-se do grupo, aproximando-se dele com seu encantador bamboleio das ancas.

Usava um vestido solto, de cor do trigo, com uma gola alta no pescoço, de onde pendia uma corrente de ouro, mas com um decote profundo nas costas, até quase o início das nádegas. Parecia querer provar que seu corpo estava liso como a pétala de rosa e bronzeado como a cor do mel novo. Seus cabelos estavam trancados e presos no alto da cabeça. Os olhos, com sombras de tonalidades escuras, em contraste com a íris verde.

— Peter! — E ela beijou-o de leve nos lábios, envolvendo-o com seu perfume, mistura de fragrância das flores com o calor e a mágica do seu corpo.

Peter sentiu que suas defesas fraquejavam. Apesar de tudo o que sabia a respeito dessa mulher, hesitava diante de sua presença. Magda estava fria, elegante, serena como nunca, e sem mostrar nenhum traço de confusão e da terrível solidão que manifestara entre suspiros, a uma distância de meio mundo. Então ela recuou um passo e inclinou a cabeça para um lado, examinando-o, com um breve sorriso nos lábios.

— Chéri, você está com uma aparência bem melhor. Fiquei preocupada quando o vi pela última vez.

Nesse momento, ele foi capaz de detectar sombras em seus olhos e marcas de tensão nos cantos da boca.

— E você está mais bonita do que eu me lembrava. — Era verdade; por isso ele podia dizer sem reservas.

Ela riu.

— Você nunca disse isso antes. — Seu estilo continuava brilhante: um show de afeição e amizade que o teria convencido em outra ocasião, não agora. — E fico muito grata.

Tocando-lhe de leve o cotovelo, Magda conduziu-o para o grupo que esperava, parado, como se não confiasse em si mesma em ficar a sós com ele por mais um momento, sem que revelasse alguma coisa proibida.

Os convidados eram três casais. O primeiro, um senador democrata norte-americano de considerável influência política — um homem de cabeça grisalha, olhos como os de ostras mortas. A esposa devia ser no mínimo trinta anos mais moça e fitou Peter como um leão encara uma gazela. Segurou-lhe a mão mais tempo do que o necessário durante a apresentação.

O segundo, um australiano de ombros pesados e barriga grande, tinha a pele queimada e os olhos emoldurados por rugas. Pareciam estar mirando a poeira e os raios solares de um horizonte distante. Era proprietário de um quarto das reservas conhecidas de urânio do mundo, e possuía fazendas de gado que davam o dobro do tamanho das ilhas britânicas. A esposa era bronzeada, e seu aperto de mão foi tão firme quanto o do marido.

O terceiro homem, um espanhol cujo nome de família era sinónimo de xerez, parecia urbano e cortês, embora tivesse traços mouriscos e libertinos. Peter lera em algum lugar que o xerez e o conhaque que envelheciam nas adegas daquele homem estavam avaliados em mais de quinhentos milhões de dólares, e isso era apenas uma pequena parte dos bens da família. Era casado com uma bela morena espanhola que exibía uma charmosa mecha branca no meio de seus cabelos totalmente negros.

Assim que acabaram as apresentações, a conversa retornou aos esportes do dia. O australiano pescara um enorme merlim negro pela manhã, pesando quase quinhentos quilos e com cinco metros de comprimento.

Peter, incorporado ao grupo, observava Magda da maneira mais discreta possível. Ainda assim ela parecia consciente e alerta disso, a julgar pelos movimentos de cabeça, pela pose tensa de seu corpo esguio. Por duas vezes olhou para ele, sempre com um sorriso, porém as sombras continuavam presentes em seus olhos. Finalmente ela bateu palmas e anunciou: Vamos dar início ao banquete! Tendo a um lado o senador, e do outro o australiano, Magda encaminhou-se para a praia. Peter ofereceu o braço à esposa do senador, que aproveitou a deixa para encostar um dos seios nele, enquanto passava a língua entre os lábios, num gesto sensual.

A um sinal de Magda, dois empregados polinésios que esperavam ao lado de um pequeno outeiro, em meio à areia branca, pegaram ferramentas e retiraram uma camada de algas marinhas e folhas de bananeira da qual elevaram-se colunas de vapor espesso e cheiroso, vindo de uma grande figueira brava que sustentava o

banquete sobre outra camada de algas e carvões em brasa.

Exclamações de surpresa encheram o ar quando o aroma de galinha, peixe e porco misturaram-se com o daqueles temperos, vegetais e fruta-pão.

— Ótimo, maravilhoso! — declarou Magda, risonha. — Se entra um pouco de ar durante o cozimento, perde-se tudo. Fica só o carvão.

Enquanto comiam e bebiam, os risos e as conversas tornavam-se mais altos, menos reprimidos.

Peter, porém, tomou apenas um drinque e se manteve calmo, sem se envolver na algazarra e indiferente às insinuações da mulher do senador.

Estava esperando por alguma indicação de quando e de que direção viria o ataque. Não ali, claro, no meio daquela gente. Quando a coisa viesse, seria rápida e efetiva como tudo o que Califa fazia... Não teria havido excesso de presunção de sua parte, ao vir desarmado e sem apoio à arena escolhida e preparada pelo inimigo? Sua melhor defesa seria golpear primeiro, talvez naquela mesma noite, assim que surgisse uma oportunidade. Quanto antes melhor.

Magda dirigiu-lhe um sorriso, sentada do outro lado da mesa armada embaixo de palmeiras, e com comida suficiente para alimentar cinquenta pessoas. Quando ele sorriu em retribuição, ela fez um sinal discreto com a cabeça e, enquanto os homens discutiam e riam exageradamente, murmurou uma desculpa às mulheres e deixou a mesa.

Peter contou até cinquenta antes de segui-la. Ela o esperava à beira-mar. Suas costas nuas destacavam-se sob o luar; o vento fazia com que seu vestido ficasse colado ao corpo.

— Fico tão contente por você ter vindo, Peter.

— E eu fico contente por você me dizer isso.

Ele apoiou a mão em seu pescoço, entre o ouvido e a nuca, a ponta dos dedos tocando-lhe os cabelos sedosos. Era ali que se localizava a base delicada do crânio, que um carrasco busca esmagar com um golpe. Ele poderia fazer o mesmo com a pressão do polegar. Seria tão rápido quanto dar um nó.

— Lamento pelos outros — disse ela. — Mas estou me livrando deles, com uma pressa quase indecente.

— Afastou a mão dele do pescoço, sem encontrar resistência, depois continuou: — Vão partir amanhã cedo. Pierre vai levá-los até Papeete, e então teremos Lês Neuf Poissons para nós, apenas eu e você... e trinta empregados horrorosos.

Peter entendia exatamente por que aconteceria daquela forma. As únicas testemunhas seriam os fiéis servidores da grande dama das ilhas.

— Vamos voltar. Infelizmente meus convidados são importantes e não posso ignorá-los. Mas amanhã chegará. Muito lentamente para mim, Peter, mas chegará.

Com um ímpeto fora do comum, Magda beijou-o na boca, pressionando os lábios contra os dele.

Em seguida, sussurrou em seu ouvido: — Aconteça o que acontecer, Peter, houve algo valioso entre nós dois. Talvez a coisa mais preciosa que já tive em minha vida. Isso eles nunca poderão me tirar.

Sem esperar resposta, afastou-se de seus braços, retornando rapidamente à mesa. Confuso, sem saber ao certo o significado de suas últimas palavras, Peter chegou à conclusão de que o propósito fora exatamente o de desnorteá-lo... Naquele exato momento, pressentiu um movimento atrás de si e, num gesto instintivo, virou-se, abaixando-se.

Avistou um vulto a pouco mais de dez passos, entre a rala vegetação que margeava o caminho que acabara de tomar. Totalmente alerta, assumiu a postura de luta, pronto tanto para atacar como para revidar um ataque.

— Boa noite, general Stride.

Peter deteve-se, as mãos estendidas rigidamente, como uma lâmina de cutelo de açougueiro.

— Cari! — exclamou, surpreso. Então os lobos cinzentos estavam por perto, protegendo a patroa até nos momentos mais íntimos! — Espero não tê-lo assustado — disse o guarda-costas, num tom de voz quase sarcástico.

Se houvesse necessidade de confirmação, agora Peter a tinha. Quem, além de Califa, iria a um encontro romântico acompanhado de seguranças? Portanto, uma coisa era certa: ou ele ou Magda Altmann estaria morto ao entardecer do dia seguinte.

Antes de entrar no bangalô, Peter rondou as árvores que o cercavam, à procura de algo suspeito. Nada encontrou. Porém, dentro da casa, a cama tinha sido preparada, o barbeador estava limpo, a roupa suja fora levada para lavar e as outras estavam passadas e arrumadas num armário. Era impossível ter certeza de que seus outros pertences haviam sido vasculhados, mas era mais seguro presumir que sim. Califa não negligenciaria de uma precaução tão elementar.

As fechaduras, portas e janelas eram precárias; talvez não fossem usadas há muitos anos. Assim, ele colocou cadeiras e outros obstáculos em frente às entradas, de modo que qualquer intruso tropeçasse neles na escuridão, e então desarrumou a cama, dispôs os travesseiros de forma a parecerem um corpo e foi deitar-se no sofá da sala. Mesmo que não esperasse um atentado antes que os demais convidados deixassem a ilha, não custava nada prevenir-se, confundir ao máximo o cenário de Califa.

Teve um sono agitado, interrompido a cada vez que o vento agitava as palmeiras, ou a lua projetava sombras na parede da sala. Nos pequenos intervalos

em que sonhou, apareceram-lhe imagens distorcidas e sem sentido, exceto a visão de Melissa-Jane com o rosto aterrorizado, gritando de medo. Assim que acordou, aquela recordação acendeu nele o frio desejo de vingança, que estivera latente nas últimas semanas. Sentiu-se revigorado em seu férreo propósito de resistir à fatal sedução de Califa.

Levantou-se sob a escorregadia luz pérola que antecede o amanhecer, e foi até a praia. Nadou centenas de metros além dos recifes, lutou com todas as forças contra a maré que o puxava para o fundo e, afinal, voltou à praia, sentindo-se alerta como nunca estivera nas últimas semanas.

Pronto, pensou, decidido. Estou preparado para o que der e vier.

A despedida para os convidados ocorreu pela manhã, em um banco de areia à beira-mar que ficava totalmente liso com as ondas noturnas. Na mesa improvisada, champanhe Laurent Perrier e morangos trazidos de Auckland, na Nova Zelândia.

Magda Altmann vestia um short verde, deixando à mostra as pernas bem torneadas, e uma blusa minúscula, que mal lhe cobria os seios. Seu corpo era uma feliz combinação entre a musculatura de uma esportista e a graça e leveza de uma bailarina.

Aparentava uma euforia desmesurada com a presença de Peter, uma alegria forçada e um riso fácil demais. Dava a impressão de ter tomado uma decisão difícil e estar criando coragem para levá-la adiante. Peter imaginou os dois como verdadeiros adversários que se haviam preparado cuidadosamente para a confrontação, como boxeadores que se avaliam na balança.

Após a refeição matinal, o grupo inteiro foi até o campo de pouso. O senador, meio alto por causa do champanhe e suando de calor, exagerou no abraço à anfitriã, porém Magda habilmente esquivou-se dele, empurrando-o em direção ao Trislander. Tão pronto os passageiros acomodaram-se no avião, Pierre, o piloto, acelerou os três motores em potência máxima. Então liberou os freios e partiu. No momento em que o aparelho atingiu velocidade, empinou-o para o alto a fim de evitar os obstáculos.

A máquina passou rente às palmeiras do final da pista de mil e quinhentos metros de comprimento.

— Mal consegui dormir na noite passada — disse Magda, rompendo o silêncio.

— Eu também — replicou Peter, enquanto pensava: pelas mesmas razões, tenho certeza.

— Planejei um dia especial para nós. E não quero perder nenhum minuto.

O encarregado do pequeno porto trouxera a lancha de quarenta e cinco pés para o final do cais. Era uma bela embarcação cujas linhas longas e baixas faziam-na parecer flutuar acima do ancoradouro. Sua pintura estava impecável, e os acabamentos de aço inoxidável, polidos e reluzentes como um espelho. O homem

acionou a sirene quando Magda se aproximou.

— Os tanques estão cheios, baronesa. As garrafas de oxigénio para o mergulho, também. Coloquei os esquis aquáticos nos armários principais. E vim pessoalmente checar a caixa de gelo.

Entretanto, seu sorriso largo desvaneceu-se quando ele soube que Magda levaria o barco sozinha.

— Você não confia em mim? — perguntou ela, rindo.

— Oh, claro, baronesa — declarou, mal escondendo a decepção por não poder exhibir seus talentos.

Desamarrou o barco, atirou-lhe as cordas, e ficou plantado no cais, enquanto ela o manobrava para fora do ancoradouro.

Ne t inquiet pas — recomendou a baronesa, ao mesmo tempo em que acelerava os possantes motores da lancha.

Deixando para trás uma esteira de espuma, avançava pelas águas claras da lagoa, exatamente no meio das balizas sinalizadoras que indicavam a passagem pelos arrecifes, rumo ao Pacífico.

— Para onde vamos? — Peter quis saber.

— Há um velho porta-aviões japonês afundado logo depois da barreira de arrecifes. Está lá desde o final da Segunda Guerra. É um bonito lugar para mergulhar.

Peter nada respondeu. Mas fez alguns rápidos cálculos mentais. Uma das garrafas de oxigénio do equipamento de mergulho poderia estar parcialmente cheia de monóxido de carbono. Era uma operação simples de realizar: bastava ligar uma mangueira ao escapamento de um gerador a diesel, acoplando um filtro de carvão para remover o cheiro dos hidrocarbonetos não queimados. Então, enchia-se a garrafa com esse gás a uma pressão de 30 atmosferas, completando-a com ar puro para sua operação normal a 110 atmosferas. A vítima jamais perceberia que estava respirando veneno; e se percebesse, já seria tarde demais. Quando soltasse a peça da boca, a garrafa se esvaziaria, sem deixar nenhum traço do gás. Seria uma boa forma de assassinato.

— Depois poderemos ir até a praia des Oiseaux. Desde que Aaron proibiu os habitantes de roubarem os ovos para comer, conseguimos uma das maiores colónias de procriação de andorinhas-do-mar e alcatrazes do sul do Pacífico.

Talvez um atirador de arpões... Seria direito e preciso. A curta distância, um metro ou pouco mais, mesmo abaixo da superfície, o arpão arrebentaria o tronco e esfacelaria os ossos do peito.

— Depois de tudo poderemos esquiar na água...

Com um ingénuo esquiador na água, esperando ser alçado ao barco pelo navegador, o que seria mais eficaz do que arremeter a toda velocidade e arrebentar

com a vítima? Se o casco não o esmagasse, as hélices girando a uma velocidade de 500 rotações por minuto o transformariam em picadinho.

Aquele jogo de adivinhação não iria levá-lo a nada. Ele jamais saberia quais eram os seus planos para eliminá-lo. Estavam lado a lado na ponte de comando da embarcação.

A ilha principal ficava cada vez mais para trás. Já se encontravam fora do alcance de visão de qualquer pessoa que estivesse em terra.

Magda puxou a fita que lhe prendia os cabelos, deixando-os ondular ao vento. Vamos fazer isso sempre! — gritou ela, acelerando os motores.

— Vendido à senhora com o traseiro sexy — retrucou Peter, advertindo-se de que estava diante de uma das assassinas mais perspicazes que já encontrara. Não poderia permitir-se ser enganado pelos risos; tampouco devia permitir-lhe ter a iniciativa do ataque, pois suas chances de sobrevivência seriam mínimas.

Olhou em direção à ilha outra vez. Pode ser a qualquer momento, pensou, afastando-se ligeiramente, como se fosse espiar a lateral do barco. Ficando um pouco atrás dela, mas ainda em seu campo de visão. Magda voltou-se devagarinho, ainda sorrindo.

— Por aqui sempre se pescam peixes-espadas. Prometi ao chefe de cozinha levar-lhe dois, fresquinhos. Você não quer descer e pegar as varas de pesca, chéri? As iscas artificiais estão nos armários dianteiros de estibordo.

— Tudo bem — assentiu Peter.

— Vou reduzir a velocidade quando fizemos a volta para entrar no canal. Jogaremos as linhas ali.

— D'accord. Mas me beije primeiro.

Quando Magda ergueu o rosto em sua direção, ele se perguntou por que dissera aquilo. Certamente não fora para dar-lhe adeus. Tinha certeza disso. Porém, quando seus lábios se encontraram, sentiu aflorar a dor do pesar que controlara por tanto tempo, e imaginou que seu coração estivesse prestes a se arrebentar. Pela primeira vez, ocorreu-lhe que poderia morrer antes de fazer o que deveria ser feito.

Peter deslizou a mão pelos seus ombros, apoiou-a no pescoço, acariciando-o de leve, reconhecendo o terreno, o local exato.

— Ei, cuidado! Pare com isso — pediu ela. — Vou acabar jogando o barco contra os recifes.

Peter não seria capaz de fazer aquilo com as mãos nuas. Não teria coragem para ir adiante, mas precisava fazê-lo rapidamente. Cada minuto de demora aproximava-o do perigo mortal.

— Vá! — disse ela, dando-lhe um tapinha no peito. — Teremos tempo para isso depois; todo o tempo do mundo.

Frustrado por não ter sido capaz de fazer o que deveria, dirigiu-se à escada

metálica da cabine.

Nesse instante, ocorreu-lhe que durante os breves segundos daquele beijo, ela mantivera a mão direita colada abaixo do seu queixo. Poderia ter-lhe esmagado a laringe, paralisando-o com o polegar e o indicador comprimidos em volta de seu pomo-de-adão.

Quando alcançou o piso da cabine, outro pensamento veio-lhe à mente. A mão esquerda de Magda, que estivera apoiada em seu corpo, bem abaixo das costelas, poderia tê-lo golpeado, atingindo-lhe o diafragma. O instinto não o avisara, porém ela estava pronta para o ataque, muito mais do que ele. Um tremor percorreu o corpo ao tomar consciência do perigo pelo qual passara. E, de imediato, a sensação de medo o invadiu.

Não o medo do covarde, mas o temor — a. certeza — de que da próxima vez não hesitaria.

Abriu a tampa do armário e, no interior feito sob medida, encontrou fileiras de carretéis de pesca, engastes giratórios de latão e aço inoxidável, de cinquenta modelos diferentes; equipamentos de mergulho para cada tipo de água e profundidade, iscas de plástico com plumas, de cerâmica e metal brilhante; ganchos para pesca de peixes gigantes ou para fritura, e, num compartimento separado, uma faca Ninja, de cinquenta dólares, com cabo de desenho especial, com altos e baixos para a moldagem dos dedos. Sua lâmina, de aço batido plano, tinha vinte centímetros de comprimento, três de largura na empunhadura, e ponta afiada como um estilete. Era uma arma brutal, capaz até de abrir achas de carvalho, como advertiam os fabricantes. Certamente entraria na carne humana e romperia os ossos como se estivesse cortando um queijo.

Peter segurou-a firmemente pelo cabo e riscou o ar, simulando um ataque. Gostou do assovio da lâmina. Então testou o fio como se fosse uma navalha de barbear — a diminuta linha de sangue em seu polegar mostrou-lhe que estava superafiada.

Tirou os tênis, para que a sola de borracha não fizesse ruído na plataforma, ficando apenas com um calção largo sobre a sunga de banho. Estava pronto para a ação.

Depois de subir os três primeiros degraus da escada, ergueu os olhos para a ponte de comando.

Magda Altmann manejava os controles do barco, olhando para a frente em completa concentração. Seus cabelos esvoaçantes emaranhavam-se ao sabor do vento. Suas costas estavam nuas até o limite das nádegas. Uma das quais aparecia como uma meialua, porque a perna do short se dobrara para cima.

Peter chegara até a ponte em menos de dez segundos, e Magda estava completamente distraída, completamente desprevenida. Subira a escada num único

impulso, e o barulho dos motores encobriria qualquer som que tivesse feito.

Com uma faca, nunca se deve apontar contra o osso, quando se tem oportunidade de escolher o alvo. Peter escolheu a parte inferior das costas, na altura dos rins, onde o corpo não possui nenhuma proteção extra. E essencial golpear com o máximo de força possível, porque assim a lâmina resvala sobre o osso que estiver no caminho e atinge o auge do impacto. Peter colocou o peso total da investida na estocada. A paralisia é total se a lâmina é girada numa meia-volta no mesmo instante em que se enterra até o cabo.

Os músculos do antebraço direito de Peter estavam retesados na antecipação do momento em que deveria girar a lâmina na carne dela, multiplicando o tamanho e o trauma do ferimento.

O polido painel de aço inoxidável dos controles da lancha refletia uma imagem distorcida, como um espelho de um parque de diversões. No instante preciso em que Peter comprometeu-se com o golpe, na fração de segundo em que pôs todo seu peso na arremetida, deu-se conta, atordoado, de que ela o estava observando no painel de aço desde o momento em que ele aparecera no topo da escada.

A superfície encurvada do aço distorcia seu rosto, de tal forma que parecia ser apenas dois olhos enormes, distraíndo-o no milésimo de segundo antes que a lâmina penetrasse a carne. Ele não chegou a ver o movimento dela.

Enceguecido, sentiu um impacto em seu flanco direito e no braço. Ao mesmo tempo o golpe da faca precipitava-se para fora, passando a centímetros da cintura dela — a ponta da lâmina bateu no painel de controle, fazendo um sulco brilhante no metal. Com os dedos adormecidos, Peter não conseguia sustentar a empunhadura: a arma caiu de sua mão, soando como uma taça de cristal quando bateu no corrimão de aço e ricocheteou para o lado da ponte de comando. Percebeu que Magda o golpearia, sem virar-se para encará-lo, usando apenas o reflexo do painel de controle para mirar com precisão o ponto de pressão de seu ombro.

A dor o imobilizara, e a reação natural seria massagear o local que ardia. Em vez disso, porém, o instinto de sobrevivência obrigou-o a erguer a mão esquerda para proteger o pescoço, enquanto se jogava para trás. A pancada seguinte, violenta como a estocada de um bastão de beisebol, veio rápida e direta como o bater de asas do beija-flor, e pegou em cheio o seu antebraço.

Se tivesse atingido seu pescoço, para onde fora direcionada, com certeza o teria matado instantaneamente. Entretanto, paralisara seu outro braço, e agora ela avançava sem esforço, superando-lhe a força taurina com uma combinação de velocidade e controle.

Peter precisava mantê-la perto, cobri-la com o peso e força do seu corpo. Tentou agarrá-la com os dedos que haviam segurado a faca, mas o máximo que

conseguiu foi rasgar-lhe a blusa, expondo-lhe os seios. Enquanto ela rodopiava para livrar-se de sua investida, pôde ver seu rosto, lívido como um osso. Seus lábios esboçavam um rosar de fúria, e os dentes pareciam afiados como os de um leopardo preso numa armadilha.

E, feroz como um leopardo, ela voltou ao ataque, selvagem, destemida, não mais humana, concentrada apenas em destruí-lo. Distribuindo golpes precisos, ora à direita, ora à esquerda.

Incrédulo, Peter deu-se conta de que estava sendo nocauteado. Limitava-se a aparar como podia o martelar incessante dos seus socos. Cada vez que os pés dela batiam em suas coxas ou abdômen, cada vez que seus joelhos atingiam-lhe a virilha e a pélvis, sentia que suas forças se dissipavam, que suas reações se tornavam mais elásticas, mais lentas. De um momento para outro, ela seria capaz de derrubá-lo, e então ele estaria perdido.

Com ambas as mãos ainda adormecidas, lembrou-se de repente da faca que caíra na cabine. Recuou até o corrimão da ponte de comando. Livrou-se de outro golpe, dirigido contra sua garganta, mas que lhe atingiu o nariz. Lágrimas encheram-lhe os olhos, enquanto o sangue morno escorria sobre o lábio superior. Dobrou-se sobre si mesmo e fez um impulso para trás, como um mergulhador numa prancha de piscina. O corrimão atrás dele ajudou-o a girar no ar. Caiu como um gato, sobre os próprios pés, na plataforma da cabine inferior, três metros abaixo da ponte.

Flexionou os joelhos para absorver o impacto, limpou as lágrimas dos olhos e sacudiu os braços para circular o sangue e recuperar o tato.

Ao se agachar, viu a faca, que escorregara da cabine de comando para o embornal da popa. Decidiu ir pegá-la.

Seu mergulho surpreendera Magda no momento em que ela se posicionava para o golpe mortal em seu pescoço. Porém ela logo se recompôs. Precipitou-se para o topo da escada e, enquanto Peter fazia menção de mover-se na direção da faca, pulou sobre ele, de três metros de altura, os pés batendo em cheio na sua cabeça.

Atordoado, estendido contra a superfície fria da cabine, ainda assim Peter rastejou como uma cobra até o lugar onde estava a Ninja. Então, de bruços, encolheu as pernas como se fosse ajoelhar-se e, num esforço supremo, apoiou todo o peso do corpo nos antebraços, erguendo os pés para trás, como uma mola de aço que se desenrolasse de repente. Foi um golpe cego, instintivo, que atingiu Magda no abdômen, jogando-a para trás, estatelada, quase sem poder respirar.

Era a grande chance de Peter. Ou aproveitava aquele momento, ou jamais teria outro. Embora sentisse dores por todo o corpo, mal enxergando por causa das lágrimas, do sangue e do suor, apesar de tudo, recolheu a faca e levantou-se, estendendo a lâmina no dorso da coxa direita, para protegê-la até o momento de usá-la. Agachou-se ao se lançar para a frente, o braço esquerdo erguido como um

escudo, e sabendo que precisava acabar tudo depressa, pois não poderia suportar mais. Aquele era seu último esforço.

Só que Magda também apareceu armada. No momento em que saltara sobre ele, involuntariamente havia batido na presilha de retenção do croque, que se localizava na prateleira lateral da cabine.

Empunhando aquele bastão de dois metros e meio, ornamentado com uma cabeça de latão, girou-o na direção de Peter, como uma advertência para mantê-lo a distância, enquanto procurava recuperar o fôlego.

Parecia estar recuperando-se mais depressa do que ele. A luz fria do assassino reavivava-se em seus olhos. Peter não aguentaria por muito tempo; portanto, deveria arriscar tudo num esforço final.

Atirou a faca, apontando para sua cabeça. Como não fora projetada para aquilo, a Ninja rolou sobre si mesma durante o voo, a empunhadura ficando na frente, a lâmina atrás. Mesmo assim, Magda levantou o croque para desviá-la. Era a distração que ele queria. Ágil como um raio, precipitou-se em sua direção, atingindo-lhe o corpo enquanto seus braços ainda estavam erguidos.

Os dois rolaram pela cabine. Peter tentava a todo custo aplicar uma chave de braço e, não o conseguindo, agarrou os cabelos dela. Ela lutava como um animal encurralado, com força, fúria e coragem absolutamente surpreendentes, só que agora ele podia opor seu peso e força superiores diretamente contra os dela.

Puxou-lhe os cabelos para trás, obrigando-a a expor a longa curvatura lisa do pescoço. Então, entesourou as coxas contra as dela, de modo que aquelas pernas e pés tão perigosos não pudessem atingi-lo, e comprimiu-a contra o piso da plataforma.

Com um esforço incrível, ela ainda conseguiu escorregar-se, os seios roçando contra o peito dele, molhados de suor e sangue, porém Peter impediu-a de completar o movimento, mantendo-se na posição superior.

Presos peito a peito, virilha a virilha, numa bizarra paródia do ato sexual, tinham apenas o croque a separá-los. Até aquele momento, nenhum dos dois dissera uma única palavra; só se ouvira o arfar da respiração ofegante, o grunhir dos golpes recebidos, a involuntária exclamação de dor a cada soco, a cada pernada, a cada pontapé.

Encaravam-se nos olhos, mas não eram dois seres humanos, e sim dois animais em luta contra a morte. Peter arqueou-se rapidamente, apenas para puxar o bastão até a altura da garganta de Magda. Pega de surpresa, ela abaixou o queixo tarde demais.

Peter não ousava soltar-lhe os cabelos, nem diminuir a pressão do braço ao redor de seu corpo, nem as tesouras que enlaçavam suas pernas. A tensão reprimida naquele corpo subjugado exigia toda a sua força para contê-la. Se afrouxasse, o

mínimo que fosse, ela conseguiria rodopiar, e ele não teria como dominá-la.

Usando o cotovelo da mão que lhe sustentava os cabelos, começou a pressionar a ponta do bastão contra a garganta dela. No entanto, ela ainda tinha forças, tiradas talvez da certeza da morte iminente. Parecia cada vez maior a pressão que fazia para soltar-se, ao mesmo tempo que o cabo de madeira baixava inexorável, dificultando-lhe a respiração, deixando-lhe o rosto arroxeadado, a saliva aparecendo nos cantos da boca.

Observar sua morte era a coisa mais terrível que Peter jamais imaginara. Faltavam apenas alguns gramas de peso para que o bastão baixasse aos poucos milímetros que selariam o destino daquela mulher. Ele vacilou durante alguns segundos, o suficiente para que ela falasse pela primeira vez.

— Eles... me advertiram... — sussurrou com a voz rouca, quase inaudível. — Eu não quis acreditar...

Não de você...

Então a última resistência desapareceu, seu corpo relaxou na completa aceitação da morte. O feroz brilho verde sumiu dos seus olhos, substituído no último instante por uma tristeza tão intensa que deixou Peter incapaz de exercer a pressão final, que acabaria com tudo. Em vez disso, rolou para o lado, atirou o pesado bastão contra a parede da cabine e suspirou fundo, arrastando-se dolorido pela plataforma, dando-lhe as costas, sabendo que ela estava viva e, portanto, mais perigosa do que nunca. Pouco importava. Ele fora o mais longe possível. Se ela o matasse, talvez fosse até melhor...

Alcançou o corrimão e tentou erguer-se, esperando a qualquer momento um golpe mortal na nuca quando ela o atacasse outra vez. Conseguiu ficar de joelhos, mas tremia tão violentamente que até os dentes batiam. Cada tendão contundido, cada músculo implorava pelo fim de tudo. Espero que ela me mate, pensou, não importa. Agora nada mais importava.

Apoiando no corrimão, voltou-se lentamente. Sua visão estava turva, mal conseguiu distinguir o vulto no centro da cabine. Magda tentava ajoelhar-se e o encarava.

Tinha o torso nu salpicado de sangue, e a pele bronzeada estava brilhante do suor provocado pela proximidade da morte. O rosto inchado, cheio de hematomas, os cabelos completamente emaranhados. Havia uma marca vermelha em seu pescoço, onde o bastão fora pressionado. Seus seios subiam e desciam ao ritmo da respiração ofegante.

Fitaram-se por um longo tempo, bem além das palavras, conduzidos à verdadeira fronteira de suas existências. Depois, ela sacudiu a cabeça, como se tentasse negar o horror do que presenciara, e afinal tentou falar. Não conseguiu. Umedeceu os lábios, levou uma das mãos ao pescoço, como se assim pudesse

aliviar a dor, então balbuciou: — Por quê? Durante mais de meio minuto, ele foi incapaz de replicar, a garganta fechada como um velho fermento. Estava consciente de ter faltado ao dever, mas mesmo assim não se odiava por isso. Formulou as palavras mentalmente, tal como acontece quando se começa a falar uma língua estrangeira, e, quando falou, sua voz tinha um acento estranho, grosseiro, marcado pelo conhecimento do fracasso.

— Eu não podia fazer...

Magda balançou a cabeça e tentou montar a pergunta seguinte. Mas não pôde articulá-la. E repetiu a mesma indagação: — Por quê? No silêncio que se seguiu, encarou-o com firmeza, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas, que logo escorreram pelo rosto, ficando pendentes no queixo, como o orvalho matinal nas folhas de parreira.

Lentamente ela inclinou-se para a frente, e, por longos segundos, ele não teve forças para ir ao seu encontro. Quando, afinal, aproximou-se e tomou-a nos braços, experimentou a terrível sensação de que ela estava morta.

O alívio de vê-la respirar era mais forte que a dor a dilacerar seu corpo. Quando sua cabeça pendeu para um lado, ele percebeu que as lágrimas ainda escorriam dos olhos fechados. Enquanto a carregava como a uma criança, num gesto completamente inútil, suas palavras voltaram-lhe à mente: "Eles me advertiram..." "Eu não quis acreditar..." "Não de você." Caso ela não tivesse falado, ele teria continuado. E depois de matá-la, teria jogado o corpo em alto-mar. Porém, aquelas palavras, embora não fizessem sentido, tinham penetrado fundo em seu cérebro.

Naquele instante, ela disse algo, parecia ter pronunciado seu nome. Foi o que o trouxe de volta à realidade. A lancha continuava navegando através dos canais e arrecifes da passagem externa.

Peter deitou-a suavemente no piso da plataforma e foi até a escada que dava acesso à ponte de comando. Todo aquele terrível conflito durara pouco mais de um minuto, desde seu golpe com a faca até o desmaio de Magda.

O leme da embarcação estava chaveado no piloto automático, de modo que ela atravessara o canal e alcançara o mar aberto. Isso reforçou sua suposição de que ela estava pronta para o ataque. Fingira estar concentrada em conduzir o barco, atraindo-o ao ataque, quando na realidade preparava-se para golpeá-lo.

Aquilo não fazia sentido. Ainda não. O que ele sabia era que cometera um engano terrível. Desligou o piloto automático, passou os aceleradores para a marcha lenta e desengatou a direção principal. Os motores passaram a trabalhar quase em silêncio e o barco estabilizou-se no mar azul.

deu uma olhada pela popa. As ilhas eram apenas pequenas manchas escuras no horizonte. Então ele retornou apressado à escada.

Magda sentara-se e estava encostada na parede. Ao vê-lo, porém, encurvou-

se rapidamente, numa atitude defensiva, mostrando que tinha medo.

— Está bem — disse ele, magoadado, odiando o fato de ela detê-lo. Tomou-a nos braços, sentindo-lhe o corpo rijo com a incerteza, como um gato pego contra a vontade, e carregou-a através da plataforma até a cadeira de couro dobrável. Quando tentou afastar-se, ela deslizou o braço pelo seu pescoço, retendo-o.

— Deixei a faca lá — sussurrou com voz rouca. — Era um teste.

— Vou pegar um curativo...

— Não, não saia daqui, Peter. Fique comigo. Tenho medo. Eu ia matá-lo se você pegasse a faca.

Quase o fiz. O que está acontecendo conosco, estamos ficando loucos? A pressão de seus braços obrigou-o a ajoelhar-se ao lado dela.

— Sim, acho que estamos ficando loucos. Não entendo a mim mesmo nem nada mais.

— Por que você pegou a faca, Peter? Você precisa dizer. Não minta, me diga a verdade. Preciso saber por quê.

— Por causa de Melissa-Jane, por causa daquilo que você fez com ela...

Magda estremeceu como se tivesse recebido uma bofetada. Tentou falar, mas a voz não lhe saiu da garganta.

— Quando descobri que você era Califa, decidi matá-la. Passaram-se alguns minutos até que ela tivesse condições de retrucar.

— Por que você se deteve, Peter? — Por que... porque de repente descobri que te amava. Nada mais importava.

Após um longo silêncio, ela perguntou: — Você ainda acha que eu sou Califa? — Não sei. Não sei mais nada, exceto que te amo. É isso o que importa.

O que aconteceu conosco, Peter? Pelo amor de Deus, o que aconteceu conosco? Você é Califa, Magda? — Peter! Você tentou me matar! Esse era o teste com a faca. Você é Califa!

51

A LANCHÁ DESLIZOU através da estreita passagem do arrecife de coral que cercava a lie dês Oiseaux, enquanto os pássaros marinhos faziam circunvoluções ao redor, enchendo o ar com chilrados e batidas de asas.

Ancoraram a cinco braças a sotavento, e então Peter comunicou-se com a ilha através do rádio, falando ao capitão do barco.

— A baronesa decidiu passar a noite a bordo — explicou. — Não se preocupem conosco.

Quando voltou à plataforma, Magda recuperara-se o suficiente para sentar-se.

Pegara um abrigo de tecido felpudo do guarda-roupa e enrolava uma toalha limpa ao redor do pescoço, para protegê-lo e esconder a equimose que manchava sua pele.

Peter encontrou a caixa de medicamentos num armário sobre a pia do toalete. Pegou duas cápsulas de analgésicos e quatro tabletes de antiinflamatórios.

— Tome — disse ele, estendendo-lhe o copo de água e os comprimidos.

Em seguida, desenrolou a toalha de seu pescoço e untou-o com bálsamo.

— Já me sinto melhor — sussurrou ela.

— Vamos ver sua barriga. — Com um gesto delicado, fez com que ela se deitasse na cadeira dobrável e afastou o roupão atoalhado. Havia uma marca de pontapé abaixo dos seios, chegando quase até o umbigo. Ele passou o bálsamo cremoso sobre o hematoma— Em seguida Magda encaminhou-se ao banheiro. Ficou lá por cerca de quinze minutos, enquanto Peter atendia seus próprios ferimentos, e voltou com o rosto lavado e os cabelos penteados.

Peter serviu duas doses de uísque Jack Daniels e passou um dos copos a ela.

— Tome, vai lhe fazer bem. — - — E você, Peter, está bem? — Só uma coisa... Odeio que você fique preocupada por minha causa. — Sorrindo, ele completou: - Quando poderemos conversar? Precisamos deixar as coisas claras.

— Sim, eu sei, mas não agora. Abrace-me, por favor... Peter aninhou-a contra o peito, surpreendendo-se por vê-la reagir como se aquele gesto lhe aliviasse todas as dores do corpo.

— Você disse que me amava — sussurrou ela, buscando a confirmação que todos os amantes desejam.

— Sim, eu amo você. Mas quando soube que era Califa, tentei me convencer do contrário. E só no final fui obrigado a voltar atrás.

— Ainda bem... porque você pode ver que eu também o amo. Pensei que nunca seria capaz de amar.

Vivia desesperada com isso. Até que conheci você. Então me disseram que você me mataria. Que você era Califa. Tive vontade de morrer... Encontrá-lo e depois perdê-lo... Foi muito cruel, Peter. Aí resolvi lhe dar a chance de provar que não era verdade! — Não fale mais. Fique deitada e escute. Não tenho problema na garganta e prefiro falar antes. Vou lhe contar como fiquei sabendo que você era Califa.

Em rápidas palavras relatou-lhe os acontecimentos que antecederam o sequestro de sua filha.

— Você sabia de tudo até o dia em que Melissa-Jane foi pega. Não havia a menor reserva, a menor mentira entre nós... Mas alguma coisa alterou-se em minha mente durante aquele período. Estava propenso a acreditar no que fosse, a tentar qualquer loucura para trazê-la de volta. As vezes, acordava à noite com ânsia de vômito só de pensar em ver sua mão boiando num vidro.

Falou de seu plano para matar Kingston Parker, atendendo à exigência de Califa, deu-lhe detalhes de como iria eliminá-lo.

— O poder de corromper até os melhores — disse Magda, estremeando.

— Então recebemos o telefonema anônimo que nos permitiu chegar à Old Manse, em Laragh...

Quando vi minha filha naquela situação, perdi a cabeça completamente. Naquele instante, seria capaz de matar qualquer um. — Sem perceber, Peter apertava-lhe o braço entre os dedos, um reflexo do ódio com que rememorava o fato. Foi nesse momento que me falaram sobre você.

— Quem? O comando Atlas.

— Parker? — Sim, e Colin Noble.

— O que lhe disseram? — Contaram-me sobre sua ida a Paris com seu pai, quando você era criança. Já naquela época você era brilhante, bonita e especial... Quando seu pai morreu, você foi morar com tutores, todos eles membros do partido. Até que mandaram alguém para levá-la de volta à Polónia. Alguém que se apresentou como seu tio...

— Eu acreditei que fosse... durante dez anos, acreditei. Ele costumava me escrever... Era o único parente que me restava.

— Você foi escolhida para ir a Odessa — continuou Peter, acomodando-a melhor em seus braços. - Direto para uma escola especial...

— O que você sabe sobre Odessa? Quem nunca esteve lá não faz ideia do que seja.

— Sei que lhe ensinaram... — Interrompeu-se, imaginando uma bonita garota na sala com vista para o mar Negro, aprendendo a usar o corpo como armadilha e atração para os homens. — Eles lhe ensinaram muitas coisas.

— É verdade. Aprendi muitas coisas.

— Como, por exemplo, matar um homem com as próprias mãos.

— Acho que, no fundo, eu não conseguiria matá-lo, Peter. Eu o amava, mesmo que também o odiasse por saber que você me traiu— Não poderia matá-lo... Quando descobri que você iria me matar, foi um alívio. Preferia a morte, a viver sem o amor que julgava ter encontrado.

— Em Odessa você tornou-se uma das escolhidas, uma pessoa de elite.

— Foi como entrar em uma igreja, uma coisa mística, muito bonita... Não consigo explicar. Eu faria qualquer coisa para o Estado, por aquilo que considerava certo para a "Mãe Rússia".

— Então tudo isso era verdade? — perguntou ele, surpreso.

— Tudo. Não vou mentir para você outra vez, Peter.

— Depois, você foi mandada de volta à França, a Paris... E saiu-se melhor do que eles esperavam.

Era insuperável. Nenhum homem podia resistir a você.

Magda não respondeu, nem fez qualquer menção de contrariar o que ele dizia.

— Você teve uma série de casos, todos com homens ricos e poderosos...

Ninguém sabe quantos passaram por suas mãos, mas de cada um você colheu o que pretendia.

— Pobre Peter... Você se torturou com isso? — Ajudou-me a odiá-la.

— O que eu posso lhe dizer para confortá-lo é que nunca amei ninguém até encontrar você.

Peter não duvidou que ela estivesse falando a verdade.

— Então, decidiram que você poderia ser usada para controlar o império de Aaron Altmann...

— Não. — Ela sacudiu a cabeça. — A decisão foi minha. Aaron era o único homem que eu não fora capaz de... — Fez uma pausa, tomou um pequeno gole de uísque e então continuou: — Ele me fascinava. Jamais eu encontrara um homem tão forte, tão decidido.

— Bem, você poderia estar cansada do seu papel por essa época...

— É um trabalho duro, o de ser cortesã. — Ela sorriu pela primeira vez desde que começara a falar; um sorriso triste e autozombeteiro.

— Você agiu de maneira exemplar. Primeiro, tornou-se indispensável para ele. Aaron já estava doente, precisava de apoio, de alguém em quem pudesse confiar. Você servia para o papel.

Ela não o contestou, porém as recordações passavam por seus olhos, mudando as sombras verdes, como a luz do sol através de uma piscina.

— Ao ganhar a confiança dele, não havia nada que você não pudesse fornecer aos seus patrões. Seu valor aumentara cem vezes.

Do lado de fora do barco, o dia chegava ao final, trazendo para a cabine seus tons carmesim e rosa- púrpura. Com o rosto pálido, Magda ouvia o rol de acusações, traições e enganos, ocasionalmente fazendo algum pequeno gesto de negação, uma sacudida de cabeça ou a pressão dos dedos no braço dele. De vez em quando fechava os olhos, como se não pudesse aceitar uma lembrança particularmente cruel, e em duas ocasiões, exclamou: "Meu Deus, é verdade!" Peter prosseguiu, mencionando o prazer que ela adquirira pelo poder ao tornar-se esposa de Aaron Altmann, poder que crescia à medida que a saúde do barão declinava, tanto que se opusera ao marido em alguns assuntos.

— Como o de fornecer armas ao governo da África do Sul — disse Peter.

— Sim, foi uma das poucas coisas que discutimos. — E calou-se, como se aquilo fosse uma lembrança que não pudesse ser compartilhada com ele.

Naturalmente, prosseguiu Peter, o exercício do poder, suas armadilhas, acabara por minar seus ideais políticos, e seus patrões começaram a se dar conta de

que estavam perdendo o controle. Então fizeram pressões para forçá-la a voltar ao rebanho.

— Mas você tinha forças suficientes para não se dobrar. Inclusive porque herdara o contato com a Mossad e possuía a proteção deles.

— É inacreditável... Está tão próximo, tão próximo que é a verdade.

Peter esperou que ela esclarecesse aquela afirmação; como isso não ocorreu, continuou: — Quando ameaçaram revelar ao barão que você era uma agente comunista, você não teve escolha senão eliminá-lo. E fez isso de tal forma que não apenas livrou-se de qualquer ameaça à sua existência, como também adquiriu o controle das Indústrias Altmann e, para coroar a operação, conseguiu vinte e cinco milhões de dólares de capital de giro. Você planejou o sequestro e a morte de Aaron Altmann, pagou o resgate e supervisionou pessoalmente a transferência do dinheiro para uma conta numerada na Suíça...

— Por Deus, Peter! — Seus olhos estavam inescrutáveis.

— É verdade? — perguntou ele, pedindo confirmação pela primeira vez.

— É horrível demais. Continue, por favor.

— O negócio funcionou tão bem que lhe abriu um mundo de possibilidades. Foi aí que você se tornou Califa. O sequestro do voo 070 não deve ter sido o primeiro golpe após o caso Aaron Altmann; houve a operação com os ministros da OPEP em Viena, a atividade das Brigadas Vermelhas em Roma, porém o 070 foi a primeira vez que você usou o nome Califa. E só não deu certo por causa da desobediência de um subordinado. — E apontou para si mesmo. — Isso frustrou o sequestro e despertou sua atenção para mim.

Em silêncio, Magda estendeu o braço e alcançou o interruptor do abajur de leitura, ajustando o reostato para uma luz discreta. Fitou o rosto dele enquanto ouvia com uma expressão séria.

— Naquela ocasião, você descobriu, através de suas fontes especiais, provavelmente a conexão Mossad ou mesmo a SID francesa, que alguém estava atrás de Califa. Esse alguém viria a ser Kingston Parker e o Atlas. Eu era a pessoa ideal para confirmar a informação e, depois, para assassiná-lo. Eu possuía todas as condições para fazer o serviço. Poderia chegar perto dele sem levantar qualquer suspeita, mas precisava ser suficientemente motivado...

— Não — ela protestou, incapaz de desviar os olhos do seu rosto.

— Tudo se encaixa. Quando recebi o dedo de Melissa-Jane, estava disposto a fazer qualquer coisa...

— Acho que vou vomitar.

— Desculpe. — Peter estendeu-lhe o copo de uísque, que ela bebeu fazendo uma careta. Então, fechou os olhos por alguns instantes, a mão sobre o pescoço ferido. - Melhorou? — perguntou ele. Sim. Estou bem agora.

— Tudo estava dando certo, até que o telefonema anônimo denunciou o esconderijo na Irlanda.

Ninguém poderia prever isso, nem Califa.

— Mas não há provas! Você só faz conjecturas. Não há provas de que eu fosse Califa.

— Há. O'Shaughnessy, o líder do bando que sequestrou Melissa Tane, fez dois chamados telefônicos.

Ambos para Rambouillet 47-87-47— Para prestar contas ao chefe, a Califa. — Peter esperou inutilmente que ele replicasse. Em seguida expôs os planos que fizera para executá-la, citando as corridas de Longchamp e a Avenida Victor Hugo como possíveis lugares para o atentado.

— Eu estaria lá — admitiu ela. — Você escolheu os lugares certos. Yves programou um desfile particular para mim no dia seis do próximo mês. Eu estaria presente.

— Então você me livrou do problema. Convidou-me para vir até aqui. Era um convite para morrer, pois você sabia que eu havia descoberto a identidade de Califa. Percebi isso em seus olhos durante o encontro no aeroporto de Orly, e comprovei pela maneira como você passou a me evitar, não me dando oportunidade de fazer o que tinha de ser feito.

— Continue.

— Você mandou que me revistassem quando desembarquei no Taiti-Faaa. Ela assentiu.

— Mandou os lobos cinzentos vasculharem meu quarto na noite passada. E montou tudo para hoje.

Eu precisava atacar primeiro, e foi o que fiz.

— Pois é — murmurou ela, massageando o pescoço. Depois de encher os copos no bar escondido atrás de um anteparo, Peter voltou a sentar-se ao lado dela. Sentia-se exausto, o corpo dolorido, mas a narração daqueles episódios funcionara como o corte de um abscesso maligno que, com a expulsão do veneno, produzisse um alívio, permitindo o início da cura.

Magda, mais fatigada do que ele, cochilava em seus braços. Peter carregou-a no colo até o camarote, depositando-a na cama de casal. Deitou-se ao seu lado, usando um dos braços para apoiar-lhe a cabeça e o outro para prender-lhe o corpo de encontro ao seu.

Adormeceram naquela posição, mas, durante a noite, ele virou-se, de modo que deu-lhe as costas. Foi a vez de Magda aninhá-lo contra si, a cabeça contra a sua nuca, os seios roçando suas costas, uma das pernas cobrindo-lhe as coxas.

Horas depois, Peter acordou e, ao se ver sozinho na cama, ficou tenso, alerta, cheio de novas dúvidas. Só quando ouviu o som da descarga no banheiro foi que se

acalmou.

Magda retornou à cama, sem o roupão, e acomodou o corpo nu em seus braços.

Acordaram juntos, com os raios de sol penetrando na cabine através da escotilha, parecendo uma luz de teatro.

— Meu Deus... deve ser meio-dia. — Ela sentou-se e jogou os cabelos para trás. Ao ver Peter contorcer-se, de dor, ficou preocupada, — Qua tu, chéri? — Sinto-me como se estivesse saindo de uma betoneira. — Seus músculos doíam, e os tendões protestavam ao mínimo movimento.

— Só há uma cura para nós dois. E é em três etapas. Ajudou-o a sair da cama, rindo com a encenação de aleijado que ele fazia. Ela parecia bastante recuperada, embora a voz ainda estivesse rouca e a equimose, mais escura. Subiram até o convés e se jogaram da plataforma de mergulho.

— Está funcionando — admitiu Peter, assim que emergiu da água morna.

Nadaram lado a lado, ambos nus, lentamente a princípio, e depois mais rápido, ora de peito, ora de costas. Foram até os arrecifes, onde descansaram durante alguns minutos.

— Melhor? — perguntou ela.

— Muito melhor.

— Aposto como ganho de você na volta.

Chegaram juntos ao barco e subiram para a cabine de comando, rindo e arfando. Peter envolveu-a nos braços, porém, após uma terna carícia, ela se desvencilhou.

Primeiro a fase dois da cura.

Magda trabalhou na cozinha vestindo apenas um avental florido amarrado à cintura.

— Nunca pensei que um avental pudesse ser tão provocativo. Você é quem deveria estar fazendo o café — retrucou ela, empinando o traseiro descoberto.

Fez omeletes espessas, douradas e fofas, que levaram para a plataforma superior. Os ventos pastoreavam flocos de nuvens prateadas sob o céu de um tom azulado peculiar.

Comeram com apetite — aquela manhã brilhante injetara-lhes um novo ânimo, que nada tinha a ver com o dia anterior. Riram, falaram coisas inconsequentes e sem sentido, jogaram pedaços de pão para as gaivotas, parecendo duas crianças num piquenique. No final, Magda sentou-se no colo dele, brincando de tomar-lhe o pulso.

— O paciente está melhor de saúde. E forte o suficiente para a fase três da cura.

— O que é?

— Peter, chéri, mesmo que você seja um inglês, você não é tão burro. — E

remexeu o traseiro em seu colo.

Fizeram amor à luz do sol, deitados sobre um colchão de espuma, com o vento tocando seus corpos como dedos invisíveis. Tudo começou com brincadeiras maliciosas, suspiros de redescoberta, murmúrios de receptividade e encorajamento; depois, com uma intensidade quase insuportável, uma tempestade de emoção varreu todas as controvérsias, todas as dúvidas. Um furor torrencial transportou-os do plano puramente físico para uma dimensão desconhecida, uma afirmação total de seus corpos e mentes que fazia tudo o mais parecer inconsequente.

— Eu te amo — ela gritou no final, como se quisesse negar tudo o que fora obrigada a fazer. — Só amei você até agora. — Era grito que vinha das profundezas insondáveis de sua alma.

Demorou um longo tempo até que retornassem do lugar para onde haviam sido arrastados, até tornarem-se duas pessoas distintas outra vez. No entanto, de uma forma ou de outra, tinham consciência de que jamais estariam completamente separados. E essa certeza deixava-os mais tranquilos, dava-lhes novas forças e uma grande euforia.

Transportaram o bote inflável para a praia e o amarraram num tronco de palmeira. Depois adentraram na ilha, escolhendo o caminho entre os ninhos dos pássaros marinhos que estavam espalhados no solo. Seis diferentes espécies eram criadas juntas numa colônia que cobria a maior parte dos cerca de oito hectares. Seus ovos variavam de tamanho e de cor. Havia filhotes feios, com seus corpos implumes, e outros simpáticos como os desenhos animados de Walt Disney. O ar estava impregnado pelo sussurro de milhares de asas, pelo grasnado das rixas e do companheirismo dos pássaros.

Magda conhecia o nome científico de cada espécie, sua classificação e seus hábitos, suas chances de sobrevivência ou extinção no variável ecossistema do oceano.

Peter ouvia com paciência, percebendo que por trás de suas descrições e de sua estudada jovialidade, ela tentava criar coragem para responder às acusações que ele lhe fizera.

No final da ilha havia uma árvore gigantesca, cuja densa folhagem verde era uma excelente proteção contra o sol intenso, o calor e a umidade. Eles buscaram aquela sombra, sentando-se lado a lado sobre a areia, virados na direção da ilha principal que ficava a oito quilômetros dali. Aquela distância não se viam nem as casas nem o cais, o que dava a Peter a ilusão do paraíso primitivo onde os dois seriam os primeiros homem e mulher. As palavras de Magda desfizeram seu encantamento.

— Quem mandou você me matar, Peter? Como foi dada a ordem? Preciso

saber disso antes de falar sobre mim.

— Ninguém.

— Ninguém? Não houve uma mensagem como a que você recebeu ordenando que matasse Parker?

— Não.

— E Parker, e Colin Noble? Não lhe deram ordens nem sugeriram?

— Parker proibiu-me expressamente de fazê-lo. Você não deveria ser tocada... até que ficasse exposta.

— Então foi decisão sua?

— Era minha obrigação.

— Para vingar sua filha?

Ele hesitou, mas depois falou com sinceridade.

— Sim, Melissa-Jane era o principal. Ao mesmo tempo sentia-me na obrigação de destruir o mal, para evitar sequestros como o do 070, raptos como o de Aaron Altmann e a própria mutilação de minha filha.

— Califa sabe bastante sobre nós dois. Talvez até mais que nós mesmos. Não sou covarde, Peter, mas estou realmente temerosa.

— O medo é a ferramenta de trabalho dele.

Magda mudou ligeiramente de posição, convidando-o para um contato físico. Peter pôs os braços ao redor dos seus ombros, puxando-a de encontro ao peito.

— Tudo o que você falou ontem à noite era verdade, menos as inferências e conclusões. A morte de papai, os anos solitários com estrangeiros e tutores... Minhas maiores recordações desse período são das noites acordada, tentando abafar o choro com uma almofada. O retorno à Polónia estava certo, a escola de Odessa... Qualquer dia vou lhe falar sobre Odessa, se você realmente quiser ouvir.

— Acho que não quero.

— Talvez seja mais sensato. Quer saber sobre minha volta a Paris? — Somente o essencial.

— Está bem, Peter. Tive vários amantes. Foi para isso que fui treinada e escolhida. Sim, vários homens... Você acha que isso faz alguma diferença para nós? Eu te amo — disse ele com firmeza. Ela o encarou por alguns instantes, depois suspirou.

— É verdade. Você realmente pensa assim. Não gostei dos meus amantes. Creio que foi por isso que escolhi Aaron Altmann. Escolhi-o, e Moscou concordou. Era, como você disse, um trabalho delicado. Eu precisava ganhar seu respeito. Ele nunca respeitara nenhuma mulher antes. Provei a ele ser tão capaz como qualquer homem, para qualquer tarefa que recebesse. Depois que conquistei seu respeito, o resto foi fácil. — Ela riu. — A vida tem seus truques picantes. Descobri primeiro que gostava dele, então evolui para respeitá-lo também. Era uma figura grandiosa,

com um poder... um poder que parecia uma força cósmica e que se tornou o centro da minha existência.

— Magda ergueu a cabeça e beijou-lhe o queixo. — Não, Peter, eu não o amava. Nunca amei antes de encontrar você. Mas o admirava como um membro de uma tribo primitiva adora o raio ou o trovão. Ele dominava minha vida, mais que um pai, mais que um professor, tanto quanto um deus, mas muito menos que um amante. Era rude e forte.

Não fazia amor, apenas entrava em cio. Está me entendendo, Peter, ou me expliquei mal? — Não. Você explicou muito bem.

— Fisicamente ele não me comovia nem um pouco. Tinha os ombros e as costas peludas como um animal. A barriga era protuberante e dura como pedra... Porém, eu tinha sido preparada para ignorar isso. Em outras coisas ele me fascinava. Estimulava-me a ter pensamentos proibidos, a abrir brechas que o treinamento fechara em minha mente. Ensinou-me bastante sobre o poder e suas armadilhas. É uma acusação que você me fez e que eu admito. A ânsia pelo poder e pela riqueza estava no meu sangue.

E Aaron me introduziu nesse mundo. Foi com quem aprendi a apreciar as coisas refinadas, quem me fez sentir viva como jamais me sentira antes. Então ele riu de mim.

Meu Deus, ainda posso ouvir o urro de seu riso e ver aquela barriga enorme balançando enquanto ele gargalhava... "Minha adorável comunista", era assim que zombava de mim. Sim, Peter, eu tinha sido enganada; desde o começo ele sabia quem eu era. Inclusive com informações sobre a escola de Odessa. Ele me aceitara como um desafio, com certeza me amava... à sua maneira. E se propusera a demolir minhas convicções ideológicas.

Descobri que as informações que eu passava para Moscou haviam sido cuidadosamente peneiradas por Aaron. Eu devia enganá-lo, mas estava sendo enganada. Ele era sionista e pertencia ao Mossad, como você bem sabe. E ensinou-me o significado de ser judia, mostrou-me cada falha da doutrina do comunismo, convenceu-me da democracia e do capitalismo ocidental e então me recrutou para o Mossad... — Magda fez uma pausa, balançando a cabeça com veemência. — E alguém acredita que eu desejaria destruir um homem desses! Que eu seria capaz de ordenar seu rapto e mutilação...

No final, à medida que ele definhava, que sofria dores terríveis, aproximei-me dele como jamais o fizera antes e o amei como uma mãe ama o filho. Ele dependia de mim para tudo e afirmava que a única coisa que aliviava sua dor era o meu toque. Eu passava horas massageando sua barriga peluda, ciente de que o câncer consumia-o a cada dia. Aaron não aceitava ser operado. Odiava os "açougueiros", como chamava os médicos.

"Açougueiros com facas e tubos de borracha..." Peter percebeu que os olhos dela estavam cheios de lágrimas. Abraçou-a com mais força e esperou em silêncio pela sua recuperação.

— Deve ter sido por essa época que Califa entrou em contato com Aaron. Lembro-me bem de como ele ficou agitado de um momento para outro. Sem nenhum motivo aparente, fazia discursos intermináveis sobre a semelhança entre a tirania da direita e da esquerda. Não chegou a mencionar o nome Califa, talvez não conhecesse esse apelido.

Acredito que ele teria me contado detalhes desse encontro, caso tivesse vivido. Infelizmente, não houve tempo.

Magda virou-se e fitou Peter nos olhos.

— Você precisa entender, chéri, que algumas coisas eu só descobri recentemente, nas últimas semanas. Outras, fazem parte de um quebra-cabeça que tento montar. Mas estou convencida de que Califa fez uma proposta a Aaron. Uma proposta simples. Convidou-o a integrar-se em sua organização. Aaron deveria aportar uma soma substancial e colocar suas informações privilegiadas e seus canais de influência à disposição de Califa. Em troca, estaria ajudando a construir o admirável mundo novo de Califa.

Foi um erro de cálculo de Califa, talvez o único engano que cometeu até agora. Porque Aaron simplesmente deu-lhe as costas; só que ele havia revelado sua identidade secreta. Acredito que tenha sido um esforço para convencer Aaron. Porque o barão não era um homem que se contentasse com um jogo de esconde-esconde, nomes em código, identidades falsas. Quanto a isso Califa acertou. Por isso enfrentou-o frente a frente e, quando descobriu que Aaron não participaria de uma campanha de assassinato e extorsão, fossem quais fossem os objetivos finais, não teve escolha. Sequestrou-o e matou-o depois de torturá-lo, na tentativa de obter informações, sobre o Mossad, suponho. Então persuadiu-me a pagar o resgate. E teve duas vitórias de uma única cartada.

Silenciou Aaron e ganhou vinte e cinco milhões de dólares para seu caixa de guerra.

— Não foi essa a história que você me contou antes... — replicou Peter num tom zangado.

— Eu não tinha esses detalhes quando nos encontramos pela primeira vez, chéri. Por favor, acredite.

Vou lhe dizer como cheguei a essas conclusões, tenha um pouco de paciência. Vou contar o que aconteceu.

— Tudo bem...

— A primeira vez que ouvi o nome Califa foi quando entreguei o resgate.

— Sim, eu sei.

— Então vamos agora para a sua parte. Ouvi falar de você pela primeira vez durante o sequestro do 070 em Johannesburg. Imaginei que poderia contar com sua ajuda para caçar Califa. Fiz várias descobertas sobre você. Tive até relatórios computadorizados a seu respeito... — Com um brilho malicioso no olhar, ela completou: — Fiquei impressionada com a lista de suas mulheres.

— Prefiro não discutir esse assunto.

— Combinado. Mas estou com fome e com a garganta doendo de tanto falar.

Atravessaram a ilha, com os pés descalços sobre a areia em brasa, e retornaram ao barco. A geladeira estava repleta de comidas e bebidas. Peter abriu uma garrafa de champanhe Veuve Clicquot.

— Você tem gostos sofisticados. Não sei se serei capaz de mantê-la... com o meu salário.

— Tenho certeza de que você conseguirá um aumento do seu chefe — garantiu ela, piscando o olho.

52

Num acordo tácito, só voltaram à discussão anterior após o almoço- Outra coisa que você precisa entender, Peter, é que sou do Mossad, mas não o controlo. Eles me controlam. O mesmo acontecia com Aaron. Éramos agentes valiosos, talvez os mais valiosos da rede europeia, mas eu não tomo decisões, nem tenho acesso a muitos segredos.

O objetivo do Mossad é a segurança e a proteção do Estado de Israel.

Não há outra justificativa para sua existência. Acredito que Aaron tenha feito uma descrição completa de Califa para o Mossad, detalhando a proposta que recebeu... e suspeito que o Mossad lhe haja ordenado que cooperasse.

— Por quê? Não faz sentido!

— Não tenho certeza, mas penso em duas razões. Califa devia ser tão poderoso e influente que seu apoio seria valioso. E desconfio que tivesse posições pró-Israel. O Mossad aceita aliados sem questionar-lhes a moral. Portanto, deve ter mandado Aaron cooperar com Califa, mas...

— Mas?

— Mas não se obriga alguém como Aaron a ir contra suas convicções mais profundas. Por trás da aparência inflexível, ele era um homem de grande humanitarismo. Para mim, a origem de sua agitação estava no conflito entre o dever e a crença. O instinto advertia-o para destruir Califa, porém sua obrigação... — Magda pegou a taça de champanhe. Girou-a entre os dedos, estudando o borbulhar do líquido, e então mudou de assunto: — Por mais que eu tentasse, não conseguia

descobrir por que agi tão diferente com você. Nenhum outro homem tinha me afetado tanto. E com você foi quase instantâneo... Claro, eu sabia bastante a seu respeito. Você possuía as qualidades que eu admirava, mas havia outras características que não se pode analisar num arquivo de computador nem se perceber a partir de uma fotografia. Alguma coisa diferente... Quer saber o quê? Você me físgou!

— É uma boa palavra. — Peter riu.

— Isso nunca tinha me acontecido antes. Era uma experiência nova desejar um homem apenas porque ele era gentil, forte e... sem rodeios, sexy. Você é sexy, Peter, mas também tem algo mais... Bem, chega de adulação. Vamos voltar ao que interessa. Califa deve ter percebido que eu recrutei um aliado perigoso. Por isso tentou matá-lo naquela noite em Rambouillet...

— Estavam procurando você... — interrompeu Peter.

— Quem? Quem queria me agarrar? — Os russos; talvez como vingança por você ser uma agente dupla.

— Pensei nessa possibilidade, mas não acredito que o atentado da estrada fosse deles.

— Está bem, de Califa então. Porém dirigido a você, não a mim.

— Continuo achando que não. O instinto me diz que foram em cima do alvo certo. Estavam atrás de você.

— Pode ser. Afinal de contas, fui seguido quando deixei Paris naquela noite. — E contou-lhe sobre o Citroen. — Eles deviam saber que eu estava sozinho no Maserati.

— Então foi Califa! — Por que não o Mossad? Na certa, não interessava a eles que um homem do Atlas estivesse próximo de sua principal agente, porque poderia ser o aliado em sua caçada a Califa.

— Peter, isso são águas muito profundas... e há um monte de tubarões. Vamos esquecer esse episódio por alguns momentos, para não complicar a história que estou tentando contar.

— Tudo bem. Voltaremos ao caso mais tarde, se necessário.

— O passo seguinte foi o rapto de Melissa-Jane. A escolha da vítima foi uma inspiração de génio, mas não exigia um conhecimento especial de você ou de seus assuntos domésticos. Era fácil para qualquer um descobrir que você tinha apenas uma filha. E bastava uma análise superficial do seu carácter para se entender o poder de alavanca que ela possuía. — Magda mergulhou o dedo no champanhe, depois levou-o à boca, pensativa. — Naquele momento eu já encarava o fato de estar apaixonada por você. O presente confirmava isso...

O rubor que lhe tomou as faces deixou Peter emocionado. Era a primeira vez que a via constrangida.

— O livro — murmurou ele. — A primeira edição de Cornwal- lis Harris.

— Meu primeiro presente de amor. Comprei-o quando afinal me convenci... mas estava decidida a nunca admitir para você. Sou antiquada o suficiente para acreditar que o homem deve falar primeiro.

— Eu falei.

— Sim, jamais vou me esquecer daquele momento! Houve um instante de silêncio. Ambos pensavam na selvagem confrontação do dia anterior, que acabara com uma declaração de amor.

— Sempre tento não ser convencional — disse Peter.

— E conseguiu, mon amour, você conseguiu! — Ela riu. — Eu estava apaixonada por você. Sua aflição também era minha. Achei a garota adorável, desde aquele primeiro encontro e me sentia responsável pelo que ocorrera. Afinal, eu o convocara para se unir a mim na caçada a Califa, e por causa disso você perdia a filha.

Peter balançou a cabeça, lembrando que acreditara ser ela a responsável por tudo. Magda adivinhou-lhe o pensamento.

— Foi um golpe cruel saber que você desconfiava de mim. Eu teria feito qualquer coisa para lhe devolver a garota, mas estava de mãos e pés atados. O serviço secreto francês não fazia a menor ideia do paradeiro da menina e... e meu contato no Mossad só desconversava. Mas eu tinha a impressão de que eles possuíam a chave do sequestro. Se não estivessem diretamente envolvidos, no mínimo sabiam mais que os outros. Já expliquei que acreditava que Aaron fornecera a eles a identidade de Califa. Se assim fosse, eles deveriam ter dados concretos sobre o caso. Em Paris, eu era impotente para conseguir a informação. Então fui pessoalmente a Israel e confrontei meu superior lá. Era minha única chance de obrigá-los a cooperar. Eles precisavam acreditar que meu valor como agente era o suficiente para me dar uma pista até Melissa-Jane...

— Você ameaçou o Mossad com renúncia? Você teria feito isto por mim? — Oh, Peter, você não entende, eu amava você... e nunca estive apaixonada antes. Teria feito qualquer coisa por você.

— Isso me deixa arrasado.

Magda não replicou. Apenas fez uma pausa longa, como se estivesse saboreando aquela afirmação, e logo continuou: — Acionei meu plano para desaparecer quando fosse necessário. Pierre levou-me de jato para Roma; de lá, telefonei para você mas não pude dizer-lhe o que pretendia fazer. Troquei de identidade e peguei um voo comercial para Telavive. Minha tarefa em Israel era difícil, muito mais difícil do que imaginara. Passei cinco dias esperando uma entrevista com meu superior. Ele é um velho amigo... Não! Não é um amigo, mas nos conhecemos há muito tempo. É o diretor-executivo do Mossad. Isso lhe dá uma

ideia de como valorizam meus serviços, certo? Mesmo assim, esperei cinco dias para ser atendida. E ele estava absolutamente frio. Disse que não podia me ajudar, que não sabia de nada. — Magda riu. — Você nunca me viu quando eu cismo com alguma coisa, Peter. Ah, que batalha! Eu conhecia segredos que poderiam embarçar o Mossad diante de seus aliados do Ocidente, como a França, a Grã-Bretanha, os Estados Unidos. Ameacei dar uma entrevista à imprensa em Nova York. Ele ficou menos frio, mas afirmou que a segurança do Estado tem precedência sobre os sentimentos pessoais. Respondi com uma grosseria. E lembrei-lhe de alguns negócios iminentes que eu pensava em mantê-los... iminentes. Ele melhorou um pouco. Mas até aí estava perdendo tempo, dias, muitos dias. Comecei a ficar louca. Recordei-me de como fora encontrado o corpo de Aaron, e não dormi naquela noite, preocupada com a garota. Oh, Peter, você nunca entenderá o quanto eu rezei para estar errada. Você nunca entenderá o quanto eu queria estar ao seu lado para confortá-lo. Ansiava por ouvir sua voz, apenas a voz, mas não podia quebrar minha cobertura em Telavive. Não podia sequer telefonar ou mandar uma carta. — Parou para tomar fôlego, um intervalo de apenas alguns segundos. — Esperava que você não fizesse uma ideia errada a meu respeito. Você poderia pensar que não me importei, que não estava disposta a ajudá-lo. Lutei para conseguir alguma informação de valor, para provar que isso não era verdade, mas nunca imaginei que você seria capaz de acreditar que eu tinha sequestrado sua filha.

— Sinto muito...

— Nem fale nisso! Ambos somos brinquedos de Califa. Você não tem culpa de nada. E não foi o único a acreditar em coisas ruins. No final, acabei dobrando meu superior do Mossad. Ele insistia em que nunca ouvira falar de Califa, até que arrisquei uma mentira. Afirmei que Aaron me contara sobre um encontro que tivera com Califa. O homem recuou. Sim, ele admitiu conhecer vagamente o nome, mas não saber quem era Califa. Insisti no assunto, exigindo vê-lo todos os dias, deixando-o louco, até que ele me ameaçou com a deportação. Mas, a cada encontro, eu conseguia um pouco mais. Por fim, ele declarou: "Está bem, conhecemos Califa; é alguém perigoso, que dentro em breve se tornará um dos homens mais poderosos no mundo; e é amigo de Israel. Pelo menos, acreditamos que seja". Especulei mais um pouco, e ele acrescentou: "Colocamos um agente muito próximo dele, e não podemos pôr em risco a segurança desse homem. É um agente valioso, porém vulnerável a Califa.

Precisamos protegê-lo, acima de tudo". Depois de muita insistência, ele me deu o nome em código do agente, para o caso de alguma necessidade de contato. É "Flor de Cactus".

— Isso foi tudo? — perguntou Peter, desapontado.

— Não, meu superior me forneceu outro nome. Para me acalmar e ao mesmo

tempo me advertir. Um nome tão próximo de Califa que parecia virtualmente ser o mesmo. E frisou bem que estava me dando esse nome para minha própria proteção.

— Que nome era?

— O seu... Stride.

Peter fez um gesto irritado.

— Isso não faz sentido. Por que eu iria sequestrar e mutilar minha própria filha? E "Flor de Cactus"... Ele poderia ter dito qualquer outra bobagem.

— Agora é minha vez de pedir desculpas.

Peter percebeu de repente que estava rejeitando rápido demais aqueles fragmentos de informação.

Pôs-se a caminhar de um lado para outro do convés do barco, com passos agitados e nervosos.

— Flor de Cactus... Já ouvimos esse nome alguma vez?

— Não — disse ela.

— Desde quando?

— Não sei.

— Bem, vamos guardá-lo por enquanto. E quanto ao meu nome, Peter Stride, o que você concluiu?

— Nada em especial, apenas o choque. E, por incrível que pareça, não pensei imediatamente em você, mas na confusão entre o sequestrador e a vítima.

— Como assim? Peter Stride? Não entendo.

— Melissa-Jane é Stride também.

— Sim, claro. Então não lhe deram o nome Peter Stride?

— Não. Apenas Stride.

Peter parou na metade de um passo, com uma ideia martelando-lhe a cabeça. Ficou pensativo, os olhos fixos no horizonte.

— Mas me deram seu nome completo mais tarde — acrescentou Magda.

— Quando?

— Depois que recebemos a notícia de que Melissa-Jane tinha sido salva.

Fiquei louca para voltar a Paris, porque queria me encontrar com você. Estava pronta para tomar o avião no aeroporto de Ben-Gurion seis horas após ouvir a notícia. Sentia-me felicíssima: Melissa-Jane estava salva, eu estava apaixonada, e logo iria estar com você. No aeroporto, um pouco antes da partida, uma mulher da polícia conduziu-me para o escritório de segurança. Meu superior do Mossad estava lá. Tinha vindo às pressas de Telavive só para me passar uma informação. Havia recebido uma mensagem urgente de Flor de Cactus, dizendo que o general Peter Stride estava definitivamente motivado por Califa e me mataria na primeira oportunidade. Caí na gargalhada, mas o homem não riu. "Minha querida baronesa, Flor de Cactus é um agente de primeira linha. Você precisa levar a sério essa

advertência". Foi o que ele me disse. — Magda deu de ombros. — Eu não quis acreditar, Peter. Era impossível. Eu amava você e sabia que você me amava, mesmo que ainda não tivesse consciência disso. Era uma loucura.

Durante o voo, tive tempo para pensar. Meu superior nunca se enganara antes. Então imagine meu dilema... estava louca para vê-lo e aterrorizada com a ideia de ser morta.

Mas pior do que isso era imaginar que você poderia ser Califa.

Foi o que mais me amedrontou. Veja bem, era a primeira vez que eu amava alguém. Eu não iria suportar.

Magda calou-se por alguns instantes, relembrando a dor e a confusão que a atormentaram. Seus cabelos caíam como uma cascata sobre os ombros nus.

— Chegando a Paris, minha primeira preocupação foi saber se você e Melissa-Jane estavam sãos e salvos em Abbots Yew. Então comecei a questionar se havia fundamento na advertência de Flor de Cactus. Mas até que fizesse algumas modificações em minha segurança, evitei encontrar-me com você. Ao mesmo tempo, sentia como se uma parte de mim estivesse morrendo.

Ela tomou-lhe a mão, beijou-a e depois colocou-a sobre a maçã do rosto.

— Centenas de vezes tentei me convencer de que não poderia ser verdade e que devia ir à sua procura. Afinal, não consegui mais suportar. Decidi encontrá-lo em Orly para ver se de uma forma ou de outra me livrava dessa terrível incerteza. Eu estava com os lobos cinzentos, como você se recorda, que tinham sido advertidos para esperarem confusão. Não lhes avisei para observarem você, mas se tentasse qualquer coisa contra mim eles teriam... Assim que você entrou na sala do aeroporto, percebi que era verdade. Estava no ar, havia uma aura de morte ao seu redor. Foi o momento mais atemorizante da minha vida. Você tinha mudado... não era Peter Stride que eu conhecia... seu rosto estava alterado pela cólera. Dei-lhe um beijo de despedida, porque não poderia voltar a vê-lo. — Uma sombra de tristeza perpassou os olhos de Magda. — Imaginei que teria de me proteger... seria mais sensato desaparecer. Pensei em matá-lo, antes que você me matasse, mas acabei deixando de lado a ideia.

Afundi no trabalho, que sempre foi um ópio para mim, esperando esquecer tudo... Desta vez não funcionou. Já lhe disse uma vez, mas isso explica tanto que vou repetir: nunca estive apaixonada antes e não podia descartar o amor. Estava atormentada, tanto com o aviso de Flor de Cactus, como com o que tinha visto em você no aeroporto.

Não me conformava que fosse verdade... Eu o amava e você me amava, portanto não poderia estar planejando meu assassinato. Quase me convenci disso. — Ela deu um sorriso amargo. — Então vim para cá — E fez um gesto que abarcava o mar, o céu e as ilhas. — Para escapar da tentação de ir até você. Um refúgio onde

eu poderia me recuperar das mágoas e começar a compreender você. Também não funcionou. Foi até pior. Aqui, eu tinha mais tempo para pensar, para me torturar com especulações e teorias absurdas.

Só havia um caminho. Finalmente reconheci isso. Eu o chamaria para cá e lhe daria uma chance de me matar... Foi a coisa mais louca que já fiz na vida. Mas, graças a Deus, eu o fiz.

— Chegamos a um ponto de ruptura — concordou Peter.

— Por que você não me perguntou sem rodeios se eu era Califa?

— E por que você não me perguntou sem rodeios se eu queria matá-la?

— É, ficamos presos na teia que Califa teceu para nós. Só tenho mais uma pergunta, Peter chéri. Se eu fosse Califa, você acha que seria tão estúpida a ponto de dar o número de telefone de Rambouillet ao homem que sequestrou Melissa-Jane e instruí-lo para me ligar quando sentisse vontade?

— Eu pensei... Não! Não é isso. Acontece que não raciocinei com calma. Você não teria feito aquilo, embora até os criminosos mais espertos cometam erros elementares.

— Não quem foi treinada na escola de Odessa — comentou Magda, arrependendo-se a seguir. — Bem, essa é a minha versão da história, Peter. Se você se lembrar de alguma lacuna, pergunte.

Mais uma vez, repassaram tudo desde o início, na tentativa de encontrarem alguma pista que tivessem subestimado na primeira tentativa. Apesar do esforço, não foram capazes de descobrir mais do que já sabiam.

Uma coisa que não podemos perder de vista é a qualidade da oposição — declarou Peter, quando o sol já começava a baixar no horizonte, flanqueado por grupos de cúmulos-nimbos que se elevavam sobre as ilhas como se fossem explosões nucleares silenciosas. — Há camadas sobre camadas, razões atrás de razões. O sequestro de Melissa-Jane não era apenas para me forçar a assassinar Kingston Parker, mas você também; se eu tivesse feito isso, estaria preso a Califa para sempre.

— Para onde vamos agora, Peter? — perguntou ela, mudando de assunto.

— Que tal voltar para casa? A menos que você queira passar outra noite aqui no barco.

Peter descobriu que seus objetos pessoais tinham sido transferidos do bangalô de hóspedes para um quarto da mansão na ponta norte da ilha. Seus artigos de toalete estavam colocados no banheiro espelhado que ladeava o da proprietária. As roupas, todas recentemente lavadas e passadas, estavam no quarto de vestir, onde havia cerca de trinta metros de armários, suficientes para guardar umas trezentas peças de roupa. As gavetas poderiam abrigar o estoque de uma camisaria...

sem contar os armários para centenas de pares de sapatos.

Preciso aprender a viver uma vida rústica como essa, disse Peter a si mesmo, diante do espelho, enquanto penteava os cabelos.

A sala da suíte possuía três níveis e era decorada com mobília de vime. Plantas tropicais luxuriantes cresciam em antigas ânforas gregas ou em vasos de pedra incorporados harmoniosamente à arquitetura da peça. As trepadeiras e as outras plantas combinavam com o tom vívido da cortina. Para completar, a vegetação exótica, do outro lado das janelas panorâmicas, dava ao quarto uma atmosfera fresca e convidativa, pois o ruído do ar-condicionado era encoberto pelo murmúrio da queda d'água da rocha que fazia as vezes de parede para o quarto. Peixes tropicais nadavam na pequena piscina translúcida onde a água se despejava.

Uma das empregadas polinésias apareceu com uma bandeja contendo quatro taças compridas para Peter escolher. Estavam cheias de frutas geladas, misturadas com rum.

Ele preferiu não arriscar uma dor de cabeça e pediu um uísque. Porém, quando viu a expressão desapontada da garota, mudou de ideia. Pegou uma das taças e provou.

— Parfait! — exclamou ele, fazendo com que a jovem sorrisse satisfeita antes de sair bamboleando as ancas sob a reduzida vestimenta típica.

Magda chegou em seguida, num vestido de gaze de seda tão diáfano que parecia flutuar ao seu redor, como uma densa bruma marítima. Ele perdeu o fôlego quando ela se aproximou. Será que algum dia sua beleza deixaria de impressioná-lo? Ela experimentou o conteúdo da taça dele, depois conduziu-o através da sala, mostrando-lhe as plantas raras e os peixes.

— Construí esta ala depois da morte de Aaron — explicou, para deixar claro que ali não havia recordações de outro homem. Peter gostou de saber que ela achava aquilo importante.

Uma das paredes da sala de jantar privativa era uma lâmina de vidro blindado — um aquário — atrás da qual peixes coloridos deslizavam pelas cavernas iluminadas; as ramas das plantas marítimas balançavam sob as correntes invisíveis.

Sentaram-se à mesa, lado a lado e de frente para o aquário.

— Não gostaria que você ficasse longe de mim novamente — disse Magda, enquanto lhe servia alguns petiscos especiais. — Isto é uma especialidade de Lês Neuf Poissons.

Você não comerá em outro lugar do mundo. — Tratava-se de pequenos crustáceos das profundezas do mar, preparados com um molho de condimentos e creme de coco.

Ao final da refeição, ela ficou descascando uvas frescas australianas, usando as longas unhas com a paciência de um cirurgião, e, removendo as sementes,

colocava-as na boca de Peter.

— Você me arruína com tanto mimo — disse ele, sorrindo.

— Nunca tive uma boneca quando era pequena. — Ela também riu.

Uma escada circular dava para a praia a cerca de quinze metros abaixo do nível da sala de jantar.

Ambos deixaram os sapatos no último degrau e caminharam descalços pela areia lisa, compacta como asfalto devido ao recuo da maré. A lua nova espalhava sua luz amarelada até o horizonte.

— Califa precisa ser persuadido de que vem obtendo sucesso — disse Peter abruptamente.

— Será que a gente não pode esquecê-lo por uma noite?

— Não podemos nos arriscar a esquecê-lo por um instante sequer.

— Certo. Mas como faremos para convencê-lo?

— Você deve morrer... ou pelo menos dar a impressão disso. Como se eu a tivesse matado.

— Qual é o seu plano, Peter?

— Você me disse que tinha algumas providências especiais para quando quisesse desaparecer.

— Sim, tenho.

— Como você desapareceria daqui se fosse obrigada a fazê-lo?

— Pierre me levaria de avião até Bora-Bora. Tenho amigos lá. Bons amigos. Pegaria outro avião do aeroporto de Taiti-Faaa com outro passaporte, e então um voo comercial no mesmo nome para a Califórnia ou Nova Zelândia.

— Você tem outros documentos? — perguntou ele.

— Sim, claro.

— Ótimo. Fabricaremos um acidente suspeito aqui. Um acidente com o escafandro de mergulho, ataque de tubarão em águas profundas, sem cadáver.

— Qual é o objetivo de tudo isso, Peter?

— Se você estiver morta, Califa não fará outra tentativa de matá-la.

— Tudo bem.

— Então você estará oficialmente morta até que ele saia do seu esconderijo. Ao pôr em prática a intenção de Califa de matar você, terei um trunfo muito importante.

Significa que passei na prova, e com isso ele vai me procurar, me dar outra chance de me aproximar. No mínimo poderei conferir algumas premonições cruéis.

— Não faça com que minha morte seja muito convincente, meu amor. Sou muito estimada pela polícia do Taiti. Odiaria que você terminasse na guilhotina de Tuarruru.

PETER ACORDOU MAIS CEDO e ergueu-se sobre o cotovelo para contemplar o rosto de Magda, que ainda dormia. Admirou a linha de seu queixo, a textura aveludada da pele, tão delicada que quase não se percebiam os poros. De repente, ela abriu os olhos e, pela primeira vez, ele percebeu que a íris era salpicada de pequenos pontos violeta e dourado.

A surpresa de vê-lo observando-a transformou-se aos poucos em prazer. Magda estendeu os braços e rodeou-lhe a cabeça enquanto se espreguiçava. Ao mesmo tempo afastou o lençol de cetim, de modo a exhibir seu corpo.

— Todas as manhãs da minha vida em que acordei sem você foram perdidas — murmurou com voz rouca, arqueando o tronco até que os seios roçassem contra o peito dele.

— Vamos imaginar que isso vai durar para sempre...

Devagarinho, encostou os lábios nos dele, mordiscou-os com suavidade e então aquele toque amoroso tornou-se um beijo repleto de paixão. Com mãos carinhosas, ela percorreu-lhe a nuca, as costas, levando-o ao auge da excitação. Rápido, ele acomodou o corpo sobre o dela, ouvindo seus gemidos de prazer; gemidos que foram crescendo de intensidade e tomando todo o quarto.

— Oh, Peter, assim, por favor, assim.

E alcançaram o momento sublime em que cada um era capaz de tornar-se, por um instante fugaz, parte de uma divindade.

Muito tempo depois, deitaram-se lado a lado na cama, de costas, com as mãos entrecruzadas.

— Vou embora — sussurrou ela -, porque preciso ir, mas não agora. Ainda não. Quero fazer um trato com você. Quero três dias. Somente três dias, para ser feliz como agora. Para mim é a primeira vez. Nunca vivi isso antes, e talvez seja a última chance...

Peter fez menção de retrucar, porém ela continuou: Talvez seja a última vez, por isso quero aproveitar ao máximo. Três dias sem falar em Califa, sem pensar em sangue, luta ou sofrimento. Se você concordar, farei o que você decidir. É uma promessa, Peter. Diga que podemos ter isso.

— Sim, podemos.

— Então repita que me ama; você não diz isso com muita frequência.

Nos dias que se seguiram, Peter fez dezenas, centenas de declarações de amor, que ela ouvia com tanta alegria como se fosse a primeira vez. Foi um período cheio de magia, onde cada um se esforçou para atenuar o sofrimento do outro quando chegasse o momento da separação.

Rasgaram lado a lado as águas mornas da lagoa, inclinados para trás, com os braços segurando a linha de reboque; os esquis silvavam, deixando sulcos cintilantes na superfície da água enquanto deslizavam num pás de deux, rindo juntos ao vento, sob o ruído da lancha. Hapiti, o barqueiro polinésio, olhava para trás e se deleitava com a alegria que eles demonstravam.

Nadaram com pés-de-pato no azul misterioso do oceano profundo — como som chiado de aspiração e expiração das válvulas das máscaras de oxigénio, com o suave estalido e o eterno sussurro ecoante que é a batida pulsada do oceano — as mãos agarradas enquanto percorriam a carcaça abandonada do porta-aviões japonês, agora aumentado pela floresta marítima crescida e habitada por uma fascinante multidão de criaturas belas e estranhas. Deslizaram em silêncio até a cabine de comando tombada a prumo, que parecia afundar-se cada vez mais, de tal forma que experimentaram o medo de subitamente perderem o ponto de apoio e caírem onde a luz da superfície desaparecia no nada. Pararam para esquadrihar, através das viseiras de vidro, as fendas no aço causadas pelas explosões das bombas aéreas, entraram naquelas cavernas escuras como crianças numa casa assombrada, emergindo a seguir com troféus enredados, moedas e cutelaria, bronze e porcelana.

Perambularam por praias desertas das ilhas adjacentes, sempre de mãos dadas e nus à luz do sol.

Pescaram na fervilhante maré alta do canal principal e gritaram excitados quando um enorme peixe-espada dourado apareceu no borbulhar da esteira d'água, a barriga cintilando como espelhos, fazendo os carreteis Penn uivar em protesto, e as varas de fibra de vidro encurvarem-se. Rodeados pelo silêncio do oceano aberto, quando até o perfil das ilhas desaparecia além da crista das ondas, havia apenas o ranger e o sussurro dos equipamentos, a farfalhante gravidez da vela principal e o ruge-ruge do casco do barco que cortava as águas.

Percorreram praias sinuosas durante a noite, procurando os corpos celestes que tão raramente apareciam nos céus da Europa — Orion, o caçador, e as Sete Irmãs; exultaram diante das estranhas constelações daquele hemisfério governado pelo Cruzeiro do Sul.

Cada dia começava e terminava na maravilha especial e misteriosa da cama circular, onde o amor fundia seus corpos e almas cada vez mais.

Então, no quarto dia, Peter acordou sozinho e, por um momento, experimentou a desnorteante sensação de perda total. Quando Magda retornou, não a reconheceu de imediato.

Ela cortara os cabelos tão curtos que se via o couro cabeludo. Com isso, pareceu ainda mais alta, destacando-se o pescoço comprido, os ombros lisos e bem-feitos.

— Bem, achei que algumas modificações fossem necessárias, já que vou

partir com outra identidade.

— Crescerá novamente, se você quiser vê-lo comprido.

Sua lânguida disposição amorosa dera lugar à eficiência da executiva, como antes. Durante o último café da manhã juntos, ela explicou o que faria enquanto pegava o envelope camurça que o secretário depositara ao lado do seu prato, contendo um passaporte diplomático israelense.

— Estarei usando o nome de Ruth Levy. Decidi voltar a Jerusalém— Tenho uma casa lá. Não está no meu nome, e não acredito que alguém fora do Mossad saiba de sua existência.

Vai ser uma base ideal, perto do meu superior no Mossad. Tentarei lhe dar o apoio que puder e obter mais informações para ajudá-lo na caçada... — Passou-lhe um pedaço de papel batido a máquina. — Aqui está um número telefônico onde você pode deixar alguma mensagem para mim. Use o nome de Ruth Levy.

Peter memorizou o número e então rasgou o papel em pedaços.

— Modifiquei o esquema para a minha partida — continuou ela. — Pegaremos a lancha até Bora-Bora. São somente cento e sessenta quilômetros. Meus amigos irão me pegar na praia depois do anoitecer.

Ao deslizarem pela estreita passagem de corais, com as luzes da lancha apagadas, o barqueiro de Magda guiava-se apenas pelo luar minguante, além de seu próprio conhecimento das ilhas.

— Quero que Hapiti me veja desembarcar — sussurrou ela, apoiando-se no peito de Peter. — Não exagerei no perigo que você passará, caso as pessoas daqui pensem o que nós queremos que Califa pense. Hapiti ficará de boca fechada e apoiará sua história de um ataque de tubarão, a menos que você lhe ordene falar a verdade.

— Você pensou em tudo.

— Simplesmente acabei de encontrá-lo, monsieur. — Ela riu. — E não quero perdê-lo mais. Tanto que decidi falar com o chefe de polícia em Taiti, quando passar por lá. É um velho amigo. Quando você voltar a Lês Neuf Poissons, mande meu secretário enviar uma mensagem de rádio para ele.

Absolutamente calma, Magda deu todos os detalhes do seu plano, no qual ele não encontrou nenhuma falha. Quando chegou até eles um discreto chamado vindo da escuridão, Hapiti desacelerou barco, deixando-o em marcha lenta. Próximo da ilha, uma canoa encostou na lateral da lancha. Então Magda abraçou Peter rapidamente e beijou-lhe a boca.

— Por favor, tenha cuidado, Peter. — Sem nada acrescentar, desceu para a canoa enquanto Hapiti estendia-lhe sua única mala. A precária embarcação afastou-se de imediato, perdendo-se na escuridão. Não havia para quem acenar, e Peter preferia assim, embora mantivesse os olhos fixos na direção que imaginava ser a que

ela tomara. Enquanto a lancha retornava às escuras para o canal, experimentou uma sensação de vazio, como se tivesse perdido parte de si mesmo. Lembrou-se então de um diálogo que haviam tido durante o dia e que revelava muito de sua personalidade pragmática.

— Quando a notícia de sua morte chegar ao mercado, as ações do império Altmann vão cair — ele dissera. — Eu não tinha pensado nisso.

— Pois eu pensei — Magda retrucara. — Deve cair cem francos por ação na primeira semana após a notícia.

— Isto não a preocupa? — Não muito. — Ela rira. — Logo cedo, passei um telex com uma ordem de pagamento para Zurique.

Espero lucrar pelo menos cem milhões de francos quando as ações se recuperarem. — E, com um brilho malicioso no olhar, acrescentara: — Preciso ser recompensada por toda esta inconveniência, tu ne pense pas. Peter sorriu com a lembrança, mas permanecia o vazio dentro de si.

54

PIERRE TRANSPORTOU os policiais de Taiti para Lês Neuf Poisson, onde houve dois dias de interrogatório e declarações. Quase todos os membros da comunidade quiseram depor — afinal de contas era uma rara oportunidade de entretenimento e agitação nas ilhas.

— Os "depoimentos" eram quase sempre rasgados elogios a La Baronne, seguidos de choros e lamentações. Somente Hapiti possuía informações concretas e, nessa situação privilegiada, deu-se ao luxo de dourar seu testemunho. Inclusive identificando o tubarão como sendo do tipo "Dead White". O nome em inglês surpreendeu Peter, que só então lembrou-se de que o filme Tubarão estava na videoteca da ilha — sem dúvida era essa a fonte de inspiração do grande barqueiro. Hapiti descreveu as presas enormes e afiadas como facões, e forneceu uma horripilante imitação do som que fizeram quando se fecharam sobre La Baronne. Peter arrependeu-se de não tê-lo prevenido contra aqueles voos da imaginação, que entravam em choque com seu depoimento, porém o sargento da polícia estava bastante impressionado e, com exclamações de espanto, encorajava o barqueiro a dar asas à criatividade.

Na última noite houve uma festa fúnebre na praia. Um ritual que comoveu Peter no momento em que várias mulheres, balançando-se e lamentando-se na beira d'água, atiraram grinaldas de flores de jasmim, que seriam levadas pelas ondas para além dos arrecifes.

Na manhã seguinte, Peter voou com a polícia para Taiti-Faaa. Os

investigadores o acompanharam até a delegacia da cidade. Entretanto, sua entrevista com o chefe de polícia foi breve e cortês, uma demonstração de que Magda estivera ali antes. Não houve excesso de gentilezas nem piscar de olhos, mas o aperto de mão do comissário na despedida foi firme e amigável.

— Qualquer amigo de La Baronne é um amigo aqui. — Em seguida ele ofereceu um carro oficial para levar Peter ao aeroporto.

O voo da UTA aterrissou na Califórnia em meio à camada sulfurosa de ar retida entre o mar e as montanhas. Peter não saiu do aeroporto. Depois de se barbear e trocar de camisa no banheiro, encontrou um exemplar do Wall Street Journal na sala de estar da primeira classe da Pan Am. Era datado do dia anterior, e a notícia da morte de Magda Altmann estava na página três. Uma coluna completa. Peter ficou impressionado com a profundidade do envolvimento das Indústrias Altmann no cenário financeiro americano. Havia uma lista das empresas da holding, seguida do currículo do barão Aaron Altmann e de sua viúva. A causa da morte, segundo a polícia taitiana, foi "ataque de tubarão", enquanto ela nadava na companhia de um amigo, o general Peter Stride.

Peter sorriu com satisfação ao ver seu nome mencionado. Califa o leria, onde quer que estivesse, e tiraria as conclusões apropriadas. Peter já poderia esperar que algo acontecesse; não sabia bem o quê, mas sentia que estava sendo atraído a um centro, como um fragmento de ferro num imã.

Tratou de dormir por uma hora numa das grandes poltronas, até que uma recepcionista despertou-o para o voo polar da Pan Am direto ao aeroporto de Heathrow, em Londres.

Ele telefonou para Pat Stride, assim que chegou ao aeroporto de Heathrow. A cunhada mostrou-se encantada ao ouvir sua voz.

— Steven foi à Espanha, mas deve voltar amanhã antes do almoço, se tudo correr bem. Vão construir um campo de golfe com trinta e seis buracos em San Esteban. — Entre outras empresas, Steven possuía um complexo de hotéis turísticos na costa espanhola. — Ele está terminando as negociações com as autoridades espanholas. Por que você não vem para Abbots Yew agora à noite? Alex e Priscilla estão aqui, e teremos uma festa em casa no fim de semana.

Peter percebeu o súbito tom calculista na voz de Pat, quando ela recitou uma pequena lista de presenças femininas que estariam na reunião. Depois de aceitar o convite e desligar, discou um número em Cambridge. Ficou aliviado porque foi o marido de Cynthia, George Barrow, quem atendeu.

Antes um intelectual bolchevique que uma ex-esposa neurótica, pensou, enquanto cumprimentava o padraсто de Melissa-Jane. Cynthia fora a uma reunião da Associação das Mulheres do corpo docente da Universidade, e Melissa-Jane estava se submetendo a um teste para tomar parte na produção de uma peça pela sociedade

de dramaturgia local.

— Como está ela? — Peter quis saber.

— Acho que está bem. A mão está completamente curada. Ela parece ter se acostumado...

Conversaram durante poucos minutos e então se despediram. As duas mulheres eram tudo o que tinham em comum.

— Dê um beijão em Melissa-Jane — concluiu Peter.

A CAMINHO DO ESCRITÓRIO da Avis, Peter comprou o Financial Times. Alugou um carro pequeno e, enquanto esperava que o entregassem, procurou no jornal alguma notícia sobre Magda Altmann. Em uma página interna, havia um artigo sobre ela, depois da nota de seu falecimento. O fato repercutira nas bolsas de Londres e dos demais países europeus; a queda de cem francos no valor das ações da Altmann, que ela antecipara, já fora excedida no mercado. E novamente uma breve menção ao nome do general Stride, na explicação das circunstâncias de sua morte. Peter ficou duplamente satisfeito: com a publicidade e com a decisão de Magda de comprar suas próprias ações.

Mesmo assim, tudo parecia estar indo tranquilo demais, o que o deixou alerta, com uma ponta de apreensão — esse era o seu barômetro pessoal do perigo iminente.

Como sempre, Abbots Yew era uma espécie de retorno ao lar. Pat foi ao seu encontro no caminho de cascalho em frente à mansão, beijou-o com uma ternura de irmã e deu-lhe o braço para conduzi-lo até a velha casa.

— Steven ficará feliz — disse ela. — Espero um telefonema dele à noite. É o que sempre faz quando está fora.

Havia um envelope amarelo sobre a mesa-de-cabeceira do quarto de hóspedes, que dava vista para os estábulos e que estava sempre reservado para Peter. Era uma mensagem postada no aeroporto de Ben-Gurion, em Telavive, com uma única palavra, o código que Magda combinara para avisar que chegara em segurança e sem complicação. Experimentando uma pontada de desejo, Peter mergulhou na banheira de água quente e ficou relembrando detalhes da convivência com ela — uma experiência que de repente pareceu-lhe de um valor transcendental.

Enquanto se enxugava com a toalha, mirou-se no espelho com um olho crítico. Estava em forma e com a pele queimada como um árabe do deserto. Sentia-se bem física e mentalmente, sobretudo porque Magda estava em segurança e fora do alcance de Califa. Isso possibilitava que ele concentrasse todas as suas energias no que o instinto lhe dizia ser o estágio final da caçada.

Foi para o quarto com a toalha presa à cintura e estendeu-se na cama para esperar a hora do coquetel, obedecendo à rígida administração doméstica de Pat.

Perguntou-se então por que estava tão certo de que aquele caminho o conduziria a Califa. Não encontrou nenhuma explicação plausível, mas, mesmo assim, a certeza era como uma linha de aço em seu coração.

Isto lhe trouxe à mente uma questão preocupante: o que mudara nele desde sua primeira exposição à influência maligna de Califa? Será que o miasma fatal da

corrupção, que acompanhava Califa como uma névoa envenenada de um pântano maldito, engolfara-o por inteiro? Pensou na execução da loira em Johannesburg, que parecia ter ocorrido anos atrás, mas que na realidade fazia apenas alguns meses; lembrou-se de como se preparara para assassinar tanto Kingston Parker quanto Magda Altmann, e percebeu que o contato com a violência era embrutecedor, capaz de erodir os princípios e convicções que acreditara invioláveis após quase quarenta anos vivendo com eles.

Se fosse assim, o que viria depois, caso tivesse sucesso em destruir Califa? Voltaria a ser ele mesmo? Teria avançado além das fronteiras do comportamento e da consciência social? Poderia retroceder outra vez? Foi então que pensou em Magda Altmann e compreendeu que ela era sua esperança para o futuro - depois de Califa haveria Magda.

Essas dúvidas estão me enfraquecendo, disse a si mesmo. E agora não poderia haver distração, pois mais uma vez estava na arena com o adversário. Portanto, era hora de concentrar-se apenas no conflito que teria pela frente.

56

STEVEN FICOU RADIANTE ao ver Peter em Abbots Yew novamente, como Pat previra. Ele também estava bronzeado após a curta estada na Espanha, porém engordara alguns quilos, que logo se tornariam um problema — boa comida e bebida eram dois riscos profissionais do sucesso: os mais evidentes, embora não fossem os mais perigosos para quem possuía dinheiro suficiente para comprar qualquer coisa que lhe passasse pela fantasia.

Peter observou-o discretamente durante o almoço, estudando o rosto que era tão parecido com o seu, com o mesmo nariz grande, aristocrático, e apesar de tudo tão diferente em pequenos e insignificantes detalhes, à exceção do bigode espesso e escuro que Steven usava.

Está bem, é fácil ser sensato depois, disse Peter a si mesmo, enquanto analisava as pequenas discrepâncias, que somente agora pareciam ter significado. Os olhos mais estreitados, levemente mais juntos, que até quando Steven soltava sua rude gargalhada mantinham um brilho cruel; a boca de traços duros, caracterizando um homem que não toleraria desafio às suas ambições, nenhum impedimento aos seus desejos. Ou será que Peter estava imaginando coisas? Era fácil ver aquilo que se estava esperando...

A conversa durante o almoço girou em torno dos preparativos para a tediosa competição da temporada que se iniciara em Doncaster no fim de semana anterior. Peter participou com conhecimento de causa, mas enquanto falava, lembrava-se do

passado, dos incidentes que teriam complicado ainda mais sua vida caso não os tivesse abafado em troca de uma inquestionável lealdade ao seu irmão gêmeo.

No episódio de Sandhurst, Peter sempre tivera certeza de que o afastamento de Steven fora injusto.

Nenhum Stride seria capaz de fazer aquilo de que Steven fora acusado, e Peter sequer questionara o irmão. Simplesmente afirmara sua lealdade com um aperto de mão e umas poucas palavras balbuciadas com embaraço.

Desde então, a ascensão de Steven tinha sido meteórica — no pós-guerra, quando parecia impossível até para o mais hábil dos homens acumular alguma riqueza, a menos que possuísse talentos muito especiais e sobrevivesse a riscos grandiosos, ele forjara uma imensa fortuna.

Agora, sentado à mesa do irmão, saboreando lombo de carneiro assado com brotos brancos de aspargos, trazidos do continente, Peter percorria um território proibido, examinava lealdades que até então haviam sido inquestionáveis, apesar das pequenas farpas esparramadas pelo vento do tempo, possivelmente sem maiores significados.

O superior de Magda no Mossad mencionara dois nomes: Flor de Cactus e Stride. Isso era um fato, não uma conjectura.

Na cabeceira da mesa, sir Steven Stride captou o olhar do irmão.

— Vinho para você, meu querido amigo. — E encheu sua taça de clarete, antes de fazer uma velha saudação.

— Encantado, tenho certeza. — Peter deu a resposta correta, um pequeno ritual entre os dois, uma lembrança dos tempos de Sandhurst. E ficou surpreso com a profundidade de seu próprio desgosto. Talvez Califa ainda não tenha me corrompido inteiramente, pensou, levantando um brinde.

Depois do almoço houve outro ritual entre os irmãos. A um sinal de Steven, Peter pegou o velho casaco de lã felpuda que usava no Exército, uma peça que vivia guardada no pequeno armário embutido embaixo da escada, junto com suas botas. Assim, ambos vestidos com roupas rústicas, sentaram-se lado a lado no banco de madeira no hall traseiro da casa, como tinham feito tantas vezes. Depois Steven foi até a sala de armas, pegou uma espingarda de caça Purdey Royal e voltou, explicando: — Uma maldita raposa fez sua toca em algum lugar dos fundos, provocando o maior estardalhaço com os filhotes dos faisões... Não se deve atirar numa raposa, mas preciso dar um basta nisso, pois não tive chance de apanhá-la... Vamos lá.

Saíram pela porta dos fundos, em direção ao pomar. Foi como uma batida pelos limites da propriedade, um circuito agradável pelas cercas do sítio, como os dois irmãos sempre faziam desde que Peter aparecera em Abbots Yew pela primeira vez. Era outra velha tradição que lhes permitia saber notícias um do outro e

reafirmar os laços que os uniam.

Passearam pela margem do riacho, depois entraram no bosque. Eufórico pelo sucesso de sua viagem à Espanha, Steven jactava-se de sua nova conquista: outro terreno de frente para o mar, no qual pretendia construir um campo de golfe e ampliar o hotel com mais quinhentos quartos.

— Agora é a hora de comprar. Guarde minhas palavras, Peter. Estamos à beira de uma nova explosão.

— E a queda do preço do petróleo vai ajudar... — comentou Peter.

— Isso não representa ainda nem a metade, meu velho. Pode esperar outro corte de cinco por cento nos próximos seis meses. Os árabes tiveram de ser sensatos. — Steven citou algumas indústrias que se beneficiariam dramaticamente da redução do preço do barril de petróleo e então indicou as companhias líderes de cada setor. — Se você tiver algumas libras sobrando, é onde deve investi-las.

Sua personalidade parecia mudar quando ele falava em poder e riqueza. Naqueles momentos, despia-se da fachada de cavalheiro inglês, que usualmente cultivava com esforço, seus olhos ganhavam um brilho inconfundível e o bigode dava a impressão de eriçar-se como os pelos de um predador.

Ele ainda falava num tom calmo e persuasivo quando saíram do bosque e cruzaram o campo aberto rumo às ruínas do acampamento romano no cimo das colinas mais baixas.

— Essa gente tem de ouvir o que precisa ser feito. Esses malditos mordomos de loja lá em Westminster podem estar destruindo o Império, mas nós ainda temos nossas responsabilidades.

Steven mudou a espingarda de um braço para o outro, carregando-a pela alça. As brilhantes cápsulas de bronze dos cartuchos Eley Kynoch apareciam na culatra da arma.

— O governo deve ser somente para quem sabe governar — repetiu a sentença várias vezes, depois ficou em silêncio, como se de repente se conscientizasse de que falara demais, mesmo para alguém tão confiável como seu irmão gêmeo.

Peter nada comentou. Caminhava com dificuldade pela falda da colina, pois suas botas atolavam na terra pegajosa, mas sentia algo completamente inverossímil enquanto percorria aquele território conhecido, sob a luz suave de uma tarde de primavera inglesa, ao lado do homem que conhecia desde o dia de seu nascimento e que, ainda assim, talvez não soubesse de quem se tratava. Não era a primeira vez que Steven lhe falava daquele jeito, embora talvez fosse a primeira vez que o tivesse escutado.

Estremeceu de repente, o que fez Steven perguntar: — Frio? — Não, um anjo passou pelas minhas costas.

Subiram o banco de areia que marcava o perímetro do acampamento romano e pararam sob os ramos de um tanoeiro resplandecente em sua nova brotação castanho-avermelhada.

Steven estava praticamente sem ar, reflexo de seu peso extra durante a pequena escalada. Seu rosto estava vermelho, e pequenas gotas de suor escorriam pelo queixo.

Depois de fechar a culatra da espingarda, ele a apoiou contra o tronco da árvore, enquanto ainda lutava para recuperar o fôlego.

Peter deslizou casualmente para a frente, encostando o ombro no tanoeiro, os polegares enganchados na lapela do casaco. Embora parecesse relaxado e descontraído, de fato estava tenso como uma mola, pronto para uma ação violenta, e com a espingarda ao alcance da mão.

Steven carregara-a com cartuchos número quatro, capazes de destripar um homem, a dez passos de distância. O trinco de segurança no alto da empunhadura armava-se automaticamente quando a culatra era aberta e fechada em seguida; porém o polegar direito deveria acionar o trinco assim que a mão apertasse a empunhadura.

Steven tirou uma cigarreira de prata do bolso do casaco e bateu um cigarro em sua tampa.

— Uma lástima o que aconteceu com Magda Altmann — comentou, sem olhar para o irmão.

— É verdade.

— Ainda bem que resolveram o caso de forma civilizada. Poderia ter sido embaraçoso para você.

— Realmente.

— O que vai ser do seu emprego na Narmco? — Só saberei depois que retornar a Bruxelas.

— Bem, minha oferta continua de pé. Não me custaria muito esforço. E preciso de alguém em quem eu possa confiar. Você estará me fazendo um favor.

— É muito gentil da sua parte, Steven.

— De maneira nenhuma, ora! — Steven acendeu o cigarro com um isqueiro Dunhill de ouro e inalou a fumaça com evidente prazer.

— Espero que você não tenha um grande lote de ações da Altmann. Vi que elas tiveram uma queda brutal.

— Estranho, não? Na verdade, caí fora da Altmann algumas semanas atrás. Precisava de dinheiro para San Esteban.

— Sorte — murmurou Peter, ou muito mais do que isso. Com certeza, Steven admitira a transação das ações tão rapidamente porque teria um volume muito substancial e portanto facilmente identificável.

Encarou-o com o cenho franzido. Seria possível, perguntou a si mesmo, que Steven tivesse maquinado algo tão complexo, onde ideologia, interesse pessoal e sonhos de onipotência estivessem tão inextrincavelmente entrelaçados? — O que houve, meu velho? — perguntou Steven, num tom simpático.

— Estava apenas pensando que toda a concepção e execução foi incrível. Nunca imaginei que você fosse capaz disso.

— Desculpe, Peter, não entendi. O que você está querendo dizer?

— Califa.

Estava ali! Peter percebeu instantaneamente. Uma fração de segundo de completa quietude, como o espanto do animal selvagem, um rápido piscar dos olhos seguido de imediato pelo esforço de controle.

Com a expressão inalterada, apenas aparentando uma leve surpresa, Steven replicou: — Você acabou de me confundir mais ainda.

Que trabalho esplêndido! Apesar dos pesares, Peter estava impressionado. Seu irmão possuía profundidades que ele jamais suspeitara. Independente do ângulo que se olhasse, era necessária uma extraordinária habilidade para adquirir o que Steven conquistara em apenas vinte anos, lutando contra as mais desnorteantes desvantagens.

Não importava como o tinha feito, era o trabalho de um tipo particular de génio.

Ele era capaz de inventar Califa, concluiu Peter, descobrindo o alvo para a raiva corrosiva que há tanto tempo trazia dentro de si.

— Seu único engano até agora, Steven, foi deixar Aaron Altmann conhecer seu nome. Talvez você não soubesse que ele era agente do Mossad e que seu nome iria diretamente para o computador do serviço secreto israelense. Ninguém, nada, pode tirá-lo dos arquivos. Você é conhecido.

Os olhos de Steven dirigiram-se para a espingarda, de forma instintiva, incontrolável — a confirmação final, se Peter necessitasse de alguma.

— Não, Steven. Isso não é para você. Esse é o meu trabalho. Você está gordo, fora de forma, e nunca teve o treinamento necessário. Só serve para controlar assassinos. Nunca para executar.

Steven fitou-o, ainda com a expressão impassível.

— Você deve estar fora de si, meu velho.

— Bem, você sabe melhor que ninguém que eu sou capaz de matar qualquer um. Você me condicionou a isso.

— Estamos entrando numa terrível confusão. Por que diabos você desejaria matar alguém? — Essa pergunta é um insulto. E não há por que continuar com a encenação. Precisamos resolver logo isso. — Era uma proposta sutil de compromisso. Peter percebeu a dúvida no olhar do irmão, o leve trejeito da boca

enquanto ele lutava para tomar uma decisão. — Mas, por favor, não subestime o perigo, Steven.

Acabando de falar, retirou do bolso um velho e gasto par de luvas de couro e começou a calçá-las.

Um gesto simples, porém infinitamente ameaçador.

— Por que está fazendo isto? — perguntou Steven, pressentindo o perigo.

— Ainda não toquei na arma... Ela só tem suas impressões digitais.

— Meu Deus, você jamais ficará impune disso, Peter.

— Por que não? Todo mundo sabe como é perigoso carregar uma arma num terreno pantanoso e irregular.

— Você não pode fazer isso a sangue-frio!

— Como que não? Você não teve esses escrúpulos de consciência com o príncipe Hassied Abdel Hayek.

— Sou seu irmão... e ele era apenas um sanguinário... — Steven parou, assustado, percebendo afinal que admitira sua responsabilidade no caso.

Peter pegou a espingarda, sem tirar os olhos dele.

— Espere! — gritou Steven. — Espere, por favor!

— Por quê?

— Você precisa deixar que eu explique.

— Está bem. Vá em frente.

— Você não pode dizer apenas vá em frente. É muito complicado.

— Então vamos começar do início... com o voo 070. Me diga por quê.

— Precisávamos fazer aquilo, Peter. Será que você não entende? Há mais de quatro bilhões em investimentos britânicos naquele país, e outros três bilhões americanos. É o maior produtor mundial de ouro e urânio, cromo e uma dúzia de outros minerais estratégicos. Peter, aqueles imbecis do governo estão num caminho suicida. Precisamos escorraçá-los do poder e colocar um governo controlável. Se não fizermos isso, os vermelhos vão tomar conta em dez anos... talvez até antes.

— Você tinha um governo alternativo?

— Claro. — Steven falava com urgência, tentava ser persuasivo. — Foi planejado em todos os detalhes. Levou dois anos.

— Está bem. Quero saber agora sobre o assassinato do príncipe Hassied.

— Não foi assassinato, pelo amor de Deus, foi algo absolutamente essencial. Era uma questão de sobrevivência. Eles estavam destruindo a civilização ocidental com uma irresponsabilidade infantil. Embriagados pelo poder, tinham perdido a razão, como crianças malcriadas numa loja de doces... Ou colocávamos um fim nisso, ou a ruptura do sistema capitalista. Eles provocaram a queda do prestígio do dólar, tomaram a libra esterlina como refém e a mantinham em permanente desafio com a ameaça de retirada de quantias astronômicas de Londres. Era necessário

chamá-los à razão e por um custo baixo. Podemos reduzir o preço do barril de petróleo gradualmente aos níveis de 1970, restaurar a saúde financeira do mundo ocidental, assegurar um crescimento real e prosperidade para centenas de milhões de pessoas, tudo ao custo de uma única vida.

— E de qualquer forma, ele era apenas um sanguinário, não era?

— Peter, eu disse isso, mas não com essa intenção. Você não está sendo razoável.

— Tentarei não ser. Até onde as coisas iriam daqui para a frente? O que você controlaria a seguir, o movimento sindical britânico, talvez?

Steven emudeceu por um momento.

— Essa foi uma adivinhação diabólica, Peter! Você já imaginou um congelamento de salários por cinco anos, sem paralisação industrial durante esse tempo? É eles ou nós, Peter. Podemos voltar a ser uma das maiores potências industriais do mundo. Grã-Bretanha! Podemos ser isso novamente.

— Você é muito convincente, Steven. Só há alguns detalhes que me preocupam.

— Quais são?

— Por que foi necessário planejar o assassinato de Kingston Parker e Magda Altmann...

Steven encarou-o com os olhos arregalados de surpresa. — Não, isso não.

— E por que foi necessário sequestrar o barão Altmann e tortura-lo até a morte?

— Não tive nada a ver com o assunto... sim... eu sabia que precisava ser feito, mas não o assassinei. Pelo amor de Deus, eu... — Parou, extremamente nervoso.

— Vamos ao começo novamente. Vamos ouvir tudo outra vez...

— Não posso, Peter. Você não entende o que poderia acontecer, o que vai acontecer se lhe contar...

Peter empurrou a trave de segurança da espingarda Purdey. O clique do mecanismo pareceu mais alto que o normal. Steven sobressaltou-se e recuou um passo. — Meu Deus, você também faria o mesmo.

— Fale-me sobre Aaron Altmann.

— Posso fumar outro cigarro?

Peter assentiu. Steven acendeu-o com mãos trémulas.

— Você precisa entender primeiro como as coisas funcionam.

— Então explique como funcionam.

— Fui recrutado...

— Steven, não minta para mim, você é Califa...

— Não, pelo amor de Deus! Você está confundindo tudo. É uma cadeia. Sou

apenas um elo na cadeia de Califa.

— Você é uma parte de Califa...

— Apenas um elo na cadeia!

— Quero detalhes. — Peter alisou o cano da arma.

— Conheci um homem há muito tempo. Trabalhamos juntos antes. Alguém mais rico e mais influente do que eu. Não foi uma coisa imediata. Apareceu em meio a muitas discussões, durante um longo período de tempo, anos, quando ambos mostramos preocupação com a maneira como o poder se deslocara para pessoas incapazes de exercê-lo.

Peter riu. — Conheço suas ideias políticas e ideológicas, Steven. Deixe-as de fora.

— Bem, finalmente esse homem me perguntou se eu estaria disposto a entrar numa associação de líderes políticos e industriais dedicada a recuperar o poder para aqueles que estão realmente preparados para governar.

— Quem era esse homem?

— Não posso dizer.

— Você não tem escolha.

Houve uma pausa prolongada, um duelo de vontades enquanto fitavam-se nos olhos. Por fim Steven capitulou.

— Era... — E disse o nome de um magnata da mineração que controlava a maior parte do fornecimento de combustível nuclear do mundo livre, além de ouro e pedras preciosas.

— Então ele também tutelaria o novo governo da África do Sul que iria substituir o atual regime se o sequestro do 070 tivesse dado certo?

— Sim...

— Ótimo. Continue.

— Ele também foi recrutado, assim como eu. Só que eu jamais saberia por quem. De minha parte, eu deveria recrutar outro membro... e ser o único a saber de quem se tratava. Era assim para manter a segurança da corrente. Cada elo conhecendo apenas o que estava acima e abaixo dele.

— E Califa?

— Ninguém sabe quem é ele.

— Mas ele deve saber quem é você.

— Certamente.

— Então deve haver alguma forma de mandar uma mensagem para ele. Por exemplo, quando você recruta um novo membro, como é que passa a informação? E quando ele quer algo de você, deve ser capaz de contatá-lo.

— Sim.

— Como?

— Meu Deus, Peter. Isso é mais do que o valor da minha vida.

— Voltaremos ao assunto. Fale-me de Aaron Altmann.

— Foi um desastre. Escolhi-o como o homem que iria recrutar. Ele parecia exatamente do tipo de que necessitávamos. Eu o conhecia há muitos anos. Sabia que ele poderia ser forte quando necessário. Por isso me aproximei dele. Aaron mostrou-se impaciente no começo, insistindo em saber como Califa agiria. Fiquei radiante por ter recrutado um homem tão importante. Ele garantiu que contribuiria com vinte e cinco milhões de dólares para o fundo da associação, e eu passei a mensagem para Califa. Disse-lhe que faltava pouco para recrutar o barão Altmann... — Steven parou, nervoso, deixando cair o toco do cigarro no chão. Amassou-o com o calcanhar.

— O que aconteceu então? — perguntou Peter.

— Califa respondeu imediatamente, mandando-me cortar todos os contatos com Aaron Altmann. Percebi que havia escolhido uma pessoa potencialmente perigosa. Você me disse agora que ele era do Mossad. Eu não sabia... mas Califa devia saber. Fiz o que me pediram e deixei Aaron cair como uma batata quente... Quatro dias depois ele foi sequestrado. Não tive nada a ver com isso, Peter. Juro. Gostava dele. Eu o admirava...

— Ele foi sequestrado e torturado. Você sabia que isso era obra de Califa e que você era o responsável?

— Sim — declarou Steven, sem subterfúgio.

— Ele foi torturado para confessar se havia passado para o Mossad as informações que você lhe dera sobre Califa.

— Sim. Imagino que sim. Não sei ao certo.

— Se a imagem que tenho de Aaron Altmann estiver certa, ele não abriu a boca.

— Tem razão. Devem ter perdido a paciência com ele... para fazer o que fizeram. Foi minha primeira decepção com Califa.

Houve um longo silêncio, até que Peter explodiu, furioso: — Será que você não vê em que situação está metido? Você não percebeu desde o começo?

— De jeito nenhum. Parecia uma solução brilhante para todos os males do mundo ocidental; e no início, era como estar a bordo de um trem expresso ultrarrápido. Apenas não se podia cair fora.

— Então você queria que eu fosse assassinado em Rambouillet?

— Meu Deus, não! Você é meu irmão...

— Então foi Califa, que queria impedir minha aproximação da viúva de Aaron, que estava a fim de vingá-lo.

— Eu não sabia nada sobre aquilo, juro. Se Califa tentou matar você, ele sabia que não poderia contar comigo. Acredite em mim, Por favor! Péter abrandou

um pouco sua resolução, forçando-se a admitir que aquele homem era seu irmão, alguém a quem estimara durante toda a sua vida.

— Qual foi sua operação seguinte para Califa? — perguntou, sem deixar transparecer nenhum recuo.

— Não houve...

— Não aceito mentiras, Steven! Você conhecia o príncipe Hassied Abdel Hayek! — Certo, certo. Eu planejei aquilo. Califa me disse para fazer e eu fiz.

— Depois você sequestrou Melissa-Jane e a mutilou...

— Oh, Deus! Não!

— Para forçar-me a assassinar Kingston Parker...

— Não, Peter. Não!

— E então matar Magda Altmann...

— Acredite em mim, Peter. Melissa-Jane não. Eu a amo como se fosse uma das minhas filhas. Você não pode duvidar de mim. Eu não fazia ideia de que fosse Califa — declarou Steven, suplicante. — Eu jamais permitiria que isso acontecesse. É horrível demais.

Peter ficou quieto, observando-o com um olhar frio e cortante como o fio de uma navalha.

— Farei qualquer coisa para provar a você que não tive nada a ver com Melissa-Jane. O que você pedir, Peter. Usarei todos os meios para provar.

A consternação e a sinceridade de Steven não poderiam ser postas em dúvida. Seu rosto perdera a cor e os lábios estavam lívidos. Peter estendeu-lhe a espingarda, sem nada dizer. Assombrado, ele não teve coragem de tocá-la no primeiro momento.

— Você está em maus lençóis, Steven — disse Peter, ciente de que, dali em diante, necessitava do compromisso irrestrito e sincero do irmão.

Steven abaixou a arma lentamente, abriu a trava da culatra e retirou os cartuchos do cano duplo, colocando-os no bolso da jaqueta.

— Vamos voltar para casa — propôs, a voz ainda vacilante pelo trauma dos últimos minutos. — Preciso de um uísque...

57

A ENORME LAREIRA do estúdio de Steven tinha portais que eram um altar magnificamente esculpido, pertencente a uma igreja alemã do século dezesseis e que fora salvo das ruínas de um bombardeio durante a Segunda Guerra Mundial. Steven comprara-o de um vendedor espanhol, depois que a peça fora contrabandeada através da Suíça.

Do lado oposto à lareira, janelas arqueadas com caixilhos de chumbo e vidros ondeados davam para o jardim de rosas. As outras duas paredes abrigavam uma coleção de livros raros, todos encadernados em couro e com os títulos em dourado. As prateleiras iam do piso até a cornija do teto. Era uma paixão que os dois irmãos compartilhavam.

Steven sentava-se de costas para o fogo, tendo na mão um copo de cristal fundo, ainda pela metade, com uísque e um pouco de soda que borrifara do sifão. Ainda estava pálido e abatido e, de vez em quando, tremia incontrolavelmente, embora a sala estivesse aquecida e todas as janelas fechadas.

Peter jogara-se numa cadeira Luís XIV guarnecida de brocado, com as pernas estendidas e cruzadas nos tornozelos, mãos nos bolsos e o queixo apoiado no peito, meditativo.

— Qual foi sua contribuição para o fundo de guerra de Califa? — perguntou ele abruptamente.

— Menor que a de Aaron Altmann — disse Steven. — Prometi cinco milhões para pagar em cinco anos.

— Então podemos imaginar uma rede estendendo-se além de qualquer fronteira. Homens poderosos de vários países, cada um contribuindo com enormes somas de dinheiro, e com informações e influência quase ilimitadas.

Steven assentiu e tomou outro gole do uísque.

— Assim, não há por que acreditar que exista apenas um homem em cada país. Pode haver uma dúzia na Inglaterra, outra na Alemanha Ocidental, cinquenta pessoas nos Estados Unidos...

— Sim, é possível.

Quer dizer que Califa poderia montar o sequestro de Melissa-Jane usando outro elo de sua corrente no país.

— Peter, eu juro que não tive nada a ver com isso! Peter ignorou aquele novo protesto e continuou pensando em voz alta.

— Ainda é possível que Califa seja um comité de membros fundadores, e não um único homem.

— Não creio. Desconfio que se trata de um único homem. Um comité não seria capaz de uma ação rápida e decidida. Lembre-se de que discuti Califa com outra pessoa, o homem que me recrutou. Foi uma discussão longa e profunda. Eu não iria colocar cinco milhões em algo que não me satisfizesse plenamente. Apenas um homem tomaria a decisão, mas esta seria do interesse de todos.

— E não havia garantias de que cada membro da corrente seria informado de todas as decisões? — Não. Claro que não. Seria loucura. O sigilo era a chave do sucesso.

— Você pode confiar em alguém que nunca encontrou, cuja identidade era

desconhecida, e ainda entregar-lhe grandes somas de dinheiro e o destino do mundo? — Eu... eu... Bem, Califa possui uma aura que nos envolve a todos. O homem que me recrutou... - Steven parecia relutante em repetir o nome, o que provava a influência que Califa exercia sobre ele. — É um homem a quem respeito profundamente. Ele estava convencido, e isso ajudou a me convencer.

— O que você pensa agora? Ainda está convencido? Steven sorveu o uísque, depois alisou o bigode com um gesto nervoso.

— E então? — insistiu Peter.

— Acho que Califa tinha a ideia certa... As regras mudaram, Peter. Estamos lutando pela sobrevivência do nosso mundo. Estamos apenas jogando com a nova moralidade.

— Ele foi até a bandeja de prata, no canto da mesa, e serviu-se de outra dose. — Tínhamos a mão direita amarrada atrás das costas, enquanto os vermelhos, a extrema-esquerda e membros do Terceiro Mundo estavam com as mãos livres para lutar com uma adaga em cada uma. O que Califa fez foi cortar nossas amarras.

— O que provocou sua mudança de opinião?

— Não estou seguro de ter mudado de ideia. Era um plano correto.

— Ah, era?

— Olhe, o assassinato de Aaron Altmann, a mutilação de Melissa Jane... e outros atos dos quais suspeito que Califa tenha sido o mandante, não visavam ao bem comum. Serviram apenas para proteger a segurança pessoal de Califa, ou para satisfazer aquilo que começo a acreditar tratar-se de sede desenfreada pelo poder. Acreditei no conceito de Califa... só que escolhemos o homem errado. Ele se corrompeu pelo poder que colocamos em suas mãos.

Peter ouviu-o com atenção, medindo cada palavra.

— Podemos concluir que Califa não é uma deidade... mas um homem mesquinho, ambicioso e egoísta.

— Sim, suponho que sim. — O rosto de Steven estava marcado pelo pesar.

— Não é aquilo que acreditávamos que fosse.

— Você aceita que ele é o Mal... o verdadeiro Mal?

— Sim, aceito. Mas como eu desejava que Califa fosse o que eu acreditava no começo! Era o que este mundo louco precisava. Precisamos de alguém, de um homem forte para nos dizer o que fazer. Pensei que Califa fosse ele. Queria demais que fosse ele.

— Agora você concorda que Califa não é esse homem?

— Sim. Mas se aparecesse alguém assim, eu o seguiria outra vez, sem questionar.

— Você disse que faria qualquer coisa para provar que não se envolvera no caso Melissa-Jane... Você me ajudaria a destruir Califa?

— Sim.

— Isso implica um sério risco pessoal — alertou Peter.

— Eu sei. Califa é melhor que você.

A afeição de Peter pelo irmão estava agora reforçada pela admiração. Steven possuía as principais virtudes. Tinha força, coragem e cérebro; talvez seu maior defeito fosse ter muito de cada.

— O que você quer que eu faça, Peter?

— Quero que me arranje um encontro com Califa... face a face.

— Impossível!

— Você disse que tinha meios de mandar uma mensagem para ele.

— Sim, mas Califa jamais concordará com um encontro.

— Steven, qual foi a fraqueza que Califa mostrou até agora?

— Ele nunca apresentou nenhuma fraqueza.

— Sim, ele tem uma.

— Qual?

— Ele é obcecado por proteger sua identidade pessoal e segurança. Quando existe ameaça quanto a isso, imediatamente ele responde com sequestro, tortura e morte.

— Isso não é fraqueza — declarou Steven. — É força.

— E se você lhe enviasse uma mensagem, dizendo que sua identidade está em perigo, que alguém, um inimigo, rompeu seu cerco de proteção e conseguiu aproximar-se dele? Steven considerou a proposta por longos minutos.

— Ele reagiria com vigor. Mas não demoraria para descobrir que eu estava mentindo. Isso me desacreditaria e, como você alertou antes, me deixaria em perigo sem uma boa razão.

— Mas não seria uma mentira. Há um agente do Mossad próximo a Califa. Muito próximo.

— Como é que você sabe?

— Não posso dizer. Mas conheço até o nome em código do agente. Dou-lhe minha palavra como a informação é segura.

— Nesse caso... Califa ficaria desconfiado e se prepararia para aceitar a advertência. Entretanto, apenas me pediria para passar-lhe o nome, usando seu canal de comunicação habitual. E o que aconteceria.

— E se você se recusasse a passar a informação, exceto pessoalmente, dizendo que é muito delicado, que sua segurança está em jogo? Qual seria a reação dele?

— Na certa me pressionaria para divulgar o nome...

— E se você resistir?

— Imagino que ele será forçado a concordar com o encontro. Como você

observou, segurança é sua maior obsessão. Porém, depois de se encontrar comigo, sua identidade estará revelada de qualquer forma.

— Pense bem. Você sabe como a mente dele funciona. Em poucos segundos a expressão de Steven mudou.

— Santo Deus! Se eu forçá-lo a um encontro face a face, provavelmente serei liquidado.

— Acertou! Se usarmos uma isca absolutamente irresistível, Califa aceitará o encontro... mas fará os arranjos necessários para silenciá-lo em seguida, antes que você possa passar a identidade dele para outro.

— Peter, isto é tenebroso! Como você me disse antes, estou gordo e fora de forma. Eu não seria um adversário à altura de Califa.

— Ele levará isso em consideração quando se decidir pelo encontro.

— Seria um suicídio!

— Pronto. Você acaba de conseguir um pretexto para ficar em forma.

— Em forma é uma coisa, estúpido é outra.

— Você não estará em perigo até fornecer a mensagem. Califa não ousará descartá-lo antes de conhecer o nome do inimigo. E eu lhe dou minha palavra de que não vou lhe pedir para ir a um encontro clandestino.

— Não posso ser solicitado para fazer mais do que isso, suponho. Quando você quer que eu entre em contato com ele?

— Como você faz o contato?

— Anúncio na seção de classificados de um jornal.

Peter riu, surpreso. Simples, eficiente e inteiramente impossível de ser identificado.

— Faça tão logo possível.

— Segunda-feira pela manhã — garantiu Steven, os olhos fixos no rosto do irmão.

— O que houve?

— Estava apenas pensando. E se Califa for alguém como você?

— Eu? — Pela primeira vez Peter assombrou-se.

— O rei guerreiro, totalmente desapiedado na conquista de sua visão de justiça, correção e dever.

— Eu não sou isso.

— Sim, é. Você é o tipo de homem que eu esperava fosse Califa. O tipo de homem de que precisamos.

PETER PRESUMIA que estava sendo observado por Califa. Depois do seu assassinato da baronesa Altmann, o interesse de Califa seria intenso. Portanto, precisava agir de maneira previsível.

Pegou o primeiro voo da segunda-feira para Bruxelas e, antes do meio-dia, estava em seu escritório no quartel-general da Narmco. Ali também era um centro de interesse e de jogo de poder. As Indústrias Altmann tinham perdido seu diretor-executivo e já estavam em marcha fortes correntes subterrâneas e intrigas palacianas. Apesar de um número significativo de sutis aproximações, Peter ficou à parte da luta.

Na terça-feira à noite ele comprou o jornal na banca do Hilton. O contato requerido por Steven estava na seção dos pequenos anúncios.

As crianças de Israel pedem conselho ao Senhor, dizendo: Devo ir novamente à luta.? Juízes XX; 23.

A citação escolhida por Califa parecia representar sua visão de si mesmo: uma divindade, colocada acima dos seus seguidores.

Segundo Steven, Califa levaria no máximo quarenta e oito horas para responder. Nesses dois dias, Steven deveria esperar em seu escritório, na rua Leadenhall, do meio-dia até dez para a uma. Ele não teria visitantes nem compromissos nesse horário e estaria seguro de que seu número telefônico não constante da lista não estaria ocupado para receber o chamado.

Não houve contato na quarta-feira. Na quinta, Steven andava de um lado para outro sobre o antigo tapete de seda Kirman enquanto esperava pela chamada. Já vestira o paletó do terno, e o chapéu-coco e o guarda-chuva estavam no canto da escrivaninha francesa ornamentada de ouropel que ficava como um monstro benigno entre as janelas que davam para o Lloyds Exchange, do outro lado da rua.

Steven estava amedrontado, e aceitava isso com uma honestidade pessoal direta. A intriga fazia parte da sua vida, mas sempre fora um jogo regido por certas regras.

Agora, ele estava entrando em uma floresta, em um ambiente selvagem onde aquelas poucas regras cessavam inteiramente de existir. Estava entrando em algo superior as suas forças. Peter dissera-lhe que aquele não era seu caminho; e tinha toda a razão. Steven sentia-se temeroso como nunca antes em sua vida. Apesar disso, não recuava. Sabia que a marca da verdadeira coragem era ser capaz de encontrar e reconhecer o medo, e então controlá-lo para poder ir em frente e fazer o que o dever ditava para ser feito. Mas não se considerava um homem corajoso.

O telefone tocou uma vez, muito alto, amedrontador, e cada nervo do seu corpo distendeu-se com o susto; ficou congelado, paralisado de medo no centro do belo e precioso tapete.

O telefone tocou outra vez, uma insistente nota dupla que soava em seus ouvidos como o repique dos sinos do juízo final; sentiu que suas entranhas se enchiam com o óleo quente de limo do medo, incapaz de ser contido.

Quando o telefone tocou pela terceira vez, Steven fez um esforço enorme e conseguiu dar os três passos até a escrivaninha. Tirou o fone do gancho e ouviu os chiados agudos de interferência do telefone público.

— Stride — respondeu, enquanto escutava o ruído da queda da moeda.

A voz do outro lado da linha apavorou-o. Era um zumbido eletrônico, inumano, sem sexo, sem o timbre de uma emoção viva, sem sequer tons altos ou baixos.

— Aldgate e rua Leadenhall — disse a voz.

Steven repetiu o local do encontro, e de imediato a ligação foi interrompida. Pôs o fone no gancho, pegou o chapéu-coco e o guarda-chuva e correu para a porta.

A secretária olhou para ele e sorriu na expectativa. Era uma mulher bonita, de cabelos grisalhos, que o acompanhava havia quinze anos.

— Sir? — Ela ainda o chamava assim.

— Estou saindo por meia hora, May — disse Steven. — Cuide da casa, é um negócio urgente. — E entrou no elevador privativo, descendo direto à garagem subterrânea onde o Rolls-Royce estava estacionado junto com os veículos particulares dos outros executivos da empresa.

Ajeitou o ângulo exato do chapéu na cabeça, uma pequena inclinação sobre o olho direito, depois reacomodou o cravo vermelho na lapela do terno azul-marinho Savile Row com listras brancas. Era importante que parecesse e agisse inteiramente natural durante os minutos seguintes. Seus funcionários perceberiam qualquer desvio da rotina.

Na garagem, não se aproximou do Rolls-Royce marrom-escuro que brilhava na ténue luz como uma gema preciosa. Em vez disso, dirigiu-se à portinhola da porta de aço de metal deslizante da entrada. O porteiro, no pequeno cubículo de vidro ao lado da porta, deixou de lado seus cupons de aposta de futebol e, ao reconhecer o patrão, levantou-se.

— Boa tarde, sir.

— Bom dia, Harold. Não pegarei o carro. Vou caminhar por alguns minutos.

Atravessou a portinhola, chegou à rua e virou à esquerda, descendo em direção à esquina da rua Leadenhall e Aldgate. Caminhava rápido, porém sem aparentar pressa.

Califa reduzia ao mínimo seus intervalos para contato, de modo a dificultar o eventual envio de mensagens a qualquer unidade de vigilância. Steven não tinha mais do que alguns minutos para chegar até a cabine telefônica da esquina. Califa parecia saber exatamente o tempo que ele levaria do escritório até lá.

O telefone na cabine de armação vermelha com vidros começou a tocar quando ele ainda estava a vinte passos de distância. Steven apressou-se.

— Stride — disse ele, quase sem fôlego após a pequena corrida.

Assim que a moeda caiu, a mesma voz eletrônica afogada deu-lhe o próximo ponto de contato: outra cabine telefônica na entrada do metro da High Street para Aldgate.

Como aquela voz o inquietava! Parecia vinda de um robô do filme de ficção científica.

A distância entre os dois pontos de chamada, nenhum dos quais era previsível, tinha sido cuidadosamente calculada para possibilitar seu acesso a eles em tempo hábil e também tornar impossível que a ligação fosse rastreada na central telefônica enquanto a linha ainda estava conectada. Califa ou seu agente estaria movendo-se de um orelhão a outro em alguma parte da cidade. Percorrê-los, mesmo que fosse um minuto depois que ele saísse, não teria nenhuma utilidade na tentativa de estabelecer sua identidade.

A distorção da voz de Califa era provocada por um pequeno dispositivo do tamanho de uma calculadora de bolso. Peter dissera a Steven que aquele aparelho poderia ser comprado em algumas firmas especializadas em vigilância eletrônica, como equipamentos de segurança e contrainformação. Custava menos de cinquenta dólares e alterava de tal forma a voz humana — através do deslocamento de frequência para fora da faixa média dos sons — que nem o equipamento mais sofisticado seria capaz de gravá-la para que pudesse ser comparada com outras vozes na memória de um computador. Não se poderia sequer determinar se a voz era de um homem, de uma mulher ou de uma criança.

Steven percorreu o caminho estranhamente sem gente até a estação, mas teve de parar do lado de fora da cabine, na apinhada entrada do metro, enquanto um jovem vestindo um macacão de pintor, com cabelos longos e oleosos, usava o telefone. Califa privilegiava a rede telefônica pública. Assim, tão logo o jovem terminou sua agradável conversa, Steve empurrou a porta da cabine e fez menção de consultar a lista telefônica.

O telefone tocou e, mesmo esperando, Steven sobressaltou-se. Agora ele estava suando, devido à caminhada e à tensão, e sua voz denotava raiva.

— Stride. — A ficha caiu, e o tom impessoal de Califa aterrorizou-o novamente. —, — Sim? — Tenho uma mensagem.

— Sim?

— Há uma ameaça para Califa.

— Sim.

— Um serviço secreto colocou um agente próximo a ele e extremamente perigoso.

— Qual é sua fonte de informação?

— Meu irmão, o general Peter Stride. — Peter o instruíra para dizer a verdade, sempre que fosse possível.

— Diga o nome do serviço secreto envolvido.

— Não posso. É uma informação muito delicada. Preciso estar seguro de que Califa a receba pessoalmente.

— Diga o nome ou a posição do agente inimigo.

— Impossível. Pela mesma razão.

Steven consultou seu relógio de ouro Cartier, com pulseira de couro de crocodilo. Estavam falando há quinze segundos. O contato não duraria mais do que meio minuto.

Califa não se arriscaria a expor-se além desse tempo. Assim, não esperou pela pergunta ou instrução seguinte.

— Só passarei a informação para Califa, e quero estar certo de que é ele, não um dos seus agentes. Solicito um encontro pessoal.

— Isso é impossível!

— Então Califa estará em grande perigo pessoal.

— Repito, diga o nome e a posição do agente inimigo. Tinham-se passado vinte e cinco segundos.

— Negativo. Preciso ter um encontro pessoal para a transferência desta informação.

Uma gota de suor irrompeu da têmpora de Steven e descia para o maxilar. Sentiu-se sufocado.

— Você será contatado — zumbiu a voz, interrompendo a ligação. Steven pegou o lenço de seda do bolso e passou-o no rosto. Em seguida recolocou-o no lugar, não mais dobrado e com a ponta para fora, mas deliberadamente informal.

Esquadrinhou os arredores, ergueu a cabeça e deixou a cabine. Pela primeira vez sentia-se corajoso.

Isso lhe deu o alívio para caminhar movendo o guarda-chuva fechado num pequeno floreio a cada passo.

59

DURANTE TODA A SEMANA, Peter recebeu ligações telefônicas relacionadas com uma série de projetos da Narmco que pusera em marcha antes de sua partida para o Taiti e que se estavam concretizando simultaneamente. Tinha reuniões que começavam pela manhã e terminavam depois de escurecer; às vezes fazia duas jornadas separadas, uma em Oslo e outra em Frankfurt — viajava no

primeiro avião e voltava ao escritório da Narmco antes de anoitecer. Mas sempre estava ao alcance de um telefone, cujo número Steven sabia. Mesmo quando estava no clube de ginástica dos oficiais da OTAN, mantendo sua excelente forma física, ou praticando tiro ao alvo nas quadras subterrâneas, depois da meia-noite, com o Cobra 9 mm como uma extensão da mão, tanto a direita como a esquerda, ambas igualmente capazes de atingir uma mosca a uma distância de cinquenta metros — de pé, ajoelhado ou inclinado para a frente — mesmo ali ele estava ao alcance de um telefone. Sentia-se como um pugilista num tablado, concentrando toda a sua atenção para o confronto que sabia estar próximo.

Finalmente chegou o fim de semana, com a perspectiva de ser tedioso e frustrante. Peter recusou o convite para visitar a casa de campo de um dos colegas da Narmco, outro para assistir as corridas do sábado em Paris, decidindo permanecer na suíte do Hilton, à espera da chamada de Steven.

No domingo, recebeu no quarto todos os jornais americanos, ingleses e franceses, além de alguns em alemão, que lia melhor do que falava, e até em holandês e italiano, que entendia um pouco, perdendo uma palavra em três.

Concentrou-se nos jornais, atento para encontrar alguma pista da atividade de Califa. Novos sequestros, raptos ou outros atos que poderiam fornecer algum indício da nova liderança exercida por ele.

A Itália estava tão convulsionada politicamente, que não dava para entender o que era da direita e o que da esquerda. Em Nápoles, cinco membros do grupo terrorista Brigadas Vermelhas tinham sido exterminados com uma única granada. Descobriu-se que a granada era do tipo convencional usado pela OTAN, e a explosão ocorrera na cozinha de um "aparelho" do grupo na periferia da cidade. A polícia não tinha pistas. Era algo que sugeria Califa. Afinal, por que sua "corrente" não incluiria proeminentes homens de negócio italianos? Na pior das hipóteses, os milionários locais poderiam tê-lo convocado para fazer o serviço.

Peter deixou de lado os jornais do continente europeu e pegou os norte-americanos e ingleses.

Faltava pouco para o meio-dia, e ele se perguntava como aguentaria as horas solitárias até a segunda-feira pela manhã. Estava certo de que não haveria resposta ao pedido de encontro de Steven antes disso.

Começou com os jornais ingleses. A greve da indústria britânica Leyland Motor Company estava em sua décima quinta semana, sem perspectiva de acordo. Era um caso para Califa, pensou com malícia, lembrando-se de sua discussão com Steven.

Havia apenas mais um item de interesse em sua leitura matinal. O presidente dos Estados Unidos indicara um negociador especial para outra tentativa de encontrar uma solução para a disputa dos territórios ocupados por Israel no Oriente

Médio. O homem escolhido era o Dr. Kingston Parker, descrito como amigo pessoal do presidente e um dos membros do seu círculo íntimo de conselheiros, um homem de grande prestígio entre as partes em disputa — a escolha ideal para uma tarefa difícil. Peter concordava inteiramente. As energias e os recursos de Kingston Parker pareciam infinitos.

Ao fechar o último jornal, Peter deu-se conta de que estava diante de um vácuo que se estenderia até o dia seguinte. Tinha três livros para ler ao lado da cama, e a valise de couro de crocodilo estava cheia até a metade com material da Narmco. Só que ele não seria capaz de se concentrar... A perspectiva de confronto com Califa sobrepujava tudo.

Dirigiu-se ao banheiro espelhado da suíte, levando o pacote de compras que fizera na seção de cosméticos da Galeria Anspach, uma das maiores lojas de departamentos da cidade. Havia uma peruca de cabelos naturais de boa qualidade, que não daria na vista. Era comprida, o que obrigou a cortar os cabelos até deixá-los próximo ao seu gosto. Depois, tingiu as laterais, na altura das têmporas, com uma cor prateada no estilo de um "garotão italiano".

Passou quase toda a tarde nisso, pois não tinha pressa e fazia o trabalho com espírito crítico. De quando em quando, consultava o instantâneo que Melissa-Jane tirara com sua nova câmara Polaroid, em Abbots Yew, no dia do Ano Novo. Era uma boa foto de ambos os irmãos Stride, Peter e Steven, parados de frente e sorrindo com indulgência ao pedido da garota.

Dava para se perceber as semelhanças e as diferenças entre os dois irmãos. Embora seus cabelos fossem de cor idêntica, Steven usava-os mais compridos, volteados no colarinho da parte posterior, e eram bem mais grisalhos nas têmporas e irregulares na frente.

O rosto de Steven era mais cheio, com os primeiros sinais de papada, a pele mais corada, talvez indicando mau funcionamento cardíaco ou simplesmente a boa vida que levava. De qualquer modo, com a peruca na cabeça, Peter achou que estava bem. Então, passou a trabalhar o bigode, aparando-o no modelo de oficial da infantaria, o favorito do irmão. Entre a infinidade de bigodes artificiais que vira na seção de cosméticos, junto com dezenas de tipos de sobrancelhas e cílios, nenhum era exatamente igual. Peter preparou-o cuidadosamente com a tesoura, e então tingiu-o com um leve prateado.

Quando o colocou sobre o lábio, com uma cola adesiva especial, o resultado foi surpreendente. O bigode enchia-lhe o rosto ainda mais. Os olhos dos dois eram quase exatamente da mesma forma e cor; os narizes eram retos e ossudos. A boca de Peter, um pouco mais generosa e sem a mesma dureza dos lábios, ficava idêntica com o bigode.

Peter examinou-se por inteiro diante do espelho. Entre ele e Steven havia uma

diferença de milímetros na altura, porém tinham a mesma largura de ombros. Steven era um pouco mais largo na cintura, e o pescoço mais grosso dava-lhe uma aparência mais possante.

Mesmo assim, seria difícil que alguém que não os conhecesse intimamente fosse capaz de perceber a substituição. Não havia por que acreditar que Califa ou qualquer um de seus lugares-tenentes tivesse analisado Steven e Peter nos mínimos detalhes.

Demorou quase uma hora praticando o modo de andar do irmão, observando-se no espelho, tentando imitar os movimentos de Steven, buscando os maneirismos pessoais, a forma como ele ficava com as mãos cruzadas sob as bordas do casaco; a maneira como alisava o bigode com o dedo, do centro, para a esquerda e a direita.

Os trajes não eram um problema sério. Os dois frequentavam o mesmo alfaiate desde os dias de Sandhurst, e os hábitos de vestir-se de Steven eram invariáveis. Peter sabia exatamente o que deveria usar em qualquer situação.

Peter retirou a peruca e o bigode, recolocando-os na sacola plástica da Galeria Anspach. Depois guardou-os na divisória interna da valise Hermes. Retirou a pistola Cobra de outra divisão. Relutante, decidiu que não a levaria consigo. O encontro positivamente seria na Inglaterra. O contato que Steven tivera na quinta-feira originara-se em Londres. Era provável que o próximo contato fosse na mesma cidade. Seria arriscado tentar passar pela alfândega britânica com uma arma daquelas. Se fosse detido, haveria publicidade. O que com certeza alertaria Califa. Ele arranjaría outra arma no Comando Thor, uma vez que estivesse na Inglaterra. Colin Noble lhe daria uma boa pistola depois que ele explicasse a finalidade.

Peter desceu até o hall, guardou o Cobra no guarda-volumes de segurança do hotel e retornou ao quarto para enfrentar a espera desgastante e indefinida. Era um dos deveres de soldado com o qual não se acostumara; ele odiava a espera.

Entretanto, acomodou-se para ler o livro de Robert Asprey, *War in the Shadows*, a obra definitiva da história e prática de guerrilha em todas as épocas. Conseguiu envolver-se com a leitura a ponto de se surpreender quando olhou para o relógio e viu que já passava das oito. Pediu que lhe fosse enviada uma omelete pelo serviço do hotel, e dez segundos depois de colocar o fone no gancho, o telefone tocou. Pensou que fosse alguma dúvida da cozinha sobre seu pedido de jantar, e perguntou, irritado: — Sim, o que é?

— Peter?

— Steven?

— Ele concordou com um encontro. Peter sentiu o coração acelerar-se.

— Onde? Quando?

— Não sei. Preciso voar para Orly amanhã. Receberei as instruções no aeroporto.

Califa tentava impedir qualquer possibilidade de perseguição. Peter deveria ter esperado isso.

Preocupado, procurou lembrar-se da planta do aeroporto de Orly. Precisava escolher um lugar onde encontrar Steven e fazer a substituição. Descartou a ideia de um encontro numa das salas de espera ou nos banheiros. Havia um local melhor.

— A que horas você vai estar lá? — perguntou Peter.

— Os caras me colocaram no primeiro voo. Chegarei às onze e quinze.

— Estarei lá antes de você. — Peter sabia de cor o horário dos voos da Sabena, e os executivos da Narmco tinham cartões especiais VIP que lhes garantiam um assento em qualquer voo. — Vou reservar um apartamento no Air Hotel, no quarto andar do terminal sul de Orly, no seu nome. Estarei esperando no hall. Vá direto ao balcão de recepção e peça sua chave. Vou observar sua retaguarda para ter certeza de que você não está sendo seguido. De qualquer forma não me reconheça. Entendeu, Steven?

— Sim.

— Então até amanhã.

Peter desligou e foi para o banheiro, postando-se diante do espelho. Bem, aquilo eliminava a necessidade de pegar uma arma do Thor. Califa não queria o encontro na Inglaterra. Agora ficava claro que Paris seria apenas uma escala intermediária — certamente haveria outras antes do encontro final.

A pessoa iria desarmada e sem apoio; e depois Califa usaria seus métodos habituais para assegurar-se de que ele não passaria a ninguém o informe do encontro.

Como no pôquer, estou pedindo duas cartas para obter uma sequência, e Califa é o banqueiro que tem o baralho e tempo suficiente para prepará-lo, pensou Peter friamente.

Pelo menos a espera tinha acabado, completou enquanto empacotava seus artigos de toalete na mala Gucci à prova d'água.

Quando Steven Stride entrou no hall do Air Hotel, na ala sul do aeroporto de Orly, cinco minutos depois do meio-dia, Peter sorriu, congratulando-se. Steven vestia um blazer azul pespontado, camisa branca e gravata esportiva, calça de lã cinzenta e sapatos ingleses pretos feitos a mão.

Peter, que se enganara apenas na gravata, imaginando que seria do modelo Zingari, também usava um blazer pespontado e calça cinzenta sob a capa de chuva; e sapatos igualmente pretos, do tipo Barkers.

Steven percorreu o saguão com o olhar, vendo Peter sentado a um canto com o Lê Monde, e então dirigiu-se ao balcão de recepção.

— Meu nome é Stride, há uma reserva para mim? — falou pausado, para o caso de o rapaz não entender bem o inglês. O recepcionista checkou rapidamente,

assentiu, murmurou as boas-vindas e deu-lhe um formulário e a chave. — Quatro Um Seis — Steven repetiu o número em voz alta para que o irmão ouvisse.

Peter estivera observando a entrada cuidadosamente; por sorte, poucos hóspedes haviam passado pelo hall durante os minutos que tinham antecedido a chegada de Steven, e nenhum deles parecia ser olheiro de Califa. Se Orly era apenas um ponto intermediário, como Peter imaginava, Califa não teria por que vigiar Steven, a não ser quando ele estivesse mais próximo do destino final.

Steven caminhou para o elevador, com um carregador levando sua pequena mala. Peter incorporou-se a um grupo de hóspedes que também se dirigia para lá. Subiu ombro a ombro com o irmão no elevador apinhado, nenhum dos dois reconhecendo a existência do outro.

Steven e o carregador ficaram no quarto andar. Peter foi até o sétimo, caminhou pelo corredor e desceu pela escada até o quarto. Encontrou a porta do 416 apenas com o trinco. Abriu-a e entrou.

— Meu querido garoto! — cumprimentou-o Steven, já em mangas de camisa. Tinha ligado a televisão, mas apressou-se em abaixar o volume.

— Sem problemas? — perguntou Peter.

— Como o mecanismo de um relógio. Aceita um drinque? Comprei uma garrafa no free-shop.

Enquanto ele ia pegar os copos no pequeno armário, Peter olhou em direção à janela: uma vista dos edifícios funcionais da praça do mercado, que haviam substituído a pitoresca Lês Halles no centro de Paris. O interior do quarto tinha cortinas e roupas de cama combinando, aparelhos de rádio e televisão entre as duas camas, mobília moderna e sem vida... era um quarto, e isso era o máximo e o mínimo que se podia dizer dele.

Steven estendeu-lhe um dos copos.

— Tintim! Peter provou o uísque. Era forte demais, e a água parisiense tinha gosto de cloro. Deixou-o de lado.

— Como será que Califa vai lhe passar as instruções?

— Já estão comigo. — Steven foi até o casaco, pendurado no encosto da cadeira, e pegou um envelope branco do bolso interno. — Foi deixado no balcão de informações da Air France.

Peter sentou-se em uma das poltronas enquanto abria o envelope. Havia três itens lá dentro: uma passagem aérea na primeira classe, um comprovante de aluguel de uma limusine com motorista e um comprovante de reserva de hotel.

A passagem poderia ter sido comprada a vista em qualquer agência ou balcão da Air France; as reservas para a limusine e o hotel poderiam ter sido feitas anonimamente.

Não haveria como identificar o comprador daqueles documentos.

Peter abriu a passagem e leu o destino. Alguma coisa começou a fervilhar em sua pele; fechou-a e verificou as duas reservas. Então o sentimento doentio da traição e do mal espalhou-se por todo o seu corpo, trazendo-lhe à boca o gosto metálico e amargo de um sal cúprico.

A passagem era para o voo noturno daquele mesmo dia, de Orly até o aeroporto de Ben-Gurion, em Israel; o aluguel do carro era válido para uma simples ida do aeroporto até Jerusalém; e a reserva do hotel era para um quarto no hotel Rei Davi, na velha cidade sagrada.

— O que foi, Peter?

— Nada — disse ele, consciente de que algo transparecia em seu rosto. — Jerusalém... Califa quer você em Jerusalém.

Havia uma pessoa em Jerusalém naquele momento. Alguém que não saía de seu pensamento desde que ele a abraçara na escuridão da ilha de Bora-Bora algum tempo atrás...

Califa estava em Jerusalém. Magda Altmann estava em Jerusalém... O mal-estar pesava-lhe fundo no estômago.

A perversidade de Califa.

Não, disse a si mesmo com firmeza. Já percorri esta estrada. Não pode ser Magda.

O génio de Califa, maléfico e espontâneo.

É possível, teve que admitir. Com Califa qualquer coisa era possível. Todas as vezes que Califa lançava os dados, os números mudavam, eram diferentes, produziam totais diferentes... mas sempre plausíveis, sempre verossímeis.

Um dos teoremas básicos do seu negócio era que um homem ficava cego, surdo e insensível pelo amor. Peter estava apaixonado, e sabia disso. Agora precisava manter a calma e pensar tudo de novo, como se não estivesse estupidificado.

— Peter, você está bem? — insistiu Steven, agora realmente preocupado.

— Vou a Jerusalém em seu lugar — disse Peter.

— Como assim, meu velho?

— Vamos trocar de lugar, eu e você.

— Não vai dar certo. Califa vai desmascará-lo.

Peter pegou a mala Hermes e foi até o banheiro. Pôs a peruca e o bigode postiço e então chamou:

— Steven, venha cá.

Pararam lado a lado encarando-se no espelho.

— Meu Deus! — exclamou Steven, enquanto Peter mudava ligeiramente de postura, ficando mais parecido com ele. — É incrível. Nunca pensei que você tivesse tão boa aparência. — Ele riu, e Peter imitou-lhe o gesto à perfeição. —

Chega, Peter. Você me causa arrepios.

— Vai dar certo.

— Espero que sim. Mas como, diabos, você descobriu que eu estaria usando blazer azul e calça cinzenta?

— Esse é o segredo do negócio. Não se preocupe com isso. Vamos tratar dos papéis.

Fizeram duas fileiras com seus documentos pessoais sobre a cama e revisaram todos eles. As fotografias dos passaportes passariam facilmente.

— Você vai ter de cortar esse bigode limpa-trilhos — disse Peter. Steven alisou o bigode com o dedo, à esquerda e direita, fazendo uma expressão de desgosto.

— É absolutamente necessário? Vou me sentir como se estivesse andando sem calça em público.

Peter tirou do bolso uma caneta esferográfica de ouro e pegou uma folha de papel de carta do hotel.

Analizou a assinatura de Steven no passaporte, depois reproduziu-a no cabeçalho da folha.

— Não — disse, preparando-se para fazer outra tentativa. Era como a forma de Steven caminhar, atrevida e confiante; o "T" era cruzado como um floreio de espada.

Em sessenta segundos conseguiu imitá-la.

— Com aquela peruca na cabeça, você pode ir ao meu banco a qualquer hora e assinar a retirada de todo o meu dinheiro — balbuciou Steven. — E depois ir para a minha casa e se deitar com Pat.

— Até que não seria uma má ideia — disse Peter, pensativo.

— Não brinque com isso!

— Não estou brincando! — E passou-lhe os cartões de crédito, as carteiras de sócio de clubes, a carteira de motorista e todos os outros documentos típicos da sociedade moderna.

Até adquirir o domínio sobre a assinatura do irmão, Steven levou vinte minutos de prática. Então Peter disse: — Vou lhe dar o endereço de um hotel, com um excelente restaurante. A gerência é compreensiva se você convidar alguma senhorita para o seu quarto a fim de tomar um drinque.

— Nem pense nisso!

— Será apenas por alguns dias, Steven. Procure ser discreto. Pague em dinheiro todas as coisas. Fique longe do George V, do Meurice, do Le Doyen e do Maxim's, lugares onde você é conhecido.

Prosseguiram discutindo os últimos detalhes da mudança de identidade enquanto Steven raspava o bigode e untava a pele nua com Eau de Saubage.

— Está na hora de você se mandar — disse Peter, passando-lhe a capa de chuva. — Vamos trocar de gravatas.

Pouco depois, quando Steven estava pronto para ir embora, Peter disse: — Posso lhe fazer uma pergunta?

— Por que não? — Steven parecia dar as boas-vindas ao adiamento do momento da partida.

— Sandhurst... Nunca lhe perguntei antes... mas você fez aquilo de que o acusaram?

Steven encarou-o com firmeza. — Não, Peter. Não fiz. Palavra de honra.

Peter apertou a mão que ele lhe estendia. Era ridículo, mas sentia-se aliviado.

— Estou satisfeito, Steven.

— Tome cuidado.

— Tomarei. Mas se alguma coisa acontecer... Melissa-Jane...

— Não se preocupe. Cuidarei dela.

Por que os ingleses tinham tanta dificuldade para falar de coisas particulares?, perguntou Peter a si mesmo, interferindo na comunicação de afeto e gratidão.

— Bem, estou indo — disse Steven.

— Fique alerta e tenha cuidado para não escorregar!

— Boa sorte, Peter! — Steven fechou a porta atrás de si, deixando o irmão preocupado com Jerusalém.

APENAS O NOME FORA MUDADO, de Loa para Ben-Gurion — de resto, o hall de chegada era como Peter lembrava-se. Um dos poucos aeroportos no mundo que tinha carrinhos suficientes para a bagagem, evitando que os passageiros lutassem entre si pela posse de um.

No saguão, um motorista jovem portava uma plaqueta com a inscrição SIR STEVEN STRIDE escrita com giz branco em uma lousa preta. O rapaz usava um boné azul de marinheiro com um distintivo de couro preto na ponta. Era a única peça de uniforme, pois estava de sandálias e vestia uma camiseta branca. Falava inglês com sotaque americano e parecia espontâneo e amigável... um tipo que poderia estar dirigindo uma hmusine em um dia, e no outro estar no controle de um tanque Centurion.

— Shalom, Shalom — cumprimentou ele. — Sua bagagem é só isso?

— Sim — disse Peter.

— Beserder. Vamos.

Ele não se ofereceu para empurrar o carrinho de Peter, mas conversou amigavelmente enquanto o acompanhava até a limusine Mercedes-Benz 240 D, nova, muito bem polida, embora alguém tivesse pintado um par de olhos semicerrados em cada lado da estrela cromada de três pontas do porta-malas.

Mal haviam passado os portões do aeroporto, quando um dos aromas característicos de Israel encheu a cabine do carro — o cheiro da floração dos cítricos que se alinhavam de cada lado da estrada. Sem saber bem por quê, Peter sentiu-se incomodado, com a sensação de ter esquecido algo, de ter negligenciado algum aspecto vital. Tentou lembrar-se do que se tratava, porém o motorista o traía com seus comentários enquanto alcançavam uma rodovia dupla sobre as colinas, através da floresta de pinheiros, rumo a Jerusalém. Seria bom estar com a lista de coisas que esboçara no quarto de hotel de Orly. De qualquer modo, procurou reconstruí-la mentalmente. Entre outras questões, formulara o problema de Flor de Cactus, de que Magda lhe falara. Ela teria feito isso se fosse Califa? Se a resposta fosse "sim", Flor de Cactus não existiria.

Seria uma invenção, algum subterfúgio.

Isso era algo que o incomodava como um carrapicho numa meia de algodão. Mas ainda faltava um elo naquela cadeia. Ele sentia isso. E tinha a impressão de que, se não o resgatasse, as consequências seriam calamitosas.

O motorista continuava a conversar, virava-se para olhá-lo a cada minuto, e o estava irritando com suas perguntas. Peter queria concentrar-se em descobrir o que omitira, e não chegava a nenhuma conclusão. Por que aquele cheiro de flor de

laranjeira o preocupava? O cheiro das flores? Flor de Cactus? Havia algo ali, alguma coisa faltando na lista...

— Está bem assim, então? — perguntou o motorista.

— Desculpe... o que é mesmo? — Eu disse que preciso deixar um pacote na casa da minha sogra. — explicou o rapaz. — É de minha esposa.

— Você não pode fazer isso na volta? — Não vou retornar hoje à noite... — O motorista dirigiu-lhe um sorriso cativante. — Minha sogra mora bem pertinho do nosso caminho. Não vou demorar mais do que cinco minutos. Prometi à minha mulher ir à casa da mãe dela hoje.

— Tudo bem — resmungou Peter, irritado. Não apenas não simpatizara com aquele homem, como perdera a pista do item que o estava preocupando.

Sentia-se como se estivesse num jogo de xadrez com um adversário muito mais forte, vislumbrando uma torre numa fileira aberta, ou um cavalo em posição para um xeque simultâneo em seu rei e em sua rainha.

— Desviamos aqui — explicou o motorista, virando para um conjunto de edifícios de apartamentos, todos construídos com a pedra amarelo-creme de Jerusalém. Aquela hora da noite, as ruas estavam desertas, as famílias reunidas para o jantar.

O motorista serpenteou pelas labirínticas ruas de aparência idêntica, com total confiança, e então estacionou em frente a um edifício quadrado como uma caixa.

— Dois minutos — prometeu, saindo apressado para a parte de trás do carro. Abriu o porta-malas, tirou algo de lá, fechou-o e apareceu à janela de Peter, carregando um pacote marrom. — Dois minutos... — E se encaminhou para a porta principal do prédio.

Peter esperava que ele demorasse mais. O silêncio era precioso. Fechou os olhos e se concentrou.

Se Magda não era Califa, então... então... Ouviu o tique-taque do sistema de refrigeração do carro, ou seria o relógio do painel? Pouco importava. Bem, se Magda não era Califa, então Flor de Cactus existia. Sim, claro! E se Flor de Cactus existia, na certa estava suficientemente próximo de Califa para saber que sir Steven Stride ameaçava expô-lo...

Peter mudou de posição, ficando rígido no assento. Ele acreditara que Steven estaria seguro até encontrar-se com Califa. Era esse o engano fatal! Flor de Cactus tentaria impedi-lo de ter acesso a Califa. Sim, com certeza! Deus do céu, como não percebera isso antes? Flor de Cactus pertencia à Mossad, e Peter estava parado numa rua de Jerusalém, o jardim frontal do Mossad, vestido como Steven Stride.

Teve a certeza do perigo mortal. O mais provável era que Flor de Cactus tivesse feito todos os arranjos. Se Magda Altmann não era Califa, ele estava indo direto à toca de Flor de Cactus.

O maldito relógio continuava seu tique-taque, um som enervante como uma torneira pingando.

Estou na cidade de Flor de Cactus, pensou, na limusine de Flor de Cactus...

O tique-taque! Céus! Não estava vindo do painel. Estava vindo de suas costas; do porta-malas que o motorista abrira e no qual movera algo. Algo que agora estava tique-taqueando! Rápido, Peter girou a maçaneta, pegou a valise Hermes com a outra mão e bateu a porta com o ombro. Certamente haviam arrancado a divisória de metal entre o porta-malas e o banco traseiro, para dar maior impacto à explosão. Por isso ele ouvira o tiquetaque com tanta nitidez.

Talvez houvesse ali explosivos plásticos com um detonador pré-programado. Em quanto tempo iria explodir? O motorista falara em dois minutos; dissera isso duas vezes.

E já havia se passado mais do que isso.

A dez passos do carro, um pequeno muro abrigava um canteiro de flores ao redor do bloco de apartamentos. Com menos de um metro de altura, era de tijolo duplo e daria uma ótima proteção. Peter saltou-o, caindo entre alguns mirrados oleandros. Abaixou-se e olhou para trás, em direção às janelas do apartamento térreo. Como não havia luz lá dentro, os vidros refletiam o Mercedes como se fosse um espelho.

Mal ele cobrira os ouvidos com as mãos, abrindo a boca para reduzir o efeito do deslocamento do ar, o veículo explodiu. Peter só teve tempo de vê-lo abrir-se, o metal brilhante espalhando-se para todos os lados, enquanto as labaredas surgiam instantaneamente.

Os vidros das janelas dos apartamentos romperam-se em milhares de fragmentos reluzentes.

Mesmo protegido pelo muro, a concussão pareceu arrebentar-lhe as costelas e sugar o ar de seus pulmões. O barulho pavoroso ecoou em seus ouvidos com tanta violência que por um breve momento ele pensou que fosse perder os sentidos. Os destroços caíam à sua volta e algo atingiu-lhe as costas. Não foi nada grave. Tanto que ele se levantou sem problemas, sabendo que precisava dar o fora antes que as forças de segurança aparecessem. Se fosse detido ali, sua situação se complicaria quando descobrissem que não era Steven durante o interrogatório.

Correu pela rua ainda deserta, embora pudesse ouvir os primeiros gritos de angústia e medo. Ao chegar à esquina, diminuiu o passo e foi até a calçada do outro lado, atrás do bloco de apartamentos. Dezenas de pessoas saíam correndo de suas casas em direção ao veículo arrebentado.

Peter respirou fundo, sacudiu a poeira do blazer e da calça, e esperou até que a confusão e os gritos atingissem o pico máximo. Então caminhou calmamente para o lado oposto. Fez sinal para o primeiro ônibus que passou, indo até a estrada de

Jaffa. Dirigiu-se ao café que ficava próximo à parada de ônibus, entrando direto no banheiro. Olhou-se no espelho. Não tinha marcas, mas estava pálido e nervoso. Suas mãos ainda tremiam enquanto penteava os cabelos. De volta ao salão, sentou-se a um canto e pediu falafel e pão pitta com café.

E agora, o que deveria fazer? Se Magda Altmann não era Califa... Não, ela não era. Na realidade, Flor de Cactus tentara impedir que Steven Stride levasse a Califa sua denúncia. Então Magda lhe dissera a verdade.

Ao chegar a essa conclusão, sentiu-se aliviado e teve ímpetos de telefonar-lhe para o número do Mossad que ela lhe dera. Naquele instante, compreendeu o perigo.

Flor de Cactus era Mossad. Seria uma loucura aproximar-se dela agora.

Não lhe restava outra coisa a fazer senão continuar com o objetivo inicial de sua viagem. Ainda tinha consigo a reserva do hotel que Califa lhe fornecera. Era para lá que deveria ir.

Na saída do café, fez sinal para um táxi.

— Hotel Rei Davi — disse Peter, entrando no carro.

Agora ele conhecia o perigo de Flor de Cactus. E estava disposto a não facilitar da próxima vez.

Peter olhou ao redor do quarto que lhe fora reservado. Ficava nos fundos do hotel e dava vista para uma torre do YMCA, que era um ótimo local para um atirador atingir as duas janelas.

— Reservei uma suíte — Peter blefou para o encarregado da recepção que o conduzira até ali.

— Desculpe, sir Steven. — O homem ficou alvoroçado. — Deve ter havido algum engano.

Mais uma espiada pelo quarto e Peter notou no mínimo uma dúzia de locais onde Flor de Cactus poderia ter deixado outra carga de explosivos para fazer o serviço que dera errado no porta-malas do Mercedes. Era preferível passar a noite num buraco cheio de cobras a aceitar os aposentos que lhe haviam destinado.

Peter retornou ao corredor, dirigindo seu olhar mais autoritário ao funcionário do hotel. Em cinco minutos o sujeito foi e voltou da portaria, com uma expressão aliviada.

— Vamos transferi-lo para uma das nossas melhores suítes. Do apartamento 122 via-se o vale e o portão de Jaffa no muro da Cidade Antiga, onde se destacava a Igreja da Última Ceia. Os jardins do hotel possuíam gramados luxuriantes e altas palmeiras. Um grupo de crianças gritava alegremente ao redor da piscina, sob a brisa suave que aliviava o calor.

A suíte tinha um amplo terraço aberto, cujas portas de vidro que lhe davam acesso eram guarnecidas com persianas, que Peter abaixou para prevenir qualquer investida de Flor de Cactus. Em seguida ele foi até a sacada. Percebeu que havia a

possibilidade de entrada por ali, a partir do quarto ao lado. Após alguns instantes de hesitação, resolveu deixar a porta aberta. Seria insuportável o efeito claustrofóbico de um quarto completamente fechado. Apenas fechou as cortinas.

Ligou para o bar, pedindo um copo de uísque e uma soda. Era disso que precisava. O dia fora longo e exaustivo. Tirou a gravata, a camisa, a peruca e o bigode postiço.

Estava pegando uma toalha quando ouviu uma batida à porta.

— Que serviço rápido — murmurou, recolocando a peruca na cabeça. Passou para a sala, justamente no momento em que uma chave estava sendo girada na fechadura. Logo a porta se abriu. Peter ergueu a toalha, simulando estar enxugando o rosto, para cobrir a falta do bigode. Então ficou paralisado de espanto.

Ela vestia uma camisa masculina sem gola, com bolsos recortados nos seios, bermuda caqui apertada na cintura e usava botas de cano longo e solado de borracha. Mesmo assim, mantinha a postura elegante como se estivesse vestida com a alta moda parisiense.

— Sir Steven! — Ela fechou a porta atrás de si, enquanto guardava na bolsa o pequeno estilete com que abria a fechadura. — Sou Magda Altmann, e já nos encontramos antes. Vim para adverti-lo de que você está correndo um sério perigo. — Seus olhos brilhavam de preocupação. — Você deve sair imediatamente do país. Meu jato particular está num campo de pouso próximo daqui. Peter continuou com a toalha sobre a boca.

— Por que está me dizendo isso? E por que devo acreditar em você?

— Você está metido em coisas que não entende!

— Por que você veio me avisar?

— Porque... porque você é irmão de Peter Stride. Só por isso não quero vê-lo morto.

Peter soltou a toalha e em seguida arrancou a peruca, deixando-a cair sobre a cadeira.

— Peter! — A surpresa revitalizou-a; o vermelho da fúria que marcara suas maçãs do rosto desapareceu, e seus olhos adquiriram um brilho todo especial.

— Bem, não fique aí parada — disse ele.

Magda correu em sua direção e jogou-se em seus braços. Ficaram em silêncio durante algum tempo, até que ela murmurou: — Meu querido... não posso demorar. Foi um risco vir até aqui. Estão vigiando o hotel, e as telefonistas são do Mossad. Por isso não pude ligar.

— Conte tudo o que você sabe.

— Está bem, mas me abrace, chéri. Não quero perder um só minuto enquanto estamos juntos.

Magda escondeu-se no banheiro quando o garçom trouxe o uísque. Depois os

dois se sentaram no sofá.

— Flor de Cactus avisou ao controle que Steven tinha pedido um encontro com Califa e que pretendia denunciá-lo. Era tudo o que eu sabia até ontem... mas consegui tirar algumas conclusões. Em primeiro lugar, fiquei satisfeita de que fosse Steven o objeto da primeira informação de Flor de Cactus, e não você. Não tinha me ocorrido o nome dele quando discutimos a menção a "Stride" feita por meu superior.

— Eu também só me lembrei dele depois que saí de Lês Neuf Poissons.

— Então, adivinhei que você conversara com Steven sobre sua fonte de informação. Era uma loucura, não fazia o seu estilo, mas pensei que, sendo seu irmão...

— Foi exatamente o que fiz...

— Peter, vamos para a cama. Podemos continuar lá. Instantes depois, vestindo apenas as peças íntimas, caíram enlaçados sobre a cama de casal.

— O pedido de Steven para um encontro foi diretamente a Califa. Flor de Cactus não teve chance de interceptar — continuou Magda.

— Quem é Flor de Cactus, você já descobriu?

— Não. Ainda não. — E deslizou a mão para dentro de sua cueca.

— Desse jeito não vou conseguir pensar direito...

— Tudo bem. — Magda ergueu a mão até o peito dele. — De qualquer forma, Califa instruiu Flor de Cactus para acertar o encontro com Steven. Eu não sabia que arranjos tinham sido feitos... até que vi o nome de Steven na lista de imigração agora à tarde. Imediatamente imaginei o que estava acontecendo: Flor de Cactus o atraía aqui para facilitar sua interceptação. Demorei três horas para descobrir onde sir Steven estava hospedado. — Ela encostou o rosto no dele, suspirando. — Senti tanta falta de você, Peter!

— Querida, você precisa me dizer tudo. Você sabia que haveria uma tentativa de assassinato de Steven?

— Não... mas era o lance lógico do Mossad para proteger Flor de Cactus.

— Que mais?

— Nada.

— Não sabe se realmente foi encaminhado o encontro entre Califa e Steven?

— Não, não sei.

— Você ainda não tem nenhuma indicação da identidade de Califa?

— Não, nenhuma.

Após um longo silêncio, Peter comentou: — Flor de Cactus deve ter tomado as providências para o encontro, como Califa ordenou. Ele não iria se arriscar a sabotá-lo...

— Pode ser.

— Temos de acreditar que neste momento Califa está perto, bem perto.

— Sim — ela assentiu, relutante.

— Portanto, preciso continuar fazendo meu papel de Steven.

— Não, Peter. Vão matar você.

— Já tentaram uma vez... — Sorrindo, Peter resumiu o que ocorrera com o Mercedes.

— Não vão deixar você se aproximar de Califa.

— Talvez não tenham escolha. Califa é tão preocupado com sua própria segurança que vai insistir no encontro.

— Vão tentar matar você novamente, Peter!

— Talvez, mas aposto como as providências para o encontro estão sendo tomadas. Eles não terão muito tempo para montar uma armadilha tão elaborada como a do Mercedes, e eu estarei na expectativa... Preciso ir em frente, Magda. — Tocou-lhe os lábios para impedir seu protesto, e continuou: — Suponhamos que o Mossad saiba que eu não sou Steven Stride e que o meu propósito não é o de denunciar Flor de Cactus. Faria alguma diferença para o Mossad?

— Não estou certa...

— E se souberem que Peter Stride está disfarçado de Steven Stride, isso os deixaria curiosos a ponto de permitirem que o encontro se realize?

— Você está insinuando que eu informe meu superior do Mossad?

— Você faria isso?

— Meu Deus... Eu estaria assinando sua sentença de morte!

— Ou salvando minha vida, talvez.

Magda sentou-se na cama e, num gesto nervoso, levou as mãos até os cabelos, penteando-os com os dedos. Sua pele brilhava sob a luz ténue do abajur.

— Não sei, Peter. Não sei...

— Seria nossa única chance de chegar até Califa.

O rosto dela estava tenso, refletindo a indecisão.

— Califa pensa que eu matei você, e acredita que mandei um alerta para ele através do meu irmão. Ele estará com a guarda mais baixa do que nunca; dificilmente teremos outra oportunidade como esta.

— Tenho tanto medo por você, Peter. E fico apavorada comigo mesma sem você...

— Você faria isso? — Peter insistiu.

— Você quer que eu diga ao meu superior sua verdadeira identidade, e que seu objetivo não é denunciar Flor de Cactus, mas alguma outra coisa?

— Isso mesmo.

— Eu lhe proponho um acordo.

— Qual?

— Se eu perceber, através do meu superior do Mossad, que você continua em

perigo, e que eles ainda pretendem interceptá-lo, então quero que você me prometa que abandonará a tentativa. Que irá imediatamente para o jato e que permitirá que Pierre o leve para algum lugar seguro.

— Você será honesta comigo? Julgará a reação do Mossad com equilíbrio, e, mesmo que haja apenas uma pequena oportunidade de eu chegar a Califa, concordará em que eu a aproveite?

Ela assentiu com um gesto de cabeça.

— Jure! — ele insistiu.

— Não tentarei detê-lo, desde que tenha alguma probabilidade de sucesso.

— Quero que você jure, Magda.

— Pelo meu amor por você, eu juro.

— Bem, da minha parte, juro que se não houver chances de encontrar Califa, partirei no jato.

Magda rodeou-lhe o pescoço com os braços, murmurando: — Vamos fazer amor, Peter. Estou com tanta saudade...

— Não posso lhe telefonar para cá, pelos motivos que já expliquei — disse Magda enquanto se vestia. — Você não deve sair do quarto. Se houver perigo, enviarei alguém de confiança, com uma única mensagem: "Magda me mandou", e você partirá com essa pessoa, que o levará até o avião. — Ela abotoou a bermuda, dirigindo-se então para o espelho. — Se você não receber nada de mim, significa que julguei ainda haver chance de chegar a Califa... Você está armado, Peter?

— Não, estou sem nada.

— Posso lhe conseguir uma arma. O que prefere, uma faca, um revólver?

— Vão me revistar antes que eu me aproxime de Califa. Se me encontrarem armado...

— É, tem razão. — Ela fechou a camisa sobre os seios, ainda rijos por causa do amor. — As coisas vão acontecer muito rápido, Peter. De uma forma ou de outra, tudo estará acabado até amanhã à noite. Tenho esse pressentimento... Agora me beije. Já fiquei muito tempo aqui.

Peter dormiu muito mal, mesmo estando exausto. Acordava a cada instante durante a noite, ora com um pesadelo, ora com a impressão de que ouvira algum barulho. Levantou-se antes do amanhecer e pediu o café da manhã típico do país, com salada e ovos cozidos. Depois sentou-se para esperar. Passou a manhã inteira na expectativa de alguma mensagem de Magda, logo chegando à conclusão de que o Mossad decidira não impedir seu encontro com Califa. Se houvesse alguma dúvida, Magda teria mandado um aviso.

Peter almoçou no quarto. E outra vez ficou à espera ao longo da tarde. Quando faltava uma hora para o anoitecer, o telefone tocou.

— Boa tarde, sir Steven. Seu motorista está aqui para apanhá-lo — informou a recepcionista.

— Obrigado. Por favor, diga-lhe que descerei imediatamente.

Como já estava vestido — passara o dia inteiro pronto para entrar em ação — Peter apenas guardou a valise de couro no armário, fechou-o e então saiu do quarto em direção ao elevador. Ainda não sabia se estava indo ao encontro de Califa, ou se iria deixar Israel no jato de Magda.

— O carro está esperando lá fora — disse a linda garota do balcão. — Tenha uma boa noite, senhor.

— Espero que sim. Obrigado.

Peter não se surpreendeu ao ver o pequeno veículo japonês, dirigido por uma mulher gorducha, cabelos grisalhos, um rosto amigável e parecido com o de Golda Meir.

Sentou-se no banco traseiro e esperou ansioso pela mensagem: "Magda me enviou". Em vez disso, porém, a mulher deu-lhe as boas-vindas com "Shalom, Shalom", ligou o motor, acendeu as luzes e guiou para fora do terreno do hotel.

61

O CARRO DESLIZOU, em baixa velocidade, ao longo dos muros da velha cidade, rumo ao vale de Kidron, deixando para trás os elegantes edifícios novos do Bairro Judeu, que se elevavam acima dos muros. Peter lembrava-se de que, quando estivera em Jerusalém pela última vez, aquela área era uma ruína deserta, devastada pelos árabes.

O surgimento daquele quarteirão sagrado do judaísmo parecia resumir o próprio espírito do povo.

Achando que era um bom motivo para iniciar um diálogo, ele fez essas observações para a motorista. A mulher respondeu em hebraico, como para mostrar que não sabia inglês. Peter tentou o francês, com o mesmo resultado. Com certeza ela fora instruída para ficar de boca fechada.

A noite caía lentamente enquanto contornavam as colinas do Monte das Oliveiras e passavam pelos últimos abrigos desgarrados dos acampamentos árabes. Atingiram uma estrada quase totalmente deserta, cortando um vale escuro e pouco pronunciado onde a paisagem desolada espalhava-se por ambos os lados do asfalto.

Sob o céu claro e sem nuvens, cheios de estrelas, lia-se com facilidade a sinalização indicando que seguiam para o leste, na direção do Jordão e de Jericó. Vinte e cinco minutos após a saída do hotel, Peter viu uma placa, com aviso em inglês, árabe e hebraico, que informava estarem descendo abaixo do nível do mar, no

vale do mar Morto.

Novamente ele tentou puxar conversa com a motorista, mas foi em vão. De qualquer forma, ela não teria nada para dizer-lhe. O carro pertencia a uma locadora. Uma etiqueta plástica no painel de instrumentos dava o nome da empresa, endereço e preços de aluguel.

Ela só deveria saber o destino final, algo que ele também descobriria dentro em breve.

Peter não fez nenhuma outra tentativa de contato, porém permaneceu alerta; discretamente, ensaiava os exercícios de pré-salto dos paraquedistas, retesando os músculos das pernas e dos braços, de modo que seu corpo não enrijecesse com a longa inatividade, mas estivesse pronto para sair da paralisia à ação.

A certa altura da viagem, a motorista reduziu a velocidade e sinalizou para virar à esquerda. Quando os faróis varreram a placa de tráfego, Peter percebeu que haviam tomado a estrada para Jericó, afastando-se do mar Morto e avançando pelo vale do Jordão em direção ao norte, à Galileia.

A lua nova elevava-se sobre os ásperos picos das montanhas ao redor do vale e produzia luz suficiente para destacar pequenos relevos no seco deserto crestado. Outra vez a motorista diminuiu a velocidade, agora rumando para a própria cidade de Jericó, o mais antigo lugar habitado naquela região. Os vestígios da presença humana ali datavam de 6.000 anos. Os arqueólogos já tinham localizado os muros que Josué derrubara com o sopro de suas trombetas.

Um truque diabólico, pensou Peter, sorrindo. Melhor que uma bomba nuclear.

Bem antes que chegassem à cidade, a motorista deixou a rodovia principal e tomou uma estrada secundária entre construções apertadas — tendas de bugigangas, cafés árabes, vendedores de antiguidades. Em seguida, escalou em marcha lenta uma colina alta e ressequida, na crista da qual pegou um caminho de terra que encheu o veículo de poeira. Quase um quilômetro à frente, um cavalete bloqueava o lado direito da estrada, com o seguinte aviso: ZONA MILITAR. PROIBIDO O ACESSO.

Não havia sentinelas para garantir o cumprimento da ordem. Assim, a motorista contornou a placa pelo acostamento lateral. De imediato Peter avistou o enorme penhasco negro que se elevava contra a claridade do céu. Lembrou-se então de que aquele era o cenário da tentação de Cristo. E veio-lhe à mente as palavras de Mateus: Novamente, o diabo levou-o a uma montanha alta e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles...

Será que Califa escolhera aquele lugar por sua associação mística, pela imagem de divindade que tinha de si mesmo? Ele havia dado a seus Anjos a incumbência em consideração a vós; e em suas mãos eles deverão vos amparar...

Será que Califa via a si mesmo como o herdeiro do poder sobre todos os reinos do mundo, aquele poder que os antigos cronistas tinham descrito como a "A

Sexta Ordem dos Anjos?" Peter sentiu-se fraquejar diante de uma loucura tão monumental, de uma visão tão abrangente e ameaçadora. O medo caiu sobre ele como a rede de um gladiador. Porém lutou com todas as forças para se livrar de suas malhas, para não aparecer submisso face à onipotência de Califa.

A motorista parou de repente, virou-se no assento, acendeu a luz interna do carro e estudou Peter por um momento. Haveria um toque de compaixão em seu olhar?

— Aqui — disse ela delicadamente.

Peter fez menção de tirar a carteira do bolso, mas a mulher o deteve com um gesto.

— Não, você não me deve nada.

— Toda raba — disse Peter em seu hebraico precário, antes de abrir a porta lateral. O ar do deserto, imóvel e frio, recendia a artemísia.

— Shalom — respondeu a mulher enquanto manobrava o veículo. Os faróis iluminaram um bosque de tamareiras quando fez o retorno.

Peter ficou imóvel durante alguns minutos, até acostumar-se à tênue luz da lua e das estrelas.

Depois, pegou uma trilha em direção ao bosque, sentindo o cheiro de fumaça de um fogo de esterco. Ouviu o balido melancólico de uma cabra, seguido pelo lamento de uma criança; deveria haver algum acampamento de beduínos pelas redondezas.

Decidiu ir até lá, guiando-se pelos sons. Quando alcançou uma clareira cercada de palmeiras, a terra revolvida por cascos de animais fez com que ele escorregasse e quase perdesse o equilíbrio.

Avistou um parapeito de pedras, que guardava um poço de água equipado com um molinete primitivo, ao lado do qual via-se um vulto escuro, impossível de se identificar.

Aproximou-se com cuidado, o coração batendo forte no peito.

Era uma pessoa, vestindo uma espécie de manto comprido e volumoso, que se arrastava pelo chão.

Parou a cinco passos dela, notando que a figura usava um capuz de monge na cabeça, deixando à mostra apenas os olhos, através de dois buracos no tecido de algodão.

— Quem é você? — perguntou Peter, a voz áspera.

Em vez de responder, o monge fez um gesto com a mão indicando que ele deveria segui-lo. Peter acedeu, acompanhando-o através do bosque de tamareiras. Uma centena de metros depois, já sentia dificuldade para manter o mesmo ritmo do monge. Seus sapatos leves, de cidade, não serviam para aquele terreno fofo, cheio de cascalho.

À saída do bosque, menos de um quilómetro à frente, o penhasco erguia-se contra o céu como um mastro negro gigantesco. Seguiram por uma trilha irregular, pedregosa, sem que em nenhum momento o monge diminuísse o passo. O caminho ziguezagueava subindo a rocha escarpada e era tão íngreme que precisavam inclinar-se para a frente durante a escalada. A partir de certo momento, a superfície escorregadia e seca dava lugar a degraus desgastados na pedra. De um lado, a queda no vale era cada vez mais acentuada; do lado oposto, o escarpado parecia estreitar-se sempre mais.

O monge, infatigável e rápido, não respirava com dificuldade nem alterava seu ritmo. Podia ser qualquer coisa, menos um eremita ou um pregador. Estava sempre alerta e lépido como um lutador; tinha tudo para ser um soldado.

À medida que chegavam ao alto do penhasco, o panorama enlutarado que se via abaixo tornava-se mais magnífico: uma ampla visão do deserto, da montanha, com a superfície prateada do mar Morto refletindo as estrelas.

Todos os reinos do mundo e a glória deles, pensou Peter.

Qual seria a altura daquele penhasco? Trezentos, quinhentos metros, talvez? Peter sentia-se cansado, ainda que não totalmente sem fôlego, e o suor em sua nuca resfriava-se com o ar da noite. Algo o incomodava, um aroma débil que permeava a atmosfera. Não se tratava de um cheiro permanente, mas o sentira duas ou três vezes durante a escalada. Ele possuía o senso olfativo agudo do não fumante e aquele odor lhe evocava alguma coisa... Logo, porém, sentiu outros cheiros mais fortes, relacionados com algum aglomerado humano: fumaça de fogão, cheiro de alimentos sendo cozidos.

Tempos atrás, Peter vira fotografias de um antigo monastério construído no topo daquele penhasco, com cavernas e câmaras subterrâneas escavadas na rocha e com paredes de pedras talhadas que tinham sido erguidas havia milhares de anos.

Durante os trinta últimos metros da subida, o odor ténue que sentira mais abaixo continuava a intrigá-lo. De repente, alcançaram a torre de pedra da fortificação, na qual havia uma pesada porta de madeira, com quatro metros de altura, que se abriu assim que se aproximaram, dando para uma estreita passagem iluminada por uma lanterna acomodada num nicho da parede.

Quando Peter atravessou a porta, duas pessoas o flanquearam, à direita e à esquerda, vindas da escuridão, o que o levou a fazer um gesto instintivo de defesa. Porém, interrompeu o movimento e ficou parado, os braços erguidos, enquanto o revistavam com uma habilidade fora do comum.

Os dois homens vestiam macacões de combate e usavam botas de paraquedistas. Tinham as cabeças encobertas por uma espécie de cachecol enrolado sobre a boca e o nariz, de tal forma que só apareciam os olhos. Cada um carregava uma submetralhadora Uzzi pendurada nos ombros.

Concluída a revista, o monge conduziu Peter através de estreitos corredores labirínticos. De algum lugar vinha o som de preces murmuradas, o áspero coro da liturgia da Igreja Ortodoxa Grega, que se tornou mais forte à medida que adentravam uma nave de igreja fracamente iluminada, talhada na rocha viva.

Velhos monges gregos sentavam-se como múmias embalsamadas em bancos altos e escuros, os rostos enrugados, amarelecidos pelo tempo, emoldurados por cabelos e barbas emaranhados. Somente seus olhos brilhavam, vivos como as joias e metais que enfeitavam os antigos ícones religiosos nos muros de pedra.

A rouca cantilena da liturgia permaneceu absolutamente inalterada enquanto Peter e seu guia togado passavam entre eles. Nas sombras dos fundos da igreja, parecia que as fileiras de monges acabavam de repente, e só quando chegou lá foi que Peter descobriu que um dos bancos tinha sido deslocado para o lado, dando acesso a uma passagem secreta.

Entrou nela com cautela, pois o escuro era total, porém logo percebeu que havia degraus baixos numa escada em espiral; contou cerca de quinhentos, cada um com aproximadamente quinze centímetros de altura, até sair outra vez na fria noite do deserto. Estava num pátio movimentado, cercado por um parapeito de pedra que servia de proteção contra a queda escarpada para o vale.

Aquele deveria ser um dos mais remotos e facilmente defensáveis lugares que Califa poderia ter escolhido — mesmo assim, havia guardas armados ali, que o revistaram ainda mais detidamente que os outros da porta do monastério.

O pátio empoleirava-se como um ninho de gavião na margem do precipício, e tinha entradas oblongas para cavernas esculpidas na face do penhasco, provavelmente lugares de retiro para os monges que buscavam a solidão.

Vários homens que circulavam no recinto usavam idênticos uniformes, com os rostos escondidos pelo manto árabe envolto na cabeça. Dois deles estavam montando luzes de holofotes em forma de pirâmide. Aqueles faróis serviriam para guiar alguma aeronave... Não! Tinha de ser para um helicóptero, o único veículo capaz de chegar àquele poleiro à beira do abismo.

Um dos guardas terminou sua revista dando um puxão na fivela do cinto de Peter, para se certificar de que ela não escondia nenhuma lâmina. Em seguida, empurrou-o para a frente, na direção do monge, que esperava pacientemente na entrada de uma das celas de pedra que se abriam para o pátio.

Peter foi obrigado a entrar ali. O cubículo era iluminado por uma malcheirosa lamparina de querosene colocada num nicho de pedra sobre um catre estreito. Havia uma mesa de madeira encostada em uma das paredes, com um crucifixo acima dela como única ornamentação. No lado oposto, uma saliência na rocha funcionava como prateleira para uma dezena de livros grossos, com capas de couro gastas, e alguns utensílios de cozinha.

O monge ficou parado no umbral da cela, as mãos enfiadas nas mangas da batina, o rosto ainda mascarado pelo capuz. O silêncio era total, elétrico e tenso da espera.

De repente, Peter voltou a sentir o aroma que o deixara intrigado durante a subida ao penhasco.

Reconheceu-o de imediato. E aquele cheiro vinha do monge! No mesmo instante, soube quem era aquele homenzarrão encapuzado. E por longos e tenebrosos minutos, ficou totalmente confuso. Depois, compreendeu tudo. Deus do céu! Ele sabia. Sabia que o aroma impregnado naquela figura vinha do fumo perfumado dos caros charutos holandeses.

Um som cortou o ar, como o adejar de mariposas contra o vidro de uma lanterna. O monge moveu a cabeça, atento.

Peter começou a fazer cálculos mentais de distâncias, tempos e desvantagens. O monge, os cinco homens armados no pátio, o helicóptero que se aproximava...

O monge era o fator mais poderoso. Agora que conhecia sua identidade, sabia tratar-se de um homem muito bem treinado, contra quem dificilmente levaria alguma vantagem.

Por outro lado, os guardas não ficariam ali por muito mais tempo. Isso era mais do que óbvio.

Califa jamais se deixaria ver por um número tão grande de pessoas.

Talvez eles ficassem esperando por perto, e isso lhes tomaria tempo antes de entrarem em ação novamente. Estariam presentes apenas o monge e Califa.

O barulho do helicóptero aumentava cada vez mais, prendendo a atenção do monge, que parecia fora de guarda pela primeira vez. O ruído das hélices mudava de cadência, anunciando o iminente descenso vertical. As luzes de aterrissagem do aparelho atingiam todo o pátio com seus fachoos potentes.

Naquele instante, o monge aproximou-se da entrada da cela. Por uma breve fração de segundo, ele olhou para o lado. Era o momento pelo qual Peter esperava. Com a agilidade de um leopardo, precipitou-se de encontro ao homenzarrão.

Apesar do barulho ensurdecador dos motores do helicóptero, o instinto de lutador advertira o monge, que conseguiu girar de leve para fugir ao ataque, abaixando a cabeça de tal forma que impediu Peter de aplicar-lhe o golpe mortal no pescoço. A pancada de seu punho cerrado atingiu o ombro do sujeito, produzindo o estalido que indicava quebra de clavícula. Usando a mão esquerda, Peter segurou-lhe o braço paralisado e puxou-o violentamente para baixo, fazendo com que os ossos partidos lhe cortassem a carne internamente. O monge soltou um grito lancinante enquanto se dobrava para tentar aliviar a agonia no ombro.

Sem lhe dar chance de recuperar-se, Peter golpeou seu peito com um soco tão violento que ele foi jogado de encontro à parede, batendo a cabeça nas pedras.

Então, o homem caiu ao chão, quase inconsciente. Peter levantou-lhe a batina, sob a qual reconheceu as botas de paraquedistas e o macacão azul do Comando Thor. Em seu cinto estava a pistola Browning, que Peter pegou e engatilhou com rapidez. Devia estar carregada com balas Vex.

O capuz caíra da cabeça de Colin Noble, deixando à mostra a boca larga, os olhos cor de caramelo queimado, o nariz quebrado de lutador, enfim, todos os traços de alguém que havia tão pouco tempo ele identificara como um amigo.

Peter, que perdera a peruca durante a luta, encostou o cano da arma contra o septo nasal de Colin.

Segundos antes de disparar, percebeu que o ex-colega reconhecia-o, apesar de aturdido.

— Pare, Peter! — grasniou Colin, desesperado. — Eu sou Flor de Cactus!

Ao ouvir aquela confissão, Peter afrouxou o dedo no gatilho da Browning. E no instante seguinte, dirigiu-se à porta da cela, deixando-o estendido no piso de pedra.

O helicóptero acabava de pousar. Era um Bell Jet Ranger de cinco lugares, pintado de azul e dourado, as cores do Thor, e ao lado tinha o emblema do Comando, com as palavras: THOR COMUNICAÇÕES O piloto continuava no controle da máquina, mas um outro homem já deixara a cabine e se dirigia à entrada da cela.

Mesmo inclinado para a frente, a fim de evitar as hélices que giravam, sua silhueta alta e poderosa era inconfundível. O vento forte dos rotores descabelava seus espessos caracóis grisalhos, e as luzes de aterrissagem iluminavam-no por inteiro, como o personagem de uma tragédia shakespeariana; uma presença marcante que transcendia sua mera estatura física.

Kingston Parker aprumou-se quando saiu de baixo das hélices, e num vislumbre reconheceu Peter, na extremidade do pátio. Ele parou de repente, como um velho leão levado à jaula.

— Califa! — gritou Peter com voz rouca, e a última dúvida desapareceu quando Kingston Parker rodopiou, incrivelmente rápido para um homem tão pesado. Ele já alcançara a porta da cabine do Jet Ranger antes que Peter tivesse a Browning apontada.

O primeiro tiro atingiu-lhe as costas, jogando-o dentro da fuselagem. Não fora um tiro mortal, Peter percebeu, e o helicóptero começava a subir rapidamente, elevando-se por sobre o precipício.

Peter correu sete metros e pulou para cima do muro de pedra.

Viu a máquina rugir lá no alto, a barriga branca como a de um tubarão, os holofotes de aterrissagem acesos. Agarrou a Browning com ambas as mãos, apontando para o tanque de combustível, na parte posterior da fuselagem, um pouco

antes da longa cauda em haste.

Começou a disparar, sentindo o coice da arma trepidar pelos seus braços a cada tiro.

Viu as balas Velez atingirem o alvo, apenas arranhando o metal quando lá explodiam. O aparelho continuava a afastar-se, e a pistola estava quase vazia.

No décimo segundo tiro, porém, o céu clareou-se com as chamas, e uma grande explosão sacudiu o ar. O Jet Ranger girou sobre si mesmo como um brilhante buque de labaredas, e os destroços começaram a cair no precipício.

Naquele instante, Peter avistou os guardas armados que saíam da porta de pedra. Eram os homens do Thor, a nata dos combatentes, gente que ele próprio treinara. Restava apenas uma bala na Browning. Mesmo sabendo que não conseguiria, fez uma tentativa de aproximar-se das escadarias, sua única rota de escape.

Correu sobre o muro, como um malabarista na corda bamba, e disparou a última bala contra os homens, esperando distraí-los. Os guardas responderam ao fogo, obrigando-o a abaixar-se para não ser atingido. Foi então que perdeu o equilíbrio. Rodopiou na margem do precipício, justamente no momento em que uma bala acertou-o em cheio.

Incapaz de pensar, arremessou-se do muro para o poço sem fundo. Esperava cair os trezentos metros até o nível do deserto, onde o helicóptero extinguia-se em chamas, marcando a pira funeral de Califa, porém, havia uma saliência estreita, três metros abaixo do parapeito, coberta de espinhos, formando uma sustentação precária.

Peter caiu sobre ela, ferindo-se ainda mais nos espinhos pontiagudos. Ficou ali, estatelado, começando a desfalecer. Sua última recordação foi o berro taurino de Colin Noble comandando os guardas do Thor. "Cessar fogo! Não atirem mais!" E então a escuridão tomou conta de sua cabeça.

62

PETER AINDA TEVE outros momentos lúcidos, cada um desconectado do outro por eternidades e pesadelos confusos. Lembrava-se de ter sido içado para a porta de uma aeronave, deitado numa maca do Thor e amarrado a ela firmemente, impotente como um bebê recém-nascido.

Depois, a cabine interna do jato de Magda Altmann. Reconheceu a decoração pintada a mão no teto curvo. Lembrou-se de ter visto garrafas de plasma suspensas sobre si, com tubos conectados a grossas agulhas brilhantes cravadas em seus braços. Mas estava cansado, terrivelmente cansado, e então fechou os olhos.

Mais tarde, viu o teto de um grande corredor passando rapidamente por seus olhos. A sensação de movimento e o rangido das rodas de uma maca de ambulância. Vozes calmas falando em francês, e o frasco de sangue sustentado por mãos finas que ele conhecia muito bem.

Girou a cabeça ligeiramente e reconheceu o rosto bonito de Magda. "Eu te amo", disse, sem que nenhum som saísse de sua garganta. Não conseguiu suportar a fraqueza, e seus olhos fecharam-se sozinhos.

— Como ele está? — ouviu Magda perguntar em francês.

— Tem uma bala alojada no peito, que deve ser removida imediatamente — dizia um homem.

Então, a picada de algo em seus músculos, buscando a veia, e o subido gosto bolorento de Pentotal na língua, seguido pelo abrupto mergulho nas trevas.

Ao voltar lentamente da escuridão, teve consciência, em primeiro lugar, das bandagens que lhe envolviam o peito e dificultavam sua respiração. Em seguida, percebeu a presença de Magda Altmann, e como ela estava linda! Parecia que não saíra dali durante todo o tempo em que ele estivera sem sentidos.

— Obrigado — sussurrou ela. — Obrigado por voltar para mim, querido.

Depois, o quarto em La Pierre Bénite, com seu teto alto enfeitado e a vista através das janelas, abarcando o gramado e chegando até o lago. As árvores à margem da água estavam floridas e o próprio ar parecia carregado com a primavera e a promessa de uma nova vida. O quarto estava cheio de flores, e Magda passava a maior parte do dia ali.

— O que aconteceu quando você reapareceu nas Indústrias Altmann? — foi uma das primeiras perguntas que ele lhe fez.

— Consternação, chéri — Ela riu. — Já tinham até dividido o inventário.

Em seu oitavo dia em La Pierre Bénite, quando já podia sentar-se numa das cadeiras de brocado, junto à janela, apareceu um visitante. Magda estava ao lado de Peter, pronta para protegê-lo de qualquer fadiga, física ou emocional.

Com o ar encabulado de um cão São Bernardo, o braço direito enfaixado e preso a uma tipoia, Colin Noble cumprimentou-o com a mão esquerda.

— Se eu soubesse que era você, e não sir Steven... não teria nem olhado para o lado — comentou, com um sorriso.

Peter continuou rígido, o rosto tenso como uma máscara.

— Fique tranquilo — murmurou Magda.

— Quero saber de uma coisa, Colin. Foi você que providenciou o sequestro de Melissa-Jane? — De maneira nenhuma. Palavra de honra. Parker usou outro agente. Eu não sabia de nada.

Peter encarou-o com um olhar duro, sem nada dizer.

— Só depois que recuperamos Melissa-Jane foi que descobri que Califa

planejara o sequestro. Se eu soubesse antes, não teria permitido que acontecesse. Califa devia ter consciência disso. Tanto que não me comunicou nada.

— Qual era o objetivo de Parker? — A voz de Peter ainda tinha um acento de fúria.

— Em primeiro lugar, convencê-lo de que ele não era Califa. Por isso que sua exigência foi você matar o próprio Parker. Naturalmente, você jamais chegaria perto dele. Depois, permitiu-lhe salvar sua filha. Foi Califa mesmo que nos deu o nome de O'Shaughnessy e onde encontrá-lo. Por último, voltou você contra Magda Altmann... Uma vez que você a matasse, estaria ligado a Califa pela culpa.

— Quando você descobriu tudo isso?

— No dia seguinte ao resgate de Melissa-Jane. Na ocasião eu não poderia fazer nada sem me expor como Flor de Cactus. Limitei-me a passar uma advertência para Magda através do Mossad.

— É verdade — confirmou ela em voz baixa.

— Quando foi que Califa o recrutou como chefe de operações?

Peter agora estava mais calmo. — Assim que assumi o comando do Thor. Ele nunca confiou em você; por isso se opôs à sua indicação como dirigente do Thor e aproveitou a primeira oportunidade para afastá-lo da direção. Depois, tentou eliminá-lo na estrada de Rambouillet, e só quando o atentado fracassou, foi que se deu conta do seu potencial para ele.

— As outras unidades do Atlas também são comandos de Califa: Tanner, no Comando Mercúrio, e Peterson, no Diana?

— Nós três. Sim! — Colin assentiu com firmeza. — Você tem alguma outra pergunta?

— Não agora. Haverá outras mais tarde.

— Posso contar o resto da história, Magda?

— Sim... Ele já está forte o suficiente para ouvir.

— Bem, o Atlas era um dos punhais secretos que a civilização ocidental tinha escondido na manga... essa mesma civilização que se emasculou e se rebaixou diante de seus inimigos. Pela primeira vez seríamos capazes de enfrentar a violência e a pirataria à altura, com um agrupamento de homens poderosos de diversas nações, atuando juntos como se fossem um só. Era a única agência que transcendia as fronteiras nacionais, tendo por objetivo a própria sobrevivência da civilização ocidental. O Atlas ainda existe, sua estrutura permanece intacta, apenas Califa está morto. Ele morreu num dos mais desastrosos acidentes aéreos sobre o vale do rio Jordão, porém o programa continua. Só a parte que Califa perverteu foi arrancada fora. É a nossa esperança para o futuro de um mundo cada vez mais louco.

Peter surpreendeu-se. Nunca ouvira Colin discursar tanto e tão persuasivamente.

— Todo mundo sabia, Peter, que você era a escolha original para o comando do Atlas. Entretanto, o homem errado tomou o seu lugar, embora ninguém tivesse nada contra ele na época. Kingston Parker parecia possuir todas as qualidades para o cargo, nenhum dos seus defeitos aparecia à tona. Mas não era um homem corajoso, e isso o levou a obcecar-se pela segurança e a abusar de seus poderes para se autoproteger. Em segundo lugar, era ambicioso, despótico e tinha uma sede insaciável de poder.

Um dos seus objetivos era chegar à presidência dos Estados Unidos. Ele estava usando o Atlas para destruir seus opositores políticos. Se conseguisse chegar à presidência, ninguém poderia prever qual seria seu próximo passo... Bem, a decisão de permitir o encontro entre você e Kingston Parker lá no desfiladeiro foi tomada por mais de um homem, e mais de um país. Eu mesmo não sabia que era você. Pensava que fosse Steven Stride, até o momento em que olhei para o lado.

— Conte logo — pediu Magda, impaciente. — Peter precisa descansar.

Colin ainda fez um instante de suspense antes de anunciar: — Ontem, ao meio-dia, sua indicação para suceder Kingston Parker como dirigente do Atlas foi confirmada.

Para Peter, era como se uma porta se abrisse depois de muito tempo fechada e trancada; e, através dela, pudesse ver seu destino pela primeira vez.

— Você é o homem mais indicado para preencher o vazio deixado por Kingston Parker.

Apesar do corpo convalescente, Peter sentiu dentro de si uma força e uma determinação que nunca suspeitara possuir.

— Você aceitará a missão, Peter? Que resposta devo levar? Magda prendeu a respiração enquanto aguardava o resultado. O que não demorou muito. Não havia outra alternativa para Peter. Ele sabia disso. Era o seu destino.

— Sim. Aceito a responsabilidade.

Foi um momento solene, seguido de um silêncio prolongado, até que Magda fez um chiste: — Califa está morto... Longa vida para Califa! — Nunca me chame por esse nome novamente — replicou Peter num tom gélido.

Ela sorriu, inclinando-se para beijar-lhe a boca.

FIM